MARCIA KUPSTAS

O DEMÔNIO DO COMPUTADOR

O demônio do computador

012606

EDITORA MODERNA

Olá, seja bem-vindo. Você está convidado a participar de uma cerimônia secreta!

No cardápio: terror, humor negro e sexo.

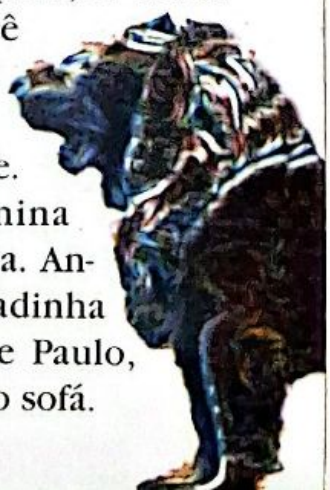
Antes de ler a primeira página você ainda tem uma única chance de escapar.

Você pode optar por comprar um outro livro. Passear na montanha-russa. Ou passar uma agradável noitada num pronto-socorro ligado à saúde pública.

Caso você resolva aceitar o convite, fique sabendo que H.P. Lovecraft já chegou e está jogando xadrez com Edgar Allan Poe. Álvares de Azevedo e Machado de Assis tomam ponche com Rubem Fonseca. O Marquês de Sade confirmou presença, munido do seu chicote e demais brinquedos de sadomasoquismo. Mary Shelley monta um quebra-cabeça, Patricia Highsmith tricota o novo pulôver do sr. Ripley. Stephen King, iluminado pela Coisa, declama o novo estatuto do cemitério dos animais.

No portão, você será recebido por Tadeu. Afinal, ele é o anfitrião da cerimônia. Parece um cara normal. Seus defeitos: ler muito e sonhar tornar-se um escritor. Enquanto isso, no salão nobre, bruxas, íncubos, velhas feiticeiras, mendigos gigantes dançam regidos por uma música ilógica. Aplaudidos pelo demônio. Aquele, do título!

Agora que você sentiu o gosto do sangue, aperte a campainha e entre.



A bruxa-menina vai atender à porta. Antes, dá uma olhadinha para o ex-amante Paulo, sentado imóvel no sofá.

O DEMÔNIO DO COMPUTADOR

Marcia Kupstas

O DEMÔNIO DO COMPUTADOR

B869.3
K95d
ex.1
(Não Circula)

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

EDITORA MODERNA

RB: 58413
BIBLIOTECA - UESPI
REGISTRO 032606
DATA 20 / 12 / 18

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Maristela Petrili de Almeida Leite

EDIÇÃO DE TEXTO
Luiz Guasco

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Sônia Valquíria Ascoli

GERÊNCIA DA PREPARAÇÃO E DA REVISÃO
José Gabriel Arroio

PREPARAÇÃO DO TEXTO
Magna Reimberg Teobaldo

REVISÃO
Magna Reimberg Teobaldo
Paulo Sá

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Edmundo C. Canado

EDIÇÃO DE ARTE
Anne Marie Bardot

CAPA
Rogério Borges

DIAGRAMAÇÃO
Maria Lucia F. Couto

SAÍDA DE FILMES
Helio P. de Souza Filho
Luiz A. da Silva

COORDENAÇÃO DO PCP
Fernando Dalto Degan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kupstas, Marcia
O demônio do computador / Marcia Kupstas. —
São Paulo : Moderna, 1997. — (Coleção veredão)

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.

97-1124 CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:
1. Romance : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Romances : Literatura brasileira 869.935

ISBN 85-16-02001-0

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Padre Adelino, 758 — Belenzinho
São Paulo — SP — Brasil — CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (011) 291-4677
Fax (011) 608-3055
www.moderna.com.br
1997

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

© Editora Moderna. Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Art. 30 da Lei 5.988/73.

Para Elisabeth Kupstas, minha mãe
e
Patricia Highsmith, escritora norte-americana
— in memoriam.

Para algumas amigas que gostam de livros e de bruxas — quase tanto quanto eu — Flávia Muniz, Giselda Laporta Nicolelis e Maristela Petrili de Almeida Leite.

PREFÁCIO

UM DEMÔNIO CORAJOSO

Corajosa, Marcia Kupstas é. Por entrar de cara num gênero que a brisa do Brasil não bafeja nem balança, o terror. Quem pretendesse organizar uma antologia de contos brasileiros, mesmo incluindo o fantástico, teria uma tarefa árdua nas mãos. Há muita porcaria, muita imitação de modelos estrangeiros, mas a coisa, para valer, rareia.

O demônio do computador é um romanção, muito mais do que um conto. Logo, a chance de Marcia vacilar ou dar com os burros n'água seria muito maior. Autora de vários livros infanto-juvenis, escreve com a louvável intenção de não cair na mesmice e de ser alguém que conte histórias que jovens não esnobem como coisa ultrapassada ou tatibitate.

Ela pegou sua considerável experiência de narradora, somou à prática adquirida no exercício de produzir textos para jornais e revistas e enfrentou a tarefa de contar em *O demônio...* uma trama complicada, que visita o erótico, o esotérico, a narrativa de fundo social e o mistério. Tal acúmulo nunca fez Marcia perder de vista a espinha dorsal do romance, que é o sobrenatural. Tudo começa de um jeito suave e meio voltado

para o humor, quando de repente o insólito irrompe e empurra o resto para fora do primeiro plano.

Um enredo linear ficaria por aí, mas o de *O demônio do computador* avança e parte para as fronteiras do desvario. O que era estranho vira alucinado, o que era esquisito passa a demoníaco. Como os textos da história, *O demônio do computador* parece ganhar vida própria e força os limites do verossímil com uma energia doida.

Marcia Kupstas escapou de uma praga que geralmente leva ao preconceito dos leitores do gênero em relação a autores brasileiros. Ela escreveu uma história que tem características universais, com baixo teor de referências regionais ou locais. O bancário que quer vencer na vida e compra um computador para tentar ser escritor de textos eróticos é um personagem moderno e sem nacionalidade. Há classe média baixa em todo lugar, e a repulsa da família ao protagonista não causa espécie. Quando realidade e ficção se cruzam num universo delirante, estamos naquele planeta já palmilhado por gente como Ray Bradbury, H. P. Lovecraft, Richard Matheson ou Stephen King.

Falando de King, ler *O demônio do computador* me fez vir à cabeça a frase do escritor americano, numa entrevista: "Eu escrevo sobre 'e se...' Escritores eruditos, os intelectuais, dizem 'e o que vem agora?' Não estou interessado nisso. Sou um escritor de 'e se?' E se alguma coisa está ali? E se ela puder assumir o controle? E se ela estiver louca?"

O livro de Marcia é bem isso. Um romance em que há alguma coisa que assume o controle e está louca. É difícil o leitor não sentir empatia com o protagonista Tadeu, envolvido por forças que nem sequer compreende. Essa é uma das virtudes que a autora revela — fazer com que tudo seja coerente e verossímil mesmo trabalhando num plano de loucura e supra-realidade. Ao mesmo tempo, saber usar uma ampla gama de recursos narrativos sem, por outro lado, deixar de contar uma história empolgante e gostosa de ler, uma trama adulta e original, torna Marcia Kupstas uma romancista que vale a pena acompanhar.

Geraldo Galvão Ferraz

SUMÁRIO

PARTE 1

1. Testemunha e maldição 13
2. O primeiro conto 25
3. Fotos e cismas 41
4. O pescador de palavras 51
5. Ponta de ferro 67
6. A cama do amor 79
7. Deliciosamente longa 97
8. Final redondo 109
9. Lição de anatomia 119
10. O olho da Lua 131
11. O fotógrafo 145
12. Na casa de Bianca 161
13. O tempo é um rio 173
14. Acidentes 183
15. O demônio do computador 193
16. A saída 205

PARTE 2

17. Duas semanas 215
18. O gigante 225
19. A ceia dos mendigos 241
20. Volta ao lar 253
21. De carne e osso 263
22. O disquete 273
23. Visita à velha senhora 285
24. O cuco piou seis vezes 299
25. "O Velho Diálogo de Adão e Eva" 311
26. *Halloween* em janeiro 323
27. Angru Mainyu 339
28. A Casa da Colina 351

Posfácio 363

Parte 1

"Quando os deuses querem nos punir, respondem às nossas preces."

Oscar Wilde

1

TESTEMUNHA E MALDIÇÃO

1. Sou um sobrevivente. E sobreviventes costumam ser chatos. Ficam aporrinhando as pessoas com suas histórias, uma lengalenga de por que e como sobreviveu. Isso ainda pode ser melhor do que virar símbolo. De coisas que as pessoas talvez imaginem maiores do que foram ou mais incríveis do que aquelas que realmente aconteceram.

Se a gente insiste muito, ah! Como podemos ser chatos! Desculpem. Nós insistimos em viver. Em lembrar. Em guardar imagens nas nossas retinas, que continuam vivenciando o horror. E as palavras, o que fazemos com elas? Não ficam aqui, na garganta, sempre prontas para sair? Não estamos vivos para lembrar ao mundo que nós, sim, as testemunhas, *sabemos o que aconteceu*? E depende exclusivamente de nós se vamos ou não dividir os fatos com as pessoas normais...

Além de ser testemunha, também sou um escritor. Agora, jamais vou duvidar disso. Não dizem que as bruxas nascem bruxas e, mesmo que jamais exerçam seus poderes, elas

sempre serão donas deles, queiram ou não? Por que não dizer o mesmo dos escritores?

Aconteça o que acontecer: nasci escritor. Analfabeto, eu já sabia que ia ser escritor. Eu pegava a me contar histórias e exigia que as irmãs as escrevessem. Roubava a cartilha delas na escola e tentava imitar as letras, mesmo que nem entendesse seus sons. Apanhava jornais ou revistas no lixo e "lia" o que podia... E o que não podia eu inventava. Criava histórias provavelmente muito melhores do que as que estavam impressas, porque elas eram inventadas e eram minhas...

Eu era louco, eu sou maluco? Hoje sei que não. Tenho a cabeça melhor que a de um demônio, sou um cara que é testemunha, e somos tão raras. É mais comum fazermos parte do inventário das vítimas; mas, já que conseguimos nos enterrar no mistério e no horror, e *sobrevivemos*, temos o dever de contar. Mesmo que não acreditem em nós.

2. Como é que *tudo* começou? Se esse tudo se refere ao fascínio por livros, teria de voltar toda a minha vida — vinte e um anos — no tempo. Teria de ir até a Vila dos Onofres, interior de Minas, me encontrar com o menino magrelo e amarelado que eu era. Quinto filho de uma família de seis, além das "barrigas" de minha mãe que não chegaram a "vingar" — como o pessoal dali costumava dizer.

Teria de me ver grudado nos cadernos de escola, lendo doidamente tudo o que me caísse nas mãos. Já maiorzinho, eu me veria ajudando o padre na missa e lendo emprestado os poucos livros do velho. Como também estaria trabalhando de balconista na Livros e Bazar Novo Mundo, misto de livraria e armarinho, meu primeiro emprego.

Mas não acho que as coisas sejam tão anteriores. Não, o mistério que me foi revelado veio bem mais recentemente... Veio completar meu tempo na casa da segunda irmã mais ve-

lha, a Margarida. Morava com ela e com o marido, Adaílton, desde os treze anos, quando saí de Minas para estudar e trabalhar na cidade grande.

Eu entrara numa firma como *office-boy* e dali mudara pro banco, como auxiliar. Gostava de usar terno e gravata, gostava de falar direito com os clientes e gostei ainda mais quando a agência pagou um curso de informática para os funcionários...

Faz pouco mais de um ano que as coisas realmente aconteceram. Eu tinha completado o colegial noturno e o curso de computação. Era outubro e estava fascinado por computadores.

O mistério — o grande mistério — estava começando quando comprei um 386 com impressora, pagos a duríssimas prestações, e os levei, numa tarde festiva, para casa.

— Que caixona é essa, Tetéu? — perguntou Lucas, meu sobrinho de sete anos, vendo a gente entrar pelo quintal. — É brinquedo?

— Não, Luquinhas — falei, suando à beça com o peso do equipamento. — É do trabalho do titio.

— Quanta bobage! — grunhiu meu cunhado, chegando à porta da cozinha sem a menor intenção de ajudar nos pacotes. — É memo brinquedo. Brinquedo de moço grande que num tem o que fazer.

Olhei firme para Adaílton. O marido de minha irmã devia ter uns quinze anos a mais que eu, mas poderia passar por meu pai. Pinguço, de pernas finas e barriga mole, caída por cima das calças. Já tinha sido funcionário regular, de carteira assinada. A pinga acabou com isso. Agora, vivia de bicos, como pedreiro. Naquele momento chupava um palito de dentes. Uma cara cínica, olhos amarelados sobre a gente.

Eu o odiava. Porém, nos sete anos em que vivi ali, jamais levantei a voz para ele. Afinal, a casa era dele. Alugada, caindo aos pedaços, naquela Vila Samambaia, perdida no fim da linha de ônibus, mas era dele.

— Onde a gente vai instalar o computador, Tadeu? — perguntou o seu China, meu ex-professor de informática e vendedor daquele magnífico equipamento.

Parei no meio do quintal. Meu quarto era nos fundos, apontei com a cabeça para lá e seguimos, carregando todo o equipamento.

Que domingo festivo! Família toda à porta da cozinha: os três filhos de minha irmã — o Maikol, o Lucas e o Iltinho — agarrados à saia da mãe. Edilene, cunhada de minha irmã, e seu namorado Romeu ficavam mais longe, olhando...

China pediu licença, limpou os pés num imaginário tapete de boas-vindas, à porta do quartinho, e colocou o computador e a impressora na cama de solteiro. Lucas não pediu licença para destruir o papel do formulário contínuo. As folhas foram se desdobrando, e o menino ria com a brincadeira, quando eu o botei pra fora e fechei a porta.

Pena que a janela era baixa, e a curiosidade continuava à solta...

— Mano de Deus, que é que ocê arrumou aí? — falou Margarida, vindo de dentro da casa e dando um cascudo no filho mais velho, Maikol, pendurado no batente de minha janela.

— Eu falei, Marga, do computador... Eu pensei em comprar com o dinheiro das horas extras... aí o China facilitou na prestação...

— Vou virar sócio da Light — falou Adaílton para a esposa. — Eta troço pra gastar inirgia!

— Computador não gasta energia, Adaílton — tentei reagir. — Não é, seu China? Quanto que um modelo destes gasta?

China explicou sobre custo e benefício, comparou o tempo de um PC ligado ao de uma lâmpada, falou, falou...

A explicação não convenceu um homem *brilhante* como meu cunhado, que continuava sendo "sócio da Light", mesmo que a companhia de energia fosse outra, há dezenas de anos.

Adaílton ouviu a explicação do China com a má vontade que tinha diante de coisas "feitas pra enrolar". Tudo lhe parecia feito para enrolar. Adaílton era quase um desempregado, mal sabia ler, mas acreditava firmemente em suas opiniões sobre o mundo. Continuou chupando o palito com mais força, acabou dando a resposta final:

— Moleque metido... de terninho e gravata, pra cima e pra baixo... dotozinho... E angora, mais essa! *Pfu*! — Cuspiu o palito e a frase: — Casa de pobre com computadô... Um trem desses custa uma nota. Só fartava essa.

— É dinheiro do Tetéu, benhê — falou Margarida, encabulada.

— E se Tetéu tem dinheiro, benhê... — o cara imitou a mulher, raivoso. — Pur que num dá mais na casa?

Adaílton aproximou o corpo da mulher, que se encolheu. Era o gesto comum de Margarida, mesmo que soubesse que não viria pancada naquela hora.

— O moço véve aqui de favor, e gasta em bobage... — concluiu Adaílton, finalmente voltando para a cozinha.

Suspirei. Mais uma vez não havia respondido. Tinha deixado as coisas para depois...

China trabalhou por mais de uma hora e, num momento lá, achei que podia ser anfitrião o suficiente para lhe oferecer uma água gelada ou um café.

Enquanto eu colocava o bule com café pra esquentar no fogão, Margarida entrou na cozinha.

— Vou levar um café pro China — justifiquei. — Dá trabalho montar o computador...

O olhar da minha irmã era ressentido. E tímido.

— O que foi, Marga? Brigou com ele?

Sempre que podia, eu evitava chamar Adaílton de Adaílton. Era Ele. Ou como eu o nomeava, dentro de minha cabeça: o Dono. O Animal. O Estúpido.

— Ele num gostou, não.

Margarida também o chamava de Ele. Certamente, por motivos mais respeitosos que os meus... ou mais *assustados*. Como aquela superstição que impedia as pessoas de dizer *câncer*, por exemplo, com todas as letras, como se, evitando de dizer *câncer*, evitava-se a doença. Depois de minha mãe, só vi uma mulher com tanto medo do marido: minha irmã. Devia ser uma corrente familiar, Deus! A das mulheres-vítimas-que-se-casam-com-animais-escrotos.

— Não gostou do quê, Marga? Se você quiser, eu pago a diferença na conta de luz. Pronto! Tá contente, assim?

— Mas paga memo, né? — Margarida tirou o bule do fogo, ela mesma serviu o café na xícara.

— Pago — eu falei, suspirando. Adaílton ainda me faria pagar a conta inteira, e não só a parte extra. — O que eu puder.

Margarida sorriu de leve para mim e senti a mesma mistura de amor e ódio que mamãe sempre me inspirava. Ela e mamãe, duas mulherzinhas pequenas e apáticas... *patéticas*. Lembro de quando aprendi a palavra na escola: era a definição delas, inspiradoras daquele sentimento de *pesar na alma*, de serem trágicas e pobres... *patéticas*.

— Pra que ocê quer um trem desses, mano? Um computador, coisa de bacana...

— Não é coisa de bacana. Não é. É... é coisa de que eu preciso. Pra escrever. E eu posso também ganhar dinheiro com isso, Marga. Pegar trabalho, fazer em casa...

— Trabalho? — falou Edilene, vindo da sala e ouvindo o fim da conversa. — Tetéu trabalha tanto, acha que vai ficar rico.

Fiquei foi vermelho. *Odiava* o jeito com que ela falava comigo. Edilene era irmã temporã de Adaílton, só um ano mais velha que eu. Morava há dois anos na casa, ajudava mal e porcamente minha irmã, quando Marga saía para fazer faxina em casa alheia e deixava os filhos pra ela cuidar. Edilene era só uma agregada, como eu, mas sempre se comportava como patroa.

— Se Deus quiser, ele fica memo — minha irmã me ajudou. — É um bom moço.

— Bom demais — falou Edilene, tirando a cara da geladeira e me dando um olhar mais gelado que refrigerante.

Eu queria ter uma resposta inteligente, articulada e feroz para lhe dar... eu queria bater nela, ou xingá-la... mas ela sempre andava com aquele maldito *short* e suas coxas eram redondas, grossas o bastante para atrair todo o meu olhar. E ela sabia que tinha um umbigo pequeno, na barriga sempre à mostra, com pelinhos morenos rodeando o buraco... sabia que sua bunda era grande — e o que tinha de bunda ela devia ter de desprezo por mim.

E por quê? Algum dia eu tinha tentado alguma coisa com ela? Aquele Romeu babaca, seu namorado... o bairro inteiro achava que ele era corno. O bairro inteiro já devia ter tentado comer a Edilene, por que eu não? Eu era diferente? E, se eu era diferente, não era *veado*, *impotente*, *imbecil*?

Imaginei todas essas idéias rondando sua cabeça, naquele seu olhar de longas pestanas, enquanto ela continuava caçando um refrigerante na geladeira e me exibia sua bunda generosa. O Luquinhas se achegou à tia e pediu alguma coisa pra ela.

— Sai pra lá, moleque! — ela falou, empurrando o menino e catando um resto de suco para si e o namorado. — Num pego nada pra você, não. — Aí ela me encarou: — Já, pro doutor, eu pego, sim. Você não vai ficar rico, Tetéu? Quer um suco, meu amor? Aí, quando você ficar rico, você se lembra de mim, não é?

De novo meu rosto ficou vermelho. Gaguejei qualquer coisa, catei logo o café do China. Ia bater em retirada, fugir dela, de seu olhar provocativo, de sua bunda e de suas coxas.

Do quintal, ainda ouvi a risada alta e um comentário do tipo: "Tem casa, comida e roupa lavada e só pensa mal dos parentes". Era uma frase típica de seu irmão, mas Edilene sempre dizia coisas assim...

3. CASA = o quarto dos fundos, e os buracos no teto, eu que havia consertado.

COMIDA = só me serviam o jantar, e mesmo assim, na época do colegial noturno, ficava com os restos; tinha de usar o fogão fazendo o mínimo de barulho para não acordar as crianças.

ROUPA LAVADA = minha irmã se encarregava das cuecas e camisas sociais. Meus dois ternos, eu mesmo tinha de pagar a lavagem na tinturaria.

Era isso que eles me *davam*. Davam? Eu pagava setenta por cento do meu salário por essa mixaria e nem podia reclamar. Tanto trabalho no banco, fazendo tarefas puxadas, estudando à noite e voltando pra casa em ônibus lotados... andando feito zumbi pela manhã, me recuperando das cinco magras horas de sono... pra pagar meus luxos — o meio maço de cigarros por dia e, agora, o extra, o magnífico: *meu computador.*

E por que eu comprara um computador, afinal? O que eu queria com ele?

Um dia, ah, um dia... eu ia ser um escritor. Se eu fosse um escritor, se eu fosse importante... garanto que Edilene não me olharia com desprezo. Garanto que Adaílton iria me tratar por "senhor", como fazia com os engenheiros na obra, ou mesmo me ofereceria a coxinha do frango, aos domingos. Eu não precisaria mais dele, venderia contos pra revistas, escreveria um romance de sucesso e viriam me entrevistar. Iria tirar fotos, no quintal, é claro! Não na frente daquela casa de pintura descascando. Melhor: a foto seria bem ao lado do *meu computador. O escritor e sua máquina.*

Máquina de realizar sonhos. Era minha, instalada, bela, com as luzes verdes e vermelhas e seus sons: o ronronar constante da torre e o barulho rascante de quando apertava o comando para gravação.

Naquele domingo em que fiquei dono de um computador, lembro-me de ter ido dormir muito tarde. Testava aqui e ali

um dos programas que o China havia pirateado para mim. Tinha criado vários arquivos, com diversos assuntos e datas. Testava bilhetes que imprimia em letras maiores e menores; "lambia a cria", enfim.

"Pra que ocê quer um trem desses, mano?", a pergunta de Margarida. E lembro que sorri. Olhei para fora, pela janelinha encardida de tintas muito velhas — mal-e-mal via o pé de limão no limite do muro com o vizinho —, e fui devagar até a porta, abri...

Naquela noite, estava acendendo o meu décimo cigarro, encerrando um dia tão especial. O céu estava cheio de nuvens, mas a Lua devia ser grande, porque seu brilho prateava as nuvens densas no céu. "Um trem desses"...

Pra ser um escritor, mana, respondi em minha cabeça. E baforei a fumaça para o alto.

E pra que ocê quer ser um escritor, mano?, ela tornou. Na minha imaginação, começamos a fazer um dueto de música caipira, uma música em que o rapaz perguntava: "*O que ocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha?*" Maria respondia e a coisa ia...

O final da musiquinha era sacana. Talvez minhas motivações mais profundas também o fossem... Não me imaginava sempre como "O Grande Escritor e Uma de Suas Namoradas"? E elas não eram morenas e gostosas?

"*Pra catar muié, Maria Chiquinha*", eu cantarolei. Ri, alto. *Não, Maria Chiquinha/Margarida*, fui pensando, naquela noite quente. *Eu acho que queria ser escritor porque...*

Porque eu queria *ficar*. Naquela noite, eu poderia dizer: eu quero deixar alguma coisa mais do que meus ossos, quando morrer. Deixar mais do que meu sangue na forma de filhos e netos. Eu quero que algum dia alguém, em alguma época, *se lembre de mim.*

Nessa associação maluca de idéias que nos surgem quando a Lua está acima das nuvens e quando acabamos de comprar um sonho, lembrei de uma frase lida numa enciclopédia:

"*Felix fecit*". Era o que estava escrito num jarro romano, exposto no Museu do Louvre. "Félix fez." E quem era o tal Félix/felizardo, que superou os séculos e nos chegou até os dias de hoje, num museu? Provavelmente um escravo, contente em criar um jarro bonito... E colocou seu nome para ser lido, dois mil anos depois.

Era isso que eu queria fazer. Ser o Félix, criar uma obra que me deixasse contente comigo mesmo. Que me fizesse ser lembrado num museu ou nas páginas de um livro.

Maria Chiquinha não iria me entender. Não, não ia mesmo.

4. Mas como eu estava pretensioso, naquela noite, não é mesmo? Como eu podia fazer jogos de palavras e me sentir tão grande, só porque tinha comprado um computador e acreditava que com ele resolveria meus problemas de criador?!

E aquela tolice de *Felix fecit*? Ficar para a posteridade!

Hoje sei que não é esse o motor que nos move. Não é este orgulho besta, nascido *antes* de a gente dar o suor num livro, criar personagens e inventar uma vida diferente. Alguém é escritor só porque *precisa ser*! É um destino. Uma maldição, mais provavelmente.

Naquela noite, noutra das possíveis associações malucas que surgiram na cabeça, lembrei-me de Camus. O escritor de língua francesa, um de meus favoritos. E me senti tão seu companheiro...

Camus, que deslumbrou a França com seu romance de estréia, *O estrangeiro*... que retornou à Argélia, já com a glória de seu sucesso... e que não pôde dividir nada daquilo com a pessoa que talvez mais amasse no mundo: sua mãe. Argelina, analfabeta, ela *jamais* entenderia por que seu filho, afinal de contas, era tão famoso.

Não é uma loucura, isso? Não é um caso *patético*, o de a gente amar tanto uma pessoa, mas jamais dividir com ela o que pode ser nossa outra paixão no mundo?

Mesmo que um dia eu fosse um escritor famoso, o que isso significaria para meu pai, grosseiro e tolo como Adaílton, dono das verdades que só os ignorantes conseguem ter?

E mamãe... eu a amava como jamais se pôde amar alguém, e ela era tão coitada. Tão acomodadinha no seu "Deus manda, Deus faz" — e Deus mandava os filhos.

Meu Deus, mesmo quando eu era muito pequeno, achava errado, achava *obsceno* — que palavra horrível, mas era isto: era obsceno — ver uma mulher com a barriga eternamente grávida, um filho após outro! E nascesse um filho ou saísse um aborto, era sempre o "Deus manda", o "Deus quer".

Será que eu *odiava Deus*? Foi por isso que tudo me aconteceu? Será que, bem dentro de mim, esse ódio era tão grande e destrutivo, que *Ele* (sempre supus que fosse um Ele, o ser que me apareceu, mas nunca tive certeza), *Ele*, *Ele* acabou sendo chamado por mim, sei lá de onde, de que trevas?

E eu estava feliz. Deveria estar feliz, naquela noite de domingo. Mas lembro bem da tristeza e do desespero saindo devagar de dentro de mim. Era como se a porta de uma geladeira fosse aberta no meu peito, e o frio saísse dali, da altura do meu coração, tornando meu corpo e minhas idéias assustadoramente *frias*... Eu senti medo.

Talvez eu já estivesse abrindo outras portas, que jamais deveriam ser abertas. Talvez fosse pressentimento, ou apenas a solidão...

Eu tinha vários motivos pra estar feliz. Afinal, eu — como o tolo *Felix fecit* do jarro romano — estava imprimindo algo para a posteridade.

Ainda não sabia, mas era algo profundo e assustador.

Sim, foi naquele domingo. Mais precisamente, naquela noite de domingo, que tudo começou.

2

O PRIMEIRO CONTO

1. — Você comprou? Você comprou mesmo, Tadeu? — falou Giovani, na hora de almoço na segunda-feira.

Giovani era um de meus grandes amigos. Ele também gostava de ler, também se acreditava um escritor ("um poeta", dizia sempre). Desde que eu chegara à cidade grande, nós estudávamos à noite, na escola estadual do bairro. Fizemos o fim do primeiro grau e todo o colegial juntos. Também trabalhávamos próximos, no centro. Nosso horário de almoço era quase sagrado.

E agora, depois que a manhã no banco arrastara-se, finalmente tinham chegado meus minutos de glória.

— Que coragem... — ele completou, fazendo uma careta que não identifiquei se era de inveja ou de tristeza por mim.

— Como assim? — perguntei.

— Você não vai fazer inscrição pro vestibular? Gastou a grana no computador... a inscrição só vai até o fim do mês, Tadeu!

Com o entusiasmo pelo computador, havia-me esquecido totalmente da inscrição para o vestibular. As horas extras mal davam para pagar o China, e mesmo assim teria de acabar com o cinema dos sábados.

Menti:

— Um parente me empresta a grana. Vai ser difícil, cara. Vai ser puxado mesmo, mas vai dar pra eu pagar. Eu vou também fazer a inscrição.

— Vê lá, Tadeu! Não é só a inscrição. Se você entrar, tem de pagar a primeira mensalidade... Faculdade de História é fogo. Eu que tô no primeiro ano é que sei. O que teve de livro pra comprar... no começo do ano eu gramei. Se não fosse meu pai emprestar um extra, acho que tinha trancado a matrícula.

Fiquei olhando para ele, nervoso... Por que eu achei que fazia papel de bobo, afinal? Eu *queria* aquele maldito computador, *não queria*? Mas também queria fazer a faculdade, ser professor. Eu acreditava que poderia ser bom, lecionando. Giovani sabia de meus planos. No começo do ano, ambos havíamos feito vestibular, ambos passamos. Mas me faltara dinheiro para prosseguir. Ele já era um calouro e sempre me incentivava... estávamos em fins de outubro e havia meses eu só esperava o novo vestibular. E agora, assim, inesperadamente, tinha trocado os sonhos, tão sem medir os gastos.

Aguardávamos vagar uma mesa no restaurante por quilo, ali no centro. Giovani e eu tínhamos a mesma idade e idéias, mas fisicamente éramos opostos: eu sempre fui do tipo brasileiro. Se era para ter uma descendência, seria a do tipo definido pelo ex-presidente Getúlio Vargas, quando tentaram fazer uma árvore genealógica dele: "Genealogia de brasileiro ou dá com um pé na senzala ou no mato". Era o meu caso.

Eu: magro, miúdo, cabelo negro e muito liso (quando criança, foi cacheado — mas isso, porque mamãe o enrolava em rodinhas para eu ficar com "cara de anjo"). De olhos escuros e um tanto puxados, talvez pela herança índia do mato. De

nariz... hã... um nariz de "quase branco", meio pro pequeno. A pele puxou pelo moreno-claro, mas moreno.

Giovani era italiano no nome, na cara, na cor da pele. E não era bonito. Era alto e magro demais, cheio de pontas demais... O nariz chamava a atenção: era pontudo e fino, reto. O cabelo castanho sempre espigado e rebelde, qualquer vento e o topete se erguia como o de um pica-pau. As mãos e os pés tinham dedos compridos, com nódulos bem grossos... E a pele vermelha e espinhenta acentuava o apelido maldoso de "Cactus".

Nunca o chamei pelo apelido — gostava dele. Mas, naquela hora de almoço, a palavra *Cactus* havia-se enfiado na minha cabeça e eu estava nervoso. Irritado com ele.

— Você ficou chateado, né? — Cactus reparou.

— Que nada! Vai dar tudo certo.

Um casal havia saído da mesa nos fundos, fomos depressa para lá, erguendo nossas bandejas.

— É por causa do concurso que você comprou o computador, não é, Tadeu?

Aquele cara era um fenômeno! Devia trabalhar no circo... Ele não era mesmo o Grande Leitor da Mente dos Amigos? O Adivinhador de Desejos Ocultos?

— Giovani, eu preciso mesmo de computador. Se eu quero ser escritor, sabe...

Mas Cactus tinha razão: eu podia falar um bocado e mentir para quem quer que fosse, mas *era por causa do concurso.* Também. Por todos os mil motivos, mas o concurso *também falava alto, dentro de mim.*

Uma revista masculina estava promovendo um concurso de contos eróticos, e o prêmio era o de meus sonhos: quinze dias no Caribe, passagem de avião, estada completa para duas pessoas, mais dois mil dólares para gastar. Eu me via recebendo o cheque das mãos do editor... eu me via encostado a uma banca de jornais, sorrindo para uma página aberta da revista, com minha foto em cores e o meu conto ali editado... os cole-

gas andando por ali, olhando de mim para a revista, não acreditando. Eu já me via recebendo o olhar enciumado do *office-boy* Rogério... ou o outro olhar, agora interessado, de dona Sílvia, secretária-chefe e encarregada dos *boys*. A mais desejada chefe de *boys* na região central da cidade.

Sim, Sílvia... o conto ficou bom, você não achou? Tem seu lado erótico, você sabe, eu sempre gostei de escrever coisas assim, mas também é um texto literário... Obrigado, mais uma vez. Ainda não sei quem eu vou levar na viagem. Tenho dois meses pra me decidir...

Sílvia era gostosa, mas era bem mais velha: uns trinta anos. Eu a imaginava como companheira nos momentos em que precisava de um jantar romântico, uma figura entre maternal e inteligente.

Nas horas de putaria, em que geralmente o devaneio terminava comigo no banheiro, me masturbando e misturando o orgasmo literário com uma figura feminina, ah, nessas horas eu convidava a Arlete. E ela topava.

Arlete era funcionária nova na agência. Tinha vinte anos, cabelos muito longos e escuros. Costumava usar minissaia, revelando coxas perfeitas, e blusas de manga comprida, mas de pano fininho. Os bicos sempre duros, tesudos, afastavam o rigor da roupa e incentivavam a imaginação. Era fácil ver como ficavam os clientes, paradões, de olho grudado naquele par de tetas, enquanto a malandra da Arlete falava e sorria, como quem nem reparasse...

No Caribe? Com você? E o que você sabe do Caribe, Tadeu? Do Caribe, nada? Mas bem que conhece histórias eróticas... ah, Tadeu. Sempre achei que você fosse tímido demais... ah, os tímidos é que são os mais tarados? Ah, ah! Nessas horas ela deveria rir, como fazia quando se fingia de encabulada e colocava o rosto para trás, alisava o cabelo, mostrava os dentes bem brancos, enquanto passava a língua pelos lábios grossos, sempre pintados de marrom-escuro. *Eu aceito. Viajar de avião, passar duas semanas na praia... Caribe, que chique! Só que*

tem uma condição: antes eu quero ler o seu conto erótico, direitinho... Será que você sabe fazer, de verdade, tudo que escreveu, hem? Sabe mesmo?

— Tadeu? — perguntou Giovani, de pé ao meu lado, bandeja vazia nas mãos. — Você vai pegar sobremesa?

Claro, sobremesa! Claro... Dar o lugar para outros *office-boys* e balconistas ou funcionários de banco, ali no restaurante por quilo.

— Não foi por causa do concurso — eu concluí, mais pra mim mesmo que para Giovani.

— O que foi que você disse? — ele ia pedindo licença entre as mesas, eu o seguia como podia.

— Nada de importante — falei.

2. O Conto Perfeito. Primeiro, eu teria de passar os rascunhos rabiscados para a memória do computador. Escolhi um tipo de letra e o tamanho...

Escrevi o título:

A DAMA DOS SONHOS

E comecei:

Paulo não era daquela cidade. Ele podia ser belo e mau como um deus, mas naqueles últimos meses estava mais sozinho do que poderoso. Como as coisas eram diferentes do seu tempo em Pedra do Castelo! Lá, ele era um dos homens mais bonitos, mais viris e procurados pelas mulheres. Talvez todas as mulheres que valessem a pena, na cidade, já tivessem dividido o leito com ele...

Engraçado era que um dos motivos para que Paulo saísse de Pedra do Castelo fosse exatamente o seu sucesso com as mulheres. Claro que os seus inimigos diriam que era por covardia que ele viajara: afinal, o dono da fábrica de tijolos o tinha jurado de morte, depois que Paulo seduziu sua esposa e duas filhas...

Mas Paulo não reconheceria isso: ele não fugira. Ele tinha aberto seus horizontes, ele precisava conhecer o mundo e descobrir se o seu sonho era real: ele precisava descobrir se existia, realmente, a mulher dos sonhos.

Paulo era belo... como um deus, um deus pagão, daqueles que os escultores romanos usavam como modelo. Estava com vinte e seis anos, era alto, mas não tão alto que acabasse ficando um homem "pontudo", com ossos salientes. Tinha um metro e oitenta e quatro, com músculos muito bem distribuídos. Ombros largos, pernas grossas de quem havia feito muito esporte na juventude. Pele morena de sol. (O que reforçava a idéia de que ele se assemelhava a uma estátua toda esculpida em madeira levemente marrom.) Seu rosto impressionava. Era de uma força assombrosa, proporcional. O nariz era reto e fino. O queixo, quadrado. Os cabelos fartos tinham de ser constantemente aparados, senão cairiam em cachos como os cabelos dos anjos. Os lábios eram grossos e sensuais. E seus olhos...

Olhos de gato. Verdes e brilhantes olhos de gato.

Eram agora seus brilhantes olhos de gato que se fixavam num pássaro, pousado no galho de uma árvore, às onze horas daquela noite de sexta-feira.

Paulo vinha do interior, conhecia bastante bem a natureza. Por isso, distraíra-se daquele jeito, vendo o passarinho no quintal da casa onde seu colega de serviço dava uma festa. Pássaros noturnos costumam ser escuros e agourentos; aquele era bege, com manchas claras. Tinha bico fino e também se deixava encarar. Curioso: um homem tão belo, solitário, em meio a uma festa, encarando um estranho pássaro pousado num galho.

Passarinho, passarinho, faz um desejo pra mim. Eu quero uma moça bonita com cheiro de flor de jasmim, falou Paulo, em voz baixa. Era mais ou menos

assim que sua avó portuguesa cantarolava, quando ele era criança.

— Mas que cara, Paulo! — chegaram Nélson e Elenice, e ela pegou no braço do rapaz. — Lá dentro o maior *rock* e você dando uma de solitário...

— Vai ver eu já passei da idade de gostar de *rock* — respondeu Paulo. — Não sou adolescente como você.

Elenice sorriu, olhou alegre para Nélson. O elogio de Paulo vinha com certa maldade — as rugas nos cantos dos olhos de Elenice marcavam seus bem mais que trinta anos. Paulo olhou sem querer para o galho da árvore. Estava vazio. A conversa talvez tivesse espantado o pássaro.

Paulo acabou voltando à sala. O ar pesado da fumaça dos cigarros e poucas janelas abertas. Dia 31 de outubro, mas a primavera não chegava, as noites estavam frias. Elenice fazia questão de dançar com Paulo, mas ele conseguiu fugir ao catar um uísque. Muita gente conversando, dançando... Paulo reparou num casal, sentado num canto escuro, os dois em meio a beijos gulosos... O rapaz alisava o busto da garota e, em suas calças, a ereção era visível... Paulo sentiu-se incomodado com aquela intimidade, sentiu-se mais e mais sozinho em meio à multidão. A sensação de que não pertencia àquela festa, talvez àquela cidade...

Por que viera, afinal? Por que o convidavam? Sabia que era bonito, e muitas colegas de escritório, agora já de pilequinho, o encaravam prometendo alguma coisa mais que uma dança... mas ele estava cansado. Solitário.

Talvez fosse isso... o seu faro de solitário. Ele o fez pressentir, naquele vulto que saía pela porta, alguém interessante. Não que conseguisse enxergá-lo direito, viu só seu perfil, o mover dos cabelos longos e escuros, destacando-se do verde, vestido ou blusa verde.

Paulo foi atrás dela. Umas quinze pessoas pelo quintal, mas ela não estava perto do chope, nem con-

versando. Onde? Estava mais longe, no banco agora sem o casal de namorados. Usava mesmo um vestido verde-musgo. O cabelo do lado do rosto, largado e sem vida...

Paulo ficou olhando para ela, fascinado. Tomou um gole de bebida, quem sabe para ganhar coragem... Talvez ele só a achasse bonita demais.

Decidido, Paulo parou bem à sua frente. A moça ergueu os olhos, que pareciam verdes e familiares. Os lábios grossos, o nariz fino. Pele moreno-clara, cor de pinho.

— Eu acho que já estou bêbado ou preciso de óculos — ele falou.

— Por quê? — ela parecia tão calma, divertida com seu jeito de semi-adolescente de não saber cantar mulher.

— Porque só um idiota não enxergaria você na festa.

— E você é um idiota?

— Devo estar parecendo, com uma conversa dessas e sem saber como eu faço pra dizer que fiquei apaixonado.

Ela riu, dentes brancos e perfeitos. Afastou-se um pouco no banco. Gestos solenes, de artista de cinema.

— Quer um uísque?

— Agora, não.

Paulo se perdia nos olhos da garota... como poderia existir um verde daqueles, nos olhos? Não eram bem verdes. Pareciam mudar de cor, brilhar... ele sempre adorou mulheres de olhos claros, morenas de cabelo comprido...

Ela ajeitou o cabelo ao lado do rosto, acariciava o cabelo, lentamente... Num impulso, Paulo também passou os dedos por seu cabelo.

— Você gosta?

— São lindos. Você é linda.

Num impulso, Paulo sugeriu que saíssem dali. Era estranho ele dizer isso, mal a conhecia, era como se alguma coisa lhe pusesse palavras na boca. Cármen — Paulo agora já sabia que seu nome era Cármen — parecia esperar o convite. Levantou, estava de saltos e era exatamente um palmo mais baixa que ele.

E ambos saíram. Saíram da festa sem falar com ninguém, como se ninguém pudesse se interessar por eles. Saíram caminhando com uma tranqüilidade e leveza que há muito Paulo não sentia...

Saíram... para ficar juntos.

Cármen aceitou naquela mesma noite ir para a casa de Paulo. E o que desconcertava o rapaz era que não via, na garota bonita, os jogos de sedução tão comuns em mulheres bonitas. Não, ela não se fingia de inocente, jogando o cabelo para trás e dando risadas estridentes... Ela não tapava o busto com os braços, fazendo de conta que estava sem jeito, quando alguém a encarava fixamente... Ela só erguia seu rosto bonito e continuava sorrindo.

Aquela foi uma noite que Paulo desejou que nunca terminasse. Cármen se revelou uma amante fogosa... ela mal esperou que Paulo a beijasse e já o conduziu até o quarto. Atirou-se sobre ele, ambos vestidos, e cavalgava seu pênis, endurecido ao clímax, pronto para possuí-la...

Era uma noite perfeita, para uma mulher perfeita.

Talvez tenha sido isso que Paulo disse, na segunda-feira, para seu colega Nélson, quando este perguntou de seu sumiço na festa. Paulo era um homem difícil de tecer comentários sobre suas conquistas, mas, dessa vez, quis dividir, nem que fosse um pouquinho, sua descoberta.

— Vê lá, hem? — falou Nélson, sorrindo. — Se ela é tão maravilhosa assim, eu ainda vou virar um rival.

Mas Paulo sabia, pressentia... não havia rival entre eles. Porque, durante toda a semana, Paulo con-

BIBLIOTECA REGISTRO: 012606
DATA: 20/12/18

tinuou se encontrando com a garota. Cármen tinha a chave do apartamento e toda noite esperava por ele, sempre bem-vestida, sempre linda como se aguardasse o convite para um restaurante de luxo. E eles sempre optavam por ficar em casa. Cármen ia para a cozinha e fazia um jantar maravilhoso, e eles comiam e depois iam para o quarto, amarem-se com sofreguidão, pela noite toda...

— Paulo, feche os olhos e pense em mim — nua entre lençóis, ela se apoiava no peito largo do rapaz e pedia isso. Uma brincadeira que Cármen adorava fazer e que ele adorava compartilhar...

— Como você é? Deixa eu ver... tem cinco olhos, só dois dentes na boca e um nariz de...

— Paulo! — gritava ela, tapando sua boca. — É sério... Pense em mim, pense em mim! — sua voz vinha tensa, apimentando ainda mais a brincadeira.

E Paulo fechava os olhos, largava-se no travesseiro e pensava...

Como ela era? Assim a mistura dos sonhos de adolescência. A mulher morena. Branca de Neve e Elizabeth Taylor, a cigana e a egípcia de toda a literatura romântica. Iracema dos lábios de mel e o corpo de artista pornô. Tudo isso...

Paulo adorava pensar nisso, como adorava passar a língua por uma pinta escura, em forma de pêra, no final das suas costas. E que prazer, auge do prazer, ele conseguia, passando a língua por dentro de suas coxas, a pele tão maravilhosamente lisa e igual, por dentro e fora das coxas, até debaixo dos braços, nas suas axilas lisas, o mesmo tom de pintura antiga...

E quando Paulo abria os olhos, ele a via mais linda (se isso fosse possível). Era perfeita, até no nome: Cár-men. O som chicoteava na língua: Cár-men.

Eles eram felizes. Cármen entendia Paulo mais que tudo no mundo. Uma vez, ele imaginou que poderia

amar Cármen como se ela fosse uma rainha egípcia. Ele imaginou um tipo de roupa, um cabelo de franja, uma roupa transparente...

E, na noite seguinte, quando ele tocou a campainha, esperando sua amada abrir a porta... nada. Ninguém pelo apartamento. Ele entrou, desanimado.

Para ver, entre incensos e velas na sala, uma autêntica figura saída das pirâmides do Egito. Era uma rainha. Era Nefertite, linda e esguia, entre véus. Olhos de amêndoas, negríssimos. A música que tocava devia ser a mesma dos faraós. E ela, a Bela, começou a se despir dos véus, mostrando uma nudez de formosura, enquanto dançava e dançava, sem jamais se cansar e sem jamais derreter sua pintura que escurecia o tom da pele cor de pinho...

— Você adivinha meus pensamentos, Cármen. — Paulo chegou a dizer para ela, uma vez.

— Os homens são fáceis de prever.

— O cabelo, as roupas... — ele comentou, fascinado. — Eu imaginei você como uma egípcia, e hoje...

— Uma mulher tem os seus segredos... gostou?

— Você está linda! — respondeu o rapaz.

E a cada noite ela se desvelou para ficar mais linda e sedutora. Paulo queria enterrar seu pênis duro e pulsante na sua boceta arquejante. Queria ver seus cabelos e pentelhos de muitas cores, e eles podiam ser escuros e quase dourados. Seus seios ora eram redondos como maçãs, com bicos pequenos e escuros, ora ela possuía um par de tetas imensas, fartas...

Como era bela, a morena Cármen! Seu corpo se transmutava em formas e cores. Era linda, de todos os modos possíveis. Seu corpo sempre moreno ora se afinava e ela era pequena e delicada, ora parecia ganhar formas opulentas como as das mulheres das folhinhas de oficina mecânica. Suas coxas viviam à mostra, em *shorts* muito curtos ou em minissaias. E ela usava meias finas e brancas, e, como a

pele sob a meia era morena, o tom todo das coxas acabava ficando diferente: nem branco nem moreno, era uma espécie de cinzento...

Paulo estava embevecido, apaixonado, enlouquecido de amor. Mal conseguia trabalhar com o coração tão agitado. Nunca mais saiu com os colegas do escritório, ele vivia para fazer amor com aquela mulher. Vivia excitado, seu pênis avantajado continuava latejando durante o serviço, doido para voltar ao apartamento e fazer amor com aquela incrível mulher morena. Ele queria voltar ao ninho de amor de ambos e possuí-la, possuí-la muitas vezes, levá-la ao paroxismo do prazer...

Numa noite, numa noite especial em que Paulo não estava tão excitado, mas talvez estivesse um tanto ansioso para dividir seu amor com outras pessoas, ele convidou Nélson e sua agora namorada Elenice para conhecerem Cármen. Os três seguiram até o apartamento... Paulo não queria avisá-la da visita. Era uma surpresa.

Tocaram várias vezes a campainha. Nada. Será que Cármen teria saído, justo naquela noite? O rapaz insistiu. Finalmente, abriu a porta com sua chave. Ninguém pelo apartamento.

— Quem sabe ela tenha ido ao supermercado... — arriscou Elenice.

— É, talvez... — falou Paulo.

Paulo ofereceu bebidas para eles, ficaram num silêncio constrangedor. Ele não conseguia entrar na conversa com os dois, sobre assuntos do escritório. Só pensava na ausência de sua amada.

— Por que ela não está aqui? — ele falou, finalmente. — Não entendo. Todas as noites, sempre, ela esteve aqui. E hoje...

O olhar que Elenice lançou para Nélson estava repleto de significados. Quase um olhar de piedade. E por quê?

Paulo começou a falar, a falar depressa, e a cada palavra ou gesto parecia reforçar a idéia de que as coisas na realidade não eram como ele as vivenciava.

— Pensam que eu estou doido? Olhem, Cármen sempre me espera aqui, nós dormimos aqui, nós nos amamos aqui...

Ele ia abrindo portas e armários, despensa... E aos poucos... aos poucos, ia sentindo um medo muito grande crescer em seu peito. Porque ele via o apartamento como seus amigos deveriam estar vendo: nenhum sinal de roupa feminina. Nada. Pente, calcinha, batom... nem vestígios de comida, também. Paulo sempre via Cármen preparando verdadeiros banquetes, e naquela noite... nada. Duas batatas apodreciam num armário. Na geladeira, um queijo mofado.

— Toda noite, estou dizendo pra vocês, toda noite ela me faz o jantar, uma delícia! Ontem tomamos champanhe, comemos frango ao *curry*... porra, gente! É verdade! Eu não sou louco! — Paulo agarrou o braço de Elenice. — Vocês não podem desconfiar de mim!

Nélson precisou tirar a mão de Paulo do braço da garota. Eles acabaram arrumando um pretexto, saindo depressa. Deixaram Paulo sozinho, doido de tristeza e em pânico, num apartamento que não tinha o menor vestígio de mulher...

Paulo estava desesperado. E bebeu muito. Na verdade, tomou um porre. E estava imaginando todos os jeitos possíveis de matar uma mulher, quando a viu escondida pela cortina da janela.

— Paulo... — ela começou a dizer.

Ele bebeu mais. E a olhou com ódio.

— Preciso que você pense em mim, Paulo. Em como eu sou...

Irritado e bêbado, Paulo achou aquela brincadeira uma infantilidade grosseira.

— Eu te amo — disse a garota. — E preciso me explicar com você...

— Ah, você me ama? — falou Paulo, voz pastosa de bêbado. — E, por isso, me deixou fazer papel de bobo com meus amigos? O que você quer de mim, hem?

— Pense em mim, por favor, pense em mim... bonita, sedutora...

Paulo estava louco de ódio. E pensou, sim: pensou em formas de matá-la. Formas de transformá-la numa pasta de sangue. Imaginou que enterrava uma faca no seu peito, que a fazia virar um monstro, sem forma humana, sob as inúmeras facadas que ele lhe dava...

Ela gemeu, cada vez mais baixo... Paulo virou a garrafa de vez, entornou toda a bebida num gole longuíssimo... acabou caindo inconsciente no sofá. Desmaiou de bebedeira.

Na manhã seguinte, Paulo acordou com os raios de sol sobre seu rosto. Uma ressaca monumental... ele afinal lembrou-se da noite anterior. Viu a garrafa ali, a dois passos de seus pés. E um vulto, caído no chão. Nua, os joelhos tapavam o rosto. Os cabelos compridos escondiam o corpo.

Era Cármen. E, ao vê-la assim desprotegida, Paulo sentiu remorsos. Lembrou vagamente do que havia dito, e muito de seu rancor era causado pelo álcool. E era o álcool que também deveria atuar, para fazê-lo, naquela manhã, ver manchas amareladas nas pernas da moça. Além das unhas escuras nos dedos dos seus pés.

— Cármen... — Paulo chamou.

Ela mal se moveu. Paulo levantou-se, sentindo uma tonelada se mover dentro da cabeça ao fazer isso. Deu um passo, dois... foi até ela, ainda e sempre jogada pelo chão da sala.

Ela ergueu o rosto. E Paulo nunca pôde esquecer do que viu. Nunca.

As manchas amareladas não eram pesadelo. Estendiam-se como feridas pelos braços, pernas. Não

sangravam, eram amareladas e feias. E o rosto se quebrava, deformando o nariz, aumentando a testa. O inchaço da face esquerda, os olhos sumidos, escuros, entre rugas e manchas. Os dentes amarelados apareciam por entre lábios também inchados.

— Meu Deus! — falou Paulo. Ele era belo como um deus, mas não se sentia assim naquela manhã. — O que eu fiz? Eu não posso ter batido em você, eu não me lembro...

— Você não me bateu, Paulo — a voz que saiu daquele ser era rouca e pastosa. — Você fez pior. Eu não sou humana, Paulo. Eu sou a mulher dos sonhos.

Como num *flash*, Paulo se lembrou do dia da festa, dia 31 de outubro... era como se colocassem uma idéia em sua mente. Aquela era a noite das bruxas, não era? Ele havia pedido uma mulher morena...

— Sim. Eu era a sua mulher morena, Paulo. Eu tinha uma chance, no Dia das Bruxas. Poderia virar aquilo que você quisesse. Agora não posso mais. Só tenho uma única chance... pense em mim.

Desesperado, Paulo ainda tentou se lembrar dela, bela e excitante, como o fora em tantas noites de amor... e, por fim, ele se resignou. E pensou na figura do passarinho, aquele da trova portuguesa.

Ele viu o corpo arquejante diminuir, perder qualquer contorno humano... E um passarinho voou pela janela.

FIM

Esse era meu conto. Copiado com cuidado para evitar erros. Eu sentia um orgulho especial, vendo-o transcrito na tela do computador.

Naquela noite, não havia muito mais o que fazer, senão desligar o computador e ir dormir.

3

FOTOS E CISMAS

1. — Vem cá, vem cá, vem cá — era a Sílvia, conchavando com todo o mundo que passasse à sua frente, pouco antes de a agência abrir para o público, às dez horas.

Quando entendi o que ela queria, resisti. O Douglas, colega mais novo que eu, fez cara de galã. Sílvia segurou-me pelo braço e me colocou entre Arlete e dona Odete. Os *office-boys* ajoelharam-se em frente da aniversariante, como se fosse foto de time de futebol. O Ricardo foi o fotógrafo da equipe.

Aniversário de dona Odete, a chefe do departamento de pessoal. A mulher era uma das mais antigas funcionárias do banco, quase uma instituição dentro da outra. Ela se apertou mais junto a mim, eu acho que virei a boca na hora em que disparou o *flash*... meu destino parecia ser o de sair em foto com cara de idiota. E se pudesse *sequer* adivinhar a importância que essa foto imbecil teria, em minha vida, tempos depois... talvez eu fizesse ainda mais questão de ficar irreconhecível.

— Não mudem de lugar — ordenou o Ricardo, virando o filme e se ajoelhando. — Vou bater mais uma.

Um dos *office-boys* ameaçou fazer chifrinhos na cabeça do amigo; Arlete sorriu para mim com seu hálito de chiclete, e eu me encostei um pouco mais nela. Se ficasse na ponta dos pés, poderia ver melhor um detalhe de seu decote.

— Todo mundo rindo... — falou o Ricardo.

— Falando GGGGIIIZZZZ... — gozou um dos rapazes.

— GGGGIIIZZZZ... — repetimos, em corinho.

Novo *flash*. Fim da brincadeira. Dispersar.

Um e outro ainda foi beijar o rosto de dona Odete, que prometeu abrir champanhe e oferecer o bolo... Insistiu para que passássemos em sua sala, depois das cinco da tarde.

— Tô com um problema — era Arlete, ainda segurando em mim, o sorriso mole na boca, o chiclete se movendo entre os dentes, rápido e estalado.

Claro que fiquei vermelho e claro que eu só podia pensar em sacanagem. Mas seu problema era fácil e prático: de escola.

— O que é que você sabe do Fernando Pessoa?

— Pes-pessoa? — gaguejei. — Alguma coisa... os heterônimos, os poemas... a gente viu no colegial, ano passado. Já li uma antologia dele...

— Pra hoje de noite. Aula de Literatura. Dá pra me botar um resumo no papel, trinta linhas? Só isso, cara. Um resumozinho da biografia, uns poemas dele. Po' favor, Tadeuzinho...

Ela fez um bico com a boca ao falar "Tadeuzinho", quase me dando um beijo... Exagero! me deixou mais sem graça ainda. Rogério começou a gozar dela:

— Tadeuzinho... Olha só, ela chama ele de Tadeuzinho...

— Iiiih, Rogê. Você também só vê maldade — reagiu Arlete, rindo pro *office-boy*. — Tô pedindo ajuda pro meu amigo, aqui. O que é que tem?

— Ajuda no quê? Pede pra mim, querida. Eu dou o que você quiser — ele gozou. Mas era brincadeira "pesada": o cara me olhava feio. Fazia tempo, ele botava o olho na Arlete.

— Fernando Pessoa. Você conhece o poeta? — ela falou, sem soltar meu braço.

— Desse cara eu não manjo — ele teve de reconhecer, chateado.

Estávamos, os três, muito próximos. Arlete, na brincadeira ou não, continuava ostensivamente segurando meu braço. De um jeito provocativo: a agência estava aberta, os caixas a postos, eu precisava ir à minha mesa e Arlete, à dela. Os *office-boys* já haviam descido para o setor de Sílvia. Mas nós continuávamos ali, quase no meio da sala, num confronto estranho, com o *boy* mais novo e mais alto que eu tentando se impor para a gostosa da Arlete. Havia alguma coisa ridícula naquela rivalidade; eu deveria ter ido embora sem responder. Acabei soltando a maldade antes de refletir direito:

— Sabe, Rogério? Acho que você deveria ler um livro — falei, conseguindo me afastar um pouco de Arlete.

— É, cara? E qual, hem?

— Qualquer um.

Deu branco. Arlete olhou pra mim... o chiclete se mexeu como um chicote dentro de sua boca. Ela gargalhou... Rogério ficou vermelho.

— Essa é boa, Tadeu! É boa mesmo. "Qualquer um"... ah, ah. Você tá chamando ele de... — e riu mais alto. Deu um leve tapa no meu ombro e eu me senti muito esperto.

Arlete ia espalhar a história adiante. Eu me comprometi a fazer a pesquisa pra ela. Acabava também de arrumar um inimigo na agência.

2. Foi nesse dia mesmo, ou depois, que ouvi o comentário quando estava saindo do banheiro? Alguns *boys*, mais um e outro auxiliar, estavam em rodinha no banheiro, olhando revista de mulher pelada. Eu entrei, usei o reservado com porta trancada, saí.

Era pra mim, a piada:

— Esse não conhece boceta nem na revista.

Riram. Outro cara fez "*xiiiu*", quando fui lavar as mãos.

Arrumei a gravata no espelho, vi pelo reflexo que eles continuavam revirando a revista e pensei se valia a pena falar alguma coisa...

Desisti. Eu os esnobava e eles faziam o mesmo comigo — em áreas opostas. Às vezes, exagerava nas minhas citações, na importância dos livros que lia. Eles, por sua vez, falavam palavrões mais alto; berravam os detalhes de suas conquistas amorosas e adoravam sugerir que eu era baitola ou virgem.

Não. Virgem eu não era, camaradinhas, virgem *eu não era*...

Mas também não era coisa de que gostasse de lembrar. Muito menos gostaria de me exibir para eles, numa conversa excitada e de olhos brilhantes, falando nervoso:

— *Sabem, caras? Eu comi mulher até antes de saber ejacular direito... É verdade! Isso faz tempo. Muito tempo... Quando eu ainda morava no interior. Naquele tempo, eu era tão selvagem e cruel como vocês... eu não me punha a pensar se queria ser alguma coisa diferente na vida... eu vivia do jeito que dava pra se levar e era, assim, meio bicho. Também não me importava de ser meio bicho.*

Havia um Tetéu de Minas que normalmente eu preferia que estivesse há muito enterrado.

O Tetéu quinto filho de seis, o Tetéu miserável de pé no chão, o Tetéu caçador de passarinho.

O Tetéu que junto com outros meninos começamos a foder a Boba.

Boba era mais velha que a gente. Tinha uns quinze anos, quando nós mal começávamos a ficar de pau duro. Um dos meninos que descobriu: a Boba não usava calcinha. A Boba sentava de perna aberta e só ria, quando a gente pedia que ela mostrasse.

Ela morava num sítio meio distante, só com a mãe velha. Era boba mesmo. Feia, dentes cariados, cabelo sempre despenteado. Tinha um cheiro forte, de suor e terra. Ria pra qualquer coisa.

E dava pra gente.

Começou mostrando a xoxota pros meninos; depois deixava que a gente pusesse o "coiso" lá dentro. Desde que a gente trouxesse um presente e falasse que ela era bonita.

Era um fuque-fuque dos mais apressados, às vezes auxiliado por algum outro menino, que ficava de espia enquanto o companheiro se aliviava. Às vezes, eu aparecia na casa dela, sozinho. Gostava de olhar quando ela abria as pernas — gostava às vezes mais de olhar para seu sexo, com poucos pentelhos em volta das dobras e fenda, do que propriamente de me meter ali dentro.

Era mau e perigoso, o que fazíamos com a Boba. Mas muito, muito gostoso...

Não sei como o padre descobriu. Acho que algum menino contou, na confissão. Ele ficou puto com todos nós. Reuniu o grupo inteiro — uns oito meninos — na sacristia. Primeiro ameaçou com o inferno. Um dos meninos riu — e o padre alemão, no seu português estropiado, ameaçou dar porrada *mesmo*. Era um cara grande e vermelho e devia ter a mão pesada... ninguém mais riu depois dessa ameaça.

A gente foi ouvindo, por tanto tempo... Ele chamava a gente de "animais". Falou em contar pra família de um por um, que pai e mãe iam morrer de vergonha de nós. Eu pensava em minha mãe, no que ela ia dizer, no olhar triste que ela ia botar na cara, "Inté ocê, Tetéu..." Porque fazer sacanagem era coisa pros outros, ela me achava tão anjinho, tão especial... Eu tinha até cabelo cacheado, e, pra mamãe, quem tinha cabelo crespo era sempre o Herói, o Bom, a "cara do Jesus Menino, tão bonito, no seu cabelo cacheadinho"...

O padre só se contentou quando eu e mais uns três começamos a chorar. Pra não ficarem pra trás, os outros também imitaram soluço, e o padre acabou acreditando em todo o mundo. Mandou a gente fazer uma baita reza de penitência e nos botou pra fora da sacristia.

Teve menino que não se importou muito. Pelo menos, saiu da sacristia ainda rindo, dizendo que voltava pra Boba. Um deles — como pude esquecer tão completamente o nome desses meus amigos de infância? Mas não lembro mesmo... era Jorginho? Juquinha? — ainda ria, ria e falava: "*Boba, Boba, Boba, Boba... eu vou comer a Boba, Boba, Boba, Boba...*"

Mas não comeu mais. E não por remorsos ou crise. A verdade é que a Boba sumiu.

Não sei se o padre alemão falou com a mãe da Boba, ou se ele ajeitou pra que as freiras a internassem em algum lugar. A Boba sumiu; o sítio onde ela morava foi arrendado pra um espanhol enfezado, que dava tiro de sal na bunda de quem chegasse perto. Assim se encerrava minha iniciação amorosa.

Hoje não posso dizer que parei de ir atrás de bobas ou de putas por causa de inferno ou de castigo de padre. Na verdade, eu me sentia humilhado pela *animalidade* daquilo, mais do que pelo ato em si. Se ela não fosse a Boba, mas uma mulher comum... se ela desse só pra mim, e se isso tivesse alguma aura de amor, junto com o tesão... Olha, se isso fosse pecado... o pecado que se fodesse! Eu estaria no meio de suas coxas até hoje.

Mas não era assim que acontecia. Não foi nenhuma descoberta de amor, o que fizemos com a Boba. Era ruim e brutal. E eu jamais quis ser malvado ou bruto. Eu *queria* me sentir diferente. Especial.

Quando lia os livros e via gente bonita, que pensava coisas interessantes e fazia coisas educadas e calmas, e eles tinham dinheiro e usavam sapatos... eu jurava que queria ser *assim, como esses caras dos livros.* Não como aquela gente pobre e burra de nossa cidade.

Eu queria ter coisas, e não eram coisas de luxo extremo. Eram coisas sobre as quais eu lia: estantes, sofás de pano, escrivaninha... *computador*? Tudo o que era meu, conquista-

do a duras penas, eu queria guardar, proteger... *meus* livros, *meus* estudos, *minha* casa... e por que não? *Minha* mulher.

Então que os *office-boys* não entendessem... que eles pensassem que eu era virgem. Não precisava da opinião deles. Eu queria, sim, *uma Mulher, um Amor...* e não uma boceta.

3. Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

"O guardador de rebanhos"
Alberto Caeiro

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de
[qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a
[vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havermos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser
[sozinho.

Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da
[companhia!

"Lisbon revisited" (1923)
Álvaro de Campos

"É o que, em meu entender, sucede nos poemas de Campos. São um extravasar de emoção. A idéia serve a emoção, não a domina. E o homem — poeta ou não poeta — em quem a emoção domina a inteligência recua a feição do seu ser a estádios anteriores da evolução, em que as faculdades de inibição dormiam ainda no embrião da mente."

Apontamento de Ricardo Reis em "Nota preliminar" sobre obra de Álvaro de Campos.

Eu tinha caprichado. No horário de almoço, corri até a biblioteca municipal, usei meu cartão de sócio para tirar de empréstimo a *Obra poética*, de Pessoa.

Entre um cliente e outro, eu, disfarçadamente, abria a pasta onde havia escondido o livro e anotava páginas de poemas de que gostava, ou que acreditava representativos deste ou daquele heterônimo.

Na pausa do cafezinho fui até o computador e anotei depressa alguns poemas. Caprichei mesmo no tipo escolhido e na diagramação do trabalho.

No final da tarde, o texto era um primor de cinco laudas, com comentários teóricos e de relações dos poemas entre si.

— Vamos tomar café? — sugeriu Arlete, à porta da agência. Falou depois mais baixo: — E aí? Deu pra fazer o trabalho?

— Está aqui — falei, batendo a mão sobre a pasta.

Ventava. Muita gente passando apressada por nós. Arlete chamava a atenção de todo o mundo. Fiquei feliz por estar com ela. Me aproximei um pouco mais, desejei que ela de novo pegasse em meu braço, como havia feito de manhã.

Arlete parecia distraída. Nem sorriu, quando recebeu uns assobios, e também demorou pra me responder, quando perguntei se ia fazer vestibular.

— Tenho de terminar o supletivo, este ano — ela falou. — Depois, quem sabe...

Paramos numa lanchonete. Arlete substituiu o café por um suco. Passei o trabalho pra ela. Estava orgulhoso do calhamaço.

Ela foi olhando, lendo... Chegou o suco. Arlete bebia sugando muito o canudo. Seus lábios carnudos formavam um bico fino envolvendo o plástico. Alisou uma mecha do cabelo que caía em sua testa.

— Iiiih, Tadeu. Num sei não...

— O que foi? Você não disse que era sobre o Fernando Pessoa? Ele tem heterônimos, entende? Tive de analisar um por um e...

Ela fez uma breve careta, mexeu as folhas no ar:

— Tadeu! E a "fessora" vai acreditar que isto aqui é meu? Tem dó! A coisa tá danada de difícil... O que é "extravasar de emoção" e "estádios anteriores da emoção"? Nem a fessora deve saber... Ela só pediu biografia.

— Eu fiz biografia. Está aqui — apontei.

Arlete leu as duas páginas iniciais. Terminou o suco.

— É... se eu passar a limpo com a minha letra... pode ser. Aí eu podia copiar este do rebanho. É um poema mais ou menos — ela suspirou. Colocou a pasta debaixo do braço. — Como este cara era chato, né? Putz! Cada bobagem que a gente tem de estudar. Bom, brigadão, Tadeuzinho... Agora eu tenho de voar. — Ela olhou no relógio de pulso: — Ainda vou passar a limpo. Tchau! Brigadão de novo, hem?

Sem beijinho? Só "brigadão"... só?

— Tudo bem, Arlete... Numa outra vez, com mais tempo... Se eu puder ajudar...

— É, pode ser... É que você fez tudo tão difícil... O Marcelinho do almoxarifado tem um livro de cursinho, se a gente copiar o resumo fica mais fácil. Mas valeu, Tadeu. A gente tem de tentar. Brigadão.

Ela repetiu "tchau, tchau"... E foi depressa pela rua. Soltou o cabelo do rabo-de-cavalo de repelão, a cabeleira marrom caiu por suas costas, fui vendo sua bunda redonda nas

saias justas... bonita. Pena que entendia tão pouco de poesia. E olha que nem coloquei este, do *Cancioneiro*:

Tudo que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúcida e rica,
E eu sou um mar de sargaço —

Um mar onde bóiam lentos
Fragmentos de um mar de além...
Vontades ou pensamentos?
Não o sei e sei-o bem.

Talvez seja muito difícil ganhar mulher com Fernando Pessoa. Se resolver tentar de novo, acho melhor apelar pro Manuel Bandeira.

4

O PESCADOR DE PALAVRAS

1. Para quem está sem dinheiro, tem dias que são um tormento. Feito sexta-feira, ou véspera de feriado. Você se junta aos amigos, tem um que sugere cinema e você jura que não quer ir. Aí outro cara fala em beber cerveja e sempre tem dois, três caras a fim. Com o maior tédio, você finge dor de barriga e diz que só vai "pegar um copo pra fazer companhia".

Aí o duro é fazer as horas rolarem. Você pode morrer de sede, e toca a tomar cerveja quente, em golinhos pequenos — e isso, enquanto os amigos bebem mais e mais e vão ficando alegrinhos... Afinal, se você só fez companhia, não tem de dividir a conta na hora da vaquinha.

Já era a quinta cerveja chamada para a mesa. O rosto de Giovani estava bem corado e ele contava uma ladainha interminável, sobre um filme da tevê. Tinha até dó de ver como o cara ia trabalhar no dia seguinte, já que a sua firma não havia emendado o Dia de Finados. Pobre Giovani. Ele nunca foi bom contador de histórias: repetia um trecho, fazia pausa nas horas erradas, exagerava numa cena triste, que ficava cômica... mas

isso tinha pouca importância. Os outros três caras falavam quase ao mesmo tempo, e, entre o fogo cruzado de tanta conversa, acabei com a cara séria de quem presta atenção, mas está com a cabeça longe...

Pedrão era cria de boteco e o mais velho do grupo. Já tinha completado o colegial noturno anos antes e nem tentara faculdade. Acostumara-se a beber sempre no mesmo lugar, e sentava-se à mesa de qualquer rosto conhecido. Entrava em todos os assuntos, mas os favoritos eram futebol e mulher. Era funcionário público há sete anos e namorava outros tantos com Adelaide, uma garota loirinha com cara de cachorro pequinês.

Asimov era doido por ficção científica. Ele não precisava trabalhar — quer dizer, num trampo de horário fixo. Ajudava o pai no comércio de bebidas. Fazia Faculdade de Letras na USP — mas sua paixão era o cinema. Assistia a tudo — e na tela grande. O seu nome verdadeiro era uma maravilha, algo, assim, como Fernando Dubois Muller de Alencar e mais outros sobrenomes, entre brasileiros e europeus. Parecia um sapo. Um sapo com nome ilustre... era mais baixo que eu, muito gordo. As bochechas caíam sobre a boca, ele parecia um velho, apesar de ter aí seus vinte anos, como todos nós. A boca era muito larga e rasgada, os olhos, redondos.

Júnior talvez fosse o mais normal de nós, se ficasse quieto e de boca fechada. O seu corpo era proporcional, quase atlético. O rosto tinha traços finos, e seus olhos claros chamavam a atenção... mas era nervoso. Completamente nervoso. Balançava a perna sem parar, como se estivesse sempre de pau duro e se masturbasse, disfarçando com o gesto. Falava alto, cuspia no rosto dos outros. Quando ele e Asimov se pegavam numa discussão, era o festival da gritaria e do perdigoto.

Eles falavam de um filme.

— Não é por eu ser gordo — disse Asimov. — Já aviso antes, senão vem baixaria. Mas, olha, prefiro um Marlon Brando gordo do que um magrelo porcaria como o Johnny Deep.

— Eeeeeeeeeh! — corinho, feito por Júnior e Pedrão.

Asimov ficou vermelho.

— Tô falando sério! Tô falando sério! 'Cês viram o filme, por acaso?

— Fui ver com a Adelaide — respondeu Pedrão. — Achei uma bosta. A Delai gostou. Achou romântico...

Giovani perguntou:

— Num é nesse filme que o Johnny Deep faz um cara meio doido, que leu livro de mais e pensa que é o Don Juan, o maior amante do mundo?

Asimov confirmou.

— E o Marlon Brando é o psiquiatra, né? Que cuida dele... ainda não vi; li no jornal — falou Giovani, de rosto corado e se abanando com um "Caderno 2". — É bom?

— Vale a pena, vale a pena — falou Asimov. — Mas pelo Marlon Brando. O cara é velho e ainda tá inteiro, dá um banho de interpretação!

— O filme é uma merda — repetiu Pedrão. — E o Brando devia mesmo se aposentar. Gordo e feio num podia aparecer no cinema. Deviam proibir. — Ele continuou provocando: — Aliás, quem é gordo tinha de se esconder num buraco e...

— Você só fala merda, tudo é merda pra você! — reclamou Asimov, vestindo a carapuça. — Até o Hitchcock. Vocês agüentam? Este cara foi lá em casa, um dia desses... Eu peguei na locadora o *Pacto sinistro*, acho que é esse o nome do filme... direção do Hitchcock. E o cara odiou. Odiou! Um clássico, e este cara não gostou...

— O livro é da Patricia Highsmith — completou Cactus. — Eu já li. Você leu, Tadeu? A história de dois caras que não se conhecem, se topam num trem... Depois, um deles quer trocar de crime. Ele mata a mulher do cara pro cara ter de matar o pai dele.

— O filme é um clássico — repetiu Asimov.

Eu ia falar que só tinha lido dela *O amigo americano*, que também virou filme, mas o Júnior interrompeu. E

quando o Júnior interrompia, era impossível falar mais alto que ele:

— Vi um filme que também era assim: *Jogue a mamãe do trem.*

De novo, corinho. Dessa vez, feito pelo Giovani e por mim:

— Eeeeeeeeeh!

Giovani falou por nós dois:

— *Jogue a mamãe do trem* é uma brincadeira, cara... Uma brincadeira em cima desse filme do Hitchcock, que o Asimov falou, que, por sua vez, foi baseado no livro da Patricia Highsmith, que eu falei. Vê se te manca! Num diz besteira! *Jogue a mamãe do trem*... uma comédia, uma besteirinha...

— Eu gostei. Pronto! Eu gostei. O que é que tem ser comédia? Têm preconceito contra comédia, vocês, agora? Que saco!

— E por falar em comédia... e por falar em comédia... e-por-fa-lar-em-co-mé-dia...

Pedrão tinha a capacidade de repetir uma frase deste tipo até a náusea. Se a gente não o deixasse entrar na conversa, enlouqueceria qualquer um. Afinal, todo o mundo se calou e ele prosseguiu. Fez um olho de safado e falou baixinho, botando os ombros pra frente:

— E, por falar em comédia, tem de madrugada, hoje, na tevê, aquela *veeeelha* comédia em que a Vera Fischer aparece pelada...

Nova sessão de "eeeeeeeeeh!" — dessa vez, coletivo.

— Você só fala abobrinha, né? — resmungou Giovani. — A gente aqui falando sério...

— O Don Juan existiu de verdade? — Júnior perguntou na lata, para Asimov, num papo paralelo.

— Sabe que eu num sei? Tadeu, você que conhece livro, diz aí: o Don Juan vem de onde?

Fizeram uma brecha na conversa. O grupo ficou em silêncio um instante. Lembrei da peça de teatro do Tirso de Molina,

El burlador de Sevilha. Citei também a ópera de Mozart, *Don Giovanni*. Aí, pra quê! Foi falar isso, o povo colou na pele do Cactus.

— Eeeeh! O cara é do caramba! É porreta... maior amante do mundo — falou Pedrão.

— Don Giovanni, *amore mio*... — falou Júnior.

Giovani ameaçou bater em um, riu amarelo pra outro... nova pausa na conversa. Tentei completar minha observação:

— Mas esse Don Juan, do Tirso de Molina, acaba mal pra diabo. Aliás, diabo *mesmo*. É levado pro inferno... É o castigo por ele tratar tão mal as mulheres.

— Como é mesmo o nome do poeta que escreveu isso aí? — quis saber o Júnior.

— Dramaturgo. Tirso de Molina — falei.

— Português, né? — perguntou Pedrão.

Antes que eu respondesse "era espanhol", Asimov, que só ouvira o fim da conversa, já se meteu:

— De poesia portuguesa, só conheço o Fernando Pessoa. E porque caiu no vestibular. Pode ser que na faculdade a gente veja outros mais tarde, num sei...

Meus amigos continuaram conversando, mais ou menos juntos, um sobre a fala do outro, ansiosos e ligeiros. Um papo paralelo juntou Pedrão e Júnior falando sobre romances históricos, ainda sob inspiração do filme visto por Asimov; Asimov e Cactus lembravam de vestibular. Eu sobrei.

Sobrei, chateado. Queria encher a cara e me segurava. Podia pedir aos amigos que completassem a vaquinha e me lotar de cerveja, mas não queria que eles soubessem de minha falta de grana. Lembrava do papo-quase-bronca entre mim e Cactus, sobre o dinheiro do vestibular e a compra do computador... E assim que lembrei do computador, lembrei do concurso de contos eróticos. Foi pensar em "erótico", lembrei da Arlete. Arlete, eu associei com Fernando Pessoa e minha mancada, escrevendo seu trabalho de escola e passando vergonha, dias antes...

Fiquei um instante a mais, olhando para eles, aquela conversa *tititi* assanhada, disparada a cada assunto. Ouvi de rabo de orelha o nome de Hemingway e aí eu me meti no papo:

— Para *um* Hemingway, porra. Pra *um* Hemingway, tem uns trinta Fernando Pessoa — eu falei, em voz mais alta do que pretendia, numa brecha da conversa de louco que ia transcorrendo.

— Como assim? — perguntou Giovani, pegando a garrafa e espirrando um bocado para fora do copo, quando foi encher.

— Olha pra você. Olha pra mim — eu falava calmo, devagar. Acho que foi por isso que os caras prestaram atenção. — Por que um cara escreve, hem? Como é que são os escritores? São bonitos, por acaso? São aí o tipo de cara que vive com a mulherada em volta? É o que eu tô dizendo... se tem um Hemingway que era escritor, que era bonito e machão, caçador de bicho e de mulher... Então, deve ter uns duzentos Fernando Pessoa, tudo metido a escritor. Tudo cara feio. Esquisito. Vai ver que bicha enrustida.

— O Fernando Pessoa não era bicha esquisita — Giovani me interrompeu, corado, defendendo seu poeta favorito.

— Ele falou bicha *enrustida*. E não *esquisita* — falou Sapo.

— Enrustida, esquisita... poeta é tudo bicha, se quer saber — completou Pedrão, nosso maior filósofo sexual.

Pronto! Foi o que bastou para se acender outra generalizada discussão regada a cerveja, com Pedrão concordando comigo e os outros três radicalmente contra. Júnior lembrou do suicídio de Hemingway e perguntou se não era melhor ser bicha do que se matar. Asimov arregalava os olhos de sapo e concluía que "bicha, não. Pessoa era esquisito, mas não era bicha". Giovani falava cada vez mais mole e insistia em começar uma frase com "caros amigos, eu quero"; repetiu "caros amigos" meia dúzia de vezes e depois se calou, com um arroto.

Eles só provavam minha tese. Falei que ia mijar e saí da mesa. No banheiro, me olhando no espelho, me achei mais que nunca um membro ativo no clube dos monstrinhos.

2. Não era meia-noite e eu já estava em casa. Marga e os filhos deitavam-se com as galinhas. Deviam estar dormindo fazia tempo. O brilho azulado pela janela da sala indicava tevê ligada. Adaílton devia estar no sofá, bêbado diante da tela, arrotando sua cachaça e dormindo pesado... Edilene devia ter ido a um baile ou saído com Romeu. Só voltava quando era dia.

Era uma noite especialmente bonita, prometendo feriados de bom clima. E isso me deprimia mais. Nos dias 1 e 2 eu não trabalharia, só pegaria no trampo sexta-feira, e depois tinha o fim de semana — bons dias de folga. Péssimos dias pra quem estava sem grana.

Fui olhando a Lua cheia, o céu sem nuvens. A brisa soprava gostosa, afastando o excesso de calor. Se a gente morasse numa praia, era a hora em que gostaria de caminhar muito, sentindo a areia sob os pés.

Mas ia acabar trancado em meu quartinho, olhando pela vidraça o limoeiro magrelo no muro do vizinho... Talvez arrumasse meus duzentos livros na estante, comprados com esforço e tão bem protegidos. Talvez relesse um deles, um daqueles clássicos estrangeiros traduzidos, o *Decamerão*, de Boccaccio; *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë; *Drácula*, de Bram Stoker. Talvez ouvisse rádio e fumasse. Talvez chorasse um pouco, coisa que nem sempre evitava, e resmungasse para mim mesmo que *um dia... um dia ainda iria rir de tudo aquilo. Ainda iria ser um grande escritor, iria ser famoso, iria ter grana...*

Comecei a ler meu conto, "A dama dos sonhos". Quase sabia de cor alguns trechos. Ele me reconfortava: gostava da idéia. Gostava de imaginar uma mulher tão especial, uma bruxa que pudesse satisfazer os desejos de um cara, que se transformasse em todo o tipo de mulher morena. Em outras noites, eu me veria acompanhando letra a letra a história, ficando quase comovido com algumas passagens, como aquela em que a cena ia da descrição dos olhos verdes de Paulo

para o passarinho sobre o galho, no quintal da festa... o passarinho que eu sugeria ser a bruxa transformada.

Naquela noite de quase novembro, a leitura não fluía. Emperrava. Lia a frase uma, duas vezes...

> Paulo não era daquela cidade. Ele podia ser belo e mau como um deus, mas naqueles últimos meses estava mais sozinho do que poderoso.

O que me incomodava? Belo e mau como um deus era uma frase de um autor latino-americano, de um livro que tinha me deixado bastante interessado. Era como o autor descrevia um cara garanhão, meio filho da puta, e era assim que eu queria que meu Paulo fosse. Agora... o que estava errado?

Mordi os lábios com força, passei os dedos pelo cabelo sujo — pretendia tomar banho só de manhã; não queria correr o risco de entrar na casa e acordar Adaílton.

Belo... e mau. Era isso que me incomodava: *mau.* O cara da história do autor latino podia ser mau, mas meu Paulo babaca era um cara normal. O que ele fazia de mau com a bruxa, afinal de contas? Tinha enchido a cara. Estava meio com raiva, ainda não tinha idéia de que a destruiria se pensasse bobagens contra ela...

Continuei lendo, ansioso... dividido o leito com ele... aberto seus horizontes... belo... como um deus, um deus pagão...

Lia o conto na tela do computador e, sem querer, comecei a passar os dedos na tela, sobre as frases que de repente pareciam pedaços malcosturados da história... eu *grifava* as palavras, com as unhas, no vidro...

Foi uma decisão rápida. Acertei o formulário contínuo na impressora, ordenei uma cópia em papel e saí do quarto. Catei antes a toalha.

Entrei na casa pela porta da cozinha, usando minha chave. Sobre um prato coberto por um guardanapo, algumas bolachas. Comi duas, antes de, devagar, seguir pelo corredor até a sala e confirmar o sono alcoólico de Adaílton. Aquele não de-

veria acordar tão fácil... com o silêncio acentuado na noite, o zumbido da impressora parecia um grilo mais insistente, em seu ir-e-vir na página.

Tomei um banho rápido. O tempo todo, em minha cabeça, frases e idéias do conto me rondavam, feito insetos atraídos pela luz. Insetos, cabelos... Como eu descrevera o cabelo da moça, na festa? Cabelo morto... cabelo longo, tão lindo e liso... pareceria uma cobra, por que não usar essa imagem, um cabelo pousado no colo como uma cobra, mas uma cobra de estimação? Era uma *boa* idéia.

Estava me enxugando quando de novo tive outra idéia sobre os olhos verdes de Paulo. Ele tinha olhos verdes, a tal bruxa também. Que excesso de olhos verdes, e eles são tão raros! Não, ele era um cara comum... meio machão, claro. Mas por que não ser um cara mimado, de classe média, igual à maioria de meus colegas de banco, aqueles que estavam melhor que eu, e tinham carro comprado pelo papai, e tinham café gostoso esquentado pela mamãe, logo cedo... Como um cara desses ia se sentir se *realmente* topasse com uma bruxa, uma Mulher dos Sonhos? Não havia sentido em transformar meu Paulo num misto de Don Juan com sedutor de esposas e filhinhas...

Quando voltei ao meu quarto, o papel impresso formava catorze laudas ao pé da impressora. Recolhi aquilo com euforia. Comecei a riscar e rabiscar as folhas sem nem me dar ao luxo de apontar direito o lápis.

Belo e mau como um deus foi para o lixo. Tchau, herói latino-americano que não era meu! Chega de supermachões... fui riscando as outras expressões, suprimindo, cortando...

> Paulo reparou num casal, sentado num canto escuro, os dois em meio a beijos gulosos... O rapaz alisava o busto da garota e, em suas calças, a ereção era visível...

Eu li o trecho, reli... comecei a rir sozinho. Ereção *visível*? VISÍVEL? Que besteira era aquela? Mesmo que o tal Paulo

fosse um tarado de marca maior e ficasse *olhando* o pau duro do outro, ele ia ver o quê? Só se o cara tivesse um pau de um metro, ele teria uma ereção *visível*... aquilo era bobagem. Era enfiar erotismo "na porrada", para tornar meu conto adequado à revista...

A idéia que tinha tido para descrever o cabelo da moça, reli. Como imaginei — uma bobagem adjetivada, sem mais tesão. Fui depressa rabiscando, garrancho de letra... Sentei-me ao computador, localizei o trecho, que acabou ficando assim:

> Ela usava mesmo um vestido verde-musgo. O cabelo ao lado do rosto, liso como uma cobra, como um bicho de estimação que descesse pelo pescoço e pousasse sobre o colo. A moça parecia uma pintura... e, pela primeira vez, Paulo só ficou olhando. Sem saber como puxar conversa com mulher. Tomou outro gole de bebida. E não era o álcool. Talvez ele só a achasse bonita demais.

Agora eu segurava as folhas amassadas no colo enquanto digitava as mudanças no conto. Depois reli tudo. Como não tinha percebido antes o que estava ruim? Era um outro conto! Com menos adjetivos, mais envolvente...

Eu estava tão acordado, tão... *excitado*. Pela primeira vez, eu conseguia *ver* a mulher que eu havia criado. Não era uma cópia malfeita de Edilene ou Arlete, nem sequer se parecia com elas. Os olhos muito, muito verdes lhe davam um destaque de rainha... O tipo de cabelo, arrumado e farto feito a cobra, o animal de estimação... Eu agora também sabia quem era Paulo — estava mais vivo; já não era um herói parodiado de outro autor...

Teclei no computador, avançando o texto até os trechos eróticos de minha história, e eles me pareceram bobos e cheios de frases de efeito... cavalgava seu pênis, endurecido ao clímax... amarem-se com sofreguidão... auge do prazer... boceta arquejante...

Nessa hora, eu *grunhi* — isso mesmo: *grunhi* de ódio. Mal tinha visto um sexo de mulher, ali, frente a frente... e dizer que

um deles *arquejava*? Boceta *arqueja*? Eu era um imbecil! Com um conto de moleque, como esperava ganhar concurso, com um troço, assim, principiante? Cada coisa boba, irreal!

Aquilo não era capaz de reproduzir a minha excitação *real, daquele momento*... Abri espaço, meia dúzia deles, na tela. Já gostava da idéia de a bruxa se parecer com Elizabeth Taylor e Branca de Neve, mas ela poderia ser mais que isso. Fui escrevendo com fúria, ora falando sozinho, ora balançando a cabeça, para a frente e para trás... E ora eu me xingava ao topar com alguma bobagem, ora apertava a tecla DELETE com força, batendo sem me preocupar em poupar o teclado.

Paulo a quis morena, sempre morena. E que a pinta escura das nádegas pudesse estar agora pequena e delicada, no seio esquerdo. Os cabelos, ele os quis tão compridos que chegassem ao chão, um cabelo de índia, olhos escuríssimos de índia. Seios pequenos e lábios mais grossos que os dela, Cármen. Com uma tanga que Paulo foi imaginando que penetrasse pelo seu sexo e andasse por seu corpo, fios finos e dourados escondendo/desnudando seu corpo. Para que ele pudesse acompanhar o desenho com seus dedos, com sua boca. Para que ele pudesse ter o trabalho de levar muito tempo afastando os fios que desenhavam seu corpo. E que ela dançasse, também. Uma dança selvagem, usando o cabelo como chicote...

E foi desse modo que eles se amaram no outro dia.

E foi como dama inglesa raptada por um pirata que eles se amaram/violentaram na outra noite. Como ciganos na noite seguinte. Paulo podia jurar que seu apartamento desmanchava-se e suas paredes viravam uma floresta, que seu sofá virava um carroção. E o cheiro dos cavalos, da noite, vinha pela janela aberta — não, não era mais janela... era o campo, era o céu estrelado por sobre suas cabeças.

E parecia que o próprio rosto de Cármen mudava. Ora lembrando artistas antigas de filmes, ora fotos

de índias da Polinésia. Ela parecia sempre ser outra. Cabelos ora curtos, ora compridos. Pernas, busto — alongadas, grossas, pequeno, grande. Como ela fazia isso? Maquiagem? Mas deveria ser muito rica, ter muito tempo para poder lhe aparecer sempre outra e linda, comprar/alugar tantas roupas e jóias e perucas... Talvez colocasse alguma droga na comida de Paulo.

E que comida! Jantares maravilhosos, inesquecíveis... Paulo não conseguia pensar em mais nada, mal conseguia viver longe daquela ilha mágica que ela havia ajeitado. E ela era sempre nova e antiga: era a virgem nativa que lhe oferecia a primeira vez, ou a cortesã européia treinada em sexo oral. Era a dançarina muçulmana envolta em véus e que o excitava usando os pés pequenos, para dançar sobre o seu pênis. Ah, como ele era feliz!

Como *ele* era feliz? Ah! Como eu era feliz! Eu podia reentrar na história e arrancar tantas imagens, assim, em estado de graça! Eu me sentia um pescador que lançava a rede ao mar e descobria fascinado que só estava pescando pérolas...

Fui relendo a história e, de repente, eu sabia como deveria ser o final. Ele me surgiu inteiro, forte. Unindo-se ao começo, o conto ficaria *redondo*, como falava um professor de Literatura, para marcar histórias que começavam e terminavam de maneira "fechada", completa.

Sim, meu pobre e idiota Paulo ainda iria se irritar com a bruxa e destruí-la. Mas ele também iria se sentir mal, quase acabado... iria, desde o início, pressentir que estava ganhando um presente especial, e destruiria esse presente, por bobeira ou ingenuidade...

Recomecei o conto. O primeiro parágrafo:

Talvez os homens como Paulo tenham apenas uma chance. E talvez os homens como ele tenham de jogar fora essa chance. Passar o resto da vida com os pesadelos — só eles restaram. E quando Paulo, nas

noites de insônia, fechava os olhos com muita força, podia ver a janela do apartamento e o vôo. O vôo do pássaro, mostrando que aquilo realmente acontecera.

Li, reli. Catei o décimo oitavo cigarro, sem reparar em quanto havia superado meu limite... Fui para o final do conto.

— Não vou matar você, Paulo. Eu amo você... — havia tristeza nessa frase.

Paulo continuou de olhos fechados. Talvez pelo nojo, agora.

— Mas eu tenho uma chance, Paulo. Não mais como gente, mas se você pensar em mim. Pensar em mim como um ser, um animal — aquela massa que parecia gente tocou na mão do rapaz. — Continue de olhos fechados, Paulo.

Paulo sentiu que seus dedos tocavam o que fora o peito de uma mulher. Ele percebeu as costelas através da pele, as batidas do seu coração. Naquele instante lhe veio à memória o pássaro, aquele da trova portuguesa, aquele do dia da festa. Era bonito, suas penas beges, a mancha clara no peito. Aquele pássaro do dia 31 de outubro, o Dia das Bruxas, ele lembrou da data, talvez Cármen o fizesse recordar da data — "O dia em que as bruxas podem aparecer para os homens".

Paulo sentiu que o lugar onde sua mão havia pousado começava a ficar macio. Macio e diminuía, se afastava... sua mão tocava agora o vazio. Nesse instante, ele sentiu o vento no seu rosto: vento de asas? Nos lábios, o toque fino de uma bicada.

Paulo abriu os olhos ainda a tempo de acompanhar o vôo de um estranho pássaro por sobre os telhados dos edifícios.

FIM

Fim/fim. *FIM fimfimfim.*

3. Era muito, muito tarde.

Meu corpo ardia como se todo ele tivesse virado um pinto tesudo. Todo o corpo vibrava, cheio de eletricidade.

Era uma sensação sexual, mas tão mais que isso... Era um tesão criativo. Eu *criava* histórias... eu era deus.

Eu me masturbei com pressa, ainda sentado no computador, colocando um lenço na frente do pênis. Tinha a necessidade de alívio físico, apressado, total. Não era a hora de imaginar ceninhas eróticas com garotas nuas de revistas ou um enredo em que eu e uma loira ficávamos numa ilha deserta. Eu *precisava gozar* por puro descarrego de energia. Era como um escape nervoso — se eu tivesse uma corda por ali e pulasse cem vezes, talvez conseguisse o mesmo alívio.

Gozei logo, me limpei de qualquer jeito, ainda sem cueca me joguei sobre a cama. Pela janela entrava bastante claridade. *Tarde, tão tarde... ou cedo?*

Me enrolei na cama como um feto, joelhos batendo no queixo. Fechei os olhos com força, vendo estrelas e cometas sob as pálpebras. A excitação sexual tinha passado, mas a minha cabeça voava com mil e um pensamentos, sugestões ainda mais específicas para mexer no conto.

Não vou dormir, não vou conseguir dormir...

Dormi.

4. Acordei cinco horas depois, com o corpo tão dolorido como se tivesse brigado e sido espancado. Como se tivesse corrido quilômetros.

Ou tivesse feito amor com uma linda mulher morena, por horas seguidas e, depois de tanto sexo, meu sono trouxesse pouco alívio, o acordar vindo cheio de câibras.

— Fala baixo, criatura. Num me acorda o tio — era a voz de Marga, reclamando com os filhos.

Maikol deu uma risadinha, jogou uma bola contra a parede de meu quarto. A luz vinda da janela era forte, manhã do dia primeiro. Eu acordava como se estivesse de

ressaca, e as pancadas da bola ressoavam no meu cérebro: *pam, pam, pam...*

Sentei na cama, olhei devagar em torno de mim. Puxei o lençol para cobrir a nudez da parte de baixo do corpo. Tinha deixado o computador ligado. Fui depressa conferir se tudo estava *okay*, ainda li o *fimfimfim* da última página do texto.

Foi um alívio. Aquilo tinha acontecido, afinal de contas... o conto estava ali e eu o havia corrigido.

5. No resto dos feriados, agi como um robô-escritor. Eu me sentia atordoado, feliz... de uma maneira difícil de explicar, para quem nunca tentou escrever, *realmente*, alguma coisa. Faltei na sexta-feira alegando doença e me dediquei exclusivamente ao computador.

Claro que sempre me imaginei cercado de livros e histórias, e assim gostaria que fosse toda a minha vida. Mas até aquele conto e aquele momento, sentia que *prendia* minhas histórias. Às vezes, eu me pegava encabulado com um palavrão ou segurava a ação de um personagem, questionando se ele *deveria ou não* fazer isto ou aquilo.

Com a nova versão do conto da bruxa, nada disso acontecia. Meu Paulo podia meter a cara no sexo daquela mulher e, mesmo que eu jamais tivesse sonhado (ou só sonhado) em fazer isso, não tinha importância... era *ele. Ele podia fazer sexo oral por longos minutos, até a garota gemer feito uma doida e prender a cara do parceiro no meio das suas coxas.* Paulo, o personagem, agia sem precisar de mim... *fazia o que queria fazer... e o fazia intensamente.*

Eu mesmo sou um cara que, quando muito, dei uns tapas em moleque na escola, aos oito anos de idade; mas, na hora da vingança alcoólica, fazia Paulo se comportar como um ser imoral, um vingativo caçador. Sangue esguichava e os gritos vinham ferozes e eles eram licor e música. *Não me pertenciam, mas ao conto.* Ao personagem.

Como é difícil explicar isso, ainda mais agora... Parece que estou querendo me justificar, dizer que ali não havia um autor, que eu era um total inocente útil, e não é bem isso. Acho que todo escritor fica assim de vez em quando. Li uma entrevista em que um autor dizia ser o "cavalo" dos personagens. Que era uma sensação de médium, de ser um mero instrumento deles. Lembrei muito, também, de Clarice Lispector, do que ela falou certa vez... de seu horror quando descobriu que o personagem de um texto seu ia comer uma barata. Não era *ela, autora*, que via a barata como recurso literário, ou metáfora, ou que merda fosse, não! Era *o personagem que exigia* comer a tal barata.

O que quero dizer, na realidade, é que "A dama dos sonhos" ficara *bom*. Incrivelmente competente, para uma história de um moleque de vinte anos, que fez colegial em periferia. Eu percebia isso... e, por isso mesmo, não me importei.

Não me importei nem um pouco com o que pudesse acontecer no resto do fim de semana. Se antes fizera planos de viagem, passeio com amigos, cinema ou *shopping*, depois que comecei a mexer no computador, trocava qualquer coisa por ficar ali, no quartinho. Nada de telefonar para os amigos: quis ler e reler o conto, tirar várias cópias na impressora, com tipos diferentes, curtir pequenos detalhes do enredo...

Enfrentei as risadinhas de Edilene sem me preocupar muito com isso. Vi o jeito enfezado com que Adaílton tratava os filhos, à mesa do almoço, ameaçando dar porrada, se eles não limpassem o prato, ou ameaçando bater, se quisessem repetir a comida.

Eu estava longe, longe demais dali...

Eu me via com a bruxa, e caçava mais e mais os detalhes das palavras, a necessidade de colocar tudo com exatidão no papel.

Adaílton tentou mandar recado por um dos filhos, mas era uma brincadeira boba e nem respondi. Eu me sentia leve, como um deus deve se sentir quando está criando um planeta. A presença de Adaílton teria tanto peso quanto a de uma pulga, diante da obra da criação...

5

PONTA DE FERRO

1. Eu e Giovani tínhamos novidades naquele almoço de segunda-feira. Antes que ele tivesse tempo de falar, enfiei o envelope em suas mãos e falei:

— Está aqui. É o conto. Tá pronto.

Ele segurou aquilo sem entender, por um segundo. Depois, pesou o envelope como se ali dentro tivesse muito mais coisa do que catorze páginas.

— O conto da revista, Tadeu? Aquele da bruxa, que acontece no *Halloween*? Você escreveu?

Confirmei com a cabeça. Fazia muito tempo que contava para o Giovani, aos bocadinhos, minha idéia erótica sobre Paulo, a festa, a mulher dos sonhos... mas nem tinha me motivado a escrever com empenho, nem tinha mostrado qualquer versão daquilo a ele.

Naquele dia, ficamos os dois ali, parados à porta do restaurante por quilo. Gente e mais gente pedindo licença e nos ultrapassando, na fila... Eu estava comovido.

Giovani dava outra e mais outra risadinha, balançando a cabeça, também sem jeito de falar.

— O conto do concurso... E você vai mandar, Tadeu? Ele tá bom mesmo, você conseguiu?

Está danado de bom, amigo. Está profissional. Sei que isso é o melhor que posso fazer — e não é pouca coisa. Sei também que agora ninguém me segura e eu vou ter de ser aquilo que a gente vive falando, cara. Vou ser um escritor, nem que pra isso venda a alma ao diabo, porque é um tesão escrever.

Claro que não disse nada dessas bobagens. Só me sentia corado feito uma donzelinha diante de um cara de calças arriadas e de pinto duro. Morria de ansiedade, queria que ele rasgasse o envelope e fosse lendo com a mesma fúria com que eu havia escrito o conto. Queria que ele dividisse a história comigo, e, se ele era mesmo meu amigo, teria de entender o que eu sentia...

Mas ele só enfiou o envelope debaixo do braço. Falou que ia ler depois, com mais calma. Disse que ficava feliz por mim. E perguntou sobre a inscrição.

— Que inscrição? — falei.

Seguimos para pegar o bandejão, e fiquei chateado ao ver que Giovani colocara o envelope sob o prato, como se fosse uma toalha qualquer de papel.

— Acabou sábado, 4 de novembro... Era pra ser dia 31, a faculdade prorrogou o prazo, pegou todo o fim de semana prolongado... — ele falava e me olhava, cada vez mais sem graça. Eu devia estar com uma cara de merda tão grande, ele gaguejava: — É, Ta-tadeu... a secretaria da faculdade ficou aberta até as dez da noite... A gente só se viu na terça-feira, eu nem falei nada... Eu pensei que... Ah, cara! E, depois, eu viajei com meus pais... Senão, eu telefonava... Ah, é! seu cunhado nem tem telefone! E aí... aí... o seu parente emprestou a grana? Você fez a inscrição? — ele terminou de falar, muito baixo e sem graça. Como se ele tivesse alguma culpa pelo término do prazo da matrícula e pelo triste fato de que eu *havia me esquecido completamente da inscrição.*

— Eu não fiz.

— Pô, Tadeu... — ele ia enchendo seu prato de verdura, e eu senti que meu rosto ficava mais e mais quente.

— "Pô, Tadeu... pô, Tadeu!" Agora deu pra passar bronca? Não enche, cara! Não me inscrevi, pronto! Não deu tempo, não arrumei o dinheiro. Fiquei trabalhando no conto, meu! Fiz aí uma história que acho que está do caramba e você...

Cacete! Os olhos ficaram ardidos pra burro — eu ia chorar feito um babaca? Eu estava puto com ele.

Parece que finalmente meu amigo Cactus entendeu a minha decepção com a faculdade e a importância da história. Tirou o envelope de sob o prato, colocou-o ao lado e, antes de atacar a comida, folheou os papéis, falou:

— Aconteceu no Dia das Bruxas, é?

— É.

— Gozado, né? Dia 31 foi o dia em que a gente se encontrou... terça-feira. O mesmo Dia das Bruxas...

O mesmo dia em que havia varado a madrugada reescrevendo o conto. E não achei nada gozado, nem por um instante sequer. Era uma coincidência que não me interessava...

Naquele momento.

2. Acho que dá pra entender minha raiva e decepção de Giovani na segunda-feira. Mas acho também que dá pra perdoar meu amigo, se a gente pensar em como éramos e como aquele conto pôde ser um "divisor de águas" em minha vida.

Nós podíamos nos encontrar desde os catorze anos na escola noturna e passar horas contando filmes e enredos de livros um para o outro. Podíamos rir quando alguma história apresentava um defeito e adorávamos fazer resumos do que pretendíamos escrever... *um dia.*

Porque, na verdade, o que fazíamos era nos dar promessas. *Um dia,* Giovani ia contar a saga de seus avós italianos chegando ao Brasil... *um dia,* Tadeu ia criar contos de terror tão assustadores quanto os de Edgar Allan Poe... e a tevê? Por

que não sonhar em escrever um roteiro de minissérie, de novela? Nos devaneios muito entusiasmados, por que não fazer aquele curso de inglês e propor um roteiro para o Spielberg? O que nos impedia de *sonhar*?

De *sonhar*, nada. Mas enquanto a gente ficava na promessa e no sonho, não tínhamos de provar nada a ninguém. Eram desejos como os do moleque que gosta de futebol e acha que vai ser um craque quando crescer. Imagine o ódio do vizinho do Pelé, quando percebeu que o crioulinho podia mesmo ser bom... era mais ou menos por aí nossa relação com os textos e os sonhos.

Eu tinha mudado isso. Tinha feito mesmo o conto, e ele poderia ser bom. Ia enviá-lo ao concurso, e talvez — era um danado de um *talvez — eu tivesse razão*, pudesse rir de tudo aquilo, não é mesmo? E me revelar um autor de verdade.

Giovani era meu amigo e é provável que, se ele gostasse mesmo da história, me desse os parabéns e ficasse contente por mim. Mas ele também era humano, e por que não poderia estar com ciúmes?

Hoje entendo melhor essas coisas e fico chateado por não ter falado com ele sobre isso. Naquele almoço, Giovani acabou pagando a minha sobremesa, agarrou o envelope com ambas as mãos e prometeu:

— Leio hoje mesmo, Tadeu. Pode deixar. A gente conversa logo sobre ele. Amanhã mesmo, tá bom?

Só voltamos a nos ver na semana seguinte, e aí muita coisa já ocorrera...

3.

Enquanto almoçava com Giovani, nem sabia que o acidente já tinha acontecido. Só fiquei sabendo duas horas depois, quando recebi o telefonema nervoso de Marga e entendi mais ou menos o que ela dizia, o nome de Iltinho, em meio ao choro.

Consegui logo a dispensa e me informei do trajeto para ir ao Hospital Infantil de Vila Meire.

Margarida estava sentada na sala de espera. Havia um enorme quadro de Cristo com os braços abertos, bem sobre sua cabeça. Aquilo parecia mau agouro, como se o Cristo estivesse à espera de alguém para tirar da Terra. Olhei do retrato para minha irmã, e ela estava tão mal... parecia mais agoniada do que a figura do quadro.

— O que foi, Marga?

— O Iltinho. Ele tá lá dentro... na UTI. Sei lá, Tetéu. Sei lá se ele sai vivo.

Eu me sentia dividido, idiota... De uma maneira como nunca havia pensado muito, gostava dos sobrinhos. Com aquela irresponsabilidade de solteiro, que às vezes dá uma bola no Natal e mais se irrita do que brinca com eles, quando as crianças fazem bagunça no quarto. Mas supor que um menino de dois anos pudesse *morrer*...

— E a Edilene?

— Foi buscar roupa, lá em casa. O menino deve ficar no hospital. Se é que num vai...

Marga não completou a frase e começou a chorar, alto. Eu tateei os bolsos, procurei um lenço, passei para ela. Olhava as pessoas sentadas na sala de espera, um e outro desviou os olhos. Achei que ajudava mais se fosse me informar com alguma enfermeira.

O tempo foi longo e lerdo. Ninguém aparecia para explicar o que realmente acontecera, minha irmã só repetia o que Edilene lhe havia dito sobre o acidente. Marga desconhecia também outros detalhes, mas o pouco que ela me contou já era de arrepiar os cabelos...

O médico confirmou, pelo fim da tarde, que o menino escaparia com vida, sim. Muita sorte. Afinal, uma criança de dois anos... Tinha caído da janela e até aí a coisa não era tão complicada: morávamos numa casa térrea. Só que havia uma grade de ferro pontuda, meio metro abaixo da janela. A queda fez o garoto enterrar o ombro no espeto.

— Por meio centímetro o ferimento não atingia uma área vital — falou o médico, um rapaz poucos anos mais velho que eu.

— Como é que ele pôde cair assim, doutor? O menino é tão novinho, ele nem anda direito...

Seu rosto veio sério sobre mim. Sério demais.

— O senhor estava lá?

— Não. Eu cheguei agora de tarde, minha irmã ligou...

— Parece que ele caiu. Caiu com força sobre a grade.

"*Parece.*" O doutor falou "*parece*", me olhou sem sorrir e foi embora. Um menino cai de uma janela, de pouca altura, escorrega... Será que seu peso é suficiente para fazer com que ele se enterre numa ponta de ferro meio rombuda? Agora, se ele tivesse sido *empurrado*...

Senti que ficava pálido. Senti o estômago dando voltas, e o arroto foi um alívio que disfarcei com a mão sobre a boca. Marga continuava na mesma cadeira, o tempo inteiro ali, falando baixinho algo que podia ser uma reza. Tentei saber mais detalhes do acidente, mas ela só perguntava quando poderia ver o menino. As enfermeiras diziam que na UTI não eram permitidas visitas.

Edilene chegou pelas oito horas da noite, com Adaílton. Meu cunhado estava sóbrio, o que era raro. Tinha o cabelo úmido e as olheiras estavam menores. Falava devagar e mal olhou pra mim.

Edilene não me encarou também. Contou o acidente com um tom de voz "pálido", vamos dizer assim. Monocórdio. Repetindo sempre as mesmas palavras. Quase um discurso decorado.

— Criança é danada pra ter acidente. Eu tava na cozinha, dei almoço pros maiores. A Marga num tava, é dia de fazer faxina na casa dos otros, né, e eu tenho de cuidar das crianças em dia de faxina. Tava dando almoço. Aí chegou a hora da escola, o Maikol e o Luquinhas tinham acabado de sair com o menino da vizinha. O Adaílton tava no banheiro,

tinha chegado fazia pouco. Ele num tava em casa, de manhã. Ainda não tinha almoçado, não. Sei lá como o moleque subiu na cadeira. Só ouvi a gritaria. E aí, aí... Eu já vi o Iltinho no quintal. Tinha caído pela janela. Deus me livre. Tava espetado naquela grade do quintal.

Ela ficou um pouco mais pálida ao falar do quintal. E logo repassou o acidente para outra pessoa:

— Eu gritei, gritei... Num posso ver sangue. Num posso ver sangue, pô! Ia fazer o quê? Aí apareceu o filho da dona Ermelinda, o Chico. Foi ele que tirou o Iltinho da grade. Deus me livre, quanto sangue... foi o Chico também que deu carona até aqui. Avisei a Marga, ela veio pra cá.

Tinha alguma coisa errada naquilo tudo. Minha irmã podia ser ingênua demais, e talvez preferisse continuar na sua crença de que acidentes acontecem, mas, ah, que me desculpassem... Eu via como Edilene e Adaílton se olhavam.

Edilene não estava propriamente nervosa por ter-se descuidado de um bebê. Não. Ela *mentia*. Já havia reparado antes, quando Edilene enrolava alguma desculpa furada e descaradamente nos mentia, ela mordia a pele por dentro da boca, um gesto feio. Um gesto que diminuía seus lábios grossos e lhe dava uma expressão de velha, uma cara... Uma cara que talvez ela tivesse aos quarenta anos, se sua vida fosse uma merda e ela tivesse de cuidar de filhos ranhetas de um marido filho da puta e perdesse seu corpo de garota-tesão da vila.

O que penso que aconteceu? Como posso ter certeza do que aconteceu? Edilene deveria mesmo estar na cozinha, com os mais velhos... Eles devem ter saído para a escola, era seu horário. O nenê chorava. Iltinho talvez estivesse no berço, ou no chiqueirinho do quarto dos pais, que é onde a Edilene larga ele, pra não ter trabalho...

E digamos que o menino estivesse chorando. E que Adaílton estivesse muito bêbado: afinal, se ele tinha saído pela manhã, devia ter ficado no boteco o tempo todo... Meio-dia.

Por quantas horas pode ter bebido antes de voltar para "o seu lar" e topar com o caçula berrando?

Não sejamos maldosos a ponto de imaginar que ele atirasse um bebê pela janela, ou quisesse "dar um castigo" em criança tão novinha... Não. Podemos pensar em coisas mais suaves. Talvez ele só quisesse fazer um agrado no pequeno, ou pegá-lo no colo. Jogar o menino pra cima, algo assim... Um carinho. Mas ele estava bêbado e tropeçou, quem sabe deu uma topada na cadeira...

O menino caiu pela janela.

Pontas afiadas sob a janela.

Como posso ser tão *mau*, indo ao extremo de imaginar isso? Como posso atribuir a meu pobre cunhado tamanha irresponsabilidade?

Não podia provar, claro que não. Podia lembrar dos olhares entre Adaílton e sua irmã; a *culpa* não o deixava sóbrio, medroso? E Edilene, não falava sempre a mesma coisa e não repetia, mil vezes, "criança é danada pra ter acidente"? Ela desviava os olhos, mordia a boca. Ali tinha alguma coisa mais.

E depois, bem depois, outras coisas aconteceram, envolvendo essa mesma janela. Por isso, acho que o acidente antecipou os fatos.

A mesma grade de pontas afiadas que fazia a divisa entre o terreno de Adaílton e o de seu vizinho... Um pedaço de terreno que seguia além do descampado. Tão pouca gente passava por ali. Por isso, o vizinho gradeara o espaço com ferro: pra evitar arrombadores, intrusos...

Aquela janela na casa de Adaílton quase nunca era aberta. Meio metro abaixo, o pontiagudo do ferro... *casualidade*? Destino, ironia? Não sabia dizer naquele instante. Sabia apenas que o acidente tinha acontecido.

Mais tarde, essa mesma grade e mesma janela puderam ser muito importantes... Elas estavam *ali*, e o acidente com o menino vinha marcar sua presença na pequena história que ainda estava por vir.

4. O menino escapou. No dia seguinte já estava num quarto comum e, para alívio de Marga, o doutor dizia que sua recuperação seria total.

Pode-se imaginar como a semana foi confusa... Minha irmã largou os filhos maiores nas mãos da cunhada e ficou a maior parte do tempo no hospital. Ligamos interurbano para Vila dos Onofres, na casa da irmã mais velha, Madalena. Ela avisou mamãe, papai. Falei com eles minutos contados, conta interurbana é tão cara... Falei e ouvi dezenas de "graças a Deus" e, no fim, mamãe disse que esperava uma chance e viajava para ver o netinho.

No mais, nos ajeitamos. Uma vizinha deu uma ajuda em almoço, e eu mesmo comia qualquer coisa na rua, antes de ir para casa.

Adaílton parecia mudado — não bebeu, durante aquela semana. Certa noite, eu o ouvi conversando com Marga, e sua voz estava tensa, como de alguém choroso. Pedia perdão, jurava que "não ia mais fazer aquilo".

Falava sobre a bebida? Foi o que pensei naquele dia. Hoje, não teria tanta certeza. E, se ele tinha se tornado abstêmio, era mesmo quase um milagre: meu cunhado nunca viu a bebida como um mal em sua vida. Se não estávamos tendo um sinal de remorso, o que seria?

Giovani soube do acidente e se ofereceu para ajudar no que eu precisasse. Agradeci. E nem tentei perguntar do conto. Para falar a verdade, quase o evitei por aqueles dias.

Confesso que, até meu sobrinho estar bom de novo, não tive vontade de lidar com os textos. Era um sentimento estranho, como se não fosse justo eu me divertir enquanto as coisas não voltassem ao normal...

Sábado de manhã Iltinho teria alta, finalmente. Meu cunhado combinou com um amigo, que tinha carro, para buscar o menino.

Fiquei sozinho na casa. Até as crianças tinham ido brincar num vizinho. Tentei ver tevê, pensei mesmo em adiantar o

almoço, mas não sabia como fazer isso... Era estranho ver aquele lugar sem ninguém, ainda mais pela manhã.

Eu olhava para os móveis simples, o retrato da *Santa Ceia* sobre a mesa da cozinha, os vários paninhos bordados que Marga espalhava pelo sofá, e me peguei incomodado, quase comovido. Uma vida simples. Sem vôos de imaginação, desejos resumidos ao dia-a-dia. Talvez eu estivesse me despedindo, naquela ocasião. Nem poderia imaginar que ficaria morando ali, com eles, só por mais um mês... E, claro, nem em meus piores pesadelos poderia antecipar quais *forças* iriam me obrigar a sair da casa de Adaílton...

Tentei fazer alguma coisa. Ficar ocioso nunca combinou comigo. Achei que dava para ir até o orelhão marcar um passeio à noite com o Giovani. Acabei carregando o jornal até meu quarto. E fui lendo as notícias, meio disperso, no ar.

Lembro da impressão que a matéria me causou naquele dia. Não era para ocorrer isso. Afinal, era apenas uma matéria publicada na seção "Interior". Nada de chamadas no primeiro caderno, nada de grandes enfoques: apenas duas fotos sobre a reportagem. Uma da casa grande, com muita vegetação subindo pelas paredes e a pequena torre encimando o sobrado, antes do telhado. E o retrato bem nítido da matriarca falecida.

A CAMA DA DISCÓRDIA

(SÃO CARLOS DO ARRAIAL — SP) Após o falecimento da Srª Anacleta Gutierrez, 73, no dia 5 deste mês, sua família começou uma insólita disputa pela herança. No espólio da falecida constam bens como a conhecida Casa da Colina *(foto)*, ações da Companhia de Hotéis Ribamar e uma frota de 8 táxis. Mas não são esses os motivos da discórdia familiar e, sim, uma cama...

Os filhos da falecida, a Srª Albertina Gutierrez, 52, solteira, e o Sr. Adalberto Gutierrez, 44, casado com a

Srª Fabíola Gutierrez, 40, parece que se entenderam sem maiores problemas na partilha dos bens da matriarca; mas, quando o Sr. Adalberto chegou à Casa da Colina para retirar a cama, um móvel de mais de cem anos, que lhe cabia como herança, deparou com a recusa sistemática da irmã em entregar o objeto.

Dona Albertina alega que a cama é peça fundamental da casa e sua saída configura uma descaracterização do imóvel, que foi tombado pela Prefeitura ainda em vida de dona Anacleta. Ela sugere uma permuta, mais vantajosa para o irmão e a cunhada: a cama permanece na casa, e o casal fica com várias jóias da falecida.

O texto apresentava um final cômico, sugerindo algum ataque de doidice da solteirona, para trocar a cama por bens aparentemente mais valiosos.

É verdade que havia um lance engraçado naquela história, mas ela também permitia outras variações... *por quê*, afinal de contas, alguém queria tanto uma cama, que chegava a disputá-la a ponto de virar notícia em jornal?

Era uma boa idéia. E, naquela manhã, funcionou como um *estalo*. Li e reli a notícia, andei pelo meu quarto, fui à janela e fiquei um bom tempo encarando o limoeiro. *Uma boa idéia... por que alguém ia querer uma cama? Um dos filhos, o tal Adalberto? E se houvesse netos da tal Anacleta? Uma das netas, e se ela... se ela soubesse de alguma coisa mais sobre a cama?*

De que jeito, por quê? Acendi um cigarro, fiquei indo e voltando da minha cama à janela, e pegava o jornal, e conferia o nome da família — Gutierrez, espanhol. Tinha alguma coisa estranha, exótica, a respeito de espanhóis?

Associação de idéias: *Espanha — Inquisição — Bruxas... Bruxas...*

Uma idéia puxa outra... e sentei-me ao computador. Surgia meu segundo conto.

6

A CAMA DO AMOR

1. Bianca olhava a cama pelo espelho do quarto. Seu coração batia forte, emocionado... A cama era dela, depois de tudo que tivera de passar para ser sua proprietária — e do que ela pudesse conter.

Bianca penteava vagarosamente o cabelo, naquela noite de sexta-feira, e suspirava. Logo estaria dormindo nela, na cama. Olhava seu rosto bonito: os longos cabelos castanhos e crespos, os olhos escuros, amendoados como os dos felinos, a boca carnuda... e via com prazer o reflexo da cama alta, cujos pés subiam além das bordas do móvel, para conter a cortina, que envolvia a cama dos quatro lados. Era uma cama com dossel, e nisso ela se assemelhava a camas de princesas dos contos de fadas ou àquelas vistas num museu, em dia de visita escolar, meses atrás.

Meses atrás, pensou Bianca, passando devagar a língua pelos lábios, sorrindo para si mesma no espelho. Qualquer colega de escola, se a visse agora, tal-

vez não a reconhecesse. Passaram-se alguns dias, uma semana, apenas... e Bianca deixara de ser uma adolescente nervosa, roendo unhas, com sérias preocupações sobre conquistar ou não um rapaz como Carlinhos, para se transformar... no quê? Em mais do que uma mulher.

2.

Tudo começou com a morte súbita de vó Anacleta. A velha estava com mais de setenta anos, mas tinha boa saúde. Foi uma surpresa para todos e mais ainda para a tia solteira de Bianca, Albertina, uma cinqüentona calada que vivia desde sempre em companhia da mãe. Seu telefonema veio de madrugada e transtornou o fim de semana da família...

— A gente vai já pra São Carlos do Arraial — falava dona Fabíola, arrumando malas e acordando o caçula, Fábio. — Coloca gasolina, Adal, veja se acha um posto aberto...

O pai de Bianca e de Fábio, Adalberto, tentava arrumar desculpas, ver se adiava a viagem por algumas horas. Sua esposa nem deu margem a discussão:

— JÁ, ADALBERTO! Sua mãe morreu tem duas horas... se eu conheço aquela víbora da sua irmã, a casa não tem mais nada até o meio-dia de amanhã.

Bianca tentou argumentar também. Quem sabe ela e o irmão poderiam evitar ir ao enterro? Tinham aula e iam faltar, enterro era coisa macabra, eles mal viam a avó...

A mãe nem quis ouvir. Eram duas e vinte da madrugada de quinta-feira. Se tudo corresse bem, às seis horas estariam na cidade, ainda a tempo de ajudar no funeral, como hipocritamente afirmava dona Fabíola. Ela queria mesmo era proteger a herança... afinal, só Adalberto e Albertina eram os filhos da velha Anacleta e seus legítimos herdeiros.

Fazendo a mala e encarando o caçula choroso e sonado, Bianca sentia em si todos os ódios do mundo.

Mais do que o velório ou a viagem demorada, os parentes chatos ou a convivência forçada com o irmão caçula, o que a irritava mais que tudo era faltar ao cinema no sábado, tão duramente acertado com Carlinhos. Carlinhos, o rapaz loiro e bonitão, o paquera de todas as meninas da classe, que tinha uma boca grossa e úmida e fazia Bianca se arrepiar, só de imaginá-lo beijando e mordendo sua nuca...

Se Bianca pudesse ter uma bola de cristal! Se ela adivinhasse o que a esperava na casa da avó... ela provavelmente daria risada. Daria muita risada ao imaginar que pudesse, um dia, ter interesse por um rapaz boboca, com apelido em diminutivo e que lhe dava tesão por passar a língua apenas em sua orelha...

Afinal, preparativos acertados, carro na estrada. Adalberto dirigia devagar, parava em tudo quanto era posto de gasolina, confirmava mapa. Fábio dormiu a madrugada inteira. Bianca não conseguiu pregar os olhos, ouvindo a conversa da mãe sobre a herança:

— Aquela casa tem setenta anos, Adal. A gente não vai lá tem o quê, sete anos? Oito? Só no batizado do Fabinho. E já era aquela beleza, com tanto móvel velho, prataria... Vi na feira de antiguidade: tem antiquário que paga duzentos dólares por uma fruteira. Uma só fruteira, Adalberto!

Era essa a conversa da mãe.

3.

A casa era impressionante. Muito mais do que a memória infantil de Bianca poderia reter. Era um sobrado de três ou quatro andares, em meio a um terreno de seus cinco mil metros quadrados. Na frente, um jardim exibia rosas e muitos pés de hera. A hera subia decidida por toda a fachada, tornando-a uma casa verde... a Casa da Colina, como era conhecida pela região, tombada pela prefeitura anos antes, para orgulho imenso da moradora, dona Anacleta.

A família Gutierrez desceu do carro. O vento frio das seis da manhã fez Bianca se arrepiar.

Se a vista era bonita dali da calçada, imagine como seria do alto da varanda, no terceiro andar! Na verdade, a varanda terminava com um detalhe em ponta, como uma torre de castelo. Dali, um vulto de mulher, vestido totalmente de negro, acenou para eles. Era tia Albertina.

— Vocês tratem de fazer cara triste. Todo mundo cumprimente esta velha direito, hem? — falou a mãe, ajeitando a blusa de Fabinho com um repelão e limpando o excesso de batom dos lábios de Bianca.

Bianca se assustou com a tia. Primeiro, porque a mulher tinha olheiras marcantes, que deixavam seus olhos muito fundos e ainda mais brilhantes. Depois, pela semelhança... Bianca parecia uma versão jovem e passada a limpo da tia. Era impossível não imaginar ambas como pertencentes à mesma família. Pele branca, alva demais. Cabelos escuros, em grande quantidade, com a raiz nascendo em meio à testa pequena. Olhos amendoados, apesar de que a tia depilava toda a sobrancelha e ganhava um contorno egoísta, mau, para seus olhos. Bianca não depilava nada e tinha sobrancelhas fortes, unidas quase em cima do nariz. Nariz muito fino, para a frente. E lábios carnudos. Apesar de que os da tia eram apertados num hábito de velha, mordendo sempre a boca, comprimindo-a para dentro.

— B'dia — falou a mulher, com sotaque caipira. — Ocês chegaram cedo, nem café tem...

— Não precisa, dona Albertina... — falou a mãe de Bianca. — A gente é de casa, não tem problema...

Nem esperaram pelo café. A tia foi falando sobre o velório na capela ali perto, de onde só saíra naquele instante, para se trocar. Fabíola insistia em afirmar que o marido não via a hora de se despedir da mãe...

Largando "as crianças" no sobrado, os adultos foram à capela. Bianca ficou para cuidar de Fabinho. E

Fabinho tratou logo de se aventurar por um casarão daqueles, pronto para ser badernado...

4.

Fabinho fez surfe sobre os tapetes da sala, mudou todos os bibelôs de lugar, corria atrás dos inúmeros gatos da casa... O barulho que ele fazia estendia-se em eco pelas paredes antigas; parecia mais um batalhão de crianças espalhado pelos cômodos. Bianca ainda tentou reprimir, com boca mole: "Cuidado com o vaso... não escorrega no tapete... olha a bronca da mãe..." — aí se encheu de bancar a babá.

Foi ao segundo andar. Subiu por uma escada repleta de quadros e retratos, pendentes de paredes decoradas com papel florido. Ao longo da escada, estátuas e vasos de metal. Bianca foi reconhecendo que talvez a mãe tivesse razão. Aquela podia ser uma rica herança, com objetos antigos.

Entre duas portas fechadas, no andar de cima, havia uma aberta totalmente. Um quarto. Da janela se viam os telhados de São Carlos do Arraial, os morros que circundavam a cidade, o brilho de uma represa no horizonte. Uma vista bonita, calma.

Mas o que realmente fez o coração de Bianca disparar, mal a tendo visto, foi a cama. A antiga cama de cortinado, que protegia dos olhares externos quem ali dormisse.

Bianca estava cansada. E a cama era um doce convite. Por um instante, encostou-se no acolchoado macio, nos travesseiros de penas de ganso. Ainda ouviu os gritos do irmão, no térreo... depois, os sons diminuíram. Bianca fechou os olhos.

A moça havia tirado as sandálias, largou-se na cama. Devagar, muito timidamente, entre os dedos dos pés, ela começou a sentir. Um movimento suave, circular. Um contato leve, entre seus dedos. Naquela névoa do quase cochilar, Bianca sentia a soneira boa... O carinho se acentuava.

Era como se uma língua morna se esfregasse por entre seus dedos. Depois, a sensação desceu pela planta dos pés, concentrando-se em lugares que se arrepiavam... "Um gato?", pensou ela, suspirando. Aquela casa tinha tantos gatos, será que um deles... Bianca dormia, era isso? Dormia... e sonhava...?

Mas a idéia começou a se fazer mais forte, afastando o sono e a tranqüilidade do repouso com sua lógica. Se era um gato, como ele poderia lamber ambos os pés? Como o carinho vinha mais decidido, mais envolvente?

Quando Bianca sentiu o toque no seio esquerdo, ela sentou-se de vez, decidida, na cama. Abriu os olhos.

Só a brisa, vinda pela janela. Só uma gargalhada infantil de Fábio, no andar de baixo. No quarto, nem sinal de gente ou de bicho.

Medo. Um medo denso envolveu a garota, escorreu gelado por sua espinha. Um medo que se misturava à sensação agradável que subira por seu estômago, que ardia entre suas coxas... desejo.

Bianca ergueu-se da cama, foi devagar até a janela. O calor entre suas pernas misturava-se com o calor na nuca, o frio nas mãos suadas. Enquanto ela olhava para o horizonte, ou tentava ver se o irmão estava no quintal, ela ouviu.

Não era só a brisa. Ouviu um sopro, muito breve... Alguém suspirava.

Como Bianca correu! Passou pela porta do quarto, quase escorregou num tapete no corredor, encarava os olhos dos retratos como se eles a estivessem criticando, o coração batia mais forte, a casa toda era tão grande e vazia... não, vazia, não. Ela tinha certeza. Havia alguma coisa. No quarto. Na cama?

Chamou por Fabinho e pelos pais. Só o irmão respondeu, voz abafada de quem está longe na casa.

Bianca continuou andando depressa, descalça. Ainda tropeçou mais vezes pelos corredores tão bem encerrados... Foi achar o caçula num quarto ao fim do corredor, já próximo à porta dos fundos, perto do quarto da empregada, vazio — ela também estava no velório. Fabinho tinha encontrado o escritório, amplo, com prateleiras repletas de livros. Uma grande mesa dominava a sala: seus pés entalhados mostravam caras de ferozes leões.

O menino de nove anos olhava um livro grande, aberto na mesa. Ele sorria. Tinha o rosto vermelho, o cabelo arrepiado. Olhou assustado para a irmã, quando Bianca entrou. Ambos pareciam estar vendo fantasmas.

— O que foi, Bibi? — falou o menino, fechando depressa as páginas.

— O que você estava fazendo? — ela perguntou, pressentindo arte naquele gesto do irmão.

— Num é nada, num é nada mesmo! — o menino praticamente havia jogado todo o corpo sobre o livro grosso, protegendo sua capa com ele.

Ouviu-se o ruído do carro do pai. Bianca alisou seu cabelo comprido, começou a sentir as lágrimas nos olhos. A sensação no estômago havia diminuído, mas continuava sentindo ali um latejo, semelhante ao de cólica menstrual. Sentou-se numa das cadeiras de pés de leão.

O irmão, depressa, carregou o livro para uma estante afastada e começou a chamar pelo pai. Quando seu Adalberto chegou, viu a garota pálida, o rosto molhado de lágrimas.

— O que foi, minha filha? O que aconteceu?

O que ela podia dizer? Que estava com medo? De um gato invisível que dava tesão nos seus pés? De dedos invisíveis que acariciavam seu seio e depois... Como ouvira o suspiro, assim, vindo do nada, no quarto? Eram fantasmas? Era a avó Anacleta, protegendo seus domínios?

Ou apenas sono, cansaço de viagem, rotina alterada?

Preferiu mentir: chorou alto. Um choro de alívio. E disse que estava com dó. Que sentia saudades da vó Anacleta, coitada, que cuidava tão bem da casa...

Seu pai a abraçou e, pela única vez naquele enterro, também ficou comovido com a falecida. Entredentes, xingou-se de insensível e materialista, e prometeu que mandaria rezar várias missas pela alma de sua mãe.

5.

O enterro só aconteceu às quatro da tarde de sexta-feira. Muitos parentes vieram de cidades distantes; dona Anacleta era muito estimada na cidade, houve discursos...

Durante todo o tempo, Bianca se sentiu distante da cerimônia. Infantil e tola, na verdade. Deveria ter contado a alguém sobre o suspiro? Mas ela o teria mesmo ouvido? E a carícia, que sentira em seus pés, era sua imaginação?

Tinha sido um gesto tão sensual, tão dedicado... e algo lhe dizia que aquele não seria jamais feito pelo fantasma da avó, por exemplo. O autor do gesto podia nem pertencer a este mundo, mas seria uma presença masculina.

Jantaram na casa de vizinhos. Na hora de dormir, surgiu o primeiro de vários conflitos familiares. Por tudo e qualquer coisa, Fabinho sumia e se trancava na tal biblioteca, onde Bianca o havia encontrado com o livro, e isso irritava demais tia Albertina. O pai tentava ser boa gente e aceitava os arranjos feitos pela irmã, para logo se desdizer, apoiando a esposa — esta vinha mesmo decidida a impor sua presença... Até o nome da casa começava a mudar. Agora, dona Fabíola não a chamava Casa da Colina, mas tratava as coisas como "espólio da dona Anacleta".

— Tia... mãe... — falou Bianca, forçando o bocejo. — Tô com um sono danado. Tem um quarto ali em cima, lá no meio... uma cama com cortina. Se eu puder dormir agora, eu queria ficar lá.

Bianca fingia desinteresse e casualidade em escolher o quarto. Tia Albertina reagiu como uma fera.

— Ocê fala do quarto da mãe? O quarto da minha mãe? Nunca ninguém durmiu lá.

— O que é que tem? — defendeu Fabíola, os braços apertando lençóis e cobertores. — Dona Anacleta morreu mesmo, o que é que tem a menina ficar lá?

A tia ficou mais pálida. Os lábios se comprimiram a ponto de a boca parecer um coração, aqueles lábios desenhados, das artistas de cinema mudo.

— Tanto quarto já arrumado, aqui na casa. Tudo limpo.

Por um instante, Bianca pensou em desistir. Em acreditar realmente que seu pressentimento era bobagem, que dormir no quarto da falecida era trazer fantasmas. Mas a moça também teve outro pressentimento. O de que a tia era uma rival, de que ela e a tia não eram diferentes, ao disputar... o quê, mesmo? Ela não poderia saber, ainda. Mas queria brigar por aquilo a que tinha direito.

Bianca sorriu e falou:

— Ah, tia. Aquele quarto parece superarrumado. A vovó não morreu no hospital? Eu até tirei um cochilo, de manhã, naquela cama...

Que Deus a livrasse do olhar mortal da tia. Olhar que acompanhou sobrinha e cunhada, quando a decidida Fabíola completou:

— Se a menina gostou do quarto, ela fica ali e pronto.

Subiram escadas, a mãe ainda andou pelo local, confirmando com prazer a antiguidade da cama, dando um beijo no rosto de Bianca e desejando-lhe uma boa noite.

6. Como Bianca poderia ter uma boa noite? Como podia controlar o coração em seu ritmo de caçador, à espera do desconhecido? Como era possível relaxar, se por qualquer ruído mínimo a garota levantava-se, investigava sob a cama, dentro do armário, pela janela...

Por algum tempo, olhou a paisagem noturna. Pela janela, vinha a brisa leve, ela via árvores se movendo a distância, o brilho da lua na represa, no horizonte... a paz foi chegando. Bianca podia jurar que tudo era bobagem, sonhos e impressões adolescentes causadas por uma casa velha.

Ainda por uma última vez olhou os cantos do quarto e afinal deitou-se. Na sala, haviam acabado de desligar a tevê — talvez fosse perto de meia-noite. Só restaram os ruídos comuns a todas as casas depois de certa hora: geladeira ligando, tosse de alguém que começa a dormir, um ronco mais ritmado de quem dorme pesado.

Em meio a esses sons discretos, Bianca começou a ouvir uma melodia. Uma flauta, som fino e trinado, bem em seus ouvidos... um som que, devagar, quando ela já começava a cochilar, transformou-se em uma frase: "Fica nua".

Bianca dormia. Dormia, mas foi devagar escorregando a camisola pelos ombros, descendo o pano macio pelas pernas... rolando pelo colchão e afastando a calcinha. Colando todo o corpo nu na pele da cama...

O contato total de seu corpo fazia com que o colchão ganhasse outra espessura. Não era mais pano ou mola. Era uma pele morna, que transpirava... a cama subia e descia sob a respiração sonada da moça, como se ela estivesse dormindo sobre o ventre de um animal que também ressonasse. Aos poucos, o bicho foi-se excitando com o contato de pele de mulher em pele de...

Cama? Porque, aos poucos, a música se tornou mais ritmada, e o som seguia o de uma respiração. Bianca sentia o corpo todo subir e descer sob esse ritmo, e a cama movia-se embalando seu corpo com o contato mais intenso nos lugares em que ele mais se excitava.

A cama ganhava um contorno de pênis, à altura dos quadris de Bianca... um falo enorme esfregava-se entre as coxas da moça, que gemia... que foi devagar cavalgando aquele membro feito de lençol e vibrando como se existissem músculos endurecidos sob o pano.

E mãos. A cama ganhava dedos, bocas, palmas... todos os toques começaram a surgir dali, acariciando devagar os seios pequenos de Bianca... eram dedos a titilar bem sobre seus bicos duros... lábios vindos de dentro do pano surgiram, soprando em sua nuca, arrepiando a pele de seu umbigo, bafejando macio em suas narinas e caçando sua boca para lhe dar beijos de língua, uma língua surgida do nada, do nada-tudo que era a cama.

E Bianca dormia. Teria certeza de que tudo lhe vinha em sonhos. Ao mesmo tempo que sentia profundamente as sensações de posse e gozo. Porque a cama começou a aprofundar as carícias... a cutucar seu ânus e vagina com mais empenho, dois membros salientes vindo à procura de seu sexo...

Bianca foi gemendo, mais alto... Nunca tinha sentido nada parecido, em nenhum outro sonho! Tantos dedos, e bocas, e membros, e carne, e corpo... Bianca abriu-se toda na cama, largou-se inteira, de pernas abertas ao máximo e gritou:

— Vem, homem! Vem!

E ele veio. Foi aquele instante brevíssimo em que tudo aconteceu: Bianca tinha o sexo receptivo, os braços largados para trás, presos nas mãos da cama. O membro grande deu a estocada com força, dentro

dela... os lençóis se moveram, cresceram sobre o rosto da garota... ela abriu os olhos... e o viu.

Um rosto de homem, cabelos e cavanhaque escuros e olhos muito brilhantes. Nariz grande, fino. Língua fora da boca, expressão de gozo e maldade. Estava feliz. Foi com alegria que ele se impôs, inteiro, dentro de Bianca.

Ela gritou. Abriu os olhos. O rosto sumiu em névoa, a dor em sua vagina serenou. Bianca colocou a mão lá, e os dedos voltaram vermelhos de sangue... soube que era seu, e que não era menstrual...

Ela se enroscou no lençol, apertando-o entre as pernas. Sensação de euforia e medo, vontade de chorar... mas por quê? Aos poucos, a cama foi embalando seu sono. Foi transmitindo paz. "Sonhos... são sonhos...", era essa a melodia que começou a zumbir em seus ouvidos...

E Bianca dormiu.

7.

Acordou com as pancadas na porta. Devia ser muito cedo; pelas cortinas passava o clarão avermelhado do nascer do sol. Tonta de sono, Bianca saiu da cama enrolando-se na camisola...

Era a tia. Tia Albertina olhou para seu corpo e rosto, investigando. Sem nada dizer, foi até a cama. Gemeu alto, quando viu a mancha sobre o lençol. Apertou os lábios, parecia chocada. Passou a mão trêmula por ali, falou em voz baixa muitas coisas...

Bianca encostava-se no batente da porta, sem saber o que dizer ou perguntar. Com a mesma rapidez com que entrou, a tia saiu. Uma só frase disse para a sobrinha:

— Ele é meu, mocinha. Ocê nem pense em tirar ele de mim — bateu a porta.

O resto da manhã foi estranho. Fabíola e dona Albertina discutiam sobre qualquer peça mais antiga. Depois do almoço, Fábio acabou indo visitar o sítio de

um vizinho, passou o resto do dia lá. Sob pressão de seu Adalberto, irmã e cunhada aceitaram a consultoria de um antiquário.

E para Bianca o tempo se diluía em meio ao cansaço e às dúvidas. Quem era aquele ser que a possuíra na cama? Por que o desejo tão sem culpa, adorável e intenso? Como os sonhos e a realidade podiam se misturar daquele jeito, fazendo com que as dobras de seu sexo latejassem, doloridas e desejosas de mais, mais penetração?

As perguntas eram muitas. E Bianca achou que as respostas podiam estar mais perto do que imaginava...

Antes da chegada do antiquário, Bianca foi sorrateira até o escritório. Lembrou-se de onde o caçula colocara seu livro grande. A moça logo o descobriu, entre vários volumes menores. Era um livro encadernado em couro vermelho, com um rosto de duende em alto-relevo na capa. As páginas estavam meio amareladas e havia tantos desenhos...

O idioma era latim, isso Bianca reconheceu; e pouco poderia entender. Ao ouvir passos, a garota escapou para o corredor com o livro e seguiu para o segundo andar, a tempo de ver que a família e o antiquário trancaram-se no escritório, prontos para discutir à exaustão o destino de cada peça do espólio.

Bianca tinha portanto a tarde livre. O livro e a cama à sua disposição. Foi feliz subindo as escadas, acenando para seus parentes nas fotografias. A expressão de seus rostos lhe parecia menos sisuda. Eram amigos, agora... ou seriam confidentes?

8.

Duas horas depois, Bianca sabia um pouco mais sobre a cama. Sobre sua família. E sobre quem — ou o quê — tomava conta da cama, em determinadas noites...

O livro tinha mais de setecentas páginas, que foram viradas e reviradas pela garota. Desenhos deta-

lhistas mostravam seres diabólicos, com pés de bode e imensos falos. Ou mesmo bonitos, de ombros largos e pênis imensos. O membro era sempre grande e ereto, quase ameaçador, e muitas vezes adorado, como se o Falo fosse o Deus, naquelas gravuras.

Bianca passava a língua pelos lábios, divertia-se vendo as ilustrações eróticas: uma figura era toda ela um imenso pênis, cavalgado por uma freira como se fosse cavalo... dois monges lambiam e esfregavam-se em outro totem erguido ao deus-falo, em uma catedral vazia... estranhos rapazes de seios grandes e pênis salientes dançavam sua dança hermafrodita, enquanto caralhos voadores se metiam por trás de suas coxas e um Rei-Pênis, sentado em seu trono, masturbava-se. Eram cenas excitantes, mistura de transgressão e desejo, imagens pagãs e pecaminosas.

Numa das páginas finais, Bianca o viu. E assustou-se. Era ele, realmente ele, completo, com seu olhar brilhante e cavanhaque, um rosto bonito, mais belo que o de qualquer homem comum. Ele cobria uma moça, na cama. Seu corpo saía de dentro dos lençóis da cama e seu pênis começava a penetração. Na ilustração do livro, não se via o rosto da moça — a gravura estava riscada, bem ali... Bianca só via seu corpo desnudo, e os detalhes mínimos de rosto e membro daquele homem-cama... e a palavra "*incubus*" escrita sob a gravura, além de outras.

Bianca ficou olhando o desenho, fascinada com a semelhança do homem. Sentia que seu sexo começava a latejar, ela se excitava. Passou os dedos sobre a gravura e, naquele instante, viu a mudança.

A imagem impressa começou, devagar, a clarear, como se dedos invisíveis estivessem apagando os rabiscos sobre o rosto. O rosto ficava nítido, apesar do amarelado do papel. Mesmo sem entender latim, Bianca pressentiu o significado daquelas palavras: "Amante de bruxa".

E naquele instante, no preciso instante em que Bianca leu a frase que rotulava o coito da moça na gravura... o rosto da moça desenhada na cama tornou-se o seu.

Foi Bianca quem gritou nesse instante?

Foi o grito maior, vindo do andar térreo, que a confundiu e a fez fechar o livro com força, o peso das páginas esmagando o desenho e dando eco ao baque, causando arrepios... O que mais? Os sons, ligeiros. Sons de passos apressados, pés batendo nos degraus da Casa da Colina...

Bianca viu a porta se abrir totalmente, rodar com força nos batentes. E, de pé, a figura terrível... a tia. O rosto pálido da mulher, que perdera a forma humana. Encarava a sobrinha com ódio mais do que possível. Colocou as mãos adiante, e Bianca pôde vê-las em detalhes. Pareciam galhos de árvore, finos e ameaçadores. Bianca sentiu o tapa em seu rosto. A voz esganiçada berrava:

— ELE, não! O íncubo, não! Aquela véia disgraçada... ela gritava de noite, gritava... e eu pensava que era doença. E ela... ela se divertindo! E agora, que ele devia ser MEU... Ocê, não! NÃO!

Bianca foi empurrada porta afora. No corredor, dona Fabíola pressionava para entrar, mas Albertina havia adquirido a estranha força do desespero. Bateu a porta de carvalho, virou a chave. A família ficou ali, esperando à porta e pedindo que a mulher a abrisse, enquanto esta berrava e chorava, só repetindo que "não, a cama não!"

Nada puderam fazer senão dar tempo ao tempo. O antiquário pediu licença e foi embora. Seu Adalberto tentou por todos os meios fazer a irmã abrir a porta. Nada.

A mãe exasperou-se. Ligou para a polícia, chegou mesmo a conversar por telefone com algum repórter do jornal local. Nem os vizinhos nem a empre-

gada da Casa da Colina convenceram dona Albertina a abrir a porta. Nas primeiras horas da noite, ainda resmungou sobre a posse da cama. Depois, ficou em silêncio.

Estavam em dúvida se chamavam ou não um serralheiro, quando a empregada ofereceu o jantar, às dez horas da noite. O convite para a refeição não teve efeito algum sobre a porta trancada e a mudez da tia.

Depois da meia-noite, quando finalmente resolveram dormir, parece que algum som veio do quarto. A velha não morrera, nem passava mal. Só se recusava a abrir a porta...

— Deixa — falou Fabíola, indo vestir a camisola para se deitar. — Amanhã essa peste tá com fome, quero ver se não sai daí...

Bianca acabou dividindo o quarto com o irmão. Naquela noite, teve apenas um sonho: viajava por uma paisagem de neblina, num caminho estreito. Viam-se picos altos em torno. Mais além, uma floresta... o vento soprava, refrescante, e fazia música em seus ouvidos:

"Ele é de quem ele escolhe... bruxa com bruxa não pode brigar... ele é de quem ele escolhe...", era a canção do vento.

Terminando a cantoria, quando era quase de manhã e a família já estava acordando, a voz sussurrou para Bianca:

— Minha senhora dos sonhos... Eu te escolhi, Bianca, branca senhora dos sonhos.

9.

Para surpresa da família, a tia abriu a porta, de manhã. Tinha os olhos vermelhos de choro, mas o rosto calmo. Quase sorria. Quando dona Fabíola ameaçou com processo e advogado, a mulher só fez um gesto com o rosto, significando "sim".

Concordou com tudo: partilha de móveis, venda de ações e dos táxis que pertenceram a dona Anacleta, investigação na poupança da velha... E

quando as exigências da cunhada cessaram, a velha fez seu oferecimento. Chegou perto da sobrinha e falou, baixo:

— Ela é da menina. A cama.

Dona Fabíola achou ótimo, e correu para o telefone, a fim de pedir que o antiquário incluísse o objeto na partilha. Bianca e Albertina ficaram a sós, na sala. A moça ainda tinha medo da velha. Talvez menos, agora — pelos sonhos e pelo que ela tinha visto no livro, tia e sobrinha deveriam fazer parte de uma mesma família... Não podiam rogar pragas? Atrair sortilégios? Não tinham alguns direitos sobre os seres das sombras?

— Cuida bem dele — falou a velha, de novo quase sorrindo. — Ele já me deu o que podia: só uma noite. O resto... é seu.

10.

A semana passou depressa, depois do acerto de inventário. Advogados e despachantes andaram rápido, quando viram a cor do dinheiro.

Era sexta-feira quando o caminhão de mudança trouxe os objetos de herança para a casa dos Gutierrez, na cidade grande. Entre louças, prataria, quadros, tapetes e sofás, estava Ela. A cama.

E, naquela noite, a cama imperava no quarto de Bianca. A moça alisava seu longo cabelo, sorria para o espelho... via por ele o reflexo do dossel, o cortinado à volta da cama, movendo-se com a brisa da noite.

Bianca agia como uma noiva, arrumando-se para o amante invisível. Mas Bianca sabia: ele estava ali, deitado. Pronto para quando sua bruxa pegasse no sono.

Afinal, era ele — ele, *incubus* — o melhor amante que ela — ela, a bruxa — poderia ter. Por noites e noites afora.

FIM

11. Um conto escrito em estado de graça. Pude ler e reler minha história no fim de semana, sem muitas interrupções, já que a família se concentrava no retorno de Iltinho.

Ainda não gostava do título "A cama do amor" — parecia forçar a barra para torná-lo erótico. Já conhecia o íncubo e sua versão feminina, súcubo, de leituras anteriores. Eram figuras mitológicas que perturbavam o sono de mulheres e homens, trazendo sensações eróticas. Nada estranho supô-los bons personagens para uma história de revista masculina. Por que estranhar alguma coisa?

Lia e brigava com o texto, topando aqui e ali com uma inversão ou frase comprida demais: Fazendo a mala e encarando o caçula choroso e sonado, Bianca sentia em si todos os ódios do mundo, por exemplo, frases pomposas que podiam ser melhoradas... todo o estilo, aliás, eu poderia rever.

Mas a *idéia era boa*. E estava ali, inteira. O jeito com que eu havia descrito a casa e feito retratos e objetos serem comparsas na trama... o modo como a tal Fabíola, sem querer, acabava ajudando Bianca, por ser marruda com a cunhada... Certas brincadeiras de estilo, como terminar um parágrafo com Fabíola desejando "boa noite" para a filha, e o parágrafo seguinte começar por: Como Bianca poderia ter uma boa noite? Como podia controlar o coração e por aí afora...

Era um texto tão completo quanto o outro. Resolvido em enredo e estrutura. E escrito com muito mais rapidez do que o anterior...

Estava feliz, orgulhoso. Paz no coração. Dessa vez, até menos ansioso. Lembrei de Giovani como leitor obrigatório, mas nada de me supor às lágrimas por alguma bobagem. Não, Tadeu. Naquele momento, o conto me bastava. Era feliz só em me reconhecer como autor. Por poder escrever... e *bem*.

7

DELICIOSAMENTE LONGA

1. — Tudo na santa paz? — perguntou Giovani, quando fui atender a seu telefonema, na mesa do subgerente.

— Tudo — respondi.

— Ainda bem. Com teu sobrinho, quero dizer. Ele já saiu do hospital, a família sossegou... — era mais uma afirmação que uma pergunta. Giovani parecia afobado e só me restava ouvir.

— Tá, tudo bem... — no meio do expediente, nem dava pra comentar do novo conto. O subgerente a três passos de mim.

Mas dizer o vago "tudo bem" já bastava para Giovani, num entusiasmo incomum àquela hora da manhã.

— Tadeu, você nem imagina quem a gente encontrou no domingo. Eu falei do teu conto. Falei mesmo que tá do caramba.

— Eu nem sabia que você tinha lido o conto...

— É mesmo? Puxa, eu nem comentei contigo, né? Eu li, achei porreta... que história, hem, meu? Ficou forte, legal. E o final, hã? Ninguém imaginava! A bruxa é bem das

sacaninhas, fazendo o cara pensar no passarinho, e depois... *crau*!

Ele ria, ria alto. "Conto, bruxa, *crau*, quem a gente encontrou"... por um instante, virei-me para a parede, e que se fodesse o subgerente e seus olhares zangados. *Fala, fala mais, elogia, cara, vai...* ia pensando.

— Eu, o Asimov e o Júnior fomos até o Sesc, no domingo — continuou Giovani. — Tinha uma feira de quadrinhos, e o Asimov queria achar uns gibis velhos... Sabe quem tava lá? O Juba. É, ele mesmo. Aristarco Molina. O Juba Longa. Nosso "fessor"...

Senti o coração disparar. Juba Longa. Pusemos o apelido por motivos óbvios: era um dos poucos caras com mais de quarenta anos que usava cabelo comprido, cacheado. Escritor profissional. Tinha feito muito sucesso, há dez anos, com dois romances históricos, um deles sobre o cangaço, que virou minissérie de tevê. Depois, começou a participar de eventos patrocinados pelo Estado, como oficinas de redação, de roteiros. Foi numa dessas que nós topamos com o cara, um ano antes.

— Como é que ele tava?

— Juba longa, como sempre... boa-praça. Falei pra ele do teu conto. Ele disse que quer ver. Até convidou a gente pra passar na casa dele... agora tá morando pelos lados do Sabará. Vamos lá no dia quinze, feriado?

— Falou do conto? O que você disse pra ele, cara? Você...

— Falei que é a melhor história de terror erótico que eu já li. E não estou mentindo.

2. Ele mordia a unha do polegar. Mexia no cabelo farto, empurrando os cachos para trás. Molhou a ponta do dedo na boca, virou a página. Sorria para si mesmo enquanto fazia isso.

Meu coração disparava, enquanto eu esfregava as mãos suadas. Fingia prestar atenção na conversa do Júnior e do Giovani, mas não conseguia tirar os olhos de Juba Longa. Era *ele, o Escritor*... E lia meu conto. Um milhão de idéias bestas viajava pela minha cabeça: desde a associação curiosa entre o Juba Lon-

ga ter o cabelo ideal para minha mãe — ela, que adorava cabelo cacheado e o supunha pertencer a uma "raça especial de homens" — até o fato de que eu não tinha tido tempo de rever a cópia do conto e morria de medo de errinhos e imperfeições.

Por quanto tempo mais Juba Longa folheou minha história, meio sorrindo? Dois minutos, três? Folha após folha, o papel contínuo ia sendo desdobrado e tombava sobre os pés do mestre, cobrindo-os como uma toalha comprida.

Empurrei a ansiedade com um bom gole de cerveja, copo pego com cuidado da mesinha de mármore. Suspirei, disfarçando o arroto. Olhei em volta da gente...

Era como eu imaginaria a casa de um escritor famoso. Sobrado num bairro sossegado, sala com tapete felpudo, estantes lotadas de livros, um gato siamês sobre almofadas, pelas paredes, reproduções de quadros famosos e um pôster do filme *Gilda*... ouvia-se um cedê de *jazz*. Tudo bonito, abajur em penumbra. Até o Júnior falava baixo num ambiente daqueles.

Finalmente, Juba Longa largou o conto na mesinha a seu lado. Olhou para nós.

— Parece bom. Vou ler depois, com mais calma. Vou tentar ler antes da viagem, aí eu telefono... — Júnior perguntou para onde ele ia, e Juba Longa deu um sorriso, deliciado. Parecia gostar muito de falar sobre seu roteiro de férias: — Europa. Fico dezembro lá. Ah, como é bonito passar o inverno no Velho Continente! Vocês conhecem, não?

Óbvio que não conhecíamos. Ele não percebia que falava com uns moleques pés-rapados? Mas isso tinha pouca importância para o senhor Aristarco Molina... durante uns dez minutos, ele contou de suas viagens. Citou a Grécia, a beleza das cidades italianas, a delícia que era andar de gôndola, falou que não tinha gostado muito da Holanda: "Excesso de organização. Até incomoda." E concluiu seu passeio insistindo na idéia de que nos telefonaria.

Era mais do que uma dica pra gente ir embora. Meus ansiosos amigos porém nem se tocaram. Era a vez *deles* con-

tarem coisas. Giovani foi resumindo livros lidos recentemente e planos para o futuro. Júnior acabou entusiasmado e logo estava falando alto, à sua maneira cuspida, chacoalhando a perna e berrando como se estivesse entre nós, no boteco de sempre... fiquei com vergonha deles. Isso era jeito de se comportar, e bem na frente do homem famoso?

Ainda bem que o professor parecia se divertir com os caras. Sorria, olhava para eles, ou parecia mesmo olhar *por cima* deles, do jeito com que se olha quando as idéias estão longe.

Deus, eu daria um braço pra levar a vida que ele levava, como eu *imaginava* que ela fosse... o cara era editor de um caderno literário no grande jornal, vivia dando entrevista na tevê, tinha livro editado em outros países... e *ia ler* o meu conto.

Numa certa hora Júnior pegou fôlego e parou um segundo de falar. Juba Longa aproveitou, virou-se pra mim:

— Então, Tadeu, você pretende mandar o conto para a revista?

Fui pego de surpresa. Gaguejei o "sim".

— Conheço o Gouveia, um dos jurados. É metido a modernista, gosta de joguinhos de palavras, sabe? Coisa de sub-Joyce, coitado!

— E ele... Ele não ia gostar do meu conto? — perguntei.

Juba deu risada, ergueu sobrancelhas, num gesto *afetado*. Tão diferente de sua pose contemplativa, anterior. Levei uma espécie de choque. Até aquele momento, o professor era a imagem acabada do homem compreensivo, recebendo cordialmente os aspirantes a artistas... e, agora, seu olhar brilhante era quase *mau*. Me fazia pensar que motivos ele teria para nos convidar a sua casa e ouvir tanta baboseira dos meus amigos.

— Ele só gosta de poesia concreta e, de preferência, em inglês. Está no concurso porque vive sem grana, é um duro. Um *coi-ta-do*... — Juba adjetivou de novo seu colega.

Depois, esticou a mão para meu conto, sobre a mesa do lado. Alisou as páginas, como se a história fosse um gato e recebesse um agrado. Continuou:

— Não li ainda o conto inteiro, mas... O que eu posso dizer? Ele promete — sorriu para mim. Voltei a ficar vermelho. — Parece que você quis juntar os tempos, começar e terminar a história numa mesma noite, é isso?

Confirmei, falando sobre o "conto redondo" que o professor um dia definira. Juba se ergueu do sofá, ia me ouvindo enquanto trocava o cedê de *jazz* por um do Frank Sinatra. *Night and Day* veio melodioso pela sala elegante.

— "A causa secreta." Você leu? É do Machado — o professor aproveitou que estava de pé, alcançou um livro grosso na estante.

— É aquele do ratinho? — perguntou Júnior, fazendo uma exagerada cara de nojo.

— É. O do ratinho — confirmou Aristarco, procurando o conto no índice e apontando-o para mim. — Conhece?

— Não lembro. Faz tempo não leio o Machado...

— Devia. Todo escritor devia reler o Machado pelo menos uma vez a cada seis meses. É o grande mestre. É um primor de técnica narrativa.

Aristarco pediu licença, tirou o livro de minha mão. Estava de pé, como se fôssemos sua turma. Começou a ler:

— "Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia — que estivera excelente — de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço.

Tinham falado também de outra coisa, além daquelas três, coisa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde..."

A voz de Aristarco era cheia, voz de quem lecionara por muito tempo e sabia prender a platéia. Quando leu "**coisa tão feia e grave**", ele aumentou o tom, olhou rápido para nós, a ver se captávamos intenções... fechou o livro.

— Vocês sabem o que aconteceu? Reparem que o Machado começa numa determinada noite, e aparentemente tudo estava bem: a mulher costurava, o tal Garcia ficava olhando as unhas, o Fortunato olhava o teto... o dia era excelente... olhem que adjetivo o Machado foi achar! *Ex-ce-len-te*... e havia... — ele reabriu o livro, releu: — "**... coisa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde.**" Que coisa será essa, pra que eles nem pudessem comentar de outras, hem?

— Foi o ratinho — resumiu Júnior. — O Fortunato era sádico.

— É isso mesmo? — perguntou Giovani.

— Que é, é — Aristarco pareceu decepcionado com a memória do Júnior. Olhou friamente para ele. — Mas o Machado não ia entregar as coisas com a... *sutileza* do nosso amigo aí... sutileza de paquiderme, não é, Júnior?

Juba Longa riu, riso cascateante, cabeça para trás. Júnior ficou vermelho, a perna chacoalhou como nunca.

— Machado neste conto sugere que há uma... "causa secreta" no coração de todos os homens... lembram da história? O Garcia é estudante de Medicina e ele presencia uma cena linda, um dia. O tal Fortunato ajuda um cara ferido, um homem desconhecido, na rua... sem pensar em nenhuma recompensa. Só ajuda, todo dedicado, tratando do ferimento de faca, com aquele sangue... o Garcia se pergunta o motivo de tanta dedicação, mas não vê mais o Fortunato.

Juba sentou, com o livro fechado. Foi fazendo o resumo do enredo:

— Depois daquele acidente, o Garcia não encontrou mais o Fortunato, por alguns anos... aí se reencontraram. O Garcia já era médico, o outro estava casado com a tal Maria

Luísa. A mulher era bonita, parecia assustada com o marido; o Garcia achou, assim, que era um casal estranho. Mas foi freqüentando a casa. Bom. Um dia, o Garcia e o Fortunato acabaram sócios em uma casa de saúde — esta que o Machado assinala, logo no começo. Garcia aos poucos se apaixonou pela mulher do amigo, mas não se revelou, ficou uma espécie de... um amor escondido. A mulher começou a adoecer. Na época, tuberculose, tísica, matava *mesmo*. Aí chega a cena desta noite, com que o Machado começa o conto... Sabe o que eles tinham visto, para ficarem assim? Hem? O que o Garcia tinha visto?

Outro olhar brilhante para a seleta platéia. Se o Júnior ia insistir na sua história do rato, desistiu. Juba abriu o volume, voltou a ler:

— "E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato..."

Nessa hora, Giovani não se segurou e soltou um "*uh*", enojado. O gesto só serviu para que Juba lesse mais alto, mais envolvente:

— "... e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida."

O professor pegou fôlego. Continuou:

— "Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina..." Interessante, não?

— Repugnante — falou Giovani, forçando a boca para baixo, numa exagerada cara de nojo.

— Magnífico — eu falei.

— Já estudei muito este conto. Aliás, fui eu que escrevi o ensaio que acompanha esta seleção aqui... — Aristarco nos mostrou o livro, como se devêssemos decorar-lhe a capa, quem sabe para nos sugerir sua compra. — E sabem o que eu acho mais interessante? Preste atenção, Tadeu, você que pretende ser escritor... — ele fez uma pausa significativa, antes de falar: — A terceira pessoa.

— O que tem? — eu perguntei, depois de uns segundos. Pela pausa e pose, Aristarco parecia exigir uma indagação da "platéia".

— Por que a terceira pessoa? — ele falou e ele mesmo respondeu: — Por causa do final. Vejam bem: não seria talvez mais íntimo, para o leitor, se o Garcia contasse a história? Afinal, ele se achava um entendido da alma humana. Um descobridor das tais "causas secretas"... E o Machado optou pela terceira pessoa. Por quê?

— Eu acho que o rato... — foi falando Júnior, mas Aristarco ergueu sua voz, falou em cima do meu amigo.

— Garcia estava apaixonado por Maria Luísa. Nunca lhe falou nada desse sentimento. Maria Luísa adoeceu, acabou morrendo. O marido... bom, era de esperar, ele era um sádico... Aproveitou até o último suspiro da mulher, gozou de sua agonia até o fim...

— Que safado! — Júnior não se conteve, falou depressa e depois se encolheu na poltrona, sob o olhar duro do professor.

— O final do conto mostra o velório de Maria Luísa. Fortunato sai da sala, deixa Garcia sozinho. O pobre Garcia! Apaixonado pela falecida, ele quis dar seu primeiro e último beijo de amor! Fortunato volta à sala, vê o outro, e em vez de... sei lá! Como um personagem naturalista, entrar berrando na sala, exigir satisfações feito marido traído, ele não faz nada disso. Sabem o que ele fez?... O Machado é terrível, mesmo. Sabem o que ele escreveu? Hem?

Juba Longa movia o livro no ar, torcia o rosto como se lançasse uma maldição... era uma figura impressionante. Eu mal respirava, com medo de interrompê-lo.

— Ouçam o que ele escreveu: "... Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa".

O professor nos encarou... e repetiu:

— "Deliciosamente longa." Acho que por causa desse advérbio o Machado optou pela terceira pessoa. Só para nos dar esse retrato do Garcia, visto pelo Fortunato, por detrás de uma porta... o homem gozando do sofrimento do amigo... a dor moral do outro, que foi "longa, muito longa, deliciosamente longa"...

— Credo! — afinal, alguém conseguiu falar alguma coisa, quebrando o silêncio. Tinha sido o Júnior, que acrescentou: — Pra mim, o Machado é que era o sádico.

— Sem dúvida, caro amiguinho, sem dúvida! — Aristarco moveu o livro, longamente, como se ele fosse uma espada que cortasse o ar. — Todo escritor é sádico. Ou deveria ser... com seus leitores. Devemos sofrer, com os personagens... entender que a vida é breve, o caminho é tortuoso... e o artista, o verdadeiro artista consegue retratar esta nossa miséria. É dever do escritor... *torturar* o seu leitor.

3. Saí dali muito pensativo. Giovani encontrava-se em estado de graça com a inteligência e receptividade de nosso ex-mestre. Tinha insistido em marcar nova visita; Aristarco gentilmente desconversou. Afinal, ficou de "nos ligar pela semana, se tivesse tempo antes da viagem".

— Que cara! Que papo! Você viu como ele leu o conto?... — falava Giovani, enquanto a gente esperava o ônibus.

— Eu quase vomitei com a história do rato — falou Júnior.

— O rato! O rato é uma metáfora! O Machado é um gênio!

— Não vi nada metafórico na morte do rato — falei.

— Vocês não entendem... o jeito do Juba Longa falar. Acho que eu vou deixar o cabelo crescer! Que é que vocês acham? — perguntou Giovani. — Se ele ficar assim comprido, olhem só, que nem o do Juba...

— Larga a mão, cara! — falou Júnior. — Você não vai ficar mais inteligente só porque ficou cabeludo.

Não tive coragem de dizer para o Giovani que o cabelo dele era ralo, com entradas na testa... ia parecer um cactus com penugem. Nunca um leonino Juba Longa.

— Os conselhos que ele deu pra você... — continuou Giovani. — Tadeu, acho bom você rever o final do conto. Sabe? Pra deixar redondo, que nem ele falou.

Na hora não entendi muito bem o comentário de Giovani, pensei que ele lembrava mal da história ou confundia as coisas devido a seu excessivo entusiasmo pelo professor.

— Mas a minha história tem um final *redondo*, Giovani! Não lembra? Começa com o cara no apartamento, com a imagem do passarinho que voa, sem que o leitor perceba bem o que o passarinho é... e termina com a bruxa, que vira passarinho, e...

Não estavam prestando atenção. Júnior mordia o lábio inferior seguidas vezes, falou numa cusparada bem próxima do meu rosto:

— Causa secreta!... Todo o mundo tem uma causa secreta? Será? Qual é a sua, Giovani?

Ele parou de mover os braços, pensou um instante. Sorriu:

— Se eu falar, ela deixa de ser secreta. Você diz a sua?

— Digo — falou Júnior. — É ser um sultão. Ter um harém de trezentas e sessenta e cinco mulheres, uma pra cada dia do ano...

— Vai morrer mais tísico que a tal Maria Luísa — gozou Giovani. Virou-se pra mim: — E a sua, Tadeu?

— Minha causa secreta? Vocês sabem. Eu quero ser escritor.

E ser famoso, ser rico, ter um monte de garotas à minha volta, e mandar os parentes à merda — mas isso eu não falei.

— E a do Aristarco? — perguntou Júnior. O ônibus dele e do Giovani vinha chegando. — Qual será a causa secreta do professor?

— Sensibilidade — falou Giovani, indo até o meio da rua para dar o sinal. — Muita criatividade, um gênio. Um homem maravilhoso.

Não era bem essa a causa secreta de Juba Longa. Giovani descobriu isso dias depois, ao fazer uma visita-surpresa ao mestre e levar uma cantada dele. Aristarco parecia muito interessado nos rapazes do mesmo sexo. De preferência, ex-alunos e fãzocas, como o Giovani...

8

FINAL REDONDO

1. Confesso que muitas coisas me perturbaram na visita ao professor. Os gestos estudados, sua casa bonita, a contradição entre a pose tranqüila e a maldade com o colega... e o conto do Machado. Naquela noite dormi mal, acho mesmo que tive um pesadelo, envolvendo um rato estripado e o rosto cadavérico de uma mulher no caixão — não chego porém a lembrar de um enredo no sonho, apenas de sensações estranhas.

Sensações que continuaram estranhas, por mais tempo que o comum. Vi o Giovani durante a semana, no almoço, mas estávamos com outros colegas e eu só falei timidamente que havia escrito novo conto. Ele ainda insistiu em que eu "seguisse os conselhos do Juba", quanto a rever o final de "A dama dos sonhos".

Seu comentário me parecia bobo, influência do Juba Longa. Mas acabou me passando a impressão de que *podia ser verdade*. Vi meu conto como obra *incompleta*, e procurei tempo, durante a semana, para retocar o final, antes de encaminhar o conto para o concurso.

2. Noite muito quente. Uma manifestação na avenida principal tinha feito o ônibus atrasar uma hora e meia no trajeto. Cheguei mais tarde do que o normal à casa de Marga.

Era um dia comum de semana, fim de novembro. O calor excessivo vinha como inimigo extra. O suor fazia a camisa social grudar em minhas costas, sentia o bodum que subia do paletó até meu nariz, lembrando de que tinha de ser levado ao tintureiro e eram ambas sensações ruins: gastar dinheiro para lavá-lo ou agüentar seu cheiro encruado por mais alguns dias...

Eu a vi desde que virara a esquina: Edilene estava sentada na mureta da casa e estava *sozinha*, o que era raro. Quando não estava grudada no seu Romeu, a garota vivia em papo furado com outras mocinhas do bairro, que nem estudavam nem trabalhavam. Ela parecia ter o sexto sentido de só fazer amizade com gente como ela: folgada, sem compromissos, eternamente no jogo de "caça-marido".

— Tudo bem, Tetéu? — ela perguntou. Tinha um cigarro aceso nos dedos. — Quer um?

Quase recusei. Depois achei que o seu oferecimento não tinha segundas intenções.

— Quero — falei, pegando o maço que ela estendeu. Tirei um cigarro, acendi com meu isqueiro.

— Deixa eu ver? — ela pediu o isqueiro. Passei o Zippo pra ela.

Edilene ficou abrindo e fechando o isqueiro, curtindo o barulhinho de *plec-plequete*, característico dos Zippos. Afinal, deixou-o aceso: chama alta, brilhando em seu rosto... Era bonita, assim. A luz fraca do poste da rua, o fogo do isqueiro fazendo seus olhos brilharem, nenhum sinal de ironia na sua boca... Tinha uma expressão neutra, quase poderia ser minha amiga.

— O que é que você fez hoje? — ela perguntou, de novo me surpreendendo com seu interesse.

— Trabalhei. Serviço de banco é sempre igual.

— Tua irmã diz que você quer ser professor. Não vai ser pior?

Edilene havia encolhido uma das pernas, o *short* curto enfiou-se em dobras na virilha. Estava escuro e eu não poderia ver muitos detalhes, mas só de supor que o que eu *imaginava ver* era aquilo mesmo, dobras e pêlos... eu senti o suor das axilas brotar em novo calor. O colarinho ficou mais justo, meu pescoço inchava.

— Não sei. Eu acho. Acho que vou gostar. Eu era bom aluno. Tinha professor que era boa gente. Ensinar alguma coisa, conversar com aluno...

— Que saco.

Pensei que era ofensa, mas não. Edilene só dava sua opinião.

— A gente, estudando História, pode aprender muita coisa.

— Fala uma.

Aí eu brequei. Meu olhar ia e vinha de seu rosto para suas coxas, passando pelo cabelo solto e pela boca farta, em batom escuro.

— Sabia que os egípcios já usavam maquiagem... há muito, muito tempo? Encontraram junto com as múmias.

— Múmia de maquiage? — ela riu, descruzou as pernas, ficou olhando bem no meu rosto. Ainda bem que estava escuro, sentia que minha testa se molhava com um milhão de gotinhas.

— O batom. É muito antigo — falei isso de tanto olhar pra sua boca úmida, brilhante até na penumbra. — Em Roma, em alguns lugares, eles desenhavam uma boca nas portas.

— Uma *boca*? Na porta? Pra quê?

Ato falho. Freud explicava: não tinha lido aquilo em nenhum livro sério, mas numa reportagem em revista de putaria, mulher pelada. O batom era pra mostrar que as putas daquela casa faziam sexo oral. Cacete! Como tinha me metido naquela? la contar a verdade pra Edilene?

Sua boca me parecia maior, mais úmida. E suas coxas, assim oferecidas e à mostra, eram carne morena. Olhei de rabo de olho para dentro da casa: Marga e as crianças provavelmente

dormiam; luz apagada no quarto dela. Adaílton voltara a beber, devia estar em qualquer boteco. Ela *se oferecia, era isso*? A respiração tão perto da minha... um hálito de chiclete e cigarro, o cheiro de xampu do cabelo recém-lavado...

— Oi, gente.

Era o Romeu. Ele tinha vindo quieto, não percebi. Apertei a boca, me afastei depressa das coxas de Edilene. Romeu aproximou todo o seu corpo, num impulso, meteu-se entre as pernas de Edilene: ela ficava mais alta, no muro. Ele alcançava facilmente seu queixo e seios... Deu um beijo estalado, em seus lábios carnudos.

Desviei os olhos. Limpei o suor da testa com a manga do terno, joguei fora o cigarro.

— O Tetéu falava de batom — completou Edilene, sempre agarrada no namorado. — Como é que era mesmo, Tetéu? Na tal Roma antiga...

— Não era nada. Uma fofoca histórica.

Por nenhum instante Romeu desencostou o corpo do dela. Ele usava camiseta cavada, eu via os músculos salientes dos seus braços, no gesto de apertar/desapertar os braços morenos de Edilene. Ela se deixava acariciar e tranqüilamente ia falando comigo:

— Tetéu vai ser professor.

Romeu deu um beijo no seu pescoço.

— Marga vive falando que ele vai ser importante.

Romeu foi descendo os beijos, do seu queixo para o decote.

— Ainda o Tetéu vai ser... ai! Pára com isso, Romeu! Eu tô falando do Tetéu!

— Que Tetéu, hem? Que Tetéu?

O que eu podia fazer? Me senti ridículo, imbecil... Edilene deu uma risada em cascata, "ahahahahahah"... e foi-se entregando a uma conversa repleta de beijos excitados, com o seu galã de Vila Samambaia.

— Vou entrar — resmunguei, baixo.

Segui até a casa sem olhar pra trás. Ouvia os fungados, as risadas, os estalados de beijos... ia reto pelo quintal, tentava andar sem que os sons me atingissem e quanto mais rápido eu caminhava, mais tinha a sensação de que *riam, cochichavam, se esfregavam*... como um deboche sobre mim. Por minha causa. Pra eu me sentir mais sozinho, mais tolo e desprezível.

Entrei em meu quarto, bati a porta, encostei o corpo na madeira... saco! *Sacomerdabostacu!* Falei tão depressa o monte de palavrões que soou engraçado.

Eu era uma piada, uma adorável piada... não é, senhor escritor escroto? Babaca. Meus olhos se encheram de lágrimas, dei pra mim mesmo uma risada, que virou careta e soluço. Alisei o cabelo... *por quê*? Por que ela fazia isso comigo? Até começava a me tratar bem, a me ver como gente, a falar comigo sem as risadas e os olhares... pra quê? Pra esperar o Romeu e me fazer de bobo, se exibir? *Olha como eu sou gostosa. Olha como um macho tem de tratar uma fêmea que nem eu, olha o que você tá perdendo, seu metidinho de terno e gravata...*

Eram idéias ruins — e eu havia prometido a mim mesmo nunca mais permitir que ela, ou quem quer que fosse, me deixasse assim, complexado. Inútil. E, de novo, papel de bobo... *ódio.*

Com muita raiva, catei a toalha de banho, uma camiseta e bermuda, saí do quarto. Pra ir ao banheiro, teria de voltar ao quintal e entrar pela porta da cozinha. Era um trajeto pequeno, não ia olhar pra eles, nem fazer barulho, nada. Não queria olhar para o portão... *não queria.*

Mas era um ímã, o vulto deles, entrecortado contra a luz do poste e de uma lua safada — lua cheia no céu, iluminando o movimento dos amantes. Vi Romeu mexendo o corpo, pra frente e pra trás... Edilene tinha descido do muro, agora encostava-se na parede... mais baixa que o namorado, ela empinava o busto pra frente, balançava seu cabelo longo pra trás, que se movia em suas costas, em ondas. E eu também *ouvia...*

Eram sussurros e gemidinhos e risadas e beijos.

Não queria ouvir. Depressa, passei o ferrolho na porta da cozinha. Fui ao banheiro. Mas tudo na casa se assemelhava a esses sons sexuais. Um carro acelerando na rua eram resmungos de amor. O chiado da geladeira eram os gemidos de Edilene... Deixei longamente a água do chuveiro bater em minha cabeça, espantando ruídos e tesão.

Muito difícil conseguir isso.

3. Solitário, carente. *Fodido*, pra usar bem a palavra.

Sentei diante do computador, digitei DAMASON, o arquivo de "A dama dos sonhos". *Vou trabalhar*, pensei. *Que se fodam essas mulheres babacas. Fodam-se...*

Reli o conto. Lá pela metade, descobri que o "tchau" que eu ouvira não era imaginação: Edilene se despedira mesmo de Romeu e vinha assobiando pelo quintal. Parei de ler. Respiração suspensa, coração agitado. E se ela quisesse entrar em meu quarto? E se ela se encostasse na minha porta, e de novo continuasse a conversar comigo, a mostrar sua boca e...

O coração diminuiu um pouco seu ritmo com o barulho na porta da cozinha. Era ela. Parou. Devagar, larguei o computador, levantei sem fazer barulho. Olhei pelo buraco da fechadura... a lua me ajudava na missão de *voyeur*, deixando Edilene muito bem iluminada.

Edilene estava parada à porta aberta da cozinha. Olhou um instante pra cima, provavelmente para aquela Lua exibida... depois virou o rosto na direção do meu quarto, era isso? Vi seu cabelo solto se mexer, vi suas costas, as nádegas salientes... acendeu a luz da cozinha.

Afinal, ela trancou a porta. E as minhas esperanças.

Trancou a porta e minhas esperanças, pensei, num *flash*. Era uma puta duma frase literária... mereceria uma punheta literária, também? Hem, escritor escrotinho, não merecia?

Que ódio de mim. Com que raiva eu voltei ao computador. Catei o maço, contei os cigarros, tinha fumado oito. Bom.

Havia ainda o nono cigarro, tirado do maço de Edilene. Estava no meu limite. Catei o décimo mata-rato do dia, acendi-o com o Zippo, forçando ainda mais o seu *plec-plequete* barulhento.

Apertei com força as teclas do computador, a tela tinha escurecido durante o tempo em que investiguei a garota. Acabei ultrapassando três páginas do lugar onde estava lendo. Caí no final do conto:

> Paulo sentiu que o lugar onde sua mão havia pousado começava a ficar macio. Macio e diminuía, se afastava... sua mão tocava agora o vazio. Nesse instante, ele sentiu o vento no seu rosto: vento de asas? Nos lábios, o toque fino de uma bicada.
>
> Paulo abriu os olhos ainda a tempo de acompanhar o vôo de um estranho pássaro por sobre os telhados dos edifícios.

Era o meu final — ótimo. Depois o *fimfimfim* que eu havia escrito, o desfecho da ilustre história de amor, a mulher dos sonhos metamorfoseada em bruxa e voando feito passarinho...

Não. Não era isso que antecedia o *fimfimfim*.

Havia mais dois parágrafos:

> O pássaro deu uma longa volta pelo céu; e, enquanto Paulo acompanhou seu vôo, a ave permaneceu distante. Quando o rapaz saiu da janela e retornou ao apartamento e à sua solidão e ao seu medo, o pássaro se esgueirou por uma brecha. Invadiu o recinto; refugiou-se no canto do armário. Podia ver seu ex-amante recolher os cacos da garrafa, cortar-se, gemer...
>
> O pássaro-bruxa sorriu com o ferimento; era possível isso acontecer? Uma ave lá pode sorrir? Bem... aquele não era um pássaro: era bem mais que isso. Aquele ser podia ter a forma de pássaro; mas tinha os sentimentos de bruxa. Uma bruxa com o dom da transformação... que tanto podia virar uma eston-

teante mulher morena, como se transformar em... "aquela massa que parecia gente" — não tinha sido assim que Paulo pensou nela, quando a viu meio coisa no chão da sala? Pois bem. As bruxas viram pássaros, voam... e voltam para o chão, metamorfoseiam-se. Bruxas podem ganhar muitas formas para se vingar de um homem.

Li o trecho daquela maneira ansiosa que faz com que a gente não consiga reter nada do material lido... tentei de novo. Fui repetindo palavra por palavra, em voz alta. Teclei PAGE UP/PAGE DOWN, pra cima/pra baixo. Tinha agora o registro de quinze páginas, em vez das anteriores catorze...

Não era possível. Era defeito do computador, era, quem sabe... a primeira versão, dando *tilt* sobre a segunda?

Idiota, idiota! Quem eu pretendia convencer? Tenho ótima memória... Nada parecido com aquilo, eu tinha escrito... primeira, segunda versão! Ridículo. Nada daquilo era meu!

O estômago revirou com força. Esmaguei o cigarro no cinzeiro, apertei o botão da tela e a escureci.

Pense, sua besta. Pense.

4. Quanto tempo fiquei pelo quarto, diante da tela apagada do computador? Alisando o cabelo úmido pra trás, suando... ora eu adiantava a mão, pronto para acender a tela, ora eu tinha *medo.*

O primeiro dos medos foi de interferência externa. Odiava a idéia de que *alguém* tivesse mexido ali. Era um medo de infância, de moleque que surrupiava doces das irmãs pra comer mais tarde. Que fazia de buraco em árvore ou debaixo do colchão o esconderijo de objetos queridos e conferia os tesouros a todo o instante, tamanho o medo de que botassem a mão no que era meu. E agora, meu mais querido objeto, o computador... mexido. Meu conto, mudado.

Por quem?

Andei pelo quarto, o ronronado do computador parecendo mais contínuo e mais forte. Estendi a mão para a tela escura e retornei, várias vezes. Boca seca.

A testa suada. Acendi novo cigarro, a tensão tornando meu pescoço duro e dolorido.

Acabei abrindo a porta, a fumaça saiu pela abertura e o vento fresco da noite secou o suor da testa.

Sentei à porta do quartinho. Fumando e olhando a Lua, olhando o limoeiro mover-se fracamente, sua sombra esticando-se pelo quintal.

Quem?

As crianças? Elas até poderiam ligar botões, copiar meus gestos. Mas jamais acessariam o programa *Windows*, nem usariam o *mouse* para abrir o arquivo. E, sobretudo, não saberiam abrir o arquivo em que eu havia gravado o conto...

Edilene? Por isso seu gesto amigável, a conversa no portão?

Claro que não! Se alguém como ela quisesse me provocar, ela destruiria o computador com um martelo ou escreveria "IDIOTA" na tela. Nunca uma piranha burrona como ela ia se vingar daquela maneira, mexendo no texto!

Um texto que não era meu. Não podia ser meu! Nunca usei palavras como esgueirou, brecha, estonteante. E o ponto-e-vírgula tão repetido...

Esgueirou, brecha, estonteante. As palavras começaram a rodar em minha cabeça, eu me peguei repetindo-as como se fossem um mantra oriental, uma frase que a gente repete e repete, até induzir a auto-hipnose...

Afinal, terminei o cigarro, joguei a bituca em direção do limoeiro. Olhei para lá, e era como se eu a visse. Como se a Lógica pudesse ser uma dona gorda, encostada à árvore, e ela sorrisse e me desse conselhos: há para tudo soluções *lógicas*, senhor Tadeu-escritor...

Para *tudo*. Mesmo para coisas malucas e que parecem irreais. Era assim que eu pensava naquela noite. Soluções lógicas...

A única possibilidade era mesmo aquela: um dia, num dos dias em que passei escrevendo "A cama do amor", também me meti a rever o conto anterior e mexi no seu final.

E esqueci disso.

Solução irritante, péssima para minha memória. Ainda mais que me orgulhava tanto do final redondo do conto. Os dois novos parágrafos mudavam justamente isso.

Mas tinham a sua lógica.

Eh, Deus! Como eu precisava de lógica naquele momento!

5. Afinal, quando até um galo e outro cantou no vizinho e o céu começou a ficar azul-claro, tomei a decisão. Liguei a tela do computador. Teclei PAGE UP várias vezes, até o começo do conto. Acertei o papel contínuo, pressionei Ctrl + P para imprimir uma cópia.

Enquanto a impressora trabalhava com seu barulho chiado, acendi novo cigarro. Deitei na cama, fiquei olhando o teto, idéias embaralhadas, gosto ruim na boca.

Conferi a cópia em papel, linha por linha. Nas primeiras catorze páginas; meu conto estava idêntico ao que eu me lembrava de ter escrito. Achei mesmo uma vírgula errada e corrigi, a caneta, na cópia do papel. Depois, o final modificado.

Os dois malditos últimos parágrafos. Eu olhava os papéis, esgueirou e brecha destacando-se no texto com petulância... Com que prazer eu peguei a caneta e risquei, grifei as palavras até furar o papel.

Enfiei a cópia rabiscada na minha mala. Fui ao teclado, selecionei com o *mouse* os dois últimos parágrafos, acertei o DELETE...

Eles sumiram.

Definitivamente. O conto voltava a ser *redondo*, como eu o havia escrito.

9

LIÇÃO DE ANATOMIA

1. — Que bicho te mordeu? Você tá com uma cara, Tadeu…

— Não dormi esta noite. Tem um cigarro? — perguntei, amassando o maço vazio e jogando-o na calçada.

Esperava há mais de hora, na porta do escritório onde Giovani trabalhava. Sabia que Giovani era madrugador, mas também havia exagerado.

Giovani tateou os bolsos do paletó. Afinal, achou um maço com um único cigarro e passou-o pra mim. Acendi o cigarro com a ansiedade de fumante "a seco", e não como quem não tivesse feito outra coisa senão fumar a noite inteira.

— Então, o que foi? Brigou com teu cunhado?

— Pior — eu falei. E fiquei olhando pra ele.

Sem saber *sequer* por que eu via tanta necessidade de falar com Giovani. De correr para ele, fora da hora de serviço… e… no momento em que deveria me abrir, falar do medo, do final modificado… eu parava, bobo, mordendo os lábios e esperando que ele me ajudasse.

Que de alguma forma ele *se antecipasse*. Explicasse por mim o mistério.

— Então, Tadeu. O que foi?

— O meu conto. O conto do *Halloween*, aquele que você leu.

— Não diz que você perdeu ele! O computador... pane no arquivo?

— Não, tá tudo lá. O computador tá funcionando. É o conto. É *o conto*, Giovani. Mexeram nele. O final... tá diferente.

Ele ficou me olhando. Sério. Esperando que eu dissesse tudo. E eu, esperando que ele se abrisse. Finalmente, Giovani perguntou se eu topava um café, e fomos descendo a rua, até uma tabacaria em que funcionava também um *coffee-shop*.

— E você... mudou a história, Tadeu? Que nem o Juba Longa falou?

Aí eu entendi por que estava lá. Tive a absoluta certeza de que ia dizer merda. A gente sempre sabe quando não deve fazer isso — mas não consegue parar. É o mesmo que um vômito, um esguicho fedorento que sobe do estômago pra boca, e você tem de botar pra fora.

— Sabe o que eu acho, cara? Que você sabe, sim, do que eu estou falando. Do final diferente do conto.

— Mas foi o Juba que mandou você...

— Que Juba, que Juba que nada! Você não pára de dizer... — imitei o Giovani, e, quando fiz isso, entortei os ombros pra frente e fiz uma boquinha estreita, um arremedo horrível do Cactus — "O Juba Longa falou que o conto tá ruim... o Juba Longa mandou..."

Voltei a falar normal e mais alto do que devia. Uma moça se virou pra mim, curiosa. Paramos na calçada em frente à lojinha de café. Não me importei de chamar a atenção. Eu queria soltar tudo, desabafar:

— Ciúme, cara. Ciúme. Não sei ainda como você fez isso... se entrou no meu quarto, o que foi. Mas você tá louco

pra que meu conto fique uma merda e eu não ganhe concurso nenhum, nunca. Você não quer que eu vire escritor. Você tá se roendo por causa do conto.

Cactus ficou vermelho. O rosado na pele clara deixava meu amigo com um jeito desprotegido, parecia uma menina feia, um travesti infantil, alto demais e pontudo demais.

— Eu ainda não entendi nada, Tadeu.

Tirei o conto rabiscado da mala. Fui virando páginas e falando:

— Olha aqui. Isso mudou. Isso mudou mesmo. Eu não escrevi nada disso aqui. Olha, olha!

Empurrava a papelada na altura do seu nariz. Acentuava os parágrafos grifados. Giovani tentou ler alguma coisa, um tremor nos lábios.

— Mas eu li desse jeito, Tadeu. O que tem de diferente?

— NÃO ESCREVI ISSO, MERDA! Não lembro de nada disso, Cactus!

Eu chamei ele de Cactus — e nunca havia feito isso. Ele me olhou tão surpreso e magoado... supunha talvez que os amigos desconhecessem o apelido. Finalmente, ajeitou o cabelo ralo pra trás, aprumou os ombros, marcou bem a nossa diferença de altura. Parece até que falou mais grosso:

— Você tá me acusando, Tadeu? É isso?

— E não é pra acusar? Quem mais podia fazer...

— Eu perguntei se você tá me acusando.

— Não é isso.

— RESPONDE, PORRA!

Quando ele berrou, meia dúzia de fregueses da tabacaria virou a cara para a gente. Senti o rosto quente, abaixei a cabeça. Falei assim num fio de voz:

— Tô.

Ele amarrotou todo o conto, como pôde, e enfiou a papelada nas minhas mãos.

— Cara, já ouvi você falar merda, muita merda. Já te levei de porre até o ônibus e agüentei tuas fossas, quando tava

a fim de alguma garota e ficava aí... — ele imitou voz mole de bêbado: — "Ôoo meu, eu sou pobre... eu sou um bosta. Mulher num olha prum bosta que nem eu..."

Giovani pegou fôlego. Olhava mais pro Camelo Fumante do *outdoor* da tabacaria do que pra minha cara.

— Mexer no teu conto... ah! Essa é a coisa mais louca que já ouvi! Como eu ia entrar no seu computador? No seu arquivo? Pode me explicar?

E ele falou mais. Estava mais vermelho do que nunca, com as espinhas salientes na pele rosada — e era rosado não só nas bochechas, mas no pescoço e até na testa.

Enquanto ele falava, eu ia sentindo dona Lógica se aproximando de nós, a senhora gorda e sensata. Seu nome vindo em maiúscula e parecia ficar do nosso lado, abanando a cabeça e me dando uma bronca: *Seu moleque bobo e insensato...* Dona Lógica tinha razão: como ele faria isso? E pra quê?

— Tá, cara, tá! — esmaguei tanto as folhas do conto que elas ficaram uma papelama inútil. — Desculpe, tá? Eu... fiquei nervoso demais. Deu bobeira. Nem dormi esta noite.

— Sabe, Tadeu? — Giovani mordeu a boca, tinha os olhos meio vermelhos. Estava realmente ofendido: — Eu acho que você anda muito esquisito, com esse negócio de ser escritor. Poxa, legal e tal. Mas, sabe? Você não anda bebendo, anda? Tomando uns porres de noite? Tá se drogando?

— Não, imagine! Giovani...

— GIOVANI? Agora me chama de Giovani? — ele riu, e o riso virou careta. — Quer saber? Eu acho que você fez isso mesmo. Esse final de merda. Passou o traste desse conto com o final de merda e nem reparou. Agora vem com esse papo de que mexeram no conto. Que o CACTUS mexeu no conto.

— GIOVANI. Eu... não sei o que me deu. Você é o meu melhor amigo!

— Legal, hem? E a primeira coisa que você pensou foi que o melhor amigo te sacaneou? Gente boa, você!

Não queria brigar com ele. A irritação havia passado, a vergonha apertava meu coração como o colarinho, o meu pescoço. Tinha vomitado a merda, tinha acusado Giovani por absoluto desespero por não querer ouvir dona Lógica...

E estava quase perdendo o amigo.

Giovani olhou o relógio, viu a multidão que se encorpava em torno de nós.

— Tá na hora do serviço. Tchau, Tadeu!

— Espera. A gente... a gente almoça depois? Desculpe, cara. Por eu dizer que você mexeu no conto. Nem sei por que eu falei isso.

Ele respirou fundo.

— Não sabe por que falou... não sabe como mexeu no conto... não lembra do que fez... cuidado, Tadeu. Você ainda acaba doente.

Vi suas costas magras desaparecerem pela rua cheia e me senti muito sozinho. Mais sozinho do que nunca me senti na vida, em meio à multidão do Centro Velho da cidade...

2. Fui um dos últimos a sair da agência do banco, quando as faxineiras já caprichavam na limpeza e o guarda-noturno ouvia o jogo de futebol no seu radinho. Não tinha pra quem ligar naquele momento, fim de expediente. Claro que o dia inteiro pensei em telefonar pro Giovani. Cheguei mesmo a discar para seu serviço. Depois, voltei atrás. Era melhor primeiro entender o que havia acontecido.

Saí da agência, passei em frente de seu escritório, agora fechado. Que jeito estúpido de falar com Giovani... como eu o magoara, dizendo *Cactus* e botando uma amizade dessas a perder. Jurei a mim mesmo que ainda consertaria tudo, ia pedir desculpas, ia descobrir o problema no conto e explicar pra ele... e ele ia entender. Claro! Ainda íamos beber cerveja e conversar, e tudo, *tudo* tinha de voltar a ser como antes.

Nada, nunca mais, ia ser como antes, em minha vida. E apenas *eu* é que parecia não ter ainda compreendido isso...

A luz azulada da tevê ligada na sala. Adaílton devia estar em casa, talvez com Marga, os filhos, Edilene, Romeu... a tropa toda, será? Dia de jogo, ficavam em casa.

Não tinha a menor vontade de ver quem fosse — quanto mais parente. Evitei a porta da frente, fui devagar pelo quintal. Peguei a toalha em meu quarto, entrei no banheiro pela cozinha.

Estava cansado demais para enfrentar a família e ansioso demais por entender o meu mistério. Tomei um banho ligeiro, roubei um pedaço de frango assado frio, de dentro da estufa do fogão, e um copo de leite na geladeira. Era só engolir alguma coisa e retomar o computador.

Acendi um cigarro e abri o arquivo DAMASON no computador.

> Talvez os homens como Paulo tenham apenas uma chance.

O começo de meu conto. *Okay*, isso estava em ordem. Apertei a testa com dois dedos — Deus, como passar a noite em claro deixa a gente cansado... Fui apertando a tecla PAGE DOWN, várias vezes. O texto seguia e eu lia tão corrido como as linhas surgiam, sem esperar lógica na seqüência:

> Paulo reparou num casal, sentado num canto
> pousasse sobre o colo. A moça parecia uma pintura...
> de bebida. E não era o álcool. Talvez ele só a achasse
> vagem, usando o cabelo como chicote...
> 31 de outubro, o Dia das Bruxas, ele lembrou da data,
> dos dos edifícios.

O fim do conto. Onde *deveria existir* aquele monte de *fimfimfim*, acabando a história...

Agora, havia mais duas páginas. *Inteiras!*

— Não! Não pode ser! — falei sozinho, em voz alta. — Eu dei DELETE, eu apaguei esta merda...

Os dois parágrafos apagados estavam lá, integralmente: era o pássaro que retornava ao quarto. Era Paulo que cortava a mão no caco de garrafa... era a sugestão de que a bruxa metamorfoseava-se em qualquer coisa e ela voltava para se vingar.

Mas havia *mais*...

Até a noite, o pássaro permaneceu em seu esconderijo. Viu Paulo fazer um curativo em sua mão ferida e depois rebentar em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de irremediável desespero. O pássaro, de onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

Só à noite, depois que Paulo dormiu por um par de horas, tomou um banho e sentou-se à mesa da cozinha, com um copo de leite à frente, é que o pássaro se revelou.

— Quem está aí?

Barulho de asas.

— O que foi? Quem está aí? É você, Cármen? — sua voz ficou rouca, lágrimas brilharam em seus olhos. — É você, Cármen? Você voltou?

O pássaro farfalhou sob a cortina... mas, dessa vez, ele não era mais um pássaro.

A história havia chegado ao fim da tela, e eu tremia todo. Não sabia se o conto terminara ali, ou se a PAGE DOWN seguinte me revelaria — como revelaria a Paulo, afinal de contas — O QUE estava atrás da cortina...

Em meu estômago, o leite e o frango assado começaram a brigar. Arrotei. Li e reli a página nova, a familiaridade machadiana na descrição do choro, o adendo maligno ao admirável conto redondo...

O que estava acontecendo?

Agora eu tinha certeza... tinham mexido no texto. Poderia ainda esquecer dois parágrafos, se tivessem sido escritos num dia qualquer de excitação. Mas nunca esqueceria — *de um dia para o outro* — um trecho tão longo.

A história foi subindo, linha após linha, na tela...

Faltava só a última linha para subir na tela, antes de ver se havia mais coisas escritas. Lia e relia:

não era mais um pássaro.
não era mais um pássaro.
não era mais um pássaro.

O que era, então? Apertei os lábios e a tecla PAGE DOWN.

— Estou aqui, Paulo. Eu voltei.

— Meu amor! Perdão... nunca quis que mal algum lhe acontecesse... Eu te amo. Vamos esquecer tudo isso. Vamos...

— Não — a voz que saiu detrás da cortina parecia rouca. Se viesse da garganta de um pássaro não seria tão gutural. — Você teve sua chance, Paulo. Talvez os homens como Paulo tenham apenas uma chance.

— A gente pode ser feliz, Cármen. Eu sei que pode!

— Eu não sou mais Cármen, Paulo.

— O quê... O que você é, por Deus?! O que você vai fazer comigo?

— Pense em mim, Paulo. Pense em mim... Não era assim que nós brincávamos? Que você me possuía e me fazia virar lindas mulheres morenas?

O vulto atrás da cortina riu. Gargalhou. Um misto de dentes batendo e voz que saía de lábios enrugados. Se houvesse lábios...

— Pense em mim. Mas agora, Paulo, pense em mim do pior jeito possível. Como eu sou? Não sou mais uma deusa morena, a sua dama dos sonhos. Pense na forma mais horrível que eu possa ser.

Paulo jogou-se sobre o sofá, aquele mesmo em que havia dormido pesado, na bebedeira... O cheiro acre de bebida derramada ainda fustigava suas narinas. Ele teve idéias assombrosas, malignas... O vulto atrás da cortina moveu-se, pareceu diminuir, encolher-se.

— Eu vou sair, Paulo.

— Não! Não faça isso comigo!

A cortina se moveu, levemente... E Paulo nunca mais esqueceu o que viu. Nunca mais.

Era uma menina.

Uma menina de nove anos, rosto moreno, cabelos muito lisos e compridos. Nariz pequeno, lábios formando uma boca parecida com a de bonequinha... todo o brilho de sua pele, aliás, era artificial como se feito de vinil marrom-claro. Era a menina que, se crescesse, viraria uma das estonteantes mulheres morenas da vida de Paulo.

— Mas, o horror... o pior... Você disse: "Pense o *pior*".

A menina usava um vestido rodado, meias finas, um delicado sapato branco. Sorriu, e o riso era muito sedutor. Formava covinhas ao lado das bochechas:

— Meu querido Paulo... — respondeu a menina, e sua voz era aguda como a de qualquer criança de nove anos. — Você conhece algo mais monstruoso do que uma menina de nove anos com a mente de um homem pervertido de trinta? Venha, "papai". Vamos sair. A gente vai se divertir muito... Não é como falam? A noite é uma criança.

3. Por mais que eu apertasse PAGE DOWN, só ouvia o som fino — *pipipipi* — indicando o fim da página. De uma página inexistente, continuação de parágrafos que eu havia deletado.

Era enlouquecedor.

Revirei gavetas, bolsos de calça, carteira... achei três fichas telefônicas. Saí do quartinho sem me preocupar em tran-

car a porta. Não me lembro também de precauções maiores, de andar cauteloso pelo quintal pra não incomodar a família... eu *corri*. Torcia pra que ninguém estivesse ocupando o orelhão da esquina. Torcia pra que ele estivesse funcionando.

O telefone tocou, e tocou... a ficha caiu...

— Pronto!

Graças a Deus, ele está em casa!, eu pensei.

— Ju... — pigarreei — professor Aristarco?

— Siiiim! Quem está falando?

— Sou eu, professor. O Tadeu. Amigo do Giovani, do Júnior... Nós estivemos na sua casa, tem uns dias. Eu escrevi um conto.

— Sim, sim. Eu lembro...

Uma faísca cortou o céu, numa fração de segundo. O barulho do trovão demorou mais pra se fazer ouvir...

— Professor. É muito, muito importante. Eu preciso que o senhor leia, agora, já, o final do conto que eu lhe dei. Por favor.

Pausa. Ouvi um ruído vago, vozes distantes.

— Escute, Tiago...

— É Tadeu, professor.

— Tadeu, isso. Tadeu. Olhe, eu entendo ansiedade de escritor. Eu também já fui novinho como vocês. Mas a esta hora... eu tenho visita em casa. Eu vou viajar daqui a uns dias... Você mal me passou o conto, eu não li, eu...

— Por favor, Aristarco! Por favor. Eu não estou falando de ler o conto, não é isso... só o final. Me leia as últimas linhas, agora... é muito importante pra mim!

— Mas pra quê? Você me deu uma cópia, tem disquete, não tem? Vai dizer que perdeu o conto?

— Professor. É um minuto. Meio minuto. Só leia o finzinho, só isso...

Mais barulho ao fundo, um suspiro. A ficha de telefone caiu.

— Você está ligando de um orelhão? Com esta chuva?

Em Vila Samambaia não chovia, mas no bairro distante e chique do professor poderia estar uma enxurrada. Afinal, mais de trinta quilômetros nos separavam. Menti:

— Está chovendo à beça, professor. Saí de casa debaixo de chuva, eu juro, juro que é muito importante...

Fodida chantagem emocional. Ele ainda tentou resistir:

— O conto está lá em cima, no quarto. Eu tenho um monte de gente aqui. Olha, eu prometo ler logo e nós...

— Por favor, por favor! Eu saí debaixo de chuva, é tão importante...

— Espere um pouco, vai.

Graçasadeusgraçasadeusgraçasadeus... — fiquei repetindo isso, apertando uma coxa sobre a outra, ansiedade disparada... parecia um cachorro novo, se apertando e mijando nas pernas, como eu vira um dia na infância, de tanta vontade de brincar com a gente, molecada...

Outro raio. Bem depois, o trovão. A terceira ficha caiu. Estava agora na última. *Vai, professor... acha logo esse conto... Anda, porra!*

Afinal, barulho no bocal, ruído de folhas sendo viradas...

— Alô? Está aqui... deixa ver, página... dezesseis. Último parágrafo. Só vou ler este, *okay*?

— Claro, claro. Muito obrigado, muito...

— "Venha, 'papai'. Vamos sair. A gente vai se divertir muito... Não é como falam? A noite é uma criança." Alô? Está bem assim, Tiago?

— Obrigado.

O conto tinha mudado... O conto tinha mudado naquela cópia também.

10

O OLHO DA LUA

1. Quando a dona Lógica sai de férias, ela costuma levar alguns amigos juntos: o Bom Senso, o Sossego, a Realidade — até o Sono.

Passei uns dias de cachorro. Claro que deletei tudo aquilo, todo aquele final escroto, da Bruxa-Menina prometendo aprontar barbaridades com o infeliz Paulo. Tudo deveria estar normal, conto redondo, *fimfimfim* encerrando a história... será? Dentro de mim havia o medo de que, se ligasse o computador, reencontraria todos os parágrafos deletados. E acrescidos de mais história...

E quando dona Lógica, esta senhora gorda que nos dá prumo na vida, sai de férias, a gente pode fazer duas coisas: uma delas é *enlouquecer*. Só pensar naquilo, no conto, nas explicações doidas de por que a história continuava e os personagens agiam à minha revelia...

Ou a gente pode fingir que nada daquilo aconteceu.

A senhora está viajando, está ótima, tão bronzeada e feliz. E eu? Ora, eu não vi nada. Não sei de nada. Conto, computa-

dor, bruxa de papel que ganha asas, voa e retorna numa vingança? Isso é bobagem, é FICÇÃO. Um mundo de faz-de-conta, e a senhora conhece muito pouco desse mundo, madame...

Foi o que tentei fazer. Ficava o menos possível no meu quarto. Por duas noites, fiz hora extra no banco, entrei em casa só pra dormir. Desliguei o computador da tomada, nem sentava à sua frente.

Se o banco não oferecia trabalho, eu seguia da agência direto ao boteco, sentava na mesa de qualquer um, pra beber e falar bobagem. Vi rapidamente o Giovani, uma noite, e ele me tratou bem. Distante — mas cordial. Gostei disso. Sinal de que ainda conseguiria "sair dessa", de um jeito ou de outro...

Acordava no dia seguinte com a nuca dura, a cabeça latejando... mas o dia acabava seguindo, às onze eu já estava quase sem ressaca. E, quando a ressaca passava, eu sentia o pensamento venenoso de "A dama dos sonhos" ameaçando invadir minha mente. Pânico. O medo que me vinha, nessas horas... eu tinha de agir. Não pensar. Eu precisava *desesperadamente me sentir normal.* Fugir daquele segredo que me tornava especial — e maluco.

Então ia fazer palavras cruzadas. Comer alguma coisa, andar, fazer ginástica, cansar a mente e o corpo. Qualquer coisa, menos pensar. Pensar *naquilo.*

A ajuda veio do lado que menos esperava — do Pedrão. Exatamente do amigo que era menos íntimo na turma. O bebum, o burrão, o que nunca sonhava grandes coisas pro futuro. O que sempre soltava uma abobrinha ou um peido no meio das nossas discussões mais sérias.

E foi ele quem falou a melhor coisa, pra mim, naquela fase em que eu andava.

— Cê tá virando bêbado, Tadeu? Já tomou meia garrafa de pinga.

— Quem tá contando? — eu respondi, fazendo o Zippo abrir e fechar, com uns truquinhos malandros. — Exagero, Pedrão. Foi aí... dois rabos-de-galo.

— Teve a espremidinha, antes das batatas.

Eu ri. Era engraçado, isso. Um bebum dando bronca num bebum... fui inventando novos truquinhos com o Zippo. Afinal, abri o maço, olhei: último cigarro, e havia aberto aquele de manhã. Minha média de dez unidades por dia já havia estourado, também.

— Sabe, cara? Cê tá parecendo um tio meu — ele falou.

— Era charmoso que nem eu?

— Não. Ficou doido. Como eu acho que você tá ficando.

Dessa vez, eu não ri. Fiz mais um monte de truques com o Zippo: usei um só dedo pra abrir a tampa e acender; joguei o isqueiro para o alto e acendi com a outra mão. Afinal, fui só abrindo/fechando o coisa: *plec-plequete. Plec-plequete.* Quando olhei para a cara dele, vi que Pedrão *continuava* sério.

— O que foi? Eu já sei... Você tá doido pra me contar do seu tio. Então, fala! Ele ficou maluco, é? Por quê?

— Ele era meio parado. Farmacêutico. A minha tia achava que ele era um bosta na vida. A mãe dele achava. Minha mãe achava. Até os filhos dele achavam...

— Até aí, a biografia dele tá igualzinha à minha. Tô adorando!

— Pára de piada, Tadeu! Num quero dizer que você é um bosta! Mas você, sei lá... era um cara maneiro. Que sabia tomar conta de si mesmo, saca? Nunca abusou de nada. Desta turma toda aqui, acho que você é o único que ainda pode ser alguma coisa na vida. Você quer um troço e vai, batalha, luta... não é um animal, que nem eu. Um vadio. Um doido que nem o Júnior. Um sonhador como o Cactus. Ou... sei lá, um gordo feioso, como o Asimov.

Sou um brasileirinho que queria ser escritor. Até que topei com uma máquina esperta demais, que faz minhas histórias mudarem sem eu mexer nelas.

Não falei. Só pensei. Nunca tinha imaginado que o Pedrão tivesse aquela capacidade de analisar os outros. E falar as coisas assim, na lata.

— Esse meu tio foi um cara tranqüilo, a vida toda. Aí, ele começou a falar que ia ser grande, que ia ter uma farmácia do escambau... fez promoção de remédio. Chegava cliente, o cara falava, falava... ria pra caramba. Deu pra beber, também. Virava uma garrafa, mas tudo bem... minha tia, coitada, ficou até alegre, ele começou a ter... como ela dizia, mesmo? A velha dizia, deixa eu ver: que o cara finalmente tava mostrando "espírito de iniciativa", era isso. Que ele tava pensando grande, ia ficar rico. Aí eu sei que ele varou um tempão, mais de semana, sem dormir. Deu de falar sozinho. Quando ele bebeu o estoque de xarope, a família descobriu: pimba! O homem pirou. Tava louco. Ficou um mês em sanatório. Um troço de maníaco-depressivo deu nele.

Pedrão enfiou meia dúzia de batatinhas na boca. Comia feio, espirrando pedaços da boca.

— É até gozado, se a gente pensar bem... o cara era paradão, a mulher sempre dando bronca porque todo o mundo fazia ele de bobo... quando parecia que ele ia ser esperto, ficar rico... ficou louco.

Eu sorri, meio por educação. Não tinha gostado daquela história, na verdade.

— Vai dizer que eu estou assim? Só tomei dois rabos-de-galo. E nem penso em beber xarope.

Eu ri, riso mole... a piada morreu nos meus lábios.

— Cara, num faz isso com você. Se você tá com problema... enfrenta. Você é o melhor cara deste bairro. Num bota isso a perder. O que foi? É mulher? Pra te deixar assim, hem?

Não deixa de ser, eu pensei. *Uma bruxa não é bem uma mulher, mas ela se parecia com uma... e está lá, tenho certeza. Guardadinha na memória do meu computador.*

— Sai dessa! Beber não te ajuda em nada, sacou? Quem te fala é um entendido no assunto.

— Vou pensar no teu caso — virei o último gole de bebida. — Vou pensar mesmo...

Mas não pedi outro copo. A gente falou de outras coisas, bobagens. E, depois, eu saí.

2. Foi naquela noite que eu resolvi enfrentar a fera. O que quer que fosse, que estivesse no meu computador. Eu saí do boteco, o vento que batia em meu rosto foi depressa me deixando sóbrio. Então bastaram quinze minutos de caminhada pra sentir que a cabeça ficava mais leve. Eu pensava melhor.

Fui andando, sem olhar fixo ninguém. À noite, a barra em Vila Samambaia pode ser pesada. Se você encarar muito um fulano, ele pode te assaltar. Ou pensar que *você* é o assaltante e te dar porrada. Conhecia bem as regras de sobrevivência do meu pedaço. Fui olhando pra cima. Pra Lua. Dessa vez, nada de Lua redonda, completa. Via uma luz meio que pela metade, formato amendoado de um olho... como era o nome, era lua crescente? Minguante? Nunca reparei nessas coisas.

Era bonita. Iluminava as nuvens grossas, o luar batia na calçada irregular, cheia de buracos. Parei para mijar à porta de uma casa, o cachorro ficou latindo... tive de me esvaziar depressa. Mal dei as balangadinhas, alguém gritou de uma janela:

— Sai daí ou chamo a polícia!

Nem pedi desculpas, corri logo. Ia voltar pro boteco, pensei. O Pedrão que se danasse, ele e seu tio maluco, ele e seus conselhos, ele e sua vida de merda, quem o cara pensava que era, pra me ensinar a viver?

E a Lua estava bonita. Dona Lógica havia viajado, mas ela poderia voltar à ativa... *não podia*? Como é que o Sherlock Holmes falava, mesmo? Por mais incrível que as coisas pareçam, quando você elimina o impossível, encontra a solução do caso... Não era isso?

A primeira possibilidade era horrível pra mim: *doido*. Escrevendo e esquecendo o que havia feito. Usando ponto-e-vírgula e palavras pedantes, que nunca usei na vida. Destruindo a tal "unidade redonda" do conto, só pra... pra quê? Pra esquecer no dia seguinte e curtir uma sensação irreal, uma dupla personalidade, era esse o jargão médico para casos assim?

Essa seria uma saída, mas eu me conhecia. O Pedrão tinha razão numa coisa: eu era um bostinha metido a escritor,

mas até aquele dia tinha cuidado de mim. Queria as coisas, lutava por elas... *duvido* que andasse criando enredos e esquecendo deles. Não era por aí a solução do caso.

E qual seria, então? O problema *não era comigo*. Então, o que era? O computador?

E se bruxas, sacis, duendes e *poltergeists*, para usar uma palavra estrangeira, *existissem mesmo, afinal de contas*? E se as tais forças ocultas pudessem agir e fizessem isso no meu computador? O que aconteceria? Por que estariam fazendo isso? Como?

Ora... só pra se divertir comigo. Me deixar maluco de pedra. Continuar e continuar minhas histórias, fazer os personagens ficarem mais loucos que eu e, no final, terem um pirado de carteirinha, se *eu deixasse*.

Porque Ela — bruxa, duende, *poltergeist, et cetera* — ia ficar bem chateada, se não conseguisse esse último intento, não é mesmo? Ia ficar puta da vida comigo...

O grande Tadeu, o mágico das palavras, o Deus dos Escritores, ia voltar a atacar.

3. O quarto. O computador. A cadeira, puxada à frente da tela. Respirei fundo. Estralei os dedos, alisei o cabelo. Puxei o cinzeiro mais pra perto de mim, catei novo maço de cigarros e acendi um, sem maiores frescuras com o Zippo.

Liguei a torre, a tela. As luzes piscaram, o zumbido normal do aparelho ligado me deixou estranhamente comovido. Excitado.

Ia começar.

Acionei primeiro o menu. Lista de arquivos: ANIVER/AUTOBIOG/BERG/CAMAMOR/CINEMA/DAMASON/DINHER/TRABALH... depois, o *pipipi* agudo, de fim da linha: só havia ali esses poucos textos registrados. *Okay*. Antes do prato principal — o DAMASON e seu demoniozinho conhecido — íamos brincar um pouco com a salada e a sopa, ver se também estavam contaminados.

Abri o arquivo ANIVER.

Confesso que respirei aliviado quando vi a boboca lista de nomes e datas. Tinha escrito isso no mesmo dia da compra do equipamento, em que o China instalara o sistema e eu queria testar aquilo tudo com qualquer texto.

Eu havia copiado da agenda a lista de aniversários, com nomes e datas, de parentes e amigos. Havia testado também tipos de letra, com tamanhos diferentes...

O arquivo parecia um bordado de mocinha casadoira, em seu exagero e capricho:

Adaílton — 22 de julho

Giovani — 13 de setembro

Mamãe — 5 de novembro

Margarida — 22 de abril

Papai — 9 de agosto

E por aí ia, nomes de amigos e de tantos parentes, queridos ou detestados, mas a listagem estava — graças a Deus! — *normal.*

Saí desse arquivo e fui para o segundo, o AUTOBIOG:

Nasci na Vila dos Onofres, interior de Minas Gerais, no dia 6 de setembro de 1974. Éramos muito pobres. Tenho poucas lembranças da primeira infância. Li num livro, um dia — acho que é uma idéia do Freud —, que quem se lembra pouco da infância, é porque não teve uma infância feliz. Vai ver é isso. Lembro quase nada dos primeiros anos.

Lembro de fome. Menos aguda, quando eu nasci — pelo menos, é o que minha mãe falava. Os dois irmãos mais velhos já haviam partido — Zé e Marcos no Exército, sumiram no mundo. Margarida e Madalena casaram-se quando eu ainda era bem criança. Marga viajou com o marido Adaílton, um baiano, para a cidade grande, e Madalena teve a sorte de arrumar um marido comerciante, ali mesmo em Vila dos Onofres. Não teve filhos, e foi ela quem trouxe mais conforto para mim e minha irmã caçula Constância, que vive até hoje com Madalena.

mento enxergasse a minha ousadia em usar palavras fortes e mostrar a entrega da garota virgem a uma entidade demoníaca — o íncubo.

Fui lendo. Olhos grudados à tela, apertando com rapidez PAGE DOWN, PAGE DOWN, PAGE DOWN — e lendo, lendo, lendo...

Afinal, o confronto de Bianca com a tia. A tia e sua única noite de amor, com o íncubo. A cama doada para a sobrinha. Bianca instalando a cama em seu quarto, na casa onde morava com os pais e irmão. O final:

> Bianca agia como uma noiva, arrumando-se para o amante invisível. Mas Bianca sabia: ele estava ali, deitado. Pronto para quando sua bruxa pegasse no sono.
>
> Afinal, era ele — ele, *incubus* — o melhor amante que ela — ela, a bruxa — poderia ter. Por noites e noites afora.

A página final. Eu lia, na rabeira da tela, o contorno do FIM, dividindo acima/abaixo da tela. Meu conto. A história nascida em um único dia, revista febrilmente nos feriados e depois intocada. Até aquela noite, nem sequer relida.

No segundo em que apertei PAGE DOWN, aconteceu. O FIM sumiu, instante mínimo. Meus olhos se arregalaram, as letras embaralharam-se diante de mim... Parágrafos e parágrafos, *novos*, estavam agora registrados.

Reparei no canto da tela, o número havia mudado. Tinha um arquivo de dezoito páginas, em vez de dezesseis... Não era possível. Falei palavrões, levantei da cadeira com tanta força que ela caiu. A *doidice*, não! O que estava havendo? Ia começar de novo?

> ela, a bruxa — poderia ter. Por noites e noites afora.
>
> Na manhã seguinte, Bianca levantou tarde. Ainda bem que era um feriado e sua família não desconfiou de seu sono fora do normal. Oh! que sonhos! que sonhos! que delícias! Trêmulo o coração a derreter-se

em quebrantos do céu! tépido o peito com a aragem dos sonhos!

Bianca vinha de uma longa estirpe, perdida nos tempos da Inquisição, de senhoras que dominavam as artes da feitiçaria. As mulheres em sua família sempre tiveram seus dons... Contudo, o que dava a essa pueril menina certeza de que conseguiria dominar o íncubo?

Íncubos não são seres que se domesticam. Não são seres que se deixam apaixonar pelos humanos. Não perdoam. São mestres do prazer. Amantes e sedutores; mas nunca escravos...

À noite, Bianca vestiu sua costumeira camisola de noiva. Deitou-se na cama e esperou o amante. Seu corpo fervia de desejos... Lembrava de como havia sido possuída com virilidade, com sofreguidão. Seu corpo jovem ansiava por novas experiências...

Mas o íncubo sabia da importância da espera. Não viera para ser servo, mas senhor. E possuiria mais do que a carne jovem de uma pupila do mal. Ele ainda seria o Senhor e comandaria sua força, sua vontade. Totalmente.

Bianca esperou por longas horas sobre a cama. Não conseguia dormir; ou o sono era leve demais. O íncubo punha em sua mente imagens e idéias excitantes: via uma mulher alta, andando por uma sala, esguia e nua, vestida apenas com sandálias de salto alto. Seu corpo era esplêndido. A seus pés, vários homens nus rastejavam, implorando suas carícias...

Bianca mordia os lábios, esfregava as coxas, ansiosa... novas imagens. Um homem viril, com membro imenso, possuía uma mulher pequena, sobre um descampado vazio, uma natureza deserta, imagem de quadro surrealista.

Os corpos se esfregavam e se penetravam, até que ambos viraram flores — o homem, lírio... a mulher, cravo... Eram flores ativas, movimentos frenéticos: o estame — feito membro do macho — penetrava na corola da flor, incessantemente. Dentro e fora, dentro e fora, no movimento sexual da reprodução; fosse

de animais, fosse de seres humanos, fosse de vegetais... era o mesmo ato: sôfrego, desesperado.

O casal copulou até que ambas as flores foram murchando... Enrugavam-se, encarquilhavam-se em marrom, suas pétalas secas: E mesmo no último instante de vida, ainda copulavam.

Vindas como benfazejo alívio, surgiram do nada centenas de formiguinhas ruivas. Elas se espalharam lépidas pelo macho e fêmea — o que restava deles, ainda no espasmo final da cópula. Subiram pelo caule de ambas... e devoraram integralmente o casal florido.

Bianca horrorizou-se com a cena. Queria impor-se medo: o pavor afastaria seu desejo. Mas não conseguia... Os olhos sempre fechados, presenciando imagens libidinosas de machos e fêmeas. E eles surgiam, de todos os lados: vaginas, pênis, reais ou simbolizados por objetos ou vegetais: alface copulando com cenoura, martelo batendo em panela, beija-flor cutucando a rosa com seu bico comprido... o mundo, sob suas pálpebras, tornara-se uma imensa representação do ato sexual, desdobrando-se em seres e mais coisas, sempre penetrando-se, abrindo-se, movimento frenético, dentro e fora, sempre...

— Não há como fugir, Bianca — surgiu a voz, muito longínqua, no meio daquela paisagem de sexo.

Bianca o chamou, a Ele, o Senhor da Noite:

— O que está acontecendo? Por que você não vem?

— Venho quando quiser vir.

— Onde você está? De onde você está falando?

— Estou em toda a parte. E sempre. Não és minha Senhora, Bianca. Eu sou o Senhor. Eu posso.

Bianca sentiu medo. Começou a chorar.

Só quando seu rosto estava umedecido pelas lágrimas, e quando seus ombros pareceram pesados e ela sucumbiu ao terror e à solidão, o Senhor apareceu. O rosto moreno, de olhos sempre tão brilhantes. Belo e mau como Satã.

— Vem, Bianca. Deita-te ao meu lado.

Suas mãos de homem tinham longas e perigosas unhas afiadas. Se usadas com força, seriam garras. Com morosidade, com cautela, eram suaves carícias sobre os bicos arrepiados dos seios de Bianca.

— Tens de entregar-te totalmente, minha moça branca... Farás sempre o que eu pedir? Jamais me trairás?

Enquanto o íncubo acariciava seu peito, Bianca sentiu alívio em sua mente. Nada de objetos sexuais; nada de flores virando pó e copulando, até a morte, sob as formigas... a paz.

A paz na alma. E o fogo no corpo.

Os dedos de unhas longas do homem sabiam onde encostar, sabiam como dar prazer. Bianca começou a gemer. Exclamou, várias vezes:

— Faço. O que você pedir. Eu faço.

Parei de ler. Aquilo era excitante, mas era... era *mau*. De um modo como nunca tinha lido antes, e jamais teria escrito algo assim. *Aquilo era mau!* Senti pena da garota. Sua entrega não era prazerosa, era... *submissa*. Ela era uma escrava!

Quando inventei a história, quando *criei* Bianca, eu o fiz pensando em *prazer*. Em alguma saudável sacanagem. Com a garota dominando suas escolhas. Tendo um parceiro safado, mas dócil. Não um invasor de corpos e mentes. Um estuprador. Um filho da puta.

O íncubo era isso, um filho da puta...

Que sensações estranhas, completamente estranhas, eu senti, naquela noite... tinha diante de mim a continuação do maior mistério na vida autônoma de meu conto. Mas eu tinha também, dessa vez, *ódio*. Fosse o que fosse que estivesse atuando em meu computador, estava destruindo minhas histórias... acabando com o conto e com meus *personagens*!

Sabia que pouco ajudaria, mas selecionei com o *mouse* as páginas seguintes, rapidez e ódio, muito ódio... depois, apertei

DELETE. Saí do arquivo. Desliguei o computador. Não queria ler, não queria saber o que estava acontecendo com Bianca...

5. Por quanto tempo fiquei com a cabeça coberta, jogado na cama? Apenas o tempo em que não consegui me arrumar nenhuma resposta. O tempo em que deixei o medo falar mais alto que a minha curiosidade, que a minha raiva...

Foi um impulso. Sentei na cama. Encarei o computador desligado. Era uma máquina, só isso. E, lá dentro, estavam meus contos. Meu trabalho, orgulho de quem estava tentando fazer boas histórias.

Fosse o que fosse que estivesse querendo me atrapalhar... o íncubo, a bruxa, o computador... eu não podia desistir assim! Ia encher a cara, fazer de conta que a vida estava *okay* até quando? Se era um mistério — *e era* — era *meu* também! E tinha de resolvê-lo.

Fui até a estante, alcancei um livro de frases. Abri ao acaso — e o acaso me recompensou:

> O homem não tem poder
> sobre nada
> enquanto tem medo da morte.
> Aquele que supera esse medo
> possui tudo, pois é imortal.
>
> *Tolstói*

Era isso! Por enquanto, eu lia coisas terríveis, via meu conto mudar, sem entender como... mas não corria riscos. Nenhuma ameaça sobre mim — exceto talvez à *minha sanidade*, se eu me pegasse a sentir pena de mim e a me achar doido.

Mas não, não era loucura pessoal. Havia *coisas* acontecendo. E, fossem reais, fossem parte de um Mistério maior no Universo, estava disposto a encará-las. A resolvê-las.

Então, fui à velha escrivaninha, separei caneta e papel. Fui rabiscando algumas observações.

E prometi a mim mesmo iniciar, dia seguinte, uma extensa pesquisa sobre os temas que havia abordado nos contos.

11

O FOTÓGRAFO

1. O horário de almoço terminava e eu não tinha conseguido coragem para entrar na livraria.

Era a mesma livraria próxima ao banco, onde sempre me aventurava procurando lançamentos e onde uma das balconistas, uma nissei de sorriso bonito, me conhecia até pelo nome.

Só que naquela hora de almoço eu *sentia vergonha*. À noite, de madrugada, quando listei idéias e propostas, eu me impus a visita à livraria. Mas ali, durante o dia, vendo o entra-e-sai de gente na loja, e tendo minha fúria investigativa bastante minada por um sono monumental, perguntava-me se não era tarefa difícil demais descobrir a verdade. Se valia a pena.

Pretendia encontrar no meio dos livros a resposta? Achava mesmo que, chegando ali como quem não quer nada, olhando as capas e as prateleiras com NOVIDADES, POLICIAL, AVENTURA ou AUTO-AJUDA, eu encontraria a solução para meu computador endiabrado? Era só chegar até a minha japonesi-

nha sorridente e perguntar: *Onde eu posso achar um livro sobre íncubos, benzinho? E bruxas? Você sabe como a gente se desfaz de um feitiço no computador? Eu acho bruxas na letra B, ao lado de burrice e baixaria?* Era algo fácil assim?

Afinal, criei coragem e entrei no meu espaço conhecido. Várias pessoas fuçavam nos livros. Andei pelas estantes, vi a japonesinha no caixa, acenei para ela, mas fiquei longe. Segui os cartazes: eles não estavam em ordem alfabética.

À esquerda da loja, a estante de ESOTERISMO e RELIGIÃO. Seção grande: oito prateleiras lotadas.

Peguei um título, por acaso: *A imagem da bruxa*. Ilustrações a bico de pena, imitando desenhos antigos, com aquelas figuras estereotipadas das bruxas: narigudas, desgrenhadas, magérrimas... mexendo em caldeirões fumegantes e acompanhadas de gatos pretos e corvos. Ótimo. Iguaizinhas à minha Bruxa-Menina ou às estonteantes mulheres morenas de Paulo.

Nada do que eu precisava. Recoloquei o livro na estante, revirei outros. O tema da moda parecia ser "anjos", e o que havia ali sobre eles! *Os anjos e sua vida*; *Conheça seu anjo protetor*; *Anjos, fadas e duendes*; *O sexo das feiticeiras*...

Este talvez tivesse mais a ver com o que eu precisava. Era um volume grande, mais de seiscentas páginas, capa chamativa, desenho com duas mulheres copiando a pose de *O nascimento de Vênus*, de Botticelli. Abri nas primeiras páginas.

Foi assim, de rabo de olho, que percebi alguém olhando para mim.

Se puxasse um pouco pela memória, eu perceberia que já a vira, lá na rua, olhando a fachada da livraria, enquanto eu mesmo criava coragem pra entrar. Quando finalmente entrei, ela entrou *também*... mas havia tanta gente ali pela loja, por que prestar atenção *justo nela*? Comecei a olhar tanto para o sumário como para a mulher.

Era uma senhora. Apesar do corpo bem reto — era, assim, uns centímetros mais alta que eu — e da roupa desco-

lada — saia de brim azul e camisa xadrez —, dava pra ver que tinha idade. Cabelo que fora loiro, agora bem claro, grisalho. Magra, mas atlética. E destacando-se *bem* — ainda mais quando ela os colocou fixamente em cima de mim — estavam os olhos azuis.

Olhos grandes, radiantes... contrastando com a pele dourada do rosto.

Quando ela percebeu que eu a havia notado, sorriu. Colocou o livro que segurava de volta à estante e se aproximou de mim.

— Posso ajudar a achar o livro de que você precisa?

Confesso que me decepcionei um pouco. Era uma vendedora? Ou, quem sabe, a própria dona da loja? Verdade que aquela livraria era do tipo *self-service*, mas a dona dos olhos azuis parecia bem decidida.

— Queria saber sobre íncubos... — eu respondi, antes de pensar mais. E fiquei vermelho. Do jeito que havia dito, parecia mesmo que eu procurava *os* íncubos, e não um livro sobre eles.

A mulher continuou sorrindo gentilmente. Respondeu com voz calma... como se *também* falasse sobre eles, e não sobre um livro a seu respeito.

— Íncubos eram figuras masculinas que perturbavam o sono das mulheres. Para a Inquisição, eram os grandes amantes das bruxas.

— Isso! — falei. — É sobre eles e sobre bruxas que estou procurando.

A mulher olhou para as estantes à nossa frente. Eu continuava com o grosso volume nas mãos, queria perguntar a ela sobre *O sexo das feiticeiras*. Mas a velha continuou ocupada... Olhava cuidadosamente os títulos em ordem alfabética, procurou em prateleiras acima, cujos volumes ficavam mais escondidos.

— Não sei se você encontrará aqui... — virou-se para mim, de mãos vazias. — Procure o *Malleus*.

— O quê?

— *Malleus maleficarum.* Em português é: *O martelo das feiticeiras.* É a versão da Inquisição sobre as bruxas, sobre quem elas eram. Como podiam ser encontradas. Como podiam ser destruídas. Para saber do outro lado, da versão das bruxas, deixe-me ver... Procure *O tratado da magia e da feitiçaria.* É um livro escrito pelo...

Estava tão atento ao que a mulher dizia que até pulei, quando senti o toque em meu braço. Soltei, acho, um pequeno grito. Virei depressa e...

Dei de cara, assim com o rosto bem perto do meu, com a Arlete. Atrás dela, a Sílvia...

Azar de mais! Adorava as duas. Minhas musas, minhas lindas garotas do banco, eu daria um dedo pra encontrar com elas fora da agência, olhar pra elas e, quem sabe, tentar alguma coisa mais íntima. Mas não *naquele momento... não ali, quando procurava por alguma ajuda...* eram as últimas pessoas que eu gostaria de encontrar.

O pior é que ambas pareciam tão receptivas... *simpáticas* comigo.

— Então, Tadeu? O que você tá comprando? — perguntou Arlete, dando o beijo no meu rosto, sem que eu pudesse falar coisa alguma.

Tentei acenar para a velha. Pensei, assim, num instante, se poderia apresentá-la para minhas colegas. Mas ia dizer *o quê? Esta mulher está me arrumando um íncubo e uma feiticeira?* A mulher se afastara de nós e agora procurava atentamente um livro na estante de LANÇAMENTOS.

— Cada livro grosso que o Tadeu gosta de ler... — falou Arlete para Sílvia. — Ele me mostrou um com quinhentas páginas!

— Eu já vi — completou Sílvia. — Em hora de almoço, ele está sempre lendo. Você me falou que leu *O nome da rosa,* não é? Gostou?

Murmurei um "sim", sem saber se comentava do enredo ou sugeria outro livro do Umberto Eco. O livrão das feiticeiras continuava pesando nas minhas mãos...

— O que é isso aí, hem, Tadeu? Deixa eu ver?

O sexo das feiticeiras passou das minhas mãos para as de Arlete. Sílvia ficou olhando por trás do ombro da amiga. Nervoso, eu olhava delas para a velha.

Arlete folheou o livro grande, foi virando as páginas, com pressa... e começou a rir. Mostrou uma figura para Sílvia, que tentou não ser tão escandalosa, mas tapou a boca para disfarçar o riso.

— O que foi? — perguntei.

— Pô, Tadeu! Você ia comprar o livro e nem sabe o que tem dentro? — ela me mostrou o desenho.

Uma ilustração em cores, com um demônio de pés de bode e um pênis do tamanho de suas coxas. O diabo-sátiro pulava em meio a três mulheres peladas, todos correndo em volta de uma fogueira, no meio de um bosque.

Fiquei vermelho. Tentei encontrar a velha com os olhos — ela não estava à vista. Olhei então para as outras ilustrações do livro... Arlete divertia-se em encontrar desenhos "interessantes" e os mostrava para Sílvia. As duas faziam um comentário meio safado, riam.

Vi figurinhas de barro com imensas tetas e vagina acentuadas, desenhos bem realistas de uma bruxa tendo relações com um bode; o desenho de uma orgia no *Sabá*...

Um vulto de cabelos claros saiu da livraria. Pedi licença pras duas, que continuavam rindo com os desenhos do livro, e fui atrás dele.

Era uma moça qualquer. Nem sinal da velha pela rua... decepção. A mulher bem parecia entender do assunto. Qual era mesmo, o nome do livro sugerido? *Malle, malla*...

Minha japonesinha do caixa fez um sinal. Fui até ela.

— Tadeu! Sabe aquela mulher que conversou com você agora, lá no fundo?

O coração respondeu batendo mais forte.

— Sei... a velha de cabelo grisalho.

— Isso. Ela me pediu pra entregar pra você — me passou um papel. — Perguntou se eu podia te arrumar esses livros aí...

A nissei me mostrou um bilhetinho, escrito com letra redonda e preciosa: *Malleus maleficarum* (era o tal *O martelo das feiticeiras* que ela havia citado). Além de outros títulos: *O tratado da magia e da feitiçaria*, *Bruxaria na Idade Média*... mais três títulos.

— Fofinha... — eu estava feliz. Sorri pra minha japonesinha linda e não me importei mais se a Sílvia ou Arlete ainda riam da minha desastrada tentativa de achar livros sérios sobre bruxaria, ou se ainda comentariam o fato na agência, me transformando no "idiota da tarde". — Dá pra você encontrar todos eles pra mim?

— Hummmm... — a garota mordeu a ponta da caneta. Alcançou alguns papéis sob o balcão. — Vou ter de checar título por título, de cada editora. Não sei se todos eles ainda estão em catálogo...

— Faz isso pra mim? — sorri. O sorriso mais sedutor que um cara podia soltar, em cima de uma garota de tão lindos dentes brilhantes.

A moça me sorriu de volta.

— Está bem. Passa aqui amanhã, vou ver o que arrumo pra você.

2.

A nissei me conseguiu, sim, alguns dos livros. Eram detalhados e impressionantes, principalmente *O martelo*...

Dia a dia, sentia que me transformava num caçador de informações. Poderia escrever, eu mesmo, um manual sobre como achar informações a respeito de bruxas e demônios e de caça às bruxas e demônios.

Algo assim...

1) Você sabia...

... que um livro escrito em 1484, chamado *O martelo das feiticeiras* (*Malleus maleficarum*), pelos jesuítas Heinrich Kramer e James Sprenger, foi durante três séculos a Bíblia dos Inquisidores? Que o livro detalhava modos de identificar bruxas, fazê-las confessar e castigá-las — na maioria das vezes, com a morte na fogueira?

2) Você sabia...

... que milhões de "bruxos", "feiticeiros" e "hereges" foram queimados em 4 séculos de perseguição, pela Inquisição? Que, destes, 85% eram mulheres? Que, em algumas cidades, havia seiscentas execuções por ano? Na área de Wertzberg, novecentas bruxas foram executadas num único ano? No arcebispado de Trier, em 1585, duas aldeias foram extintas — após o trabalho eficaz dos inquisidores, restaram ilesas apenas duas mulheres, em cada uma delas, que não tinham sido acusadas de feitiçaria e eliminadas na fogueira?

3) Você sabia...

... se as bruxas são capazes de transformar os Homens em Bestas?
... por que a superstição é encontrada principalmente entre as mulheres?
... de como as bruxas, por assim dizer, privam um homem de seu membro viril?
... que as Bruxas copulam com Demônios?
... de como as bruxas copulam com os demônios conhecidos como íncubos?
... de como se faz um pacto normal com o diabo?

Estas últimas perguntas eu as copiara de *O martelo das feiticeiras*. E, para responder a tudo isso, eu li as quinhentas e trinta páginas, entre admirado, fascinado e surpreso. Era um absurdo como a Igreja Católica havia inventado o Diabo. E, de tanto insistir na sua existência, conseguiu criar a sua legião de feiticeiras...

E, para conseguir que tantas "feiticeiras" confessassem, a tortura.

Dulcino, assim como Margarida e Longino de Cattanei, seus adeptos mais próximos, foram feitos prisioneiros pelos cruzados e entregues à Inquisição, que os deteve num calabouço na cidade de Vercelli. Permaneceram ali vários meses, presos à parede com grilhetas nos braços, nas pernas e no pescoço. Apesar de lhes terem aplicado as torturas mais refinadas, os 3 preferiram ir para a fogueira a abjurar. A Inquisição pronunciou a sentença de morte por indicação pessoal do papa Clemente V. A execução efetuou-se a 1º de junho de 1307. Margarida foi queimada a fogo lento à vista de Dulcino. De seguida fizeram este subir para um carro e levaram-no durante todo o dia pelas ruas, tirando-lhe a carne, bocado a bocado, com tenazes incandescentes. Dulcino comportou-se heroicamente. Os verdugos não conseguiram que soltasse um único lamento. Não lhes implorou misericórdia. De acordo com o relato de um contemporâneo, 'só quando lhe arrancaram o nariz se viu que os seus ombros estremeceram espasmodicamente, e numa outra ocasião, quando em frente à porta de Vercelli, chamada Porta Picta, lhe cortaram outra parte mais vital do seu corpo, um débil suspiro escapou do seu coração e contraíram-se levemente os músculos contíguos à fossa nasal'. Do mesmo modo horripilante, Longino de Cattanei foi executado em Biella.

História da Inquisição,
I. Grigulévitch. Lisboa:
Editorial Progresso, 1980.

3. Eu fazia as pesquisas e anotava, claro. Mas também não conseguia parar de ler as mudanças nos contos. E elas prosseguiam. O que eu lia, acabava me surpreendendo... e também me deixando encabulado.

Era *mau*, não era? Era como se seu fosse um *voyeur*, um tarado que se metia a ver o sexo alheio pelo buraco da fechadura do computador.

E o computador não me decepcionava. A cada dia, novo adendo. E fortes, excitantes. Bianca e seu íncubo conseguiam muitas noites de amor. Às vezes, era possível perceber que a garota tinha muito prazer com seu amante diabólico. Ele era dominador, viril.

Quanto à bruxinha do Paulo...

De como a feiticeira conhecida como Bruxa-Menina induz os homens a entrar em contato com os malefícios. De como ela elimina a vontade de seu protegido, o infeliz Paulo, e o impede de qualquer atitude. De como a Bruxa-Menina comete o mal.

O ruído da campainha foi ouvido por todo o apartamento.

A Bruxa-Menina foi atender à porta. Olhou antes para Paulo, sentado imóvel sobre o sofá.

— Comporte-se como um papai — ela disse.

Recebeu o homem com seu sorriso infantil, de quem tinha nove anos. Ela parecia linda e ingênua...

"Você conhece algo mais monstruoso do que uma menina de nove anos com a mente de um homem pervertido de trinta?" — suas palavras, na noite da transformação.

O homem era miúdo, de cinqüenta anos. Tinha um tipo físico nervoso: uma veia saltava na testa enrugada, sua pele era fina e seca, formando rugas pelo rosto inteiro. Salivava muito. No canto da boca, formavam-se bolhas de excesso de saliva, espuma bran-

ca. Suava muito e o cheiro encruava nas suas roupas. Apareceu usando trajes solenes: terno marrom, calça de pano, sapatos de couro negro. Poderia ser um seminarista, um professor de escola secundária, um papa-defunto?

Era um fotógrafo.

— Boa noite, boa noite... — o homem cumprimentou, à esquerda e à direita, enquanto despejava em meio à sala seu material de trabalho. Olhou para ela: — Linda menina! Minha Suze'm.

A Bruxa-Menina havia dado o nome de Susanne, para o homem. Tinha sido Grace na antevéspera e Nicole para um cliente da outra semana. Paulo não se importava mais em decorar seus nomes inventados.

— Papai quer saber do dinheiro — falou Susanne, depois de dar um beijo na bochecha seca do homem.

— Sim! Mas é claro. Sou um profissional... — falou o fotógrafo, tirando um envelope do bolso do terno e estendendo-o para Paulo.

Paulo olhou para o envelope fechado e para o homem. Continuava imóvel. Se ele pudesse, talvez falasse alguma coisa. Como tentou fazer com o cliente de Grace: depois de atrapalhar uma das primeiras sessões, a menina resolveu trancar sua língua dentro da boca, como castigo. Paulo ficou apenas olhando para o envelope fechado, sem poder se mover. Olhava-o como se o envelope fosse uma folha seca caída em seu colo.

A Bruxa-Menina pegou e abriu o envelope. Contou as notas, devagar. Depois, exibiu-as diante dos olhos de Paulo, movendo-as como se fossem cartas sendo embaralhadas com rapidez.

— Papai não está muito bem, nestes dias. O pagamento está certo. Não é, papai?

Paulo olhou bem de perto nos olhos da Bruxa-Menina. Pensou que o filho da puta do fotógrafo deveria desconfiar de alguma coisa, nem que fosse da sua imobilidade... mas eles nunca desconfiavam de nada. A sua tara, a beleza da menina, a passividade do pai... era tudo tão *perfeito* para homens como aqueles. Era o universo ideal para fazer as fotos, curtir o corpo infantil, babujar suas taras sobre a meninha inocente...

— Você quer tirar as fotos aqui? — perguntou a Bruxa-Menina.

— Sim, meu benzinho! Onde você quiser, Suze'm — o homem suava, a saliva continuava branca no canto dos lábios. Virou-se para Paulo: — Que amor de menina, que filha o senhor tem... vai ser um sucesso. O senhor sabe, é arriscado. Mas no nosso negócio...

— Você não veio aqui pra trabalhar? — falou a menina. — Deixe meu pai em paz. Ele está doente.

— Claro, claro... — falou o fotógrafo.

POSES:

1) A menina, nua, sentada na poltrona. No colo, entre as coxas, o urso de pelúcia. O sexo visível.
2) A menina, de camisola entreaberta, passando batom nos lábios e olhando-se no espelho.
3) A menina, dormindo, sob a luz das lâmpadas acesas nos tripés. Um pezinho calçado em sandália três números maior... a sandália escorregando dos dedos... um detalhe para podófilos que também curtiam crianças.
4) A menina, nua, lambendo sorvete. A calda escorrendo por seu corpo miúdo, fazendo um desenho pelo ventre, o melado correndo até seus pés.

Cem, cento e vinte fotos batidas. Três horas de trabalho em que Paulo ficou mudo. Totalmente imóvel no sofá...

Fim da tarefa do homem magro. *Aquele era magro*, pensou Paulo. Outro era imenso, mais de cem quilos, e ele queria sexo — não fotos. Outro, ainda, era oriental. Falava com sotaque carregado e pretendia tornar a menina uma musa do cinema pornô infantil.

O fotógrafo guardou tripés, lentes, máquina e filmes, numa grande maleta.

A Bruxa-Menina olhou fixamente no rosto de Paulo. Sorriu para ele. Paulo também não podia sorrir. Sua língua colada impedia qualquer movimento dentro da boca.

— Eu quero ver as fotos — falou para o fotógrafo.

— Como, menina bonita?

— As fotos.

— Ah, ah! Que gracinha... Agora vou revelar. Tenho de ampliar o negativo, depois escolher as melhores. Semana que vem, se você quiser, eu trago. Eu trago as mais bonitas pra você. Está bem?

— Eu quero agora. E quero todas.

A menina começou a mexer na maleta. O magrelo ria e suava, nervoso. Tentou ser firme, empurrar as mãozinhas da menina, e sorria. Sorria e olhava para o "pai"... O pai, tão parado, tão apático, sem rancor e sem incentivo. Morto. Era uma situação incômoda. *Se a menina não fosse tão bonita, tão fotogênica*, pensava o fotógrafo, *era o caso de dar uma surra nela.*

— Eu já lhe disse, Suze'm. Não adianta, as fotos demoram... Tira a mão daqui da maleta que você...

— O que é isso?

A Bruxa-Menina tirara da mala dois envelopes grandes, parrudos. O homem tinha certeza de que aquele material não estava ali, antes. Sorriu, riso nervoso:

— Mas... são as fotos! As fotos que você tirou agora mesmo! Não é possível. O quê...

O fotógrafo abriu um envelope, o outro... as poses todas ali, registradas no papel. Surgindo assim, surpreendentes, sem revelação, sem química alguma.

Por mágica?

E que mágica atingiu o fotógrafo por trás?

Ele nem reparou que um dos tripés estava agora nas mãos de Suze'm — ou Grace ou Nicole. Não sentiu dor quando a ponta rombuda foi usada como arma pelas mãos delicadas de uma menina que era forte, *surpreendentemente forte, para apenas nove anos...*

A primeira porrada acertou a nuca do magrelo. Ele caiu no carpete, fazendo um som abafado. A menina concentrou as outras pancadas ali: dez, vinte certeiras pancadas na parte posterior da cabeça do homem.

O colorido do sangue espalhou-se pelo cabelo ralo do fotógrafo, pelo carpete. Paulo havia fechado os olhos depois do primeiro baque. Pelo menos isso ele podia fazer. Ficou ouvindo, por longo tempo, as pancadas repetindo-se com uma regularidade impressionante, transformando a pele e as veias da nuca em massa pastosa...

A voz da doce menina falou:

— Acabou, papai. Ele está morto.

Paulo abriu os olhos. Pôde ver a mancha escura espalhando-se sobre o carpete vermelho-escuro, quase marrom. E na cabeça — aquilo que um dia fora a cabeça de um louco fotógrafo tarado por crianças — estava uma pasta viscosa de miolos e ossos arrebentados...

4. Sonhei com a Bruxa-Menina. E tive medo dela. No sonho, era eu que a fotografava e podia vê-la estranha, não natural... Seu rosto era infantil e ela possuía olhos radiantes. Mas o corpo era absolutamente adulto. Sexo com pêlos, mamilos grandes, coxas grossas...

Era um sonho erótico — apesar de maldoso. Havia um homem morto na sala. Em nenhum momento eu pude ver o seu corpo, só sabia que estava morto e coberto por um lençol, em um canto da sala. Isso me incomodava à beça. Eu batia uma chapa e olhava para o corpo; batia outra e encarava o volume sob o lençol.

— Pára de olhar pra ele — falou a menina, nua e sorridente, rolando-se no tapete. — Ele não presta pra nada...

Eu ria. Não que achasse as coisas que ela dizia engraçadas, era como uma *obrigação* ser gentil com a menina. Ria como imaginava que o fotógrafo dela tivesse rido.

E, depois, eu me deixava seduzir pelo trabalho. Era engraçado tirar fotografias. Era *bom* ver aquela intimidade próxima e tão bela de mulher, ainda mais sabendo que era uma menina...

E depois, se ele não prestava pra nada, se ele estava morto mesmo, debaixo do lençol, não tinha de me sentir culpado. Idéias que me vinham fortes, no sonho. O trabalho, o prazer e a *justificativa* para não ter culpa.

Eu seguia ao redor de seu corpo, ligeiro, divertindo-me: *flashes*, *flashes*, luzes estourando em torno da garota, som de vozes. Risos. Mais vozes.

E, aos poucos, as lâmpadas pipocando pareceram tiros. A sua luminosidade ficou menos amarelada, menos pálida...

Luz azul. Que veio devagar pela janela e depois iluminou a sala inteira. Era *um globo*, um globo azulado... Ou um glóbulo? Um olho azul imenso, com pupila e veias, que penetrou pela janela e ocupou o teto.

Ele incomodava. Falei para a Bruxinha:

— Não é melhor parar? Tem gente olhando...

— Que olhem — a bruxa se virou, de frente para mim, pose ainda mais provocante. — Você não é um profissional?

— Claro — respondi.

— Então, trabalhe!

Novas fotos.

O azul do olho às minhas costas...

Parei de fotografar, joguei a máquina nos meus pés. A máquina quebrou, a bruxa ficou zangada comigo.

— Você não pode parar! Ele está morto. Você tem um trabalho a fazer.

— Mas, Edilene... — eu falei.

Aí a menina ficou mesmo furiosa. Seu rosto era mais adulto e moreno... *era* Edilene, mas de um jeito diferente. Eu só sabia que era ela, não que seu rosto fosse igual ao da realidade.

E essa bruxa-Edilene não mais estava nua — pelo menos, eu no sonho não me preocupava mais com isso.

Nas mãos dessa figura feminina — Edilene, mas sem ser ela de verdade — estava um estilete. Devagar, ela avançava sobre mim.

Luz azul estourando por todo o lado, cobrindo nós dois... Um mal-estar miserável.

Acordei suado. O computador ligado — poderia jurar que o havia desligado — e o corpo viscoso, boca seca...

12

NA CASA DE BIANCA

1. *De como o íncubo impõe Sua Vontade sobre a moça conhecida pelo nome de Bianca e faz suas exigências maléficas.*

— Tinhas um namoradinho... — falou Ele, o Senhor.

— Não sei do que você está falando — respondeu Bianca, movendo-se na cama, de olhos fechados.

— Tu sabes, sim. Um rapaz... Ele te excitava, não, Bianca? Era um nome tolo. De pequeno, *Minimus... Junior.*

— Eu quero dormir. Por favor. Eu quero dormir.

— DORMIR! A minha Bianca-senhora quer dormir! Quem permite que ela durma, quem?

O íncubo moveu-se junto com a cama. Toda ela se fez músculos e nervos, que pressionaram o corpo de Bianca nos lençóis. Uma carícia e um alerta. A pressão que, se mais forte, poderia ser dolorosa...

Foi o que fiz. Perguntei quanto queriam. Depois fiquei quieto. Ouvia os soluços de Marga, cada vez mais altos, sua fala sempre repetida:

— Tadinha da mãe, Tetéu, tadinha da mãe... Madalena falou que ela pode ficar cega, perder a perna, já imaginou? Inté morrer, Tetéu... *morrer*. Eu gosto tanto dela... — e caiu no choro.

E *eu? Não gostava?* Não gostava tanto dela, que até a detestava por ser tão humilde e conformada? Por ter aquela vida besta que sempre teve? O que Marga esperava que eu fizesse? Eu não teria lágrimas, não *ali, na frente de Adaílton e de Edilene*, para a minha mãe. Ali, naquela cozinha, com a cena armada para que se sofresse por obrigação, eu me recusava a participar. A chorar. A sofrer porque queriam que eu sofresse.

Eu só podia dizer, sério:

— Quando você viaja, Marga?

— Num sei, Tetéu... — ela olhou para Adaílton. Foi ele quem completou:

— É bom logo. Amanhã memo.

— Então, Tetéu, se ocê empresta o dinheiro, a gente vai amanhã — falou Marga, enxugando os olhos. — Daqui a dois dias já tá em Minas...

Ela segurou minha mão, e eu gelei. Sua mão quente e úmida me deu nojo. Exigia de mim aquela emoção que eu estava resolvido a não mostrar. Mordi a boca. Falei, muito depressa, que contasse comigo. Que eu ajudava. Que, se tivesse férias pra tirar, eu também viajava com eles. Que desse um abraço na mãe, pedisse a benção pro pai. Falei, falei... E, logo que pude, soltei a mão dela da minha.

Fiquei de pé, na beira da porta da cozinha:

— Amanhã eu pego o dinheiro, Marga.

— Deus te pague, meu irmão... — falou ela.

— Vou trabalhar — eu falei, baixinho. E segui pelo quintal.

A voz de Adaílton, me seguindo:

— Nem com a mãe morrendo, esse diabo num perde a pose! Isso lá é jeito de falar, Diabo que o carregue, seu Tetéu de merda!

Edilene riu.

3. *Que direito o Adaílton tinha de dizer aquilo?*

Quanto tempo, naquela noite, não fiquei com aquelas palavras revirando na cabeça, revirando... "*Nem com a mãe morrendo, esse diabo num perde a pose!*" Mãe morrendo. Por que ele dizia isso, que merda? Com que direito?

Eu podia dizer mil vezes, com toda a clareza: *Ele é um imbecil. É um coitado, um bebum escroto. Morre de inveja de você, te odeia.* Mas o filho da puta bem que me deixara *culpado.* Como se faltasse em mim um fragmento de alma humana. Por que eu deveria me esgoelar, não é mesmo? Sofrer profundamente, dar um jeito de correr para Minas, e me agarrar à beira do lençol da mãe moribunda, e chorar, e me desesperar.

E eu não fazia isso. Eu sentia o *vazio*, claro... Mas naquele momento não tinha a menor vontade de sair de perto do computador, de abandonar minhas histórias, de deixar que o desfecho daquela situação surreal, louca, fosse completado sem minha participação.

Foi uma noite difícil para eles também: Deitado na cama sem conseguir dormir, com a frase miserável do Adaílton me rondando a cabeça, ouvia passos na casa. Ouvia a voz de Marga, indo e vindo pelos quartos, provavelmente fazendo malas e conversando com Edilene ou com o marido. Ouvi o choro do Iltinho e várias vezes me perguntei se não deveria ir lá, oferecer ajuda.

Mãe morrendo... nem com a mãe morrendo... de novo, o riso debochado de Adaílton, sua gargalhada ecoando dentro de mim.

Acabei sem mexer mais no computador. Acho que era bem de madrugada quando finalmente cochilei.

4. Vesti o terno de manhã por hábito — sabia que só poderia ir ao emprego à tarde. Peguei ônibus, fui à agência mais próxima e às dez horas usei o cartão para sacar o resto da poupança. Tudo o que me sobrara mal dava para as passagens de Marga e dos meninos.

Quando voltei, Maikol estava sentado na mureta da casa. O dia prometia ser quente, mas o garoto vestia sua roupa de sair: camisa social de manga comprida e calça *jeans* nova. Perguntei do pai:

— Saiu. Disse que ia arrumar algum emprestado com o Zé do bar.

Além de dinheiro, imaginei que Adaílton tivesse outros motivos para uma visita ao bar. Perguntei se estava tudo pronto, Maikol só acenou com a cabeça confirmando.

Estava resolvido a ser o "tio bom" com ele, naquela manhã. Puxei mais assunto:

— Então você viaja pra Belô e, depois, pra Vila dos Onofres. Você já esteve lá. Tem uns seis anos, nem sei se você lembra.

— Lembro do tio Carlos. Da loja dele.

O marido de Madalena. Dono de empório.

— Você gostou de ajudar o tio, né? Uma loja grande... E vai ver o vovô, a vovó... Faltar na escola. Tá contente?

O menino deu de ombros. Era tão magro e seco. Lembrava a mim, como eu era. Aos onze, doze anos, tinha o mesmo jeito de bicho-do-mato, cabelo liso e cara marrom do menino.

— A mãe tá triste — ele resumiu. — Diz que a vó vai morrer.

Não tinha mais muito o que dizer. Lucas chegou junto de nós, mãos dadas com Iltinho. Os filhos de Marga, do meu lado. Só agradei o cabelo dos menores. Lembrei de um chaveiro, brinde do banco, enfiado no bolso do paletó — dei pro maior.

Eu olhava pra eles, tentava puxar papo. Maikol, Lucas, Adaílton. Na escolha de seus nomes, um breve histórico de como minha irmã foi-se deixando dominar pelo imbecil do

marido. O primeiro filho tinha sido barriga dos tempos de solteira. Por causa da gravidez, Marga e Adaílton se casaram, apressados. Este teve o nome de seu cantor favorito — Michael Jackson. O segundo, Lucas, veio por conta de um personagem de novela, sucesso na época da gravidez. O Adaílton aceitou, a contragosto, porque Lucas era também o nome de um tio dele. Já o terceiro era "filho de peixe": Adaílton Júnior, Iltinho, o bebê temporão, aquele que ou ficava metido no berço boa parte do dia, pra não incomodar, ou saía voando pela janela, pra ser espetado numa grade de ferro...

5. Adaílton acabou exagerando tanto no "arrumar coragem" e pedir empréstimo pro Zé, que voltou bêbado demais para ser útil.

Tive de ir com eles à rodoviária. Contra minha vontade, enfrentei a choradeira de Marga, o atrapalhamento com as crianças. Prometi que passava na escola dos mais velhos e explicava suas faltas. Estavam bem de nota, praticamente já haviam passado de ano, mas Marga se apavorava com a idéia de que perdessem a vaga.

Jurei e prometi fazer mil pequenas coisas e cuidados — com a casa, com Edilene, com Adaílton —, coisas que, na verdade, jamais pretendi cumprir.

Foi um extremo alívio retornar a casa, ao final da tarde, e encontrá-la vazia. Nem sinal de Edilene, nem sinal de Adaílton.

Mal havia tirado o paletó, quando a tela do computador acendeu. Soltei um palavrão. Com a cabeça tão cheia de problemas, com tanta coisa concreta a resolver, nem planejava topar com as sacanagens sexuais de meus personagens...

Dessa vez, porém, era outro o tipo de maldade.

6. Tocaram a campainha. Bianca logo atendeu à porta. Era Carlos.

— Tudo bem? Me dá um beijo.

Bianca beijou Carlos no rosto. Beijo frio, distante. Depois, afastou-se dele.

— E aí, seus pais viajaram mesmo?

— Tem duas horas. Foram pra São Carlos do Arraial. Minha tia ligou, bem cedinho. Falou que era urgente, eles foram.

— Essa tia morava com sua avó, né? Aquela que morreu, a da herança...

Bianca confirmou movendo o rosto. Não parecia interessada em continuar a conversa. Incomodado, Carlos sorriu. Não tinha sido convidado a sentar.

Ele ficou olhando em volta de si. Lembrava dos comentários na escola de que agora os Gutierrez iam ficar bem de vida. Sobre uma cristaleira, um jogo de chá com doze peças de prata.

— Era da sua avó? — ele perguntou, pegando numa xícara.

— Era. Muita coisa veio lá da casa. Mamãe gosta.

Bianca permanecia longe dele. Carlos estava nervoso. O convite tinha sido de manhã, na escola. Muito direto, do tipo que cara nenhum recusa: "Meus pais vão viajar. Eu vou ficar sozinha. Eu quero que você venha ficar comigo. Você vem?"

Era convite com duplo sentido, não era? Pelo menos, Carlos pensava assim. Bianca, antes, era bonitinha, mas meio tonta. Ria, ria tanto, feito boba... Depois que a avó morreu, e, vai ver, a família encheu a burra de dinheiro — "encheu a burra de dinheiro" era uma expressão do avô dele, que Carlos gostava de repetir —, a mina andava bem mais gostosinha. Voltou do interior com um olhar de gata. Jeito dengoso de corpo... Misteriosa. Um tesão.

— Então a gente tá sozinho! — ele riu. — Sempre quis ficar com você, Bianca. Sabia? Desde a festa do Bebeto, eu queria ficar com você.

Bianca olhou para o andar de cima do sobrado.

— Vem cá. Me dá um abraço — falou Carlos.

Carlos aproximou seu corpo ao da garota. Deu um beijo nela. Beijo morno... Bianca deixou os lábios

fechados. Não correspondeu. Decepcionante para o rapaz.

Barulho no andar de cima.

— Acho melhor você ir embora, Carlinhos.

— EMBORA? Mas acabei de chegar! Pensei que a gente...

Ele não terminou a frase. Outro barulho, mais forte, como se alguém arrastasse um móvel no quarto.

— Você não falou que a gente tá sozinho? — perguntou Carlos.

— A gente tá.

— Então, o barulho... — Carlos quis saber.

Ele não continuou falando. Bianca se pendurou nele. Encostou suas coxas bem encaixadas nas dele. Abriu os lábios e foi decidida sugando a boca do rapaz. Nem esperou que ele movesse a língua, foi procurando a dele, foi esfregando os quadris, foi arrastando o moço para o sofá, ali mesmo na sala, apertando suas coxas na altura do membro do garoto, esfregando, excitando...

— Uau! — ele falou, quando pararam de se beijar pra tomar fôlego. — Você quer aqui mesmo, Bianca? Você me convidou mesmo pra...

Barulho mais forte ainda, no andar de cima.

— Pera aí, porra! Tem alguém lá em cima! — Carlos empurrou o corpo da garota, levantou-se.

Seguiu até a escada.

— NÃO! Carlos, espere! Não suba aí. Ou você vai embora, ou você vem aqui, comigo! AQUI, AQUI NA SALA, AGORA!

Carlos subiu a escada, de dois em dois degraus. À porta do quarto de Bianca, ele sorriu. Falou, para o andar de baixo:

— Essa é a cama da Bela Adormecida? Que barato! O que é que você colocou nela, pra brilhar desse jeito?

Bianca subiu a escada, vagarosamente.

Carlos tinha tirado os sapatos. Sentado na cama, balançava-se e ria.

— Que legal...

— Pára com isso. Não tem graça.

— Tem sim, tem sim! Vem cá, Bianca... É herança da vovó, também?

— É mais que isso, sua besta! Você tem de sair daqui... Sair daqui, AGORA, JÁ! Saia daqui!

Bianca subiu na cama e começou a puxar o rapaz, decidida. Com força. Ele ainda ria. Ainda achava graça... O corpo foi amolecendo. Seus olhos foram pesando. Ia ainda chacoalhando a bunda sobre a cama, na brincadeira... Subia e descia, embalado... *pela cama?*

Sono. Bianca continuava puxando-o pelo braço. Ele pesava setenta e nove quilos. Assim, quase adormecido, era difícil puxar um corpo inerte, arrancá-lo da cama, sem que colaborasse.

— CARLOS! Você tem de sair... agora... sair...

O rapaz adormecido soltou um suspiro. Sorria.

Bianca afastou-se. Lágrimas surgiram em seus olhos. Ela *sabia por onde ele andava*... podia imaginar quais as estradas que o rapaz adormecido percorria...

Bianca afastou-se da cama. Só lhe restava olhar. Os lençóis moviam-se. Formavam ondas, muito maiores do que seria possível fazer com a metragem de pano dos lençóis. A cama ondulava, envolvendo o corpo do rapaz. Aos poucos, ele foi ajudando, foi movendo braços, esfregando pés... — estava em sono profundo — foi tirando a roupa.

Rapidamente, Carlos ficou nu. Bianca viu seu corpo musculoso, bonito. O pênis estava ereto; a respiração, acelerada. Parecia dormir e parecia feliz.

A cama o envolveu completamente. Como uma montanha de tecido branco. Como asas de uma águia. Como um corpo feminino...

Bianca viu surgir o conhecido rosto de seu íncubo, desenhado pelos lençóis. Era mais uma máscara

do que o rosto de um homem: destacava-se em relevo sob os panos como se algum artista exótico tivesse esculpido uma cara diretamente no lençol. Seu olhar era fixo e redondo; no queixo, um esboço de cavanhaque. Um rosto que sorria... e os lábios eram grossos, sensuais. Aos poucos, Bianca percebeu que, de sua boca entreaberta saía uma língua fina, feito cobra, e ela foi-se esgueirando entre os panos. A onda de tecido subiu, altíssima, tocando o teto, envolvendo de vez todo o corpo do rapaz.

Bianca não mais enxergava Carlos. Ele estava por inteiro coberto pelo tecido. A cara diabólica soltava metros e metros de língua, impunha-a por debaixo do tecido, enrodilhava o jovem corpo nu... parecia ganhar contorno, engrossar feito corda; tornar-se mais forte e desdobrar-se em tentáculos. Poderia, talvez, romper, penetrar, cortar...

A cama inteira era feita de movimentos, ondulações, espasmos... Ora o contorno do corpo de Carlos sobressaía, ora se diluía nos tecidos, mas sempre estava coberto pela cama e enrolado pela língua-cobra. Durante quantos minutos Bianca ficou parada em meio ao quarto, olhando?

Depois, de maneira rouca e fraca, Bianca começou a ouvir seus gritos. Ela não podia *ver* o que estava acontecendo... mas podia *adivinhar*.

O movimento na cama se acelerava... O rosto-máscara em relevo mantinha sua expressão de felicidade... A língua desenrolava-se mais e agora apertava, impunha força...

Bianca fechou os olhos, tapou o rosto com os braços... Por muito tempo, ainda pôde ouvir os gritos abafados e um som rascante, como uma tesoura que cortasse pano. Ou cortasse pele. Ou cortasse carne.

13

O TEMPO É UM RIO

1. Dois dias depois que Marga viajou, me chamaram ao Departamento de Pessoal. "Rotina, pura rotina", falou um colega, o Ernesto. Mas sorria muito: *demais*, pra ser só rotina. Desci o lanço duplo de escadas, parei à porta de dona Odete. Não precisei bater. "A porta está sempre aberta, Odete está sempre alerta." Era uma brincadeira, a rimazinha com que nos referíamos à chefe do departamento.

Dona Odete pediu que eu sentasse à sua frente. Pediu que eu esperasse. Fiquei ali, enfiado na poltrona macia, olhando o teto, enquanto ela atendia a um telefonema. Fui mexendo na caixa de clipes e esperando. Fui olhando pra ela: um cabelo lindo, o de dona Odete. Loiro, comprido, farto... caía em volta do rosto, sobrava nos ombros. E que cara feia, meu Deus! Como se cabelo e cara fizessem parte de mulheres diferentes. Nariz largo, boca pra frente, dentuça... perfil *eqüino*. E, pra piorar, o corpo tão pequenininho. Farta em cabelos, e bonitos. Larga de cara, de bicho, e um corpinho menor que o meu, sem bunda nem peito.

— Por favor, Tadeu. Por favor, *mesmo*. Eu sou sua amiga. E quero muito ajudar você. O que anda acontecendo?

Ela falou e cruzou as mãos sobre a mesa. Olhava bem dentro de meus olhos. Eu olhei também. Jogo de coruja, mais estranho ainda de acontecer com suas lentes grossas...

Afinal, falei:

— O que foi, dona Odete?

— Tadeu, você sabe, nós gostamos muito de você aqui na agência. Você trabalha aqui tem... — olhou numa ficha, completou: — ... há quatro anos. É um ótimo rapaz. Mas neste último mês... — fez uma careta exagerada, dramática. Até a voz mudou: — O que aconteceu? Brigou com namorada? Está com problemas na escola? Com sua família? Pode dizer.

— Acho que tá tudo bem. Por quê? Eu avisei que ia faltar, dona Odete. Tem mais algum problema? Eu fiz alguma coisa?

— Nada, meu querido! Nada. Por que você pensou que fez alguma coisa? Nã-nã-nã-nã...

Era um interessante exercício, observar seus esforços de simpatia. O timbre de voz mudava. Os seus "queridos" e "benzinhos" variavam, iam do interesse autêntico ao esforço em fazer o coitado confessar. Qualquer torturador da Inquisição — e olhe que eu andava versado em ler sobre eles! — teria muito que aprender com as sutilezas de dona Odete.

— Os colegas, sabe, eles reparam. Você andou um tanto disperso. E, bem, houve alguns atrasos. Eu estou pensando se... se você não deveria pegar suas férias. Veja sua ficha: tem férias vencidas, Tadeu! Seria um bom momento pra descansar. Ou viajar...

Ela alisava a ficha, diante de nós, na mesa. Eu me sentia calmo. Cansado, apático. Mas calmo. Falei porque era verdade:

— Minha irmã tá viajando. Em Minas. Foi cuidar da minha mãe. Ela tá doente. Pode morrer.

— Ah! — era bom ver dona Odete respirar, aliviada. Olhou bem nos meus olhos: — Querido, queridinho, que coisa triste! Por que não veio aqui, falou comigo?

— Vocês estão querendo me mandar embora? — perguntei, na lata. Sem sorrir. Sem entrar no jogo.

— Nãão... agora, não.

Olhei bem pra ela. Seu sorriso virou careta. Foi falando, e, quanto mais falava, mais eu me sentia distante.

Como ela era transparente, naquele momento, meu Deus! Como era visível o fato de ela imaginar ter *entendido meus problemas*... O que era a dona Odete? Uma solteirona que fez do banco a sua vida. Que confundia os problemas dos funcionários com a eficiência na agência. Que devia ter ouvido, e ouvido *coisas a meu respeito*... De como Tadeu andava distante. De como Tadeu parecia de ressaca, ou parecia cansado, ou parecia nervoso. De como seria bom dispensá-lo... E ela, firme. Falando com algum chefe dela, me defendendo, a grande advogada de defesa:

— *Não, senhor Chefe Importante. Pode deixar comigo. Eu localizo o problema do menino. É estresse. É coisa de garoto. Quem sabe, um amor frustrado. Dê férias a ele. Ele fica contente, volta, depois, ainda mais dedicado ao serviço.*

E o Chefe Importante balançaria a cabeça, morderia um charuto — Chefes Importantes são do tipo de gente que fuma charuto. Com pouco empenho, ele faria um gesto com a mão, dispensando dona Odete como se dispensam moscas:

— *Você é quem sabe, Odete. Você é quem sabe. Mas não deixe o cara endoidar aqui na nossa agência,* okay*? Bote ele pra fora, se estiver enchendo o saco...*

— Tadeu... Você entendeu o que eu disse, Tadeu?

Ela já devia ter falado comigo antes. Saí daquele devaneio, movi a cabeça duas ou três vezes. Voltei ao escritório, à sua mesa, à nossa conversa amigável: férias, esse o assunto.

Foi um impulso. Tolo, apressado. Ou cochicho de dona Pressentimento, minha mais nova ajudante? Falei:

— Se o banco pensou mesmo em me dispensar, dona Odete, quanto eu vou receber?

— Que isso, menino! Dispensar?! Parece que nem ouviu o que eu falei! Você está aqui há tantos anos, é bom funcionário, está com a mamãe doente, e depois...

— Me pagam o aviso prévio? Décimo terceiro? Férias?

Ela fez uma careta.

— Tadeu. Não se precipite, menino. A vida pode ser dura. Pode ser muito difícil. O mercado de trabalho...

— Pagam, dona Odete? Quanto que eu podia receber, hem?

— Se você quiser mesmo, só pra saber, está certo? Entendeu? Em... duas horas eu faço a conta.

— Por favor.

2.

A menina estava brincando havia duas horas. Sentada na ponta da cadeira, arrumava diante de si, sobre a mesa da sala, todos os objetos que tinha arrancado de seus convidados: a máquina fotográfica, os filmes, caneta, relógios de pulso, talão de cheques, óculos... até a prótese dentária do homem gordo, uma dentadura de fácil remoção, a menina havia incorporado aos seus tesouros.

Brincava como as crianças costumam brincar. Alinhava uma série de objetos semelhantes, um após o outro. Depois, ia intercalando-os com menores e maiores: os de ferro, os de papel, os de escrever, os de cortar...

Durante essas duas horas, Paulo permaneceu sentado no sofá. Só lhe restava olhar, enquanto a menina brincava. Viu a luz do horizonte avermelhar-se; viu o sol desenhar uma bola de fogo sobre os prédios. Via agora o azulado da noite tingindo o céu de escuro. Deviam ser oito da noite.

Afinal, a menina fartou-se da brincadeira. Ergueu-se da cadeira. Estalou os dedos, libertando Paulo do feitiço. Ele suspirou, soltou o corpo de um só impulso. Parecia uma marionete cujas cordas estiveram esticadas. Agora, livre. Podendo mover os dedos, a nuca. Podendo virar o pescoço, podendo falar...

— Se você gritar, Paulo... Se você tentar qualquer coisa, eu te ponho de novo de castigo — falou ela.

A bruxinha sentou-se no tapete, ficou encarando o rapaz. Paulo mexia os braços para cima, girava os pulsos, movia o pescoço... A menina não perdia de vista um mínimo gesto seu. Gostava dele. Mais do que de qualquer brinquedo.

— O que você quer de mim? Pelo amor de Deus, o quê?

— Iiiiih, lá vem você de novo! — falou a bruxa, irritada. Imitou o rapaz: — "Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus..." Eu só estou brincando! Pára com isso!

— Você matou aqueles caras.

— Eram uns merdas! Um bando de tarado! Por que você fica com pena deles?

— E o que você fez com os corpos, depois? — Paulo se arrepiou. Estralou os dedos das mãos, com força.

— Preferia que ficassem aqui no apartamento, fedendo? Cada uma você tem! — a menina estava mesmo zangada. — Antes... antes você era um cara legal. "Pense em mim", eu falava. E você pensava, de um jeito tão especial.

— Eu não sabia que você era uma bruxa. Eu nem imaginava que você fosse... fosse isso que você é.

Paulo olhou para ela, por um segundo. Desviou depressa o olhar. Mas naquela fração de tempo, mínima, a bruxa percebeu o que ele sentia. O seu nojo.

— Paulo, Paulo... — sua voz aguda de criança tinha uma sombra de raiva. — Não sei por que você faz isso. Só pra eu odiar você. Pra castigar você.

— Desculpe! Por favor, desculpe! Eu não... eu não queria te deixar com raiva! Eu não faço mais! Eu prometo. Eu...

Paulo levantou do sofá. As pernas tremiam, um tanto pela forçada posição sentada, outro tanto por medo.

— Por favor... qualquer coisa... Não me castigue, por favor! Não...

Ele se abaixou no carpete. A menina caminhou para ele, devagar. Paulo encolheu-se: posição fetal. Tapou o rosto com as mãos. Tremia.

A menina deu um passo, dois. Começou falando com a fina voz de criança. Quando tocou nos cabelos do rapaz, tinha o timbre da voz mais grave. Sua mão larga acariciou o sedoso cabelo de Paulo.

— Você gostava de fazer amor comigo. Lembra? Era bom. Eu podia ser bem diferente, a cada vez... Um amor cheio de novidades.

Paulo soluçava. Seus nervos... O que fazer com seus nervos? Olhou assustado para ela... ele... a bruxa tinha um plácido sorriso nos lábios. Nos lábios grossos, de um rapaz de quinze anos, um efebo esguio e moreno, que se agachava a seu lado, nu, com cabelos lisos e longos escorrendo por um rosto que lembrava um adolescente índio.

— O que você é agora? — gemeu Paulo. — O que vai fazer comigo? Pare com isso, por favor... me deixe em paz...

Paulo chorava, agarrando os próprios joelhos, tremendo inteiro.

— Você não me acha bonito, Paulo? Não seria capaz de fazer amor comigo? Olhe para mim. Segure aqui, em mim... Venha.

Paulo deixou-se erguer. Foi levado no colo pelo delicado rapaz moreno. Até o quarto. Ia chorando manso, cada vez mais entregue...

— Sossegue, vamos... Confie em mim. Eu sou seu amigo. Sou seu irmão, não quer assim? Vem... Encoste sua cabeça no meu peito. Calma...

Paulo respirava de leve, chorava menos... colocou o dedo na boca, sugou o dedo, feito um nenê. Embalado pelo rapaz moreno, pela bruxa... deixava-se levar, manso, até o quarto...

Resignado.

3. Ler. PAGE DOWN/PAGE DOWN/PAGE DOWN de uma história e da outra. Sair de casa só pra ir até bibliotecas e livrarias. Registrar depois as pesquisas, criar arquivos e mais arquivos: INCUBUS/BRUXAS/INQUISIÇÃO. Copiar trechos. Transcrevê-los em arquivos novos. Comer o que tivesse em casa.

Tinha saído do banco. Com isso, ganhava nova rotina, sem o serviço pra me atrapalhar. Podia misturar a noite com o dia, podia ler e reler a história de Bianca e de Paulo, suas mudanças crescendo, sempre.

Com a viagem de minha irmã, qualquer sinal de normalidade na rotina havia acabado. Adaílton mal aparecia na casa — e, quando o fazia, não me incomodava. Edilene nem se preocupava em me fazer almoço ou jantar. Às vezes, batia à porta do quarto quando ia comer e perguntava se eu queria. Eu nunca queria.

Fumava cigarro no outro. Usava o Zippo só para acender o cigarro, nem brincava mais com ele. Quando não tinha o que ler nem o que registrar, eu ficava olhando a tela do computador apagada.

O tempo era um rio, coisa líquida. Passava em volta de mim. Seguia adiante. Me deixava ali, grudado a um visgo no fundo lamacento, naquela quebrada do tempo...

— Tadeu.

Eu saí, muito devagar, de dentro de mim mesmo. Ouvi a voz, distante. Batiam à minha porta.

— Tadeu.

— Edilene? É você?

— Tem visita, Tadeu.

Cheguei à porta do quarto. A luz natural quase me cegou. Tinha as janelas cerradas há quanto tempo? A manhã inteira? Noite e dia? Senti que o bafo azedo de fumaça seguia atrás de mim, pela porta aberta.

Só enxerguei os vultos, num primeiro momento. Depois os olhos se acostumaram...

— Tadeu? O que você tá fazendo, Tadeu? — era Giovani.

E, mais atrás dele, o Asimov. Acompanhando a Edilene, de cara amarrada, apontando meu quartinho como se fosse a toca de um bicho.

Fiquei feliz, desperto, quase comovido. Giovani. Desde nossa briga, mal-e-mal falei com o Cactus. E, agora, ele estava ali...

Preocupado comigo.

— O que aconteceu com você, cara? Por que você sumiu? No banco, eles...

— Desde quando ele está assim? — o Gordo perguntou para Edilene, eu ouvi. Ela resmungou alguma resposta.

Giovani escancarou a porta de meu quarto, entrou. Fez uma expressão de desagrado, quando viu o relaxo em que eu vivia: cama por fazer, cinzeiros lotados de bitucas, papéis de chocolate e balas amassados, copos sujos.

— Eles me contaram, no banco — falou Giovani. — Que chato.

— Fui eu que preferi. Assim eu trabalho melhor.

— Você não saiu mais daqui, Tadeu? — perguntou o Asimov. — Desde quando?

— Que dia é hoje? — perguntei.

Era domingo. Eu tinha sido despedido... passei no sindicato no dia seguinte, os caras fizeram as contas... tirei o dinheiro do banco... fazia uns quatro dias, estava ali trancado.

— A gente espera você tomar banho, Tadeu — falou Giovani. — Vem com a gente. Vamos sair um pouco... isto aqui tá um cheiro de fumaça que...

— Mas eu não estou com vontade!

— Não quero nem saber, Tadeu! Vamos dar uma volta. Conversar. Preciso conversar com você! Vem...

Vontade, a zero. Mas era o Giovani... E ele me olhava com os olhos vermelhos. Sorri, bobamente. Pela primeira vez em tantas horas percebi que o cheiro do corpo devia estar forte.

Então acabei topando. Pedi só uns minutos, catei a toalha, fui ao banho.

Não podia ouvir a conversa deles, mas imaginava as bobagens que Edilene deveria estar falando para meus amigos.

14

ACIDENTES

1. Meus amigos me tratavam como se eu estivesse doente. Em *convalescença*, pra ser mais claro. Pensavam muito antes de puxar conversa, procuravam assuntos amenos. Riam. Por qualquer bobagem que eu dissesse, os caras riam, riam...

Havia duas horas, a gente caminhava por um *shopping*. Tínhamos ido no carro do Asimov, e eles topavam o programa que eu sugerisse. Se eu queria ir ao cinema? Falei que não — não insistiram. Ver vitrines, comprar uma roupa, um livro? Aceitei entrar na livraria: quem sabe na estante de ESOTERISMO achava algum livro novo sobre meu assunto favorito? Asimov tentou me seduzir para um romance de FICÇÃO CIENTÍFICA, não me interessei. Giovani perguntou do conto e do concurso.

— Como é, já mandou para a revista?

Demorei pra entender do que ele falava. E sorri, bobamente. Pensar que aquele pesadelo tinha mesmo começado com o concurso, o conto erótico, os meus desejos de fama e fortuna... Eram coisas distantes de mim. Naquela noite quente de domingo, andando pelo *shopping* iluminado com meus ami-

gos, enquanto eles me tratavam feito leproso, ah, fama e fortuna — que tolice! Idéias que pertenciam a outra pessoa, em algum tempo distante.

O *shopping* estava enfeitado para o Natal. Muita gente andando pelos corredores, lojas abertas mesmo num domingo, papais noéis de montão... Dali a duas semanas, a festa máxima da cristandade. Em outros anos, eu estaria procurando alguma coisa pra minha mãe, tentando achar presentinhos baratos para as irmãs em Minas, reservar passagem de ônibus para viajar até a cidade. Não dessa vez. Mesmo a memória da doença de mamãe era distante e dolorida. Não queria pensar muito nela, nem nos problemas que Marga deveria estar enfrentando.

Sentamos na praça de alimentação. Asimov foi providenciar pastéis e cervejas. Giovani ficou quieto, assustado, à minha frente... Ria muito e mal me olhava na cara. Falou de uma vez, num só impulso:

— Você tá bem, cara? Sabe, eu não queria que você ficasse chateado comigo. Se é por causa daquilo, de eu ter mexido no conto. Olha, eu esqueci tudo, tá? Eu quero continuar seu amigo, e, se você tá com algum problema, vê se me conta, *okay*?

— Tá tudo bem. Tá tudo bem, cara — foi só o que eu falei.

Quando alguma coisa *muito, muito ruim tá acontecendo com a gente*... não dá pra contar. Esta é a verdade: como eu podia sequer explicar o que eu andava lendo, ou vendo acontecer no meu computador? Como eu podia explicar a iminente sensação de maldade, maldade gratuita e irreal que me envolvia? Era como se eu fosse um homem, um quarentão, que tivesse ido pra guerra e visto gente morrer e visto o Diabo comandando uma tropa. E ele ou o Asimov fossem apenas garotinhos, que se ouriçavam com seus empreguinhos e livros e filminhos de aventuras. Nós estávamos em duas cidades diferentes, com sentimentos diferentes e, por mais que eles ainda quisessem ser

meus amigos e me ajudar, *na verdade*, eu só podia sorrir, pensando: *crianças*.

Só sorrir.

2. Demorei a voltar pra casa porque os caras pareciam decididos a me distrair. Ficamos um tempo enorme no *shopping*. Depois o Asimov quis que a gente fosse a uma festa, na casa de um primo dele. Foi bom porque bebi bastante. E até puxei papo com uma garota meio estranha, que estava mais bêbada que eu e usava um brinco doido enfiado na narina.

Era madrugada quando Asimov me largou na porta da casa do Adaílton e eu entrei.

No meu quarto, a porta aberta. Tinha quase certeza de ter trancado a porta. O computador ligado. Também podia quase jurar que havia desligado tudo e coberto a impressora e tela com a capa protetora de plástico.

A tela exibia o nome dos arquivos, o menu do *Windows*. Eu podia ler, entre arquivos velhos e novos, os nomes: ANIVER/AUTOBIOG/BERG/BRUXA1/BRUXA2/BRUXA3/BRUXA4/BRUXAIDM/CAMAMOR/CINEMA/DAMASON/DAMASON1/DEMON1/DEMON2/DINHER/INCUBO1/INCUBO2/INQUISIÇ/TRABALH/TORQUEMA...

Na tela, riscadas sobre o vidro, havia palavras, escritas com batom. Eu podia ler as letras do arquivo, registrando BRUXA1/BRUXA2/DEMON1/DEMON2 e outros... e rabiscado em vermelho, *por cima do vidro*, estava a letra irregular de Edilene: louco... doido... maluco...

Aquilo era a concretização das minhas fantasias de perseguição. A filha da puta tinha invadido meu quarto! Teria ligado o computador? Disso eu não tinha tanta certeza: bem podia ter largado o aparelho, não é mesmo? Mas, de qualquer forma, ela havia caçado coisas por ali... Ela queria se vingar de mim e havia botado aquelas merdas — louco... doido... maluco... —, com batom, no MEU computador.

O dia estava raiando, lá do quintal dava pra se ver a luz fraca surgindo por cima dos telhados. Eu podia naquele momento invadir o seu quarto, arrancar aquela víbora de lá... Ah, como eu tinha vontade de meter a mão na sua cara bonita! Eu podia fazer isso, não podia? A vontade era grande, e eu tinha até mesmo *os motivos*...

Mas dentro de mim a voz fina falou: *Vingança é um prato pra ser comido frio.* Eu que esperasse. Nem sabia se o Adaílton estava na casa; o cara era outro imbecil, mas bem que defenderia a irmã. Era melhor esperar... se ele saísse, fosse trabalhar ou beber, eu teria muito tempo pra falar com ela. Para saber *exatamente* o que ela quisera fazer, mexendo nos meus arquivos.

Fiquei sentado ali na porta de meu quarto. Batia uma brisa fresca. Ouvia um e outro barulho distante mostrando que o bairro acordava. Era um cachorro que latia aqui, um despertador que tocava adiante, alguém que acordava soltando um palavrão ou um rádio que começava a tocar música caipira.

Fiquei olhando a roupa balançar no varal. Tirando uma camiseta minha e duas calças do Adaílton, o resto eram vestidos, *shorts* e blusinhas de Edilene. Sua roupa *sexy*. Aquelas que ela usava com gosto, pra seduzir, pra mostrar como era gostosa e como os machos eram um bando de imbecis, que só serviam pra alguma coisa se tivessem um pinto enorme e soubessem trepar com ela, a vaca.

Busquei devagar uma tesoura, em meu quarto. E passei boa parte da madrugada refazendo o seu enxoval... com muito prazer comecei cortando a bunda de seus *shorts*, deixando o espaço redondo onde ela acomodava as nádegas. Depois, cortando o redondo buraco onde ela acomodava o bico dos seios, nas camisetas... fui meticulosamente fazendo meu trabalho: furos e tiras e buracos regulares na sua roupa... e esperando.

3. O quarto em penumbra. A cama alta, aquela cama endemoninhada de Bianca, estava em meio ao quarto. O dossel, fechado. Dava pra perceber o contorno de um corpo deitado na cama...

As longas cortinas protegiam quem dormia. Eu estava de pé, no meio do quarto, apenas olhando. Não tinha coragem de me aproximar. Perguntava a mim mesmo por onde andava a Bruxinha-Menina e o que ela faria comigo, se me pegasse ali.

Sentia que cometia alguma falta grave, uma traição. Via pela janela o nascer do sol, as casas de telhados baixos, típicas da cidade de São Carlos do Arraial...

Criei coragem e me aproximei da cama. Muito devagar, afastei o cortinado. O vulto suspirou; tinha o lençol todo por cima de seu corpo e rosto, como é costume fazer, ao se cobrir os mortos. Mas havia alguém que *respirava*, ali embaixo...

Toquei na cama. Senti um frio profundo, como se os lençóis fossem de gelo. Afastei as mãos. Voltei a aproximá-las. Puxei o lençol para trás.

Era minha mãe. Deitada na cama, respirando e *morta*. Ela sempre foi magra, mas estava praticamente um esqueleto. Um esqueleto que *respirava*. De olhos fechados, o peito magro subindo e descendo, procurando o ar. Vestida como se fosse uma dama antiga, com babados e rendas numa camisola de seda — roupa que, com toda a certeza, ela jamais tivera na vida.

Não sabia o que fazer. Pensei em cobri-la, de novo. No instante em que segurei os lençóis, apertaram minha mão. Era alguém vindo do nada, de repente. Demorei um instante, até entender que era Margarida.

Mas também *não era ela*... desgrenhada e feia como uma bruxa, Marga me olhava com rosto feroz. Sobre os olhos e faces, hematomas roxos a deixavam informe, inchada... os cabelos estavam arrepiados e grisalhos, soltos pelos ombros. E os dedos, com que ela apertou minha mão, pareciam garras esquálidas. Dedos tão finos, tão descarnados... com articulações grossas, parecendo mesmo juntas de pés de ave. Na

sua boca, nem sinal de dentes. Abria a goela, escancarava a boca como se fosse uma cloaca horrível, com seu bafo de morte. E gritava:

— Você fez isso, Tetéu! Você fez isso! Ela tá assim por tua causa, Tetéu! Era você que devia estar aqui, era você!

— VOCÊ FEZ ISSO, você!

Ouvi os gritos, dessa vez vindos mais de perto. O rosto horrível se diluiu, a cama com dossel, o quarto — que não era o meu, era o do conto, na cidadezinha de São Carlos do Arraial. Eu despertava. Ali, no meu quarto de sempre. Eu saía do terrível pesadelo.

E encarei *outro*, na figura enraivecida de Edilene, ao lado de minha cama, chacoalhando uma bermuda ou *short* cortado, e berrando:

— Foi você, você! Por que fez isso, por quê?

Entendi o que havia acontecido. Sentei na cama, alisei o cabelo, apontei para a tela do computador.

— E você não fez aquilo? Hem? Amor com amor se paga... — respondi. E sorri.

— Doido. Doido! O que você tá falando, animal? O quê?

Meu computador, desligado. Coberto pelo plástico.

— Ontem... você mexeu aqui, ontem! Eu voltei da festa, de carro, com o Asimov, e a tela... Tava tudo riscado. De batom. Me xingando. Você...

— ANTA! ANIMAL! Eu nem sei mexer nessa bosta! Olha o que você fez... — ela chacoalhava a roupa, diante de meu nariz. — Você é doente, tá maluco! Só maluco, pra fazer isso... — olhava pra mim por dentro do buraco da bunda do *short*. Era terrível, mas também era engraçado.

Comecei a rir.

Isso deixou Edilene ainda mais enfurecida.

— Você é um tarado. Tá doido pra me foder, é isso! E não tem coragem, fica pegando na minha roupa, de noite, cortando minha roupa... seu tarado! Vou falar pro Adaílton. Ele vai te bater, vai acabar com você!

E ela saiu, xingando, gemendo, pegando sua roupa rasgada do varal e choramingando. Eu devia ficar com medo, devia mesmo cair em mim, perceber que a vingança era por coisas que não existiam...

Mas eu *ri*. Eu ri muito, alto. Achando que a vingança tinha seus motivos, não querendo me agoniar por nada, naquele momento. Fui ligar o computador, ver como estavam minhas histórias...

4.

— Alô? — telefone tocando, às cinco e meia da manhã. — Bianca atendeu logo. Não havia conseguido dormir a noite inteira.

Era a tia Albertina.

— Menina? É a Bianca que fala?

— É.

— Seje forte, menina. É coisa séria. O teu pai. Tua mãe. E o menino, o Fábio.

Bianca sentiu vertigem. Segurou na mesinha para não cair, sempre agarrada ao bocal. O aparelho escorregou, caiu no chão. Mesmo assim, a ligação não se interrompeu.

— Bianca! Ocê tá aí, Bianca?

— Pode falar, tia. Estou aqui, sim.

— Foi acidente, Bianca. De carro. Teu pai nem chegou aqui em São Carlos do Arraial. Num sei como que aconteceu, o guarda num contou... Parece que o Adalberto dormiu no volante. Bateu numa árvore... e a tua mãe, a Fabíola...

— Eles morreram — Bianca falou, bem baixinho.

— Não foi, tia?

— Na hora — muito silêncio no telefone. — Mas o menino tá vivo. Machucado. O Fabinho tá no hospital. Numa cidadezinha aqui perto. Vou agora pra lá. O teu irmão tá vivo, Bianca, entendeu?

— Ele não tinha mesmo nada com isso. Ainda bem que está vivo — falou Bianca.

— Menina, ocê tá bem? Ocê sabe o que aconteceu?

— Ajuda o Fabinho, tia. Por favor, ajuda o Fabinho. Faz isso, tia. Eu não sei se vou poder ir... Se *Ele* vai me deixar viajar. Mas olha, eu... eu quero muito que o Fabinho escape dessa. Ajuda ele.

Bianca desligou o telefone. Tinha atendido à ligação no aparelho da sala. Ficou sentada na poltrona, por longos segundos. Estava com medo de subir as escadas. Tinha medo de ver o que sobrara de Carlinhos, depois que a cama o havia embalado no seu sono da véspera.

Bianca sentiu as lágrimas escorrerem por seu rosto pálido. Estava se sentindo muito, imensamente sozinha...

5. — O puto ainda brinca de computador — falou Edilene, apontando pra mim.

Adaílton vinha com ela e não estava muito bêbado. Provavelmente Edilene havia esperado que ele curtisse mais a ressaca antes de acordá-lo. Seus olhos estavam vermelhos — mas esse era seu estado normal.

— O que a Edilene falou é verdade?

Olhei pra ele. Eu me sentia calmo. E, talvez por isso, desmontava a alegria feroz com que Adaílton poderia me cobrar os estragos na roupa da irmã.

— O que ela falou? Eu não sei — respondi.

— Esse mentiroso! Esse tarado! — Edilene exibia seu *short* de bunda rasgada. Ia de lado a outro de meu quarto, como se trouxesse coragem ao irmão, se mexendo tanto.

Continuei quieto. E até me senti inspirado, pronto pra acabar com a cena. Levantei da mesa do computador... Achei ótimo reparar que Edilene e o irmão deram um passo pra trás — era medo de mim, era? Fui até a mesa, abri uma

gaveta. Tinha lá o dinheiro da demissão do banco. Separei cinco notas graúdas. Estendi o dinheiro pra Edilene.

Ela e o irmão se entreolharam. Depois, Edilene pegou o dinheiro, só com a ponta dos dedos. Conferiu quanto era, apertou as notas com força nas mãos.

— Acho que foi um equívoco — falei. Percebi que Adaílton não deveria saber o que era "equívoco". — Uma confusão.

— Ele é doido. Doido, Adaílton. Cortou minha roupa... Bate nele, Adaílton — falou Edilene. Mas não gritava.

Adaílton ergueu os punhos em minha direção, ficou gingando o corpo como se estivesse mesmo se decidindo a me bater ou não. Eu nem me mexia. Não estava com medo dele. Saí do meu quarto. Parei no meio do quintal. Parecia um arremedo de filme de faroeste, o duelo "lá fora", com a mocinha se esganiçando... e dois caubóis subnutridos como nós fazendo o papel ridículo de vingadores da bunda cortada do *short*.

— Olha, cara! Se isso te deixa melhor... — eu falei, levantando o queixo na sua direção — pode me bater. Vem, cara! Me bate! Não é o que a Edilene tá pedindo? Hem? Me dar porrada resolve tudo, então dá! Pode vir!

— Bate! Bate mesmo, Adaílton! — gritava Edilene, excitada.

Apareceu uma vizinha no muro. Ficou olhando pra gente, assim, abestalhada. Estendi mais o queixo pra frente.

— É o que você quer fazer, Adaílton? Então bate — falei.

Edilene gritava e gritava, ficava girando entre nós, na minha frente e na dele. Parecia muito mais doida que eu ou o irmão.

Afinal, Adaílton estendeu a mão. Tocou muito de leve no meu rosto, como se me desse um tapa. Movi a cara pra trás, forçando o pescoço, dando a idéia de que tinha mesmo sido atingido. A piada funcionou. Edilene soltou um grito agudo, vitorioso... Adaílton baixou os punhos. Olhou pra irmã. Sorriu:

— Hoje memo ocê sai da minha casa, muleque! Hoje memo. Diz o que tu quisé pra Margarida, o raio que os parta, mas num te quero anqui até de noite!

A vizinha tentava chamar a nossa atenção, com frases como: "O que é isso, seu Adaílton? O que o rapaz fez? Pensa melhor..."

Edilene deu uns pulinhos no ar, apertava os braços do glorioso irmão, como se aquele bêbado magrelo lá tivesse muque nos braços... eu só fiquei quieto.

Entrei no quarto. Eram ainda nove e meia da manhã, tinha muito o que fazer, até a noite. Alguma coisa me dizia que eu não ficaria mesmo mais vinte e quatro horas naquela casa.

15

O DEMÔNIO DO COMPUTADOR

1. Durante a manhã toda, a impressora ficou funcionando ao máximo. Queria levar comigo uma cópia de todos os arquivos. Daqueles meus contos iniciais e das páginas que haviam surgido magicamente. A evolução do endemonhiamento — dos personagens, do computador, de mim...

Enquanto o aparelho funcionava com seu chiado típico, fui separando as coisas. Peguei recortes de jornais, textos de pesquisa. Nem por um instante duvidei de que deveria mesmo ir embora. Vez por outra ainda me aparecia a idéia de que seria bom ir até Minas, ver mamãe, ficar com Margarida, com a mana mais velha... Outra hora, achava que o ideal era ligar pro serviço de Giovani, ver se ele me emprestava um canto por uns dias.

No entanto, mais importante que decidir o depois, era ajeitar o *aquele instante*: separar alguma roupa, uma pequena mala, o dinheiro, objetos de uso pessoal... e carregar comigo as cento e setenta e oito páginas que formavam o calhamaço daquela louca história.

Ouvi lá pelo meio-dia que Adaílton saía da casa. Seria *impossível* desconhecer isso, tamanho barulho a Edilene fazia. Ela acompanhou o irmão pelo quintal, falava alto:

— Você foi macho! Isso mesmo, Adaílton, fez muito bem! Botou o Tetéu na rua! NA RUA!

Coitada, pensei. Faltava mesmo pouco tempo para eu sair dali. *Não preciso deles, não vou mais viver com essa gente escrota*, eu também pensava.

Resolvi provocar. Mal percebi que o Adaílton tinha ido embora, saí de meu quarto. Edilene estava no portão da rua, ficou me olhando. Mas nem ela falou, nem eu. Passei reto. Segui até a padaria, fui fazer um lanche.

Comi, tranqüilo. Um balconista da padaria tentou arriscar uma pergunta sobre a "gritaria" lá na casa do Adaílton. Disse que era coisa de bêbado, nem sabia da briga. *Superioridade, Tadeu*, eu pensava. *Não deixa essa gente se meter na tua vida.*

A impressora acabou seu serviço às duas horas da tarde. Eu fiquei ali, no quarto, de prontidão. Recolhi a papelada com calma. Olhei as páginas, conferi a cronologia das histórias e só nessa hora eu reagi. Eu percebi o peso de tudo aquilo... eu finalmente fiquei *mal*.

Me veio a certeza de que era a *última vez* que eu ficava entre aquelas paredes, no meu quarto. Teria de ir embora, largar aquele mundo besta em que vivia. Mas, besta ou não, era *meu. Era o único que eu conhecia!* Não poderia levar o computador. Nem a cama, pôsteres, aparelho de som. E mais todos os cacarecos miúdos que a gente consegue reunir nas gavetas e na vida: lápis e canetas, óculos de sol, chaveiros, agendas velhas, cadernos da escola, medalhinha de santo, presentes de amigo secreto — como abotoaduras ou a camisa larga demais, que não tive coragem de devolver pra troca —, o livro de orações que mamãe havia me mandado num certo Natal antigo... e livros, livros, amados livros! Tão pesados, tão impossíveis de levar...

Fiquei triste. Sentei em frente do computador, com a tela cinzenta piscando o fim da impressão. Fiz o disquete da cópia dos arquivos, enfiei-o no saquinho, deixei ao lado da torre. Ia largar tudo aquilo. Desliguei a máquina. Puxei o fio da eletricidade da parede. Fim de tudo, *okay*? Era só colocar o plástico protetor em cima, esperar que o computador ficasse bem guardadinho até eu achar uma nova casa...

Não foi isso o que aconteceu. Quando desconectei o fio da eletricidade, o aparelho reagiu. A tela se acendeu, e apareceu, em letras grandes, ocupando todo o espaço, a chamada:

ENTER

2. *Ele* estava me chamando. Na era tecnológica, *Ele* me apresentava seu cartão pessoal da maneira moderna: num computador desligado, na hora em que eu me despedia da casa de minha irmã, assim no começo da tarde...

O que eu podia fazer? Na verdade, não era por *aquilo* que eu esperara, o tempo inteiro? Não mais o contato com *Ele* através das maldades infiltradas no enredo dos contos. Não mais supor hipóteses realistas, imaginando *quem, de carne e osso*, poderia mexer no meu texto. Era *Ele*. Aquele que tem mil nomes. O Ser, o Mal, o Demônio... finalmente aparecendo.

O que se pode fazer, quando a gente recebe uma chamada do próprio inferno?

A gente responde...

Pressionei a tecla ENTER e esperei. A tela encheu-se de palavras:

De como o escritor, após a inútil vingança contra as camisas da moçoila, comete um ato infame movido pela luxúria.

Ah, ele voltava a fazer suas artimanhas de estilo! Muito bem:... em suas últimas aparições nos contos, ele havia apenas se concentrado em ser *mau*, em fazer um registro o mais seco

possível do dia-a-dia de Bianca ou de Paulo e do que Ele aprontava com eles. Agora, aquele meu demoniozinho voltava às suas brincadeiras de outros séculos.

Li, reli a frase: "De como o escritor"... era eu, então. Lindo! Maravilhoso! "... camisas da moçoila", olha só! *Short* e camiseta de Edilene eram tratados com tanta graça...

Apertei PAGE DOWN. E fui lendo.

Não há veneno pior que o das serpentes; não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e um dragão que morar com uma mulher maldosa.

Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza, pintado de lindas cores.

Ela é mais carnal que o homem, como fica claro pelas inúmeras abominações carnais que pratica. Deve-se notar que houve um defeito na fabricação da primeira mulher, pois ela foi formada por uma costela de peito de homem, que é torta. Devido a esse defeito, ela é um animal imperfeito que engana sempre.

Interessante, não era? Bem interessante... Mas eu reconhecia o estilo, o jeitão: era *O martelo das feiticeiras*. Eram trechos literais do manual do inquisidor, escrito no século XV, e eu bem havia lido o livro em detalhes para saber — ah, pra saber! Se era com aquele bláblábláblá que *Ele* pretendia me dar alguma dica sobre Edilene... bem, eu *dispensava*.

— Eu passo — falei, em voz alta. Estralei os dedos. — Essa merda é muito velha, cara. Não cola mais falar que mulher é esse monte de bobagem, *okay*? Vira o disco. Com essa, nã-nã! Tu não me pega, malandro!

Eu ri. Me senti feliz. Depois de tanta ansiedade, achava que, se estávamos numa luta, eu havia ganho o primeiro *round*. Por pontos. Não estava nervoso. *Nãããão, imagine!* Estava calmo, senhor de mim. Deveriam ter visto, as mãos nem tremiam!

Nada... Aquele jogo bobo de citar O *martelo das feiticeiras* tinha sido uma besteira, sabem? É, senhor demoniozinho, tente outra! Tente, tente!

Apertei PAGE DOWN.

A mulher leviana é capaz de todas as perfídias. Não consegue ser fiel a nada, nenhuma tarefa lhe pode ser conferida sem que ela destile o mal e a deturpe. A mulher leviana não respeita as crianças, mais ainda as que não saíram de seu ventre...

Tola, venal, com ódio desmedido... Criatura infame, derruba a criança por cima do ferro pontiagudo, pela única razão do descaso. Mente. Mente, mil vezes mente, alega diabolicamente que os acidentes acontecem. Mulher voluptuosa e ignorante, ser inferior, criatura venal, tenta matar a criança por razões vãs, por desleixo e futilidade, traição ou prazer.

Ela é a carne sedutora, com as coxas desnudas e ombros à mostra. É a meretriz do bairro, é a puta lasciva que abandona suas poucas tarefas para deleitar-se com o mal... Ela queria matar a criança e jogou o menino pela janela, sem se importar que o ser inocente era sangue e carne de seu irmão, só pela maldade de vingança sórdida e descaso pela vida...

Aquilo me impressionou mais. O estilo sempre rebuscado, mas havia *verdades ali.* Confirmavam-se as minhas dúvidas sobre o acidente com Iltinho. Até que ponto não poderia ser *ela*, Edilene, que deixara o menino cair? Eu tinha imaginado, naquele dia... suposto que Adaílton o derrubara, por bebedeira dele, por uma cagada qualquer. E se fosse ela?

E se fosse ela? E mais — e se Edilene tivesse mesmo *jogado o menino pela janela*? E se não fosse *um acidente*?

PAGE DOWN.

O ato cometido por maldade pura e descaso, o ato concretizado por falta de pudor e de freios morais, revelam a fêmea concupiscente e maldosa, a qual merece punição. A carne que clama por lascívia deve pela lascívia ser punida.

Toma-a, domina-a. Macho que és, sente o pulsar viril, e teu membro pode penetrá-la e dominá-la no próprio domínio carnal que ela professa. Vai, estupra-a. É o que ela deseja e o que ela merece. A fera, mais que fera, que joga o inocente para morrer enterrado no ferro pontiagudo, merece receber entre as coxas o teu ferro de carne, o teu membro túmido. E, se a bruxa reagir, se ela, alegando pudor ou medo, recusar-se ao ato, espanca-a. Domina-a como macho que és, ameaça-a de morte, usa de punhal ou faca, mas arrasta-a sobre a terra, arranca a roupa da fera, deixa-a nua com sua animalidade natural e enterra o teu membro pulsante entre os pêlos da genitália da fêmea, que é o que ela merece, depois de cometer todos os atos malignos... Porque ela é filha de Eva, é costela defeituosa de Adão, traz em si todos os pecados...

Eu li aquilo tudo, a mistura de frases cifradas com uma suposta *ordem* para mim. Minha cabeça girava... Eu sentia uma excitação estranha, mistura de ódio por Edilene, por causa de Iltinho, mas também era como se *Ele* me liberasse de consideração. Se Edilene era mesmo capaz de jogar um bebê sobre um muro, ela bem que merecia ser punida.

Ela não só merecia... ela *deveria* ser punida.

Por mim.

Vai, homem! Cumpre teu dever. És macho e tens um membro entre as pernas, usa-o! Ergue teu membro como a mais pesada clava. Espanca-a, arranca suas roupas, deixa-a nua sobre a cama... enterra teu pênis entre as coxas da fêmea, e observa como lateja a gruta venérea, a boceta que arde de desejo e volúpia...

Ela merece todas as violências. Merece! Puta, sórdida! Por todas as vezes em que ela te desprezou, por todas as vezes em que tu te masturbaste e sofreste com o descaso da mulher... Ela te deseja, macho, vai até lá e cumpre o teu dever! Estupra-a! Violenta-a! Vai, vai!

Eu fui.

3. Edilene não estava na cozinha. Nem na sala. Da janela da sala, olhei para fora, o quintal e a rua. Nada.

Fui encontrá-la no quarto, que ela dividia com as crianças. Já que estavam viajando, Edilene tomara conta do lugar para si. Mesa cheia de perfumes e bijuterias, roupas espalhadas pelo quarto inteiro. O radinho a seu lado tocava uma música romântica de Julio Iglesias, e ela estava tranqüilamente pintando as unhas da mão.

Eu entrei empurrando a porta, com força. Edilene me encarou, fez uma careta. Continuou pintando as unhas.

Bem, depois daquele palavreado todo do computador, nem sei direito como eu esperava ver Edilene. Talvez imaginasse a garota nua na cama, deitada, com sua pele brilhante de suor. Um tridente do inferno em uma das mãos, a língua comprida fora da boca...

Se havia algum índice diabólico no que ela fazia, era o esmalte vermelho com que cuidadosamente pintava as unhas.

Fiquei olhando pra ela, olhando. Edilene fingia prestar total atenção em seu trabalho. Cruzou as pernas. Dessa vez, não exibiu as coxas gostosas. Usava uma saia velha, mais comprida, roupa que dificilmente saía do guarda-roupa. Devia estar assim por conta do meu estrago com a tesoura, acabando com seu "uniforme" *sexy* do cotidiano.

— E aí, Tetéu... — falou ela, finalmente. Falou comigo e continuou usando o pauzinho com algodão na ponta, para limpar o esmalte em excesso no canto da unha. — Veio se despedir?

— Edilene, eu quero falar com você.

— Pois fale.

Falar, caralho, falar?! O quê? O demônio me contou que você fez isso, e isso, e agora eu deveria te comer. É, te estuprar. O que você acha disso?

— Eu vou embora, Edilene. Eu vou embora...

— Pode ir — deu de ombros. — Já vai tarde — assoprou um canto da unha, contornando-a com a outra.

Ódio. O ódio, mais que ódio, foi-se erguendo da minha barriga... Fui ficando com raiva e fui-me excitando: queria ao mesmo tempo xingar e beijar aquela vaca.

— Antes de ir embora, eu tenho de saber, tá? O que aconteceu?

Ela continuava atenta a seu esmalte. Eu me enchi de vez. Fui até a mesinha e agarrei o vidro. Joguei longe o esmalte. Ele se espatifou, deixando uma trilha vermelha como sangue na parede clara.

Pelo menos ela me olhou na cara.

— O que aconteceu com o Iltinho? Você derrubou ele, num foi? Acidente, merda nenhuma! Foi você, não foi? NÃO FOI?

Eu gritei. O seu rosto sofreu algumas mudanças estranhas... *Primeiro*, ela deve ter-me odiado pelo esmalte. *Segundo*, deve ter pensado que eu a acusaria de alguma baixaria sexual, que eu me arrastaria, talvez, a seus pés, oferecendo meu amor escondido... E, *terceiro*, ela entendeu que a acusação era outra. Mais séria. Mais real.

— Tetéu. Que merda, agora! O que deu em você? Por que agora, depois de tanto tempo, você vem...

— Acontece que *eu sei*, Edilene — meu rosto ficou bem perto dela, eu agachei à sua altura, sentada na mesinha, e olhei bem para ela, assim, a centímetros de seu rosto. — Eu descobri, Edilene, o que aconteceu com o menino. E não foi nada bonito, não é, Edilene?

Por um instante, um *mínimo* instante... Nossos rostos tão próximos, *o cheiro de sua pele*... Não era perfume, nem sabonete, nem xampu, era um odor de mulher, uma sensação instintiva, de agrado ao macho... Ah, se ela me beijasse naquele momento! Se a sua boca farta e úmida se abrisse e ela sugasse a minha boca para a dela e se nós nos agarrássemos no seu quarto, talvez... Talvez tudo aquilo ficasse esquecido.

Mas ela se ergueu. Ela estava furiosa. Ela empurrou o resto dos trastes de manicure, deixando a acetona se arrebentar

no soalho, com seu cheiro forte. Ela atirou outros dois vidros de esmalte na parede, deixando escorrer novas riscas sanguinolentas ao lado da anterior, esmalte semelhante a sangue. Ela saiu depressa do quarto, foi até o quarto de casal de Marga e de Adaílton.

Eu a segui.

Edilene tinha aberto a veneziana da janela, ali, mostrando, meio metro abaixo, a grade de ferro e suas pontas escuras, o muro do vizinho.

— Quer saber? Quer saber mesmo o que aconteceu? Tá bom. Eu vou contar, seu porra. Eu vou contar. O menino tava aqui — apontou para o chão. — Eu tava na cozinha, dando almoço pros mais velhos. Pensa que eu gosto de ser tratada nesta casa que nem empregada? Você, não! Você anda de paletó, trabalha em banco, traz dinheiro... Eu tenho de ficar aqui. Cuidando dos moleques.

— Você nunca faz nada! — tentei gritar. — Dorme até as onze, sai de noite pra onde quiser! Deixa de ser mentirosa!

Mais maluca ela ficou. Mais nervosa. Gritava. E colocava as mãos adiante, assim, perto de mim, como se fossem afiadas garras vermelhas.

— Mentirosa, eu? Eu? Pois fique sabendo, seu Tetéu de merda, que o meu irmão faz tempo não agüenta mais a tal da sua irmãzinha, a Margarida... Ele tem é dó dela, daquela infeliz! EU, EU é que sou a mulher, nesta casa! EU é que fico aqui e cuido das coisas... E o menino, o Iltinho, subiu até aqui sozinho...

Edilene puxou uma cadeira até a beirada da janela e mostrou:

— O Adaílton tava aqui, pegou o menino e tava aqui... — ela repetiu o gesto, como o de um adulto apoiado mal-e-mal numa cadeira, em duas pernas. Imitava também o gesto de segurar um bebê no colo.

— Eu tava na cozinha. E o Adaílton tava aqui, com o Iltinho. Aí eu passei pelo quarto... Eu ia, sei lá, no banheiro,

nem sei... Entrei. E o Adaílton, quer saber? Ele quis me dar um abraço, foi isso. E...

Ela falava e, de repente, como que passou uma *nuvem* diante de seu rosto bonito. Afinal, o que era mesmo que Edilene tentava me explicar? "*Eu é que sou a mulher, nesta casa!*" O que ela estava querendo mesmo dizer com isso?

Edilene continuou falando, mas percebi que iria mentir. Sim, a garota tinha uma historiazinha de acidente pra contar, com uma provável culpa de meu cunhado. Mas havia ali coisas mais profundas, mais sérias... E, sobre essas, ela nunca falaria. A sua "história da verdade" não seria assim tão completa e sincera.

— Eu fiquei aqui, do lado dele... O menino, no colo... Ele soltou a mão... O Iltinho ficou aqui, segurando na janela. Criança é xereta... Ele se virou pra fora, a gente num viu. A GENTE NUM VIU! — ela gritou, e os olhos ficaram vermelhos. Um soluço quase saiu da sua garganta. — E quando a gente foi ver... O menino, o Iltinho, já tava lá embaixo.

Lágrimas. Seu rosto bonito ficou úmido por um instante... E por um mesmo instante fiquei com pena dela. De seu segredo. De mais de um segredo, talvez...

— Você agora já sabe, Tetéu. Eu num contei pra ninguém. E agora... agora você vai contar pra Margarida? Vai?

Eu poderia agir como o bom moço que sempre fui. Dizer que entendia e não a culpava, dizer que estava tudo bem, que ela sossegasse, confiasse em mim.

Mas eu sentia com muita força as palavras do Diabo... Eu havia aberto aquela porta do segredo, e havia mesmo uma fera peçonhenta ali embaixo... e ela era tão bonita. E eu a desejava. Por mil demônios, eu a desejava.

— Eu não preciso contar pra ninguém — falei. E fiquei mais perto dela.

— Não? — ela ergueu os olhos. Olhou, e olhou fixo no meu rosto.

Como deveria estar a minha expressão, naquele instante? Que sombra diabólica será que ela viu, que raio de sugestão

ela pôde ter lido nas minhas palavras? No meu corpo, tão perto do dela? Que ódio ela foi arrancar, de dentro de si mesma, pra me atacar daquele jeito?

De sua garganta saiu um grito terrível, *inumano*... Ela unhou com vontade meu rosto. Senti o calor na pele, a umidade de sangue. E ela gritava:

— Você não CONTA? POR QUÊ, Tetéu? O que você tá querendo, hem? Tá querendo isso aqui também? — colocou a mão sobre o vestido, na altura do seu sexo.

Tentei segurar na sua mão. Ela me bateu, com força, na cara. Senti o calor no rosto, fiquei maluco. Catei sua outra mão.

Ela cuspiu na minha cara. Sentia no rosto os vários calores — da unhada, do tapa, da saliva... Edilene se defendia como uma fera fêmea. Tentava alcançar meu saco com o joelho. Movia os braços pra se soltar, se retorcia toda, com força...

Ela era mais forte que eu — esta, a verdade que demônio nenhum do computador havia-me contado. Eu não tinha o menor talento pra ser estuprador... Ainda mais de uma mulher grandona como ela. Edilene se mexia inteira, já estava machucando meus braços. Ela sabia ferir. De todos os jeitos.

— Sua coisinha inútil. Deve ter um pintinho desse tamanho, e quer o quê, me comer? Ah, só morta, seu filho da puta! Eu te detesto, Tetéu... Nem que você venha coberto de ouro... Nem que venha me dar o mundo, eu trepo com você...

E ela falava, e nós continuávamos naquele jogo de empurrar as mãos, pra um lado e pro outro... Enquanto eu fugia com a parte de baixo do corpo, evitando ser atingido pelo seu joelho, ela ia tentando me chutar, tentando soltar as mãos. Subiu na cadeira, me empurrou.

Fiquei longe dela uns dois metros... Senti, no seu modo de me olhar, naquela compreensão horrível que pode nos atingir, em determinados momentos, a *lucidez*: Edilene me desprezava, me odiava por mil coisas que eu era. Eu poderia ser rico e importante, realizar quaisquer sonhos, mas, quando se despreza alguém do jeito que ela fazia comigo, não há nada

que conserte. Eu seria sempre aquele bom moço, aquele fulaninho fraco, que nunca ia ser macho o suficiente pra sossegar Edilene. Ela ia me desprezar pra sempre — pelo resto de nossos dias, de nossos tempos, de nossas vidas.

Ela riu. Em cima da cadeira, equilibrando-se com dificuldade, ela olhou bem para o meu rosto e *riu*.

No preciso instante em que ouvimos o ruído de madeira rachando.

— Edilene! — tentei avisar.

Horrorizado, entendi o que estava acontecendo.

Coloquei o braço adiante, como um possível apoio...

Ela afastou o braço para trás, desequilibrou-se ainda mais... O pé da cadeira terminou de quebrar. Edilene moveu os braços como um nadador exótico, um mergulhador do vazio, do espaço vazio da janela...

E, abaixo da janela, o gradeado do muro.

Vi seu corpo despencar pela janela, indo ao contrário do que ela queria, quando o pé da cadeira arrebentou-se de vez.

Foi um grito curto. Rouco.

E mais nada.

16

A SAÍDA

1. Deveria dizer que agi como o mais normal dos caras. Quando ouvi a cadeira quebrar e vi Edilene caindo, os braços se mexendo pra trás feito uma nadadora histérica... bem, o que eu deveria ter feito?

Berrado, me pendurado na janela, chorando feito um louco, chamado pela vizinhança inteira, corrido ao orelhão, ligado pra polícia, família, ambulância?

Se era esse o comportamento da normalidade, bem, lamento informar que *eu não o fiz.* Para ser totalmente sincero, assim que vi o corpo de Edilene chacoalhando-se e voando, tive absoluta certeza de que seria a sua morte. Não era necessário sentir cheiro de enxofre, ou ver patinhas de bode dando um pimba na sua cadeira pra entender que haveria ali algum tipo de justiça extraordinária.

Senti, claro, a emoção. Soltei um grito breve, tapei a mão com a boca, meu estômago reagiu com um espasmo. Mas, quando o tempo passou, e passou, e *nada,* nenhum gemido, nenhum ruído de movimento veio debaixo da janela...

Eu percebi direitinho o que havia acontecido com ela.

Fui devagar até o parapeito e, antes mesmo de encarar o seu cadáver, meio metro abaixo, olhei para o horizonte, para possíveis testemunhas — aquele pedaço do quintal era tão deserto... Não seríamos vistos por ninguém que andasse na calçada. O muro fazia divisa com um terreno amplo, abandonado. Só os meninos costumavam empinar pipa por ali. Era possível transcorrer um bom tempo, antes que localizassem o corpo de Edilene.

Corpo de Edilene. Afinal, olhei para ele. Por alguns minutos.

Edilene havia caído exatamente sobre dois ferros. Um deles penetrara inteiro do lado da sua barriga, podia ver a ponta saindo de entre a carne. A outra ponta de ferro tinha acertado o peito. Não ultrapassara seu corpo, mas era possível ver um calombo formando-se entre os seios, como se empurrados para a frente pelo agudo do metal.

Eu olhava, e olhava para ela... Parecia uma boneca quebrada. Não havia muito sangue. O mais assustador era sua posição irregular, o corpo torto. Rosto de lado, com o cabelo cobrindo a face. A imobilidade. As mãos jogadas, uma para cima, outra para baixo, com as inúteis unhas pintadas de vermelho apontando o céu. Um chinelo ainda ficara pendurado no pé.

Quanto tempo olhei para ela? Depois, para a vizinhança, tentando ouvir sons diferentes... Era só uma tarde normal, de dia de semana. Ronco de motor de ônibus, bem além, na avenida. Alguém jogava uns caixotes ou fazia ruído de pancada em alguma casa da região. Tudo diluído no mormaço da tarde.

Não senti a menor necessidade de criar uma rota de fuga. Afinal, Adaílton tinha me mandado embora. E eu ia. Só isso.

Segui devagar até meu quarto. Tinha de pensar, antes de resolver o que fazer. Ainda sentia o vazio daquilo tudo, e a própria noção da morte de Edilene era vaga, enevoada. Nada

de culpa. Se houve o dedo do demônio movendo minha vontade de possuí-la, de violentá-la, não sei... Ela soube muito bem se defender. Me agrediu, me xingou... subiu naquela cadeira porque *quis*. E, se caiu de lá, bem... tinha sido um acidente. Imbecil e casual, *mas acidente*.

A primeira coisa que eu fiz, quando cheguei ao quarto, foi procurar mertiolate para colocar nos meus machucados. O rosto ardia com a unhada, além de pequenos outros cortes que riscavam meus braços e pulsos.

Virei gavetas e maletas, procurando o remédio. Por isso, não encarei a tela do computador. Só após fazer os curativos é que descobri a mensagem esperando por mim:

Ela vai morrer.

Olhei e ri.

— Você tá atrasado, amigo. Ela *já* morreu. Morreu mesmo. Acabou, de vez.

A tela continuou com sua mensagem. Nem maior, nem menor. Nem piscava, nem mudava o teor. Só ficava ali.

Ela vai morrer.

Me irritando.

— EU JÁ SEI, PORRA! JÁ SEI! Ela morreu de verdade, ela se fodeu! Pobre Edilene, morro de dó dela, cara! Foi um acidente, eu SEI que foi um acidente, mas... Não queria que ela morresse desse jeito besta, coitada! Morro de dó... Mas pára com isso, ouviu? PÁRA DE ESCREVER ISSO, EU JÁ SEI! JÁ SEI!

Eu tinha levantado da cama e ficara andando em frente ao computador, "conversando" com ele aquelas palavras loucas... vi então o papel saindo da impressora. Nada havia ali, antes.

Peguei o papel. Li.

2.

Bianca pensava na morte como única saída.

Pensou nisso o tempo todo em que recolheu o corpo de Carlos em vários sacos pretos de lixo. Pensou nisso enquanto vomitava na privada e chorava fazendo sua tarefa.

Pensou insistentemente na morte enquanto abria no porão um buraco fundo, e afastava as lajotas e colocava os sacos e enterrava tudo. Pensou na morte enquanto tentava se lembrar de uma reza qualquer e ainda achou que deveria talvez trazer flores do jardim; mas resolveu que o mais seguro era disfarçar o chão, torná-lo o mais liso e sujo possível, para que ninguém desconfiasse da presença de um túmulo ali.

Por um instante ela ficou em dúvida se valia mesmo disfarçar alguma coisa... se não era melhor que desconfiassem logo que Carlinhos estivera com ela. E que em sua casa encontrara a morte. Verdade era que Bianca se sentia segura: não namorava o rapaz, dificilmente alguém a via conversando com ele na escola. Fizera Carlinhos prometer que não contaria a ninguém de sua visita, à tarde... não seria tão fácil assim associarem seu desaparecimento a uma visita a Bianca, e seria mais raro ainda alguém aparecer por ali.

Mas... e se viessem? E se lhe fizessem perguntas? Bem. Ela responderia a todas. Simples, direto:

— Foi *Ele* que matou o Carlinhos.

— Ele? Que ele? — perguntaria o hipotético policial.

E o que Bianca responderia? Que o seu íncubo, um diabinho muito íntimo das bruxas, gostava de se divertir atraindo rapazes bonitos até a cama, para transformá-los em pasta de carne? E, claro, iriam acreditar nela! E, claro, Bianca imaginava para que tipo de lugar eles a levariam e como seria tratada, provavelmente para o resto de sua vida, se contasse essa verdade para algum policial.

Ela teria uma vida, não teria? Uma provável *longa* vida para que fizessem o que quisessem com ela.

Por isso não era melhor a morte?

Por isso ela pensava na morte enquanto contava as pílulas da mãe, envelopes guardados no criado-mudo de seu quarto... Nesse momento, Bianca lembrou que a mãe já estava morta. Que ela nunca mais tomaria o Lexotan nem remédio algum. Que ela estava imóvel sob a terra, e seu corpo já deveria estar se desfazendo, só restando sua caveira roída por vermes...

— Mamãe... papai... eu estou sozinha... tão sozinha.

Bianca começou a chorar. De modo intenso, largada na cama do quarto dos pais, na casa silenciosa e vazia.

Ela sentia que não poderia agüentar muito. Que *Ele* continuaria, e continuaria agindo... e que se seu destino seria dia após dia ficar com ele e repetir a cena da morte, e trazer outro rapaz e outro, e recolher seus corpos e ficar mais uma vez sozinha na casa...

Então era melhor morrer.

As duas folhas acabavam aí. E, na tela, a frase não se modificara:

Ela vai morrer.

Então eu percebi. Só nesse momento pude entender *alguma coisa a mais*. A tela não se referia a Edilene, claro! Mas a ELA: ao meu personagem, Bianca.

Ora, ora... Mas não era mesmo o caso de se perguntar, de se dizer, bem alto: MAS BIANCA NÃO ERA UM PERSONAGEM? BIANCA NÃO TINHA SIDO ESCRITA POR MIM? ELA NÃO EXISTIA...

Foi *essa*, exatamente essa, a *coisa a mais* que eu finalmente pude entender. Será *mesmo* que Bianca era um personagem? Será mesmo que ela era de papel e tinta, apenas? E o

dia após dia, no conto? E o conto, que tinha deixado de ser conto, a partir do momento em que havia um dia seguinte, e outro, *e mais outro*? Com todo o suceder de fatos diabólicos, mudando toda a estrutura e coisas assim de um conto?

Até que ponto eu era *mesmo* um escritor, um criador de personagens? Ou era apenas uma testemunha, uma vítima?

COMO ELES! Como Paulo e Bianca.

Carne e osso.

Gente de verdade, agindo num mesmo pesadelo...

Afinal, tudo começou... O conto do Paulo e da bruxa — o seu *enredo* — não começava num *Halloween*, o Dia das Bruxas, 31 de outubro? A coincidência de ele ver o pássaro na festa e fazer um desejo e topar com a mulher perfeita, a morena maravilhosa, a deusa-feiticeira...

Depois, eu refiz "A dama dos sonhos". Numa noite em que estava mal, véspera de feriado. E descobri que havia mais, *muito mais*, a reescrever e captar, no enredo, nos personagens... Que feriado era, véspera de Finados?

Em que dia mesmo, eu — *eu, Tadeu* — mexi no conto, maluco, feliz?

31 de outubro. Dia das Bruxas.

Era como se estivesse sendo *ajudado*... Eu não agira como Paulo, o personagem? De certa forma, *também não fizera um pedido*? Não quis um conto maravilhoso, redondo, perfeito?

Vertigem. Boca seca. Não era possível... lembrei então do outro conto, "A cama do amor". Como o havia escrito?

Foi no dia em que Iltinho voltou do hospital... em que eu fiquei — coisa rara! — sozinho na casa, e estava aflito. Achei o jornal, sua matéria insignificante em seção do "Interior", e tive a idéia. Como é mesmo que me veio a idéia? Ela surgiu tão fácil, imediata... era como se eu estivesse sendo...

... *ajudado. Não era isso?*

Os dois contos, vindos de maneira tão especial, em estado de graça. Um foi refeito pra ficar maravilhoso; o outro saiu inteiro, quase vinte páginas escritas sem interrupção.

Escritas em estado de graça. *Mesmo?*

Larguei as folhas, sentei depressa ao computador. Não me importei se estava ou não ligado à tomada, meu contato com *Ele* se fazia sem precisarmos dessas bobagens, como energia convencional.

Teclei, nervoso, ligeiro:

ELA EXISTE?
BIANCA EXISTE?
PAULO, A BRUXA, ELES EXISTEM?

Demorou mais que o normal, até que viesse a reposta:

Como tu ou eu.

Senti que minha cabeça girava, o rosto ficou quente...

Como tu ou eu.
Como tu ou eu.
Como tu ou eu.

Ficava lendo e relendo isso... Meus olhos foram ficando vermelhos, o peito doía, com a absurda sensação de medo...

E de certa forma, de certa maneira louca, o peito também doía...

... por *alegria. Felicidade.*

Afinal, eu não estava sozinho. Paulo, Bianca... Eles eram reais. Eles também sofriam com aquelas forças extraordinárias que nos tinham posto em contato. Eles estavam com sua bruxa e íncubo, e eu os acompanhava, eu os *via* — ou melhor, *lia* sobre eles, mas eram páginas tão reais, como se os estivesse vendo.

E me bateu outra porrada — *pou!* — no peito. Como era a frase, mesmo?

Ela vai morrer.

— NÃÃÃÃO! — gritei. — Não pode ser! Não agora, quando eu descobri que Bianca existe, que eu não estou sozinho... ela não pode, não pode!

Procurei em torno de mim, no chão do quarto... achei as folhas impressas, reli:

Bianca pensava na morte. Como única saída.

— Não, não, não! — eu gritava, louco, apertando as folhas e tremendo. Falava como se ELA pudesse me ouvir... — Não faça isso, menina! Não *agora*... Espere por mim, espere!

Revi de maneira afobada o texto: sua idéia da morte, o terrível de enterrar um corpo aos pedaços, a sugestão de suicídio com as pílulas da mãe... ela *precisava* esperar por mim.

Deus, ela precisava esperar por mim...

Enfiei o disquete na torre, copiei esse último arquivo — se é que ele existia na memória, o que não teria tempo de checar. Abri a mala e guardei-o num canto, escondido. Recolhi depois as duas folhas, com as demais. Fechei a mala.

Vesti o paletó, guardei o dinheiro...

Por um instante, me vi parado em meio ao quartinho. Arrumado como em dia de trabalho, com a mala numa mão, a carteira cheia...

Olhei pela última vez ao meu redor. Não imaginava que um dia voltaria ali, a meu antigo lar — e, se pudesse supor *como* e *por que* voltaria, talvez ficasse ainda mais angustiado. Mas, naquela tarde, estava só nervoso demais. Mordi os lábios. Senti o ardor nos olhos.

E saí.

Saí em busca de meus personagens.

Parte 2

"O diabo é um otimista, se acha que pode tornar as pessoas piores do que já são."

Karl Kraus

17

DUAS SEMANAS

1. A noite era clara, enluarada, calorenta. E, mesmo assim, eu tremia inteiro. Apertava a mala no peito. Permanecia de pé, e era uma exceção: a maioria das pessoas se espalhava pela calçada. Eu esperava na fila e evitava olhar para os outros homens. Éramos uns vinte ou trinta homens. Havia ali apenas duas pessoas do sexo oposto — duas velhas.

Se eu não olhava para os homens nem para o céu, eu me concentrava nos próprios pés. De todo o meu corpo, eram a parte mais sofrida: metidos nos chinelos de dedo, meus pés estavam inchados, doloridos. A unha do dedão esquerdo quase tinha caído, era uma massa apertada em meio à carne roxa e inchada. Estavam imundos. O contorno da sandália se diluía na imundície marrom em que meus pés haviam-se transformado.

Tentava não pensar muito em mim, em minha miséria, em meus pesadelos. Tentava mesmo não captar as mensagens que o cheiro enviava à minha mente: de como *era mau* eu estar tão sujo. De como meu cheiro era ruim, de como o suor tinha-se encruado de tal maneira que, mal abrindo o casaco,

percebia o bodum da pele. Uma mãe imaginária, com a qual eu vinha conversando tantas e tantas vezes durante aquelas duas semanas, me alertava dos males em tratar tão mal a mim mesmo. Esta mãe falava da importância do banho, do bom sono, da roupa asseada e das gentilezas do dia-a-dia. Naquela fila de homens solitários, ali à noite, era uma mãe pouco prestativa. Só me deixava pior, mais indefeso diante das desgraças que tinham me acontecido...

Eu tremia inteiro — devia ser febre. Desde a última chuva, tomada há dois dias e sem abrigo, eu me percebia tossindo sempre e incomodado pela sensação de frio.

A voluntária — uma senhora de áspera voz de comando — já havia passado por nós uma hora antes e distribuído as senhas. Pediu que esperássemos e conchavou com um e outro que rezássemos. Um homem alto, muito magro e com cabelo farto, misto de Antônio Conselheiro e louco de programa de tevê, puxou uma reza solitária. Misturava palavras conhecidas da missa: "*Oremos, irmãos, o Senhor é meu pastor, glória, glória, aleluia*", com a cantilena da mesma frase: "*Tô sozinho, tô sem Deus. Tô sozinho, tô sem Deus. Tô sozinho, tô sem Deus...*", murmurada tão depressa, que mais parecia uma música.

Uma das velhas riu dele, a maioria dos homens não deu bola. O Antônio Conselheiro ficou andando pela fila, aqui e ali, botando a cara bem perto de um de nós e gritando sua cantilena. Afinal, acabou também se sentando à porta do albergue e sossegou.

Ele foi o único que se mostrou mais agitado, durante o tempo de espera. No mais, era ficar por ali. Era ter paciência. Era a sensação miúda das minhas dores de corpo, era a necessidade de pensar o menos possível sobre tudo o que acontecera, em apenas duas semanas, para me levar, à véspera do Natal, a uma fila de mendigos num albergue mantido por voluntários batistas.

Foi quando eu a vi.

Tinha olhado casualmente para a esquerda e, quando repa-
rei que me olhavam, virei o rosto o mais rápido possível. Estava
me habituando a fazer isso — desviar os olhos, me apagar, tentar
sumir, desaparecer, chamar a atenção o menos possível... O olhar
da mulher era insistente. Ela *continuava* me encarando.

Por isso, virei de novo, bem devagar, para o seu lado.
Ali, a trinta metros de distância da nossa fila. De início, pensei
que fosse uma das voluntárias. Sua roupa cinza, o cabelo gri-
salho, a postura séria, tudo isso me deu essa idéia. Depois,
reparei em como ela ficava *exatamente* sob a luz de mercúrio
da calçada. Como era imponente e me encarava, um sorriso
calmo nos lábios. Quando me acenou, erguendo só uma mão,
achei que era uma figura conhecida.

Ela sorria *para mim*.

Olhei de lado e outro. Era o único em pé na fila, naquela
altura do muro. À minha esquerda, um homem dormia de boca
aberta. Do outro lado, um vulto amarfanhado num cobertor tam-
bém não chamava a atenção.

Era isso: ela *sorria para mim*.

Não era um anjo. Não era uma aparição. Era velha, com
cabelos à altura das orelhas, a maioria brancos. Tinha um sorri-
so calmo e os olhos... os olhos eram magnificamente azuis.

Onde eu a tinha visto? Em que época, em que lugar, aque-
le olhar incomum tinha pousado em meu rosto e me causado
tamanha impressão?

2. O que eu fiz, o que pensei, que horror me atingiu, e com
que intensidade? Como passei de mocinho que trabalhava de
terno e gravata para virar aquela figura mendicante, à porta de
um albergue?

Não saberia dizer passo a passo. É horrível dizer isso, mas
estava eufórico, *apesar* da morte de Edilene. Naquele momen-
to em que saí da casa de Adaílton, sua morte parecia menos
importante, *menos real*, até do que saber que Bianca e Paulo
existiam.

Se eu fosse um demônio, poderia dizer de sentimentos constantes — talvez eu sentisse apenas maldade. Mas sou homem, e volúvel, dividido. Naquela tarde, meio desesperado e meio louco...

Por isso, não sofri tanto com a morte de Edilene. Pra ser sincero, mal pensei nela, não *queria* pensar nela, naquele corpo quebrado como de boneca sobre ponta de ferro. Eu preferia pensar *neles*... Em Bianca. Em Paulo. Na doce possibilidade de que eles eram de carne e osso.

Não duvidei do absurdo — saber que os personagens existiam através de um computador desligado e por um diabo que escrevia em sua tela...

Ajeitei o paletó sobre meu corpo, apertei a alça da mala até os nódulos dos dedos ficarem claros, andei a passos mais largos. Parei no ponto de ônibus. Uma vizinha passou por mim, eu a cumprimentei com um sorriso. Entrei no ônibus quase vazio àquela hora da tarde e segui para o Centro.

No Centro, comecei a andar automaticamente para a agência bancária. E aí, sim, precisei me conter. O que ia fazer lá? Não tinha sido despedido? Ia incomodar os colegas? Conversar com eles, dizer... Dizer o quê? Da morte da Edilene? De meus demônios e histórias?

Voltei alguns passos numa manobra tão repentina, que acabei topando com os pedestres que vinham em sentido contrário. Teve gente que me xingou, um homem pisou meu pé com força. Mal os vi.

— Pare, seu idiota! Pare! — gritei comigo mesmo.

Um rapaz olhou para mim, riu. Senti o calor subindo pelo pescoço e deixando meu rosto afogueado, vermelho... E veio a sede, absoluta. Acabei entrando num barzinho quase vazio, pedi um refrigerante e sentei bem no fundo, escondido de quem andava pela rua, porque eu precisava pensar, planejar...

Claro que era importante localizar Bianca e Paulo. Mas era difícil, numa cidade tão grande. Não podia contar com os velhos amigos, pelo menos naquele momento. Não podia ficar

tropeçando nos outros ou caminhando pelas ruas costumeiras. Precisava achar um lugar distante, um — não usei a palavra, naquela lengalenga que balbuciava, sentado à mesa do bar, mas pensei nela, por um mínimo instante — *esconderijo*.

Sete da noite. Não pretendia voltar à casa de Adaílton, precisava achar um lugar onde dormir. Essa, sim, era uma decisão CONCRETA. Olhei de lado a outro e tirei o dinheiro da mala. Contei. Do que eu tinha recebido na demissão do banco, havia dado uma terça parte como indenização pelas roupas de Edilene. Ainda me sobrava o equivalente a dois meses de salário. Isso devia bastar, pra começo de conversa.

Fui pensando nos hotéis que eu conhecia, de vista, pelo Centro. Todos me pareciam caros demais, luxuosos... e pimba! A lembrança me deixou quase comovido.

Anos atrás, eu havia acompanhado Júnior, numa visita a um parente dele. O cara era recém-chegado do interior e tinha se hospedado numa pensão. Era uma casa de família, comum, num bairro da Zona Oeste — na outra ponta da cidade, a uns quarenta quilômetros de distância de Vila Samambaia.

Saí eufórico da lanchonete.

3. Às dez horas da noite, já havia tomado banho, pago uma semana adiantada de estada na pensão, desarrumado a mala e deitado numa cama de solteiro. Sorte... O começo de minha aventura solitária estava indo muito bem, não era mesmo, caro Tadeu?

Fui atendido por uma senhora magra e baixinha, que usava óculos esverdeados e grossos e cujos cabelos crespos se amontoavam em torno de um lenço de cabeça. Pareceu desconfiada. Quando falei em pagar adiantado, disse de um primo indicando a pensão e que procurava emprego em banco, ela se mostrou mais simpática.

Disse que costumava pôr dois rapazes em cada quarto, mas, como muitos inquilinos já tinham viajado pra passar o Natal com a família, não estava de lotação completa: ia me deixar sozinho no "melhor quarto da casa".

O melhor quarto da casa era simples: duas camas, dois armários de uma porta cada um, uma escrivaninha, um ventilador abandonado sobre a mesa. Simples, mas limpo. Mas *meu*. Com a vantagem de que o quarto dava para a avenida. Podia olhar o movimento pela janela e estava feliz. Calmo. Não saberia dizer se aquela era *realmente* a pensão onde o parente do Júnior morou, mas isso era até bom. Cortaria de vez qualquer tentativa de me localizarem.

Estava numa pensão que sumia em meio a uma dúzia de sobrados decadentes que ofereciam vaga, naquele bairro. Em qualquer um deles, quantos RAPAZES DE FINO TRATO não faziam a mesma coisa que eu — jogavam-se na cama, esticavam-se sobre lençóis limpos, abriam a mala?

Pensar em tanta merda que eu havia engolido do Adaílton e dos parentes, por anos e anos! E pra quê? Um medo bobo de ficar sozinho? Ainda um vago sentimento familiar, como se Marga fosse uma extensão da minha casa, de mamãe?

Que bobagem! A mensalidade na tal pensão sairia até menos do que eu acabava pagando pra Marga. Fiquei um bom tempo fumando na janela do sobrado e olhando o movimento dos carros da avenida. Fui ouvindo as risadas e a tevê, no andar de baixo...

Resolvi sair do quarto. Leve, feliz. Vesti uma camiseta e bermuda, coloquei chinelos nos pés. Tranquei com cuidado minha porta e deixei a chave num dos bolsos. Desci as escadas do sobrado, olhando cuidadosamente as paredes da nova casa, um quadro de paisagem marinha, fotos de parentes da dona da pensão, calendário com uma cena natalina...

Na cozinha, cumprimentei um japonesinho que talvez tivesse minha idade e lia uma revista sentado à mesa. A dona da pensão — não lembro de seu nome, era estrangeiro... Doroty, Deise? — me apresentou a uns e outros: um nordestino de sotaque forte e bom de piadas me cumprimentou com um tapa nas costas. Um homem de seus cinqüenta anos me ofereceu uma

cerveja, mas recusei. Outros rapazes morenos espalhavam-se pelos dois sofás da sala e viam tevê.

Menti pra eles sem um pingo de remorso — para dizer a verdade, de certa forma era como se eu *acreditasse* no que estava falando. Era a vida que eu *deveria* ter tido. Era a rotina que um Tadeu recém-chegado de Minas deveria ter feito, anos atrás... Falei para eles que acabara de chegar de Vila dos Onofres. Falei da experiência em banco, mas disse que era trabalho feito em outra cidade. Eu falava e falava e me entusiasmava.

Eu me senti *em casa*, porque eu queria me sentir *em casa*. Acabei sentando na ponta de um dos sofás e fui acompanhando com meus futuros colegas o fim do programa humorístico — ainda ri muito com as piadas sobre um travesti — e, depois, o noticiário...

Eram pouco mais de onze e meia quando me despedi de todos e subi ao quarto. Deitei na cama, deixei a janela meio aberta. Gostava da claridade que entrava, vinda diretamente da lâmpada da rua. Gostava mesmo do ruído dos automóveis e das freadas constantes dos ônibus. Depois de tanto silêncio, lá na Vila Samambaia... depois de tanto tempo enfurnado no meu quarto e dividindo aquele silêncio de periferia com meus pesadelos, era bom, *muito bom*, me sentir diluído na cidade.

Não pensei que pudesse dormir tão depressa. Ainda ouvi nitidamente o locutor do *Jornal da Meia-Noite*, anunciando *as principais notícias do dia*... Adormeci com sua voz, com as manchetes lidas por ele e a musiquinha frenética que pontuava as notícias.

4. Adaílton chegou pelas sete e meia da noite e seguiu direto para os fundos da casa. Tinha voltado com a cabeça cheia de ódio do cunhado. No boteco, havia-se exibido muito, para todos, contando como tinha "arrebentado a cara" do rapazinho que andava de terno e gravata e se "metia a besta" com ele. Os colegas de

copo o elogiaram, recebeu uns bons tapinhas no ombro e palavras de apoio.

Mas, agora, esperava com uma ponta de esperança que Tadeu não tivesse ido embora. Quem sabe o cunhado não tinha mesmo pra onde ir? Ele se desculpava, conversava com Edilene, pedia mesmo perdão pra garota... e podia ficar.

Podia continuar contribuindo mensalmente com seu pagamento na casa.

Por isso, foi um decepcionado Adaílton que saiu do quarto dos fundos. A camiseira com as gavetas vazias; a lixeira cheia de papéis picotados; o computador desligado, bem coberto por plásticos; a impressora dentro da caixa... É, o cunhado devia mesmo ter ido embora.

— Tetéu de merda — resmungou.

Foi para a casa. Acendeu a luz da cozinha, olhou em volta de si e estranhou. Edilene podia sair, mas sempre deixava as panelas de comida sobre o fogão. Nada. Adaílton abriu o forno: vazio.

Adaílton ficou sem saber o que fazer. Será que a moça tinha saído ali por perto, voltava logo e aí fazia a comida? Olhou para o relógio sobre a geladeira: quase oito. Tarde... A irmã costumava jantar cedo, pelas seis e pouco já estava comendo.

— Peste... tudo peste — falou, e seguiu para a sala.

Ligou a tevê num gesto automático, sentou no sofá. Não gostava que mexessem na sua rotina, não estava acostumado a esperar. Marga o atendia, mal ele pisava na casa — era a janta pronta, o prato feito, o chinelo trazido. Aquele silêncio besta o incomodava.

Por isso, ficou mais feliz do que o normal, quando tocaram a campainha e o vozeirão de Romeu suplantou o *plim-plom* do aparelho:

— Dilene! Cê num vem?

— B'a noite, Romeu! Vai entrando! — Adaílton saiu à varanda da casa, acenou para Romeu.

— Boa noite, seu Adaílton... Num vou entrar, não, tô com pressa. O senhor só me chama a Edilene, faz favor.

— Óxi, moço! Mas pensei que ela tava cum ocê.

— Não...

E aí um ficou olhando para o outro, olhando... Romeu subiu os degraus da varanda e começou a apertar com força uma mão na outra, gesto de nervosismo dele, enquanto ouvia a longa história do Adaílton, sobre a roupa cortada e a surra que Tadeu tinha levado do cunhado e de como Adaílton agiu como um herói e de como Tetéu tinha se mandado e de como tudo tinha corrido tão bem, exceto...

... exceto que Edilene agora também não estava em casa.

— Pensei inté que tava cum ocê.

— Eu nem sabia dessa história, seu Adaílton! A Edilene num ligou pro meu serviço. Aquela, também... Se tivesse contado, era EU que vinha aqui dar umas porradas no tal Tetéu... Nunca fui com a cara daquele safado, bostinha cheio de nove-horas...

— Será que Edilene foi cum ele pra argum lugar?

— Depois dessa briga, seu Adaílton? Qual... — Romeu passava agora a mão seguidas vezes pelo queixo, como se ali existisse uma barba invisível. A idéia maldosa passou por sua cabeça como um *flash*: — E se o filho da puta fez alguma coisa com a Edilene?

— O Tetéu? Aquele covardinho? — Adaílton sorriu.

Era uma idéia besta... mas a idéia foi crescendo.

— Dá licença, seu Adaílton — falou Romeu.

Andou pelo corredor, olhou na cozinha, seguido por Adaílton, que dizia: "Lá ela num tá". Voltou. Primeiro abriu a porta do quarto das crianças e da própria Edilene. Levou um susto ao ver as manchas de esmalte na parede. Pensou que fosse sangue.

— Benza Deus! — falou Adaílton.

— É do esmalte — completou Romeu, apontando os cacos dos vidros pelo chão.

Olharam por todo o lado. Abriram guarda-roupa, abriram janela. Nada.

Adaílton continuou no quarto, Romeu seguiu para o próximo. O quarto de casal.

Ali, a cadeira de pé quebrado. A janela escancarada. Romeu foi olhar pela janela.

Gritou. Grito rouco, que saiu com extrema dificuldade de sua garganta.

Quando Adaílton entrou no quarto, Romeu vomitava num canto. Apontava para fora da janela, e não podia falar.

Eram oito horas e dezoito minutos quando encontraram o corpo de Edilene.

18

O GIGANTE

1. Acordei do sono profundo, sem imaginar que horas seriam nem onde eu estava. O forte barulho que vinha da rua e a claridade me indicavam manhã de movimento em dia de semana.

Fui ouvindo também uma distante voz de locutor de rádio, chegando caótica aos ouvidos... Era impressão minha, ou o nome de Edilene estava no noticiário? E as imagens que eu ainda retinha na memória, eram de sonhos ou possibilidades *reais* de como Adaílton pôde ter descoberto o cadáver da irmã?

Sentei na cama. Passei devagar a mão sobre os cabelos, alcancei meu relógio sob o travesseiro: dez para as dez. Tarde. Nunca acordava a essa hora na casa de Marga... Mas por que não agora? Eu não era o novo homem, com tanta coisa boa pra encontrar, dali por diante? Por que não me dar ao luxo de despertar em dia alto, curtir a manhã? Então, o que estava errado? O que era aquilo, batendo forte junto com meu coração?

Era medo?

Era o nome dela, no rádio, não era?

Vesti uma camisa sobre a bermuda e saí do quarto. Tranquei a porta, parei no corredor.

Na cozinha, a dona da pensão descascava batatas e ouvia uma música dançante no rádio. Me cumprimentou com muita simpatia, perguntou se ia tomar o café e, mesmo sem ouvir a resposta, já foi abrindo espaço na mesa, para eu sentar. Colocou vários pães e recheios sobre a toalha, a garrafa térmica de café, a leiteira.

Eu estava com fome. Enquanto me servia de café, casualmente bati os olhos sobre o jornal popular, ali na cadeira.

Gelei. Mais pela familiaridade das fotos do que pelo dramático que elas pudessem conter...

Na primeira página, o corpo destroncado de Edilene. Ainda seu cabelo sobre o rosto, a ponta de ferro marcando uma saliência na altura do busto. A mão erguida para o vazio... Seu corpo sob a manchete: TRÁGICO ACIDENTE OU ASSASSINATO?

Seu cadáver, porém, me assustou menos do que a *outra foto*. Bem menor, no canto da página, estava a fotografia de nosso grupo no banco, tirada no dia do aniversário de dona Odete. Foto a distância — todos os rostos eram manchas meio diluídas, mas EU SABIA quem estava ali, no jornal. EU SABIA que aquele mocinho magrela atrás de Arlete e ao lado de dois *office-boys* ERA EU... E também tinha certeza dos motivos de uma foto particular dessas ser exposta em jornal. Era A MIM que eles procuravam... Em torno do rosto, um círculo marcava *quem* era o "parente desaparecido", o único que poderia esclarecer as circunstâncias da morte da moça que tinha sido "espetada no muro do vizinho".

2. Passei o dia no quarto, indo e vindo da cama à janela, encarando sem coragem uma ida ao jornaleiro. Fumava e pensava. Sofria. E imaginava.

Como estariam tratando aquele acidente imbecil? Não haveria enormes manchetes: MALUCO JOGA MOÇA NO ESPETO. ESTRANHO ACIDENTE EM VILA SAMAMBAIA. MOÇA MORRE ESPETADA NO MURO — parente que pode testemunhar sobre o caso está desaparecido. BANCÁRIO COR-

TA ROUPA DE GAROTA E DEPOIS FOGE. MOÇA ENCONTRADA MORTA... em tantas páginas? Sim, eu me enxergava como o grande acontecimento policial do dia. A foto do aniversário, cada vez mais ampliada e detalhada, com meu rosto espantado para o fotógrafo. A outra foto, do crachá do banco, em destaque nas páginas centrais...

O que a polícia faria? Quanto mais pensava, mais percebia o modo como me tornariam culpado. E tudo isso por um acidente! Um estúpido acidente. Ela caiu sozinha, ela...

Pude ver *de novo* o jeito como ela caiu. O pé quebrado da cadeira, sua risada... minha mão se estendendo para ajudá-la... seu corpo perdendo o equilíbrio, ela se movendo para trás, a queda...

Acidente, acidente, acidente.

Mas *quem* estivera ali, no quarto, para garantir que as coisas tinham acontecido daquele jeito? O que me impediria, afinal, de ter dado um pimba na sua cadeira e tê-la enterrado na grade de ferro? Afinal, não tinha sido eu quem cortara sua roupa íntima, num legítimo ataque de loucura?

Levantei da cama, andei pelo quarto. As pernas doíam, a cabeça estava num agito dolorido, com as têmporas latejando... Como eu tinha sido estúpido, benza Deus! *Tudo, tudo... estava contra mim!* Não tinha brigado com Edilene? Se ainda contava com suas unhadas na minha cara, a polícia deveria encontrar pedaços da minha pele sob suas unhas. O esmalte na parede, a cadeira quebrada...

Eles tinham todos os motivos do mundo para me identificar como provável assassino.

Que vingancinha diabólica! E eu achava que estava ganhando a luta por *rounds* contra o demônio do computador... Ele tinha sido genial, maravilhoso! Eu não era *apenas* um maluco que via coisas no computador. Não era só um cara nervoso que jamais poderia dividir suas dúvidas com quer que fosse...

Agora eu era um *assassino*. Um criminoso procurado, uma fera a ser perseguida, presa, jogada no xadrez por todos os tempos.

3. Finalmente, uma estratégia concreta. Pelo meio da tarde, peguei toalha e fui ao banheiro, depois de ter arrumado minuciosamente a mala.

Banho longo. Desde que era criança em Minas, entrava na banheira de ferro esmaltado e voava. Criava histórias e podia me sentir longe da pobreza, podia sonhar...

Ali no chuveiro da pensão, com a água formando uma cortina sobre minha cabeça, pensei: *Por que fugir, afinal?* Por que não aparecer na delegacia? Afinal, a consciência não me acusava. Foi um acidente, coisa triste e tal... mas aconteceu. Eu não era um ignorante, conhecia meus direitos. A polícia não poderia me prender sem provas concretas.

Mas poderia — e *deveria*, até pra dar alguma satisfação aos jornais, se eles realmente pediam minha cabeça — aporrinhar minha vida. Se não me prendessem, me obrigariam a ficar à disposição da lei. Sem viajar, sem sair à noite... talvez fosse vigiado. E, aí, nunca acharia Paulo e Bianca...

Eu precisava ficar livre. Nada de complicações com a polícia. Então era necessário sair da pensão sem despertar suspeitas.

Jantei calmamente. Conversei com meus colegas e me interessei pelo que faziam — gesto típico de quem pretende travar amizade, permanecer longo tempo no lugar...

Na hora do noticiário da tevê, quando muitos hóspedes estavam se ajeitando na sala, pedi licença para ir ao banheiro. Andei pela cozinha, abri a porta dos fundos... O sobrado tinha uma saída estreita, que circundava o lugar e acabava na rua. Mordi os lábios, torci pra que não me vissem, segui por ali. Logo estava na porta da casa. Encarava a avenida, os ônibus lotados, as outras casas tão bem-iluminadas...

"*Sócio da Light.*" Foi como o idiota do Adaílton falou, quando eu trouxe o computador, não foi mesmo? Que ele ainda ia ser "sócio da Light", "gastar inirgia"... Palhaço! Energia. Onde poderia achar a casa de força? Ao lado da campainha, a porta de madeira com os fusíveis.

Olhei de lado a outro. Ninguém pelas calçadas. Esperei que um ônibus arrancasse, veloz, pela avenida. Abri depressa a porta da casinha, havia ali umas dez chaves elétricas, a maior no meio. Desci ligeiro essa chave, o sobrado escureceu. Ouvi um palavrão sonoro vindo lá de dentro. Ótimo. Casa às escuras, sem chuveiro quente. Sem tevê ou noticiários de tevê. Arranquei o fusível e voltei à sala.

Aqui e ali viam-se vultos na casa, graças à luz da rua, filtrada pela cortina. Na cozinha e nos quartos do andar de cima, escuridão.

Falatório. Confusão. *Deliciosa* confusão... Velas que não vinham, gente em meio a banho gelado pedindo lanterna emprestada... Até que se lembraram de conferir os fusíveis, muito tempo passou.

Era bem mais de meia-noite quando finalmente repuseram as peças na casa de força e... *Fiat lux!*

Ainda esperei, sentado na cama, que a paz finalmente baixasse no cotidiano da pensão. Era madrugada quando olhei desconsolado para o quarto que já sentia tão absolutamente *meu*: por apenas trinta horas. Queria que por trinta meses, ou mais... mas era necessário. Se eu pretendia achar meus personagens, se queria tentar entender todo o mistério e me livrar de vez do demônio, não podia esperar que me encontrassem. Tinha de fugir.

4. Peguei um dos primeiros ônibus da linha que fazia o trajeto bairro—centro. Conhecia bancas de jornais que varavam a noite e logo estava com os primeiros matutinos em mãos.

Confesso uma ligeira decepção: nada tão acusatório quanto o que minha imaginação havia criado. Claro, os jornais estampavam o empalamento, com a foto dramática de Edilene, e reproduziam acusações de Adaílton. Mas nada de minha foto encimando um cartaz de PROCURADO ou legenda me chamando de LOUCO HOMICIDA.

Mesmo assim, fiquei triste. Sentado no banco de uma pracinha cujo portão estava arrebentado, via uns mendigos

cochilando ao relento e os primeiros trabalhadores do dia. Fui lendo as notícias.

O jornal mais sensacionalista tinha ido fundo na acusação. Não só me tratava de SUSPEITO como havia conseguido opiniões de ex-colegas...

Não punham o nome dos entrevistados, só pequenas frases deles a meu respeito. Podia imaginar que era o Rogério que me chamava de "*babaca metido*". "*Só porque estudava de noite e usava terno de dia esnobava* office-boy".

A Arlete? Seria ela que afirmou que: "*Ele era meio tarado. Esquisito, sim. Vivia com livro debaixo do braço, lia uns troços pra mim. Eu não gostava muito dele. Não era muito normal*"?

Sílvia? A Sílvia teria dito que: "*Teve um almoço em que minha meia rasgou e ele quis me ajudar a comprar outra. Vê se pode, um rapaz em loja de* lingerie, *e olhava tanto pra minha perna... foi muito incômodo. Naquele dia, achei que era paquera, coisa de garoto. Hoje, fico pensando se não era tara. Afinal, ele não cortou a roupa da moça? Se é que não jogou a coitada pela janela*"?

Ah, Deus! A gostosa da Sílvia dizendo da meia rasgada e imaginando — sei lá! — que eu poderia tê-la matado por isso? Naquele dia a Sílvia levantou a saia até a coxa, e não queria que eu olhasse? E a Arlete, como ela podia dizer que eu não era *normal*? Pra fazer seu trabalho de escola, sim, eu era ótimo. Era *perfeito* pra ler os poemas pra ela e redigir o trabalho. Agora, depois do acidente da Edilene...

Meus olhos se encheram de lágrimas. Estava fumando cigarro após outro, o estômago ardia. Na língua e garganta, o excesso de nicotina era uma placa rançosa que me deixava embrulhado.

E, de uma forma estranha, eu me sentia envergonhado por eles. Como podiam saber tão pouco a meu respeito? Como podiam *acreditar naquilo*?

Por volta das nove da manhã um guardinha de jaleco laranja apareceu e começou a expulsar os mendigos da praça.

Claro que respeitou meu paletó e mala, chegou mesmo a me cumprimentar com educação.

Então resolvi voltar à ativa. O centro fervilhava de gente que cumpria horário e seguia para o serviço. Desprezei a voz da minha segurança e entrei numa padaria conhecida. Era também freqüentada por Giovani, em muitas manhãs.

Meu amigo não estava lá. Pedi o pingado, ele desceu quente, um alívio para a garganta irritada. Fui esquentando os dedos no copo, enquanto rodava-o na mão e ia pensando...

Uma fabulazinha. Tinha ouvido num filme:

> "No inverno, um passarinho estava morrendo de frio e caiu sobre a neve, congelando-se. Estava para morrer quando passou uma vaca e cagou em cima dele. O estrume podia ser fedorento, mas era quentinho e o passarinho descongelou-se. Foi nessa hora que passou um gato, viu o passarinho, desenterrou-o e o comeu.
>
> MORAL DA HISTÓRIA: Nem sempre quem te caga em cima quer o teu mal, e nem sempre quem te tira da merda é teu amigo."

5. — Eu queria falar com o Giovani. É um amigo dele. Não, não quero dizer o nome. Ele está?

Demorou. Demorou um tempo enorme. Eu estava no orelhão e enfiei mais duas fichas.

— Giovani? Sou eu.

Pausa grande. Suspiro fundo pelo bocal.

— Tadeu?

— É... — minha vez de fazer pausa. Respirei fundo. — Você já sabe, né?

— Do que você tá falando, Tadeu? Do assassinato?

— Que assassinato, Giovani! Você tá maluco? Você também está nessa? Foi um acidente idiota que aconteceu com a Edilene. Só isso.

— Por que você fugiu, então, Tadeu? Se era acidente...

— Giovani, eu saí da casa do Adaílton porque ele me mandou embora. Eu juro, nem me toquei que iam pensar em assassinato. Eu num fiz nada.

— Onde você está?

— Aqui perto.

Barulho, mais vozes... Uma voz aguda de mulher soltou alguma coisa parecida com grito.

— Você pode falar agora, Giovani? Não tem muito serviço, o quê...

— Eu falo, imagine, eu falo com você. Tadeu, você precisa de ajuda. Precisa muito de ajuda.

— Obrigado, Giovani. Sabia que você era meu amigo, que você ia ser mesmo meu amigo...

— Tadeu. Sou mais amigo do que você pensa. Mais mesmo. Onde você está?

— Aqui, no fim da rua, no orelhão. Lembra onde a gente come, de vez em quando, sanduíche de calabresa? A lojinha que vende lingüiça frita e de quilo?

— Sei.

— Tô no orelhão em frente.

A ficha caiu no mesmo intante, confirmando o que eu havia dito sobre o orelhão. O zumbido normal da ligação pareceu confundir-se com novos ruídos na agência de Giovani, no outro lado do fio.

— Tadeu, Tadeu! Você está aí? — voz nervosa do Giovani.

— Foi só a ficha.

— Graças a Deus, ainda está no orelhão. Em frente à loja da calabresa — ele falou. — Escute, Tadeu. É muito sério. A gente podia fazer o seguinte...

— Escute você, cara — eu falei. A voz dele estava esganiçada e, quando a voz dele se esfiapava, ou ele estava mentindo ou nervoso demais. Deviam ser as duas coisas. — Primeiro me ouve, cara. Eu só quero dizer... quero dizer que estão escrevendo um monte de besteira nos jornais. Giovani, você me conhece. Eu até gostava da Edilene. Tinha tesão por

ela, e quem não tinha? Você mesmo me falou, um dia, que, se ela te desse bola, você fazia qualquer coisa pra...

— E isso era motivo pra matar a moça? — a voz dele esganiçou de vez.

— E EU LÁ MATEI ALGUÉM, GIOVANI? PORRA, ISSO LÁ É JEITO DE UM AMIGO FALAR COM OUTRO?

Senti que meus olhos pesaram com as lágrimas. *Deus*... ele também pensava que eu era culpado. E, se até o Giovani pensava assim, por que todo o mundo ia agir diferente? Só aí entendi o quanto eu estava fodido. Se até ele, meu melhor amigo...

— Eu quero te ajudar, Tadeu... eu quero te ajudar... fica aí, Tadeu... não vai embora, não vai...

Desliguei o telefone. Duas fichas ainda caíram pela caixinha de devolução, e olhe que eu só tinha posto aquelas três. Que sorte, a minha! Ganhava devolução extra de fichas. Aquele devia ser um bom dia, um ótimo dia... não era pra ficar contente? *One happy day*...

Apanhei as fichas e me afastei dali. Tinha os olhos vermelhos, ardidos. Segurava a vontade louca de gritar, de soluçar feito criança que se perde da mãe... Um dia de sorte. Mordi os lábios. Dei dois passos, três... Quase senti vertigem.

Entrei numa farmácia. A cabeça doía tanto, e era tão cedo... Precisava de um analgésico. Pelas últimas palavras de Giovani, intuí que Cactus largaria o serviço, iria correndo até a praça, procuraria por mim nos orelhões...

Que merda, Giovani... que merda!, resmunguei, baixinho, revirando as prateleiras da farmácia *self-service*. Ele também pensava que eu era um assassino. Mas ele *viria*.

Primeiro, o barulho da sirene. Depois, os dois soldados da polícia montada botaram os cavalões em cima da multidão que andava pela rua, abrindo passagem até os orelhões. E, se eu ainda podia ingenuamente acreditar em *coincidências*, em casualidades, quando chegaram outros dois guardinhas a pé e invadiram a loja de lingüiça, percebi tudo.

Não precisava ser gênio. Nenhum gênio, pra saber que Giovani não viria. E havia mandado muita gente em seu lugar.

6. Meus pés viraram chumbo: era como se todo o peso do corpo escorregasse para baixo e os fixasse na terra. Senti medo, um medo que apertou a bexiga e me deu vontade de mijar, e o latejo nas têmporas virou uma só palavra: *fugirfugirfugir...* O zumbido nas orelhas, o pavor de desmaiar, de sair gritando. E tanta gente em roda, pra ver os guardas... *Pense, Tadeu! Pense, sua besta!* Consegui respirar. Dei uma inalada só, funda, enchi os pulmões...

Andar. Andar sem pouso. Saber que não existe pouso, nem parada. O sol forte, sol de dezembro... Eu seguia ritmado, sem correr — o que chamaria a atenção. E sem diminuir o passo. Na cabeça, idéias as mais loucas. Reconhecia gente, qualquer rosto/boca/olho/cabelo pareciam conhecidos, faziam parte de gente que eu já tinha visto na vida... vinham atrás de mim. Desviava os olhos, cantarolava trechos de poema, letras de música em voz baixa, para mim mesmo, normalidade, ficar aceso, não correr. Não podia correr...

> "Cavalgada alada de mim por cima de todas as coisas,
> Cavalgada estalada de mim por baixo de todas as coisas,
> Cavalgada alada e estalada de mim por causa de todas
> [as coisas..."

Eu era um caleidoscópio. O que se faz com a cabeça... *Deus, o que se faz com a cabeça?* Nessas horas em que todas as idéias rondam a cabeça no mesmo momento, e elas se juntam e se fragmentam, e você, você acha que *vai enlouquecer...*

E aí a gente anda, e anda, e era como se estivesse no maior deserto do mundo. Foram sete, oito horas seguidas em que andei, e andei pelo Centro da cidade, vendo a multidão de gente virar nada, virar cenário de deserto. O QUE SE FAZ COM A CABEÇA?

Era excesso de sol. Claro que era! Eu não havia parado de andar. Eu usava um terno sobre a camisa de manga comprida, com um sol de trinta e cinco graus, e ficava su-

bindo e descendo ruas. Ia até o marco zero em frente à catedral e ali... Ali eu achava que podia descansar num banco.

Mas logo um rosto me parecia *familiar*. Era um colega do banco? Parecia com Fulano. E, se Giovani havia chamado a polícia, qualquer colega também faria isso, não é mesmo? *Qualquer um*.

Parentes. Velhos colegas de Minas. Gente em quem eu havia uma vez tropeçado numa peça de teatro, ou gente com quem eu havia estudado há anos... na neutralidade da multidão, eu volta e meia achava que reconhecia alguém... e meu coração vinha pra boca, e eu gemia e começava a tremer, a suar frio, o frio comendo meu corpo, mesmo sob o sol de verão.

Seguia então até o fim de uma avenida qualquer. A multidão diminuía, era uma região de cinemas e galerias antigas, com muito comércio de produtos importados, edifícios altos davam uma sombra gostosa... Eu respirava. Secava a testa com o lenço. Sossegava um pouco, e mais de uma vez me arrisquei a pedir um suco numa lanchonete.

Paz. E o que se faz com a cabeça, se ela está zonza de tantas idéias? A paz *não vem*.

Cena de um filme: o foragido esconde-se numa loja. Tenta achar a pessoa que o está acusando. Está no departamento de ELETRODOMÉSTICOS da loja. Súbito, em TODAS AS TELEVISÕES aparece o seu rosto. Ele se vê multiplicado em dezenas de telas, e todo o mundo na loja começa a apontar para ele, a rir dele, a acusá-lo e a persegui-lo...

Assim eu me sentia.

Um dia de medo.

Um dia de muito medo.

Que terminou com o pior pesadelo. Mas, de certa forma, também me libertou de tentar conviver, *como Tadeu*, com aqueles pesadelos.

7. Estava caído no chão. Exausto. Permaneci acordado durante vinte e quatro horas, depois de caminhar seguido sob um sol escaldante e sem comer — só alimentado pelo pânico.

Caí — apaguei. Um sono sem sonhos. Embaixo de um viaduto, canto qualquer da cidade. Foi *isso que aconteceu... exaustão*. Caí sob uma ponte e apaguei.

Abri os olhos com extrema dificuldade. Agarrado sempre à mala. Ainda com o terno completo. E percebi que me puxavam o sapato. Recolhi os pés, pisquei diversas vezes, pra entender quem — *ou o quê* — estava ali, diante de mim, me cutucando...

Ele era imenso. De pé, bem diante de mim. Fedia. Um homem escuro, vestindo uma calça curta demais para seus pés disformes. Braços grossos, com o diâmetro da minha coxa. Me olhando. Só me olhando. O branco do olho — branquíssimo — grande como pires no meio do negrume da cara.

Virei a cabeça de um lado e do outro e me encolhi sobre a mala. O estômago se revirou num espasmo. Era *Ele... não era? Ele...* O que estava me perseguindo — e não era todo o mundo que estava me perseguindo? Não era todo o mundo que queria me pegar? Até o Giovani, a Sílvia, os *office-boys*... e agora *Ele*.

— É você? — eu gaguejei. — O demônio?

Aquele "Coiso" continuou me olhando. O rosto era uma máscara imóvel. Maçãs salientes nas faces, lábios grossos, nariz largo como uma pêra, devia ter levado alguma porrada ali, por isso o inchaço anormal do nariz. Pixaim curto, a camisa mal-e-mal abotoava na altura do tórax. Um monstro imenso. E me olhando.

Desperto de vez e apavorado, tentei ficar de pé. Senti então a cãibra arder na coxa. Agarrei a mala com mais força. Ninguém por ali, só nós dois. O céu bem escuro indicava que devia ser noite alta. Quanto tempo havia dormido? Onde mesmo eu estava? Olhei pra cima. Um viaduto. Faróis de carros nos davam alguma claridade. Alguém iria parar? E por que fariam isso?

O gigante moveu a mãozorra em minha direção. Eu me encolhi mais. Feito feto, em torno da minha mala. Seu rosto continuava sem expressão alguma — um zumbi.

Eu tremia todo. Não ia conseguir reter a urina por muito tempo... com um esforço imenso, jogando o peso sobre a outra perna, eu me ajoelhei. A mão dele continuava estendida para mim... me oferecia ajuda? Eu grunhi e sofri. Afinal, fiquei de pé.

Foi pior. Ele era uns trinta centímetros maior que eu. Recolheu a mão, deixou-a ao lado do corpo. Não via seus olhos na penumbra. Ele nem sorria nem careteava. Neutro. Quanto tempo ficamos assim?

— Cê me dá a bunda? — eu ouvi.

— O quêêêê? — eu falei.

Parecia improvável que o gigante falasse, ainda mais *aquilo*... Eu tinha ouvido bem?

Tinha. Ele repetiu. Um tom de voz monocórdio, que me perseguiu em pesadelos, sem timbre algum. Como se não soubesse separar as sílabas, dizia "cemedaabunda" sem enfatizar nenhuma delas. Não *pedia*. Também não *ordenava*. Não parecia maldoso, nem excitado. Falava aquilo com a mesma cara de pedra, inexpressiva.

— O que cê me dá... a bunda? — ele insistiu.

Ergueu a mão em minha direção.

Aí eu gritei. Histérico. Agarrando a mala e torcendo as coxas, evitando urinar. Gritei e gritei mais. Já me imaginava um cadáver. Meu corpo nu, de bunda pra cima, depois de ter sido violentado pelo gigante.

O cara se afastou um passo. Eu diminuí os berros. Olhei em volta de mim. Se tivesse uma arma... pelo menos uma pedra, um pau... ia defender minha "virgindade anal", ah, se ia!

Ele apontou para a mala.

— O que cê me dá? — falou, rouco.

Ele trocava a bunda pela mala. Não pensei duas vezes. Estendi a mala pra ele. O gigante ameaçou dar um sorriso e revirou-a na ponta dos dedos.

Que alegria excitada quando percebi que ele gostou da mala! Era a melhor coisa que podia me acontecer. "*Liberdade, liberdade! Abre as asas sobre nós!*", quase cantei. Livre, acabou. O pesadelo acabou. Largava tudo na mão do demônio, "*Ora pro nobis*", que alívio, "*Oh, quanta alegria! Mais de mil...*" o quê, mesmo? Os lábios inchados de insolação racharam quando eu ri, quando eu comecei a falar alto e rouco, sem parar, sem parar, mais comigo do que com ele:

— Ah, é o que você quer? É isso? Quer a mala, quer? O que mais? Pegue qualquer coisa, mas me deixe em paz. O terno? Eu dou o terno, tome! — tirei o terno sem desabotoar direito, joguei-o no chão. — O relógio? Quer o relógio? Tome. É seu, cara! Qualquer coisa, mas a bunda não. Isso não, cara... Olha.

Comecei a tirar os sapatos.

— Você queria os sapatos? Queria? Eram os sapatos que você estava tirando, não era? Até que me acordou? Pode ficar com eles. Pode, sim, cara... Eu dou. Não sei o que você vai fazer com eles, o número é trinta e nove, o seu pé deve ser quarenta e seis e olhe lá, mas tudo bem... tome. Fica pra você.

O gigante segurou um pé do sapato. Colocou meu paletó nos ombros e a mala debaixo do seu braço, como se ela fosse uma pastinha de documentos. Pegou devagar o outro pé. Ficou rolando o sapato nos dedos, expressão neutra, mas com olhos de experto em pilhagem.

Fui ficando mais e mais excitado. Como se toda a tensão do dia subitamente me dominasse... Não conseguia parar de falar.

— Que mais você quer? Quer a gravata? É sua. É bonita, ganhei de amigo secreto... Foi a primeira vez na vida que me deram alguma merda que valesse a pena, no amigo secreto... pode ficar. Olhe, deixei até o laço feito pra você.

O gigante pegou a gravata. Fui desabotoando a camisa.

— Quer a camisa também? Pode levar. Pra que eu preciso de alguma coisa, não é mesmo? Eu não vou morrer? Você não

vai me matar? Hem? Você é grande pra burro, cara. Um animal de grande... Desculpe, sem ofensa. Fique com o cinto. Só não me enforque com ele, aí é sacanagem... E a meia? Deve estar com um chulé incrível, andei o dia inteiro, mas dá pra lavar, meia é tamanho único, deve te servir... pegue!

Ele tinha parado de estender as mãos em minha direção, ficou segurando meus sapatos e a mala e me olhando. Joguei as meias e o cinto no chão, continuei o *strip-tease* maluco.

— Que mais você quer? Você não vai me deixar em paz? Quer a carteira? Está aqui. Tome. Tem dinheiro, tem meus documentos. Nesta agenda eu coloquei o telefone de todos os amigos... Amigos! — quando eu lembrei dos amigos lembrei do Giovani e ri, um riso histérico. — Amigos! Que legal, não é? Um cara pensa a vida inteira que pode contar com os outros, que tem amigos legais que gostam de você e te ajudam... E, na hora em que mais se precisa de amigos, olha o que acontece: estou debaixo de um viaduto, de noite, enfrentando um monstro que quer me comer a bunda... é muito engraçado, muito...

Ri. Como eu ri! *Gargalhei.* E meus olhos foram-se enchendo de lágrimas. Eu me ajoelhei no chão, tapei a cara com as mãos, rindo e chorando, falando entre soluços que doíam fundo, no peito.

— Pra que eu preciso de coisa alguma, não é mesmo? Pra que roupa, documento? Pra que andar de sapato e tomar banho e ler tudo que eu li e estudei, pra quê? — Fui esfregando as mãos na calçada e passando as mãos empoeiradas no meu peito, no meu rosto. — Pra que eu quero ser decente? Eu não sou bosta nenhuma, não é, gigante? Melhor ser assim, que nem você.

Comecei *mesmo* a me esfregar no chão. Comecei de alguma forma a acreditar que não escaparia vivo e, se fosse morrer, então que fizesse qualquer coisa que tivesse vontade. Virasse bicho, berrasse. Soltasse o desespero acumulado naquele maldito dia.

Rolei pelo chão e gemia e passava poeira na cara, no corpo... Queria me sentir sujo, queria me unir à terra, à cidade.

Eu berrava e sofria, e ao mesmo tempo me aliviava com aquele *show* de autopiedade.

— Leva a mala, as roupas... Leva o sapato, o que você quiser... Não me mate. Só num me mate, cara... Só não faz isso...

Eu estava de tal forma envolvido na cerimônia da sujeira, largado na calçada e inteiramente tomado pela minha dor, que nem percebi que o gigante tinha batido em retirada. Vagamente vi seu vulto monstruoso correndo pela avenida, chacoalhando minha mala na mão e com meu terno nos ombros, a sua sombra comprida, como se ele fosse um herói de capa-e-espada e meu terno fosse sua capa se movendo ao vento... cada idéia que a gente consegue ter na vida... eu ri.

Era ridículo, e eu ri. Ele provavelmente me achava o louco mais varrido com que havia topado na vida...

Mas não me comeu a bunda.

19

A CEIA DOS MENDIGOS

1. Não senti mais pânico. Era como se eu tivesse arrancado o couro de Tadeu e ele fosse minha carapaça civilizada e medrosa. A partir daquela noite em que topei com o gigante e lhe dei minhas coisas, eu descobri uma outra pele — víbora trocando casca, bicho do mato sob verniz de civilizado.

Virei um mendigo. Sabia que desse jeito seria bem mais difícil de ser encontrado...

Eu era agora um fulano sujo, com barba por fazer. Um homem de idade indefinida, sob crosta de sujeira e roupas rasgadas. Fumava bitucas que encontrasse no chão — e não tinha nojo por isso — ou ficava sem fumar. Descalço, meus pés logo viraram uma massa escura e dolorida, o calcanhar fendeu-se e a sujeira encruou-se sob as unhas.

O que se faz com a cabeça? Lembro, de um flash *de memória, de um texto que havia lido, sobre os irmãos Villas-Boas... de um depoimento em que eles diziam que os índios adoravam ficar alisando a sola de seus pés. Eles ficavam fascinados com a brancura e maciez da sola dos pés dos civilizados, nunca tinham visto pés, assim, suaves...*

Pés de índio. Agora, eu tinha pés de índio. Foram duas semanas em que vivi de caridade e em sobressalto.

Claro que lembrava quem eu era e sabia também que precisava me conter e procurar pelos personagens. Mas me desesperava com a idéia de que havia perdido a mala com os contos. A vida vagabunda parecia, assim, uma espécie de punição: o diabo é que devia ter-me castigado, eu *precisava* passar por aquilo. Perder os contos era um pedaço daquele meu sofrimento.

O que fiz em duas semanas? Em que consistia minha rotina de vagabundo? Vida em fragmento, indo pra cá e pra lá, procurando comida e vendo como eu a conseguiria com o menor esforço... Procurando lugares para dormir, catando coisas que me pudessem ser úteis para aquecer ou matar a fome... Viver como mendigo era retornar à Pré-História.

Era não ter lugar algum. Não ter nada e imaginar que era *nada mesmo*... Isso podia enlouquecer um homem, cara, podia mesmo. Por mais pobre que eu pudesse ter sido um dia — e minha família em Minas passou por maus bocados —, jamais imaginei o que era ser aquele abaixo de abaixo da espécie humana... lumpemproletariado! Textos políticos que li um dia, oferecidos por colega metido a comunista, definiam a teoria da miséria, mas lá podiam mesmo definir, em *pele e osso, o que é ser o tal de...* lúmpen?

Não ter dinheiro. Não ter roupa, nem pra proteção nem pra higiene. Não ter uma cama, um canto pra isolar como sendo seu — e isso, pra um cara zeloso e ciumento das *suas coisas*, como eu fora... oh, Deus, era mais que um castigo.

No entanto, paradoxalmente aliviador. Insisto em dizer: foi também um castigo *procurado*. Naquele misto de loucura e pânico, ser mendigo era me sentir mais seguro do que como um Tadeuzinho de classe média. Não mais me arrepiava vendo um carro de polícia. Cheguei a me encolher sob uma marquise num prédio ao lado do banco, e nenhum colega me reconheceu. Era seguro ser mendigo. Horrível sob alguns aspectos, mas seguro.

2. CENA RUIM

Defecar na rua. Uma vez, quando eu estava me aliviando num beco atrás de um prédio, uma mulher abriu a janela do apê e me viu. Sua cara de nojo...

Dormir no chão. Não tem pano ou jornal que amenize a dureza da calçada. O sono nunca é profundo o suficiente pra deixá-lo esquecer *onde* você está.

E os bichos? Eles existem — e são em maior quantidade do que imaginamos, numa vidinha civilizada... Baratas. Ratos. Gatos: bichos caçadores. Em muita madrugada acordei com a luta entre algum gato e uma ratazana e torci pelo felino, como se vivesse numa jângal e acompanhasse a vida animal...

CENA BOA

Tinha ido ao Albergue Dona Vitinha, sob um viaduto central. Ali, as voluntárias distribuíam sopa todas as noites. Noite quente. A generosidade pré-natalina acrescentava um pedaço de panetone ao prato. Muitos rostos conhecidos na fila. Afinal, a gente acabava se conhecendo — íamos aos mesmos lugares e esmolávamos em pontos comuns.

Uma voluntária já havia tentado me cadastrar e me oferecera um banho, em noite anterior. Quando fugi sem comer, ela desistiu. Agora, passavam o prato descartável e a colher, idem, e me deixavam em paz.

Até essa noite eu havia conversado pouco com os colegas. Desconfiava deles, essa a verdade. Agradecia alguma dica de comida ou albergue, aceitava se dividiam o lanche e não bebia da sua garrafa de pinga. Era um mendigo arredio.

Tinha pego o prato e me acocorado a um canto do muro.

Esse, outro hábito mineiro "renascido" com a minha mendicância: lembro do horror de infância que eu sentia, quando via meu pai ou algum tio acocorando-se para conversar. Achava aquilo um hábito de macaco... Mas, sendo *mendigo*, eu não era um macaco? Então me acocorava.

Tinha fome, e a sopa era boa. Deixei o pedaço de pão doce do lado, pousado direto no chão, e meti depressa a colher no líquido fumegante... Estava em paz. Como qualquer bicho satisfeito em se alimentar.

Foi quando eu o vi.

Era impossível não ver sua figura imensa.

O homem ainda usava meu terno nos ombros, como capa exótica. A minha mala, sob seu braço. Tão alto e imponente, ele poderia fazer qualquer um de nós em pedaços, acho que só usando as mãos... E foi pacificamente pegar o fim da fila, aguardar sua vez para se servir da comida do albergue.

Esqueci a sopa. Comecei a tremer. A tremer tanto, que o líquido escorria sobre meus pés e eu não sentia o calor. A vontade de urinar. As lágrimas em meus olhos... os olhos fixos nele, no *gigante*...

— O que foi, meu filho? Cê tá bem?

Era comigo. Ouvi a voz feminina e distante... Não conseguia desviar o olhar do gigante e não conseguia parar de tremer.

— Cê tá doente, seu moço? O que deu em você? Gente, olha o moço aqui... ele num tá bem!

A velha falava comigo e com outros mendigos sentados perto de mim. Não teve muita ajuda, ninguém parou de comer. Mas ela não se importou com a falta de solidariedade. Sentou-se ao meu lado, tirou devagar o prato trêmulo das minhas mãos, tentou segurar nelas.

— Moço... Diz o que foi, filho! Cê parece que viu um fantasma.

Eu tremi mais. O gigante tinha andado um pouco, na fila. Estava agora a dez passos de mim. Continuava com seu rosto de estátua negra, sem nenhuma expressão. Nem tinha olhado em minha direção.

Afinal, a mulher percebeu para onde eu estava olhando.

— Ei, seu moço, você tá com medo dele? Do Zé Troquinha? É isso?

Aí eu olhei para ela. Uma velha com rugas muito fininhas em torno dos olhos, rosto chupado pra dentro, poucos dentes na boca. Ela sorriu pra mim, e eu pude engolir a saliva. Senti a lágrima escorrendo quente pela minha cara.

— E-ele... ele...

Eu chorei. Chorei com vontade, lavando a alma.

A mulher continuou segurando minha mão. O gigante — o tal de Zé Troquinha, pelo que a velha tinha me dito — pegou o prato de sopa, acomodou-se do outro lado da rua. Eu olhava sempre pra ele, olhos fixos, mas sentia menos medo — como se a presença da velha me trouxesse alguma proteção. E assim, intercalando as palavras com soluços, contei pra ela de como o cara havia carregado minha mala e minha roupa. Com muito tato, cheguei mesmo a falar a tal frase "cê me dá a bunda".

E aí ela riu.

De mim.

De mim! Apavorado tantos dias, ouvindo na minha cabeça a voz monocórdia daquele monstro tarado — e isso era motivo para a velha mendiga *rir.*

— Ah, seu moço, que bobage! O Zé Troquinha é mole da cabeça, num faz mal a ninguém, não. Ele só pede as coisas. Se num dão nada, ele vai embora e pede pelo menos a bunda... Sabe que tem assim de mendigo que dá? Veado que gosta, gosta ainda mais do Zé Troquinha, porque ele é dos grandão... Vê se pode, ter medo do Zé Troquinha...

O sorriso da velha mostrava dois dentes salientes em sua boca, escuros e marcantes. Meus olhos se fixaram neles como se fossem um detalhe precioso para eu entender o que acontecia. Abaixei a cabeça. Me senti humilhado. Limpei o choro com a mão, engoli os últimos soluços.

A velha continuou:

— Deixa comigo. O malandro num vai ficar com tuas coisas, não. Vai comendo... Eu volto já.

A coitada me colocou o prato nas mãos e foi atravessando a rua. Continuei olhando pra ela, fascinado. O que ia fazer?

Aquele gigante acabaria com a velhota num sopapo, e ela se arriscava por mim.

Vi a mulher se agachar ao lado do Zé. Ela falava e me apontava, e o medo voltou. Enterrei o rosto no prato de comida e me forcei a engolir várias colheradas de sopa. De rabo de olho, via os dois conversando. A velhota gesticulava e daí a pouco estava segurando a minha mala. Tirou o paletó dos ombros do Zé Troquinha e se despediu dele com um aceno de mão.

Em segundos, estava do meu lado. Colocando o paletó e a mala nas minhas mãos.

— Ele disse que vendeu a roupa nova, isso num tem jeito de cê conseguir de volta…

Abri a mala. Não me importava com roupas, toalha, meias limpas, sabonete, desodorante… eram coisas que eu dispensava mais e sempre, na minha nova vida. O que eu queria — e eu estava desesperadamente ansioso para conseguir de volta — eram os *contos*… e eles estavam lá. O *disquete*, metido numa abertura lateral. E todas as folhas de papel impresso, meu calhamaço inteiro, arrumado como eu os havia disposto…

Tudo, tudo de volta. Eu não havia perdido meus personagens. Podia voltar a procurar por eles, podia de novo ser o Escritor.

CENA ENGRAÇADA

Na avenida da Pacificação, o ponto adequado para o Papai Noel. Homem branco, idade indefinida: de cinqüenta a setenta e cinco anos. Gorducho, usando muletas como auxílio para as pernas grossas e inchadas. Barba branca, rosto vermelho de pinguço, nariz inchado. Mesmo antes da época natalina, parece que alguém já havia dado a ele uma roupa vermelha, e o Papai Noel explorava a figura do bom velhinho nos faróis, esmolando entre os carros e sorrindo para as crianças.

Eu o vi em ação, uma tarde. O carro importado parado no farol, três crianças no banco traseiro. A motorista loira desviando os olhos do Papai Noel, constrangida. As crianças gritando e

aporrinhando: "Olha o Papai Noel. Cadê o Papai Noel, mãe? O que o Papai Noel quer? Tititi Papai Noel. Papai Noel..." Eu fiquei rindo. E olhando.

Afinal, depois de tanta conversa de Papai Noel, a mulher acabou catando a bolsa do lado e passando uma nota inteira pro mendigo. Um dinheirão.

E aí... como não podia deixar de ser, o Papai Noel agradeceu. Ele meteu a carantonha pelo vidro e foi falando... sua voz era rouca e o dito cujo Papai Noel era o dono do mais atroz bafo de onça que pude conhecer entre mendigos e não-mendigos, em todos os tempos...

A mulher tinha uma cara de desespero, acelerando impotente diante do farol que se recusava a abrir... As crianças, que a distância bem que curtiram o raio do Papai Noel, agora tapavam os narizinhos...

Pra piorar — ou deixar a cena mais divertida — Papai Noel era um belo representante do blablablá de malandro. Nem eu, que já vivia um pouco na rua, conseguia entender direito o que ele falava — imagine uma dona loira em carro importado!

— Limpou. Federal. Tô sabendo, malandro, tô sabendo... Pode deixar com o degas. Falou? Tá limpo — e assobiava, passava a mãozona diante da boca, cuspia. — Ih, ih... fiiiu. Limpou. Numa naice. Sem milonga. Né, bacorinhos? Conta aqui. Tá no peito.

E agradecia, agradecia...

3. Era noite. Mas da terra e das estátuas vinha uma luminosidade prateada. Discreta. Como se a Lua pudesse soltar purpurina sobre os objetos e torná-los iluminados.

Muito silêncio. Muita calma. Uma bela Virgem de granito, de braços abertos e cabeça abaixada, abriu devagar os olhos. E seus olhos eram *humanos*, em contraste com seu corpo e rosto esculpido em pedra. A Virgem olhou para um lado e outro, depois espreguiçou-se...

Todas as figuras do cemitério começaram a *acordar*. Eram ainda estátuas e guardavam, em suas expressões de rosto ou

em detalhes no corpo, a passagem do tempo: um anjo com asas fendidas tentava movê-las, e elas abriam-se irregulares — eram de pedra quebradiça, soltando lascas...

Um santo de roupa longa e pés descalços tentou sorrir para o anjo. Em seu rosto de granito, o material poroso formara inúmeras marcas... se o santo fosse um homem, seria alguém com a pele comida por varíola.

Aos poucos, todas as figuras do velho cemitério *moviam*-se. Continuavam sendo pedra, ferro, bronze ou mármore, mas havia algo sempre *humano* nelas... olhos líquidos e luminosos. Dedos com unhas de cartilagem, cabelos esculpidos, que pareciam mais leves e ondulavam diante dos rostos de granito.

Acordavam. Acordavam e moviam-se em seus lugares. A luz platinada envolvia a todos, e eles começaram a sussurrar, estavam ansiosos. A Virgem parecia ser a líder, e foi ela quem falou, mais alto que as demais figuras:

— Ele está nervoso... Ele está entediado... Ele não gosta da vida eterna...

Uma espécie de peixe de pedra, figura de um delfim encimando uma lápide, soltou um riso cascateante, uma borbulha de risada, e moveu a cauda. Foi seguido pelo riso alegre de um anjo muito pequeno, um detalhe de enfeite no túmulo de uma criança.

— Ele? Não gosta da vida eterna? — riu mais alto o anjinho.

Muitos risos suaves, suaves ruídos discretos, na noite...

A Virgem fez um gesto mais amplo com a mão:

— Esperai... Ela, Ela vem vindo. Ficai quietos.

Todas as estátuas retomaram as antigas posições. Saído dentre a névoa que subia do chão, um vulto de longa túnica branca e esvoaçante apareceu entre os túmulos. A figura andava descalça, assim, uma cópia humana vestida com a roupa das fadas ou dos santos.

Era Bianca.

Longos cabelos soltos. Rosto mais que nunca pálido. Suspirou fundo. Sentou-se sobre o túmulo encimado pela Virgem.

A Virgem de pedra abriu seus olhos humanos. Encarou a moça. Bianca era a imagem da tristeza.

— Onde ele está? Onde ele está, Bianca? — perguntou a Virgem.

Bianca não se assustou ao ouvir aquela voz doce. Nem ergueu a cabeça. Moveu devagar o rosto, numa negativa. Continuou olhando os próprios pés.

— Não sei. Tem algumas noites que ele não me procura.

— Isso pode ser bom — falou o santo de rosto bexiguento. — Ele pode não vir mais...

— Ele sempre vem, Estêvão... Tu sabes, ele sempre vem... — falou um dos anjos, de cabelos muito longos, esvoaçando por seu rosto granítico.

— Demônios não gostam de esperar — concluiu a Virgem. Moveu devagar as mãos, como se abençoasse o cemitério inteiro. — Logo ele vai querer novidade.

— Onde anda o rapaz? — gorgolhou o delfim, movendo a cauda de peixe.

Parecia ter falado alguma bobagem. De muitas gargantas de pedra, surgiram ruídos de "*xiiiiu*", fazendo-o se calar. Bianca não percebeu a gafe. Só moveu a cabeça, de lado a outro.

— Acalme-se, Bianca. Seu demônio não será seu para sempre. Logo surgirão novos caminhos para sua história. Tenha confiança em si mesma... E em mim.

Quem falou a última frase? Não era a Virgem, mas a voz era feminina. Não era uma voz que viesse *de dentro* de algum túmulo, ou que pertencesse a ser humano também visitante da necrópole. A voz pairava *acima* da paisagem. Estava além da luminosidade prateada.

Bianca e as estátuas olharam para cima e viram o contorno de um *outro* rosto, a sombra de um rosto humano. Um rosto vivo, feito de carne e cabelos e olhos azuis muito *reais*...

4. O sonho. O primeiro sonho... tão real. Tão forte. Abri os olhos, ainda era madrugada. Estava acomodado junto com um grupo de cinco mendigos, uma família migrante que gentilmente me cedeu um cobertor sob a marquise de

uma loja. Olhei para o lado. O luminoso aceso da loja me deixava ver bem o menino caçula que dormira encostado a meu corpo. Via seu sono de criança e não precisava ser Freud pra reconhecer aquelas feições num dos anjos de pedra do meu sonho...

Cemitério. Não havia feito, durante o dia, uma incursão ao Cemitério do Arabá, com o mesmo grupo, a recolher pontas de velas e pedir esmolas entre os visitantes dos túmulos? Não tinha sentido tanta paz entre tumbas esculpidas e caras, com datas antigas, levando a morte para o início do século, século passado? Não era pitoresco andar por ali e ler nomes, desejos, marcas... Um túmulo de criança inteiramente pintado de amarelo-canário, repleto de desenhos de brinquedos e sendo ridículo e belo, no seu destaque? Quem seria o morto, afinal, cuja família mandara esculpir um herói musculoso erguendo uma rocha como lápide? Que simbologia estranha, a do herói e do falecido...

Tantas coisas vi aquela tarde no cemitério. Coisas que retornavam à noite, projetadas. E havia também *sons, no sonho.* Não apenas as vozes, mas o ruído do vento nas folhas, dos passos de Bianca, do farfalhar de pétalas. Havia *cheiro*... o vento era doce, a névoa pálida lembrava o aroma de geléia de frutas... e o *tato*. Podia ainda sentir no meu rosto o vento suave que moveu os cabelos de Bianca...

E havia a Velha. Ela pairava sobre os outros túmulos e era uma figura tranqüilizadora.

5. A Velha. Comecei a vê-la todas as noites. Carregava minha mala de contos para todo o lado e lia sempre os enredos... Os contos agora imutáveis, na sua progressão maligna. Cada dia tinha mais certeza de que Bianca e Paulo eram *gente*, moravam aqui ou ali na cidade e eu *precisava* encontrá-los... mas *como*?

Via a Velha em momentos sutis, fragmentos pertencentes aos sonhos. Uma vez, num sonho pouco nítido, quando a

pequena Bruxa de Paulo quis castigá-lo prendendo-o no banheiro, e Paulo se entregava a um choro desesperado, a Velha surgiu como uma torneira gotejante, trazendo algum alívio para meu personagem, murmurando monotonamente uma cantiga de ninar. Nem eu, sonhando, pude vê-la, nem Paulo; mas ambos nos sentimos acalmados por sua voz e por sua presença.

Em outro sonho foi a Velha quem fez o íncubo adormecer, numa noite em que seu tédio o faria lançar-se cruel contra Bianca e talvez torturá-la, e talvez exigir que ela seduzisse outro rapaz para a grande cama. Era a Velha um estranho gato grisalho que usava bigodes e sorria, ao estilo do Gato de Alice, personagens de Lewis Carrol, e falava sobre rainhas e jogos, e veredas de rosas num jardim com um labirinto, até distrair o íncubo e amansá-lo...

Pude vê-la a cada dia um pouco. Mas como confiar nos sonhos? Como conseguir tempo para refletir com ordem e lógica?

A minha dona Gorda... mal havia lembrado dela e de como havia curtido a idéia de lhe dar corpo, semanas antes. Dona Lógica parecia desgostar de mendigos. Ela me abandonava sempre e mais.

E também não tinha minhas preocupações *reais, concretas*? Tinha de comer. Tinha de me fingir de mendigo sempre, um fulaninho fugitivo da polícia. Era a vida real. Estúpida, mas tão repleta de detalhes.

Ainda pra piorar a situação, a chuvarada que me atingiu dois dias antes do Natal. A demora em achar um cobertor, em poder tirar a roupa molhada... A febre intermitente que me deixava de pau duro o tempo todo, sem que houvesse uma musa inspiradora especial, apenas a excitação febril que ia me acompanhando naqueles dias... A fome, a véspera de Natal.

O albergue que prometia uma ceia. A fila do albergue.

Foi quando eu a vi. Não era um fantasma. Não era uma miragem, e agora eu tinha certeza: não estava sonhando...

Era a velha dos sonhos. Era a velha que eu havia também encontrado — agora podia reconhecê-la plenamente —

naquela tarde em que fui conseguir informações na livraria, e que me indicou livros... Era a mesma.

E estava *procurando por mim.*

Ela se aproximou. Eu abaixei a cabeça. Senti vergonha de que ela me visse assim. Nada sabia dela, mas a intuição dizia que aquela velha seria importante em minha vida. Continuei olhando para meus pés sujos, o cheiro de suor ardendo no nariz.

— Eu sabia que você estava na rua, mas não sabia direito onde... — ela falou. — Fui hoje a três albergues que davam ceia.

Levantei o rosto. Seus olhos eram tão azuis e marcantes... encabulei ainda mais.

— Qual é seu nome? O meu é Nasta. Anastácia, mas todos me chamam de Nasta. — Ela continuou sorrindo. — Deve parecer estranho, não? Estou procurando por você, mas não sei o seu nome...

Nada era estranho, àquela hora — véspera de Natal, numa fila de albergue, falando com a velha dos sonhos... Dei de ombros e respondi:

— Tadeu.

— Tadeu — ela repetiu. — Então vamos, Tadeu? Meu carro está ali atrás.

Eu segui seu vulto magro. Passamos por entre os mendigos espantados, se cutucando e nos apontando... o Antônio Conselheiro, que tanto barulho fizera minutos antes, acenou espalhafatosamente e gritou:

— Deus te acompanhe! Vá com Deus...

Eu ia com uma bruxa.

20

VOLTA AO LAR

1. O apartamento de Nasta era claro como seus olhos. Tudo muito limpo, muito brilhante. Fiquei parado em pé, na sala. Tinha medo de tocar em algo e sujar, quebrar. Num grande espelho oval, vi de relance aquela coisa escura, de cabelo arrepiado... Levei alguns segundos até entender que *aquilo era eu.*

Nasta percebeu o constrangimento e tirou a mala de minhas mãos. Depois, sem dizer nada, foi-me conduzindo até o banheiro.

Ali, novos encantamentos: peças douradas para colocar toalhas e sabonete, boxe de vidro escuro, torneiras redondas e espelho iluminado. Nasta alcançou, num armário, uma toalha, sabonete fechado na embalagem, uma bucha natural, daquelas compridas e com sementes por dentro. Foi a bucha que me desmontou. Mais do que objetos caros ou o perfume sutil de lavanda no ar, foi quando *toquei* a aspereza da esponja que percebi que o ciclo se fechara. Que eu não era mais um mendigo, não *precisava* mais ser um mendigo...

Senti que havia *voltado para casa*. Depois que Nasta saiu do banheiro e fechou a porta, me veio a vontade grande de chorar. Casa. Mesmo que minha verdadeira casa em Minas jamais se parecesse com aquele apartamento bonito, mesmo que mamãe jamais tivesse paredes tão brancas e nunca tivéssemos grana pra comprar desinfetantes florais... *ali era a casa*. No detalhe da bucha e nos espelhos havia uma familiaridade imensa. *Casa*. Paredes em volta de mim, móveis, portas, privacidade...

Tomei um banho comprido, usando a bucha com carinho, entre os dedos dos pés e debaixo do braço. Sentei no chão do boxe e deixei a água escorrer por mim, longamente... Duas semanas que meu corpo não experimentava aquela delícia. Não quis pensar muito em quem seria Nasta e por que ela estava me procurando. Aproveitei o banho ao máximo, enxuguei a pele arrepiada na toalha felpuda, fiquei em dúvida se deveria colocar a mesma roupa encardida... Mas aí vi o roupão escuro sobre a banqueta e o vesti. Encarei o espelho... e me reconheci.

Era um Tadeu bem parecido com aquele que existia antes. Mais magro e pálido talvez, mas de novo pronto para brigar por minha humanidade.

2. Dormir numa cama. Recusar o lanche que Nasta queria me oferecer. O que eu carecia mesmo era de sono. A sensação cheirosa de recostar a cabeça num travesseiro, a maciez de lençóis e colchão...

E *sonhos*.

No primeiro deles, eu vi tudo com bastante realismo. Era a casa de Nasta, era a sua sala confortável e a mesa ainda com os restos do lanche que eu recusara. Nasta usava óculos e lia meus textos. Virava as folhas com cuidado, aquela papelada de bordas sujas e cheiro forte de papel que é muito manuseado. Via o vulto de Nasta imerso na luz do abajur, e seus cabelos pareciam mais prateados com aquela iluminação.

Depois, meu sono ficou mais pesado, nem sei mesmo se eu não cheguei a vê-la lendo e associei isso ao sonho... Fui

sentindo devagar que meu corpo era puxado para a escuridão, e o cansaço me apagou, acredito que por muito tempo.

Lembro depois de Bianca. Ela estava na sala da sua casa, a mesma onde recebera seu namoradinho, antes de ele ser assassinado pelo íncubo. Bianca segurava um aparelho de barba não descartável, dos que usam lâminas afiadas...

Bianca abriu o aparelho e segurou a gilete entre os dedos. Havia uma luz estranha ao seu redor, uma luz que deixava gente e objetos "granulados", como em fotografia de arte...

Podia ouvir música. Som de vozes sussurradas em uma melodia tranqüila. Bianca alisava o metal entre o dedo polegar e o indicador. Via suas unhas roídas em contraste com a lâmina afiada. Ela ficou alisando o aço por quanto tempo? Tanto...

Aí percebi que havia mais gente lá. Eu não apenas *via* a cena, mas *estava lá, em sua casa.* Só que eu não era de carne e osso, era uma sombra. Uma sombra acompanhada por outra: Nasta surgiu a meu lado, e nós dois não tínhamos pés; o final de nossos corpos se esfumaçava em um fio pálido.

— Ela vai tentar aquilo — disse Nasta, sem mover os lábios.

Olhei do rosto transparente para o rosto de Bianca. Agora, a lâmina se encostara no pulso. A moça fazia o gesto de ir-e-vir com o fio encostado na pele fina do pulso, bem sobre as veias azuis... Ia e voltava devagar com a gilete...

Bianca fechou os olhos, seu rosto se contorceu numa careta de dor... Os dedos que seguravam a lâmina tremiam, ela toda tremia...

— Vá até ali — falou Nasta, movendo-se para perto de Bianca e dando-me a ordem de seguir para o outro lado. — Segure nela.

Tentei tocar os ombros de Bianca, minhas mãos penetraram sua carne, sem me deixar qualquer sensação de tato: eu apenas *entrei* nela. Olhei assustado para Nasta...

A velha começou a soprar no rosto de Bianca. Bem sobre seus olhos fechados. A moça tremeu mais, afastou uma

mecha de cabelo dos olhos, abriu-os... Ficou olhando para nós sem nos ver. Deixou a lâmina cair no chão.

Nasta murmurava palavras sem nexo, uma cantilena que fez Bianca chorar. A moça debruçou-se sobre o colo e ficou soluçando. Seu cabelo longo a cobriu como uma toalha, as pontas tocando o tapete.

Seus soluços misturaram-se com ruídos de buzinas e trânsito agitado. Não vi como Bianca se diluiu, mas senti que imediatamente eu passara para outro lugar, era outro sonho: eu olhava por uma janela, de um apartamento em andar bem alto. A cidade piscava em luzes uns dez andares abaixo. O ruído dos automóveis parecia uma onda vibrante e única, assim, chegando até *nós*...

Eu não era um fantasma; tinha corpo, e um belo corpo. Eu era Paulo — *sabia* que era Paulo mas também era eu mesmo, Tadeu. Sentia a dor de meu personagem com intensidade imensa... Ele olhava a cidade barulhenta, os carros tão pequenos, luzes piscando, a torre de tevê em frente ao apartamento, a linha distante do horizonte mostrando o pico do Jarapuá, prédios e mais prédios com seu contorno de luzes acesas — ele olhava tudo isso e pensava...

... *em se jogar.*

Em acabar com tudo. Em aproveitar o momento em que ficara sozinho, em que a Pequena Bruxa se distraíra com um programa de tevê, e pôr fim às suas tristezas.

Seus — meus? — pés ultrapassaram o parapeito. O vento moveu os cabelos, as mãos agarradas à borda da janela. Bastava um passo, só isso. E depois... O que aconteceria, se ele pulasse? Por quantos segundos ainda teria consciência de estar vivo, até chocar com a calçada? Seu corpo ficaria arrebentado como uma fruta, largada dali? Haveria barulho — qual? — quando ele tocasse o chão?

Ele era eu. E eu não queria morrer. Paulo soltou um dedo, dois. Equilibrava-se com o mínimo de pressão nos dedos. Senti que uma parte de mim começou a gritar nos ouvidos de Paulo.

Ele pôs o tronco pra frente, pra trás. Tomava impulso. Decidia-se. A calçada distanciava-se e aproximava-se de meus — seus? — olhos, num movimento pulsante, atraente.

Vi Paulo à janela, vi seu rosto cada vez mais distante, fui-me afastando dele e caindo...

Era eu, Tadeu, rodopiando no ar. Olhava para cima, para seu rosto sério na janela... A vertigem me fazia ir cada vez mais rápido, sabia que logo tocaria o chão... Era a morte...

Eu gritei, e gritei...

... *até acordar.*

No quarto de hóspedes de Nasta. À cabeceira da cama, um relógio marcava nove e doze, e a claridade entrava pelas frestas da persiana.

Era dia. Minha morte era um sonho...

Feliz Natal.

3. — Acho que nós precisamos conversar — falou Nasta, depois que tomamos um café da manhã repleto de frutas e pãezinhos.

Eu havia comido com incrível apetite e concordei, acenando com a cabeça.

— Você leu os livros de que eu lhe falei, naquele dia, na livraria?

— Alguma coisa.

Nasta serviu-se de um café puro, sem açúcar, acendeu um cigarro e me ofereceu ambos. Recusei. Ela foi movendo a xícara em gestos redondos, para esfriar o líquido.

Fiquei olhando fascinado para ela. Quantos anos teria? Suas costas eram retas e ela era magra, mas devia ter uns setenta anos. Os cabelos grisalhos afofavam-se ao redor das orelhas. Eu a via de perfil, o nariz pequeno e os lábios estreitos. E percebi a silhueta de finos pelinhos que cobriam todo o seu rosto: as faces, o buço, o nariz... não eram *barba*: eram muito pequenos e muito dourados, uma penugem que associei por um instante aos pêlos de um gato... uma velha gata amarela. E talvez ela realmente fosse isso.

— Nós existimos — falou Nasta, afinal tocando com os lábios na xícara fumegante e saindo de seu estado de alheamento. — As bruxas existem, Tadeu. Nunca duvide disso... e também não me pergunte sobre um longo histórico e detalhes de gerações.

— E Paulo, Bianca... são bruxos, também?

Nasta baforou o cigarro para cima enquanto movia o rosto em negativa.

— Não creio. Bianca, provavelmente sim... mas Paulo? Duvido. Parece mais uma vítima, alguém que infelizmente teve o destino de encontrar uma entidade que se apaixonou por ele...

— A bruxa do *Halloween*... — completei.

— Não acho que ela seja uma bruxa. Acho que é mais uma figura de sonhos... um súcubo.

— Ela não apareceu nos sonhos do Paulo... Não como faz o íncubo de Bianca.

— Bem... Paulo desejou a "*mulher dos sonhos*". Não entendo muito bem como ela fez isso, mas depois que seu conto acaba... quando Paulo a transformou no pássaro e ela voou... a entidade conseguiu um poder extra, ficou forte. Pôde continuar uma existência que não deveria se prolongar.

Nasta levantou-se da cadeira, andou com sua xícara pela sala. Foi até uma estante, tocou na capa de alguns livros parrudos. Depois, parece ter mudado de idéia e voltou a sentar. Uma ruga se acentuava em sua testa.

— Tadeu, tenho medo de falar coisas e você... você imaginar que eu possa ter um monte de respostas, que eu possa te ajudar. Eu sou uma bruxa mas não um mago, não tenho estudos mais profundos...

— Bem — suspirei. Alisei o cabelo, me ajeitei na cadeira. — Que tal a gente trocar figurinhas? Eu te conto tudo o que aconteceu e você me conta como apareceu nos meus sonhos, *okay*? Pra isso, você tem de ter explicação.

Ela concordou. E primeiro eu falei. Nasta havia lido os contos, mas desconhecia a forma como o computador reagira

sem eletricidade e a morte de Edilene. Ficou chocada quando percebeu que eu era um fugitivo da polícia. Só murmurou alguma coisa como "*por isso os sonhos tão cheios de medo... não era medo apenas do sobrenatural...*"

Concluí:

— Estou fugindo, sim. E queria entender o *Halloween*. Tudo começou no *Halloween*, certo? Agora, você me encontra bem na noite de Natal... por que isso? Por que o diabo me escolheu pra rever as histórias? Como eu acabei me juntando a eles, os personagens? Você tem as respostas, Nasta? Quem é que tem?

Nasta moveu a cabeça vagarosamente. Eu me senti frustrado. Estávamos tão em silêncio, que o tique-taque do relógio cuco era marcante, pela sala. Dei um tapa na perna. O roupão se abriu um pouco, eu o fechei depressa. Estava nu por baixo do pano felpudo.

— Já disse, Tadeu. Não espere demais de mim... o *Halloween* pode ser uma data especial, mas isso no Hemisfério Norte... Agora que li seus contos, será que não foi você mesmo quem colocou a data e fez o demônio de seu computador aproveitar-se dela? E quanto a ser Natal... De certo modo, era o dia certo para eu procurar por você. Procurar onde poderia haver uma ceia para mendigos... talvez apenas isso. Nada mais exótico que isso.

Olhei para ela, incrédulo. Era muita coincidência... Não, eu não acreditava. Mas não tinha outras respostas, naquele momento. Preferi saber como Nasta havia entrado nos meus sonhos.

E ela falou:

— Desde criança eu descobri que conseguia uma ligação com os sonhos dos outros. Sempre com pessoas que também seriam bruxas ou teriam poderes potenciais. As bruxas nem sempre sabem que são bruxas, Tadeu. Acho que foi no final de novembro que comecei a captar, vamos chamar assim, os sonhos de Bianca e de Paulo. Depois, você me surgiu em instantes. Momentos breves. Tive o primeiro sonho com você vendo-o

naquela livraria. Talvez você estivesse com muitas dúvidas, por aqueles dias... Talvez tivesse dormido e inconscientemente já pensasse em passar lá, procurar livros. Até então eu nem sabia *quem* você era. Seu jeito físico, seu nome, nada... Fui até a livraria. Fiquei a manhã inteira por ali. Só imaginei que procuraria livros sobre íncubos e bruxas...

— Por que você não falou mais, naquele dia? Nasta, se a gente tivesse conversado! Se você tivesse me falado que a Bianca e o Paulo existiam, talvez eu não sofresse tanto. Talvez Edilene estivesse viva.

Eu me sentia frustrado com ela. Falei, e falei... de solidão. De medo. Desabafei. Nasta apenas me ouviu, em silêncio. Depois, tocou em minha mão. Uma pele seca e quente, a da sua mão.

— Não pense no que *poderíamos* ter feito, Tadeu... Eu não conhecia você direito, nem tinha certeza de que você era mesmo aquele dos sonhos... Nem sempre podemos evitar o Mal. Não se sinta culpado. Não me faça sentir culpada.

Ela se serviu de nova xícara de café, e dessa vez aceitei.

— Temos de ver o que a gente pode fazer, *agora*, para salvar aqueles dois.

— E onde eles estão? Esta cidade é tão grande, Nasta...

Nasta sorriu. Segurou o calhamaço de meus textos.

— O Paulo, a gente pode achar pelos sonhos... Você *viu* o apartamento dele, não viu?

Lembrei num *flash* da cena da janela, quando no sonho eu e ele éramos a mesma pessoa... eu caíra daqueles andares todos... um breve arrepio na minha nuca.

— Uma janela ampla... — foi descrevendo Nasta. — Um apartamento em lugar alto, com uma antena de tevê em frente... a paisagem distante, o pico do Jarapuá...

Concordei com ela.

— E onde pode ser isso? Nasta, eu li os contos, vi como eles mudaram, mas eram *textos*. Nunca tinha visto a janela. Ontem no sonho... e agora, você falando, descrevendo tudo tão bem... você sabe onde o Paulo mora?

Nasta sorriu com mais firmeza. Um lampejo nos olhos azuis.

— Comecei a procurar o apartamento dele desde que nós conversamos na livraria. Afinal, eu via como era o lugar, nos meus sonhos. Há um mês que venho procurando torres de tevê com prédios em frente. Achei duas na cidade. Uma no bairro do Sabará e outra bem no centro, na avenida Conceição. Olhe.

Nasta levantou-se, caminhou até uma mesa e tirou de lá um pequeno álbum de fotografias nove por doze. Colocou os óculos e escolheu-as, passou algumas delas para mim. Todas elas tinham uma vista da janela... lugares altos. Uma antena de tevê bem em frente... O horizonte com sua linha esverdeada e o pico do Jarapuá se destacando.

— É bem parecido — falei, indo e voltando com as fotografias entre os dedos.

— São da avenida Conceição. Procurei os prédios que fossem altos o bastante pra ficarem acima da torre de tevê... há três edifícios que podem ter essa paisagem da janela. Subi nos três. — Ela parecia orgulhosa com sua esperteza. — No primeiro e no segundo foi fácil, porque eles estavam com placas de VENDE-SE ou ALUGA-SE. Mesmo que não seja exatamente no mesmo andar de Paulo, dá para se ter uma idéia... No terceiro prédio, este aqui — ela mostrou uma foto — consegui entrar fingindo visitar uma amiga. Mas não acho que seja ele. O ângulo de visão é meio de lado...

Retomei as fotos. A memória do sonho podia ser um tanto diferente. Talvez um ou dois andares acima de onde Nasta havia batido as fotos. Mas toda a paisagem era bem semelhante: a torre em destaque, a estrutura metálica formando uma minitorre Eiffel, a ausência de edifícios em seu redor, o horizonte visível com o pico do Jarapuá. Paulo deveria mesmo morar num daqueles prédios.

Fiquei eufórico.

— Então você encontrou o Paulo. E Bianca...

— Calma. Um por vez... Quanto a Bianca, sabe? Fico surpresa de que você mesmo não tenha encontrado um jeito de achá-la. Você sabe de onde ela tirou a cama. Você conhece seu nome de família, tem uma cidade para...

Que estupidez, a minha! *Claro!* Só depois que Nasta falou é que pude lembrar. Como havia escrito a história de Bianca? O jornal trazendo a *inspiração*... o dia em que Iltinho voltou do hospital, a casa vazia...

Fui depressa procurar nas minhas folhas. Achei. Peguei o recorte de jornal e li:

— "A CAMA DA DISCÓRDIA... São Carlos do Arraial... Anacleta Gutierrez... Casa da Colina... Companhia de Hotéis Ribamar... herança..." — parei de ler e encarei a velha bruxa: — Se eu procurar a tia dela, a tia da Bianca? A mulher mora em São Carlos do Arraial, chama-se Albertina. Ela deve saber da sobrinha, é claro! Tudo aqui, junto comigo, debaixo do meu nariz...

— Não tão debaixo, Tadeu — Nasta tirou as folhas de minhas mãos, colocou-as sobre a mesa. — Não sei se a tia se dá tão bem com Bianca, se ela vai querer ajudar. Como o seu conto diz, a tia teve de ceder o íncubo para a sobrinha... Esse é um caso para se pesquisar com calma.

Ela tinha razão. Por mais vontade que tivesse de correr pro Interior do Estado, procurar o casarão da reportagem do jornal, obrigar a tia a dizer onde eu encontraria Bianca — por mais vontade que tivesse — sabia que isso seria demorado, difícil.

— Então vamos ao Paulo — resumi. — Tem algum plano?

— Pensei em alguma coisa... — Nasta falou. — Só espero que você não se incomode por se fingir de mendigo por mais alguns dias...

21

DE CARNE E OSSO

1. Voltei a vestir as roupas de mendigo.

Mais que nunca elas me pareceram fedidas e incômodas. Mas Nasta tinha razão: um mendigo seria menos notado diante dos edifícios. Poderia sentar no chão, fingir sonolência e vigiar a porta dos prédios. Poderia ficar ali por dois ou três dias seguidos. Receber esmolas de um e outro e olhar, olhar, olhar...

— Não fale com eles — Nasta pediu. — Se os dois saírem, use este *bip* pra entrar em contato comigo. Acho que se a gente topar com eles na rua... se eu puder ver bem a bruxinha, quem sabe...

Insisti em saber mais detalhes com ela, mas Nasta não quis explicar. Ela colocaria um contrafeitiço na menina? Ia conjurar algum demônio, ia invocar uma maldição em língua exótica ou o quê?

A velha sorriu das minhas idéias:

— Paciência, Tadeu. Muita paciência. Só me avise quando os dois aparecerem.

Eu me instalei na calçada. A avenida Conceição conduz ao Centro Velho da cidade, mas não chegava a ser de extremo movimento. Mesmo assim, deu pra juntar esmolas suficientes para comer: devorei um cachorro-quente comprado de um ambulante que passou diante de mim, sem precisar largar o posto no primeiro dia. Nasta me trouxe lanches na segunda e terceira noites, quando "caridosamente" fez visitas ao mendigo.

Era esperar, esperar... e agüentar a ansiedade.

O porteiro da manhã de um dos prédios era enfezado e não queria conversa. O da tarde chegou a me arrumar umas revistas velhas e tentou mesmo me convencer a arrumar emprego. Eu sorria feito bobo — era uma boa tática. Fingir de debilóide, repetir palavras... agia assim até que o interlocutor desistisse.

"Decifra-me ou te devoro." Não era isso que a Esfinge dizia para os viajantes, na lenda de Édipo? A imensa Esfinge de pedra, corpo de leão com rosto e busto de mulher, fazendo suas perguntinhas e... *crau*! Não era o que ela fazia, se o cara não tivesse as respostas?

Então: minha Esfinge eram os edifícios. Sem o que fazer, por longos minutos, eu os encarava, nariz pra cima, investigando o perfil das construções... Do ângulo em que olhava, tinha a sensação de que o alto dos prédios tocava as nuvens... e num daqueles apartamentos, que grande mistério! O que Paulo poderia estar fazendo, nessa ou naquela hora? Ele ainda faria amor com a bruxinha? A menina voltara a se transformar em mulheres sedutoras, ou teria retomado o corpo daquele moço esbelto, sobre quem eu lera um dia? Que feitiços ela ainda inventaria, até que ponto um mortal poderia suportar a vingança de uma figura do Mal, um súcubo, uma feiticeira?

Olhava para o céu claro. Torcia para que as nuvens ficassem assim, só fiapos brancos no azul, sem derramar chuva e me ensopar. A vontade de conversar com Nasta era intensa, mas temia usar o *bip* sem uma razão concreta. Inventava histórias na minha cabeça, supunha longas conversas com Paulo, até mesmo

num futuro distante, quando pudéssemos "rir de tudo aquilo"... imaginava um encontro entre nós três: eu, Paulo e Bianca. De como falaríamos sobre nossos demônios esquecidos no passado, já livres para tocar a vida, tentarmos ser normais e felizes...

O tempo, longo. Tantas vezes encarei a porta de ferro verde se abrindo para deixar passar uma senhora com jeito de faxineira, uma criança com bicicleta, um adolescente e seus amigos barulhentos, um casal idoso usando guarda-chuva para enfrentar o verão ensolarado...

2. Como definir o que senti, quando *eles* abriram a porta da rua? Por tantas e tantas horas, eu me peguei fantasiando sua chegada, seus rostos, gestos. E quando eles apareceram... quando finalmente, após o quarto dia de vigília, ele abriram a porta... me peguei duro. Imóvel como a vítima da Esfinge, mudo e bobo, sem acreditar nos próprios olhos...

Deviam ser umas três e pouco da tarde! Pensava de onde viria o jantar, mais à noite. Ia seguindo com os olhos uma mulher que saíra do prédio mais alto dentre os dois, estava aí envolvido com coisas assim: comuns, rotineiras... até que ele saiu.

Era ele. *Ele mesmo*, Paulo... Olhou de lado e outro antes de colocar os óculos escuros. A bruxinha saiu depois, puxou o portão de ferro atrás de si. Sorriu para o homem alto, estendeu-lhe a mão. Paulo hesitou. A menina continuou erguendo a mão. Afinal, o "papai" segurou na mão dela. E foram devagar descendo a avenida.

Coração a mil, o estômago ardendo, a boca seca, eu me ergui lerdo do chão, a perna deu pra ter câibras justo naquele momento. Tanto havia ensaiado a cena, na minha imaginação... E agora, o que fazer? Por um segundo ainda fiquei em dúvida: era pra pegar minhas coisas do chão, ligar pra Nasta? Sim, devia fazer isso... Onde estava o *bip*?

Eles se afastavam. Iam devagar. Vi a bruxinha erguer o rosto para Paulo, comentar alguma coisa. Paulo tateou o bolso, alisou o cabelo...

Foi uma decisão da hora. Larguei os trapos no chão, escondi o *bip* entre o cinto e a calça, apressei-me atrás deles. Poderia sempre bipar para Nasta, se eles parassem em algum lugar. E se os perdesse... bem. Sabia que eles voltariam, mais cedo ou mais tarde, ao apartamento. Era só retomar a vigília.

Fiquei a uns dez passos de distância. Os dois seguiram pela Conceição até metade da avenida, depois embicaram pela rua João Neves, passaram pela praça da Glória e continuaram, subindo a avenida São Jonas em direção ao comércio central.

Mais e mais gente cruzava com eles, e percebi pelo modo como os encarava que a dupla chamava a atenção. Eram belos, especiais. Como há gente feia no mundo, meu Deus, e como seres realmente belos são raros... Senti um tanto de orgulho, um sentimento bobo, de propriedade por eles. Eu, assim, disfarçado, pato feio, seguindo aquele par de deuses de ombros altivos, andando em passos suaves.

Afinal, a menina parou diante de uma loja de doces. Resolvi me aproximar mais. Fingi que olhava coisas na vitrine da loja ao lado.

Paulo era ainda mais bonito do que eu havia imaginado. Claro que o vira nos sonhos, mas ali havia névoa e indefinição. Agora, assim tão perto de mim... era mesmo pra se sentir orgulho de pai.

Mesmo que Nasta tivesse razão, e que ele não fosse meu, não fosse cria da minha imaginação, mas alguém *real* que o demônio do computador usara na "forma" de meu personagem, isso não tinha tanta importância. Eu o amava; essa, a verdade. Eu havia definido um contorno no papel, tinha criado seus sentimentos e carne e desejos. De que jeito, pouco importava, mas esse contorno tivera de ser preenchido. E isso fora feito muito bem...

Paulo era alto, certamente mais de um metro e oitenta. Seus cabelos eram de um tom cenoura, um loiro-escuro quase

ruivo. Cabelos fartos. O queixo quadrado, nariz perfeito. Lábios grossos e sensuais. Eu me perguntava se seus olhos ainda seriam verdes — na primeira versão do conto, eram; mas eu havia desfeito aquele detalhe na versão seguinte e com os óculos escuros não podia checar sua cor...

Também tinha de me conter para não encará-lo de frente, apaixonado, comovido... Já estava sendo mesmo pouco previdente — afinal, aproximara-me dele a ponto de ver detalhes de sua fisionomia... mas, ah, a alegria! Como me segurar? Depois de tanto tempo lendo sobre ele, dividindo suas emoções, *sendo ele*, num dos sonhos! E agora eu o via. Lado a lado, olhava discretamente para seu corpo alto, os músculos que se desenhavam sob a camisa fina. Era *ele, ele*... ali tão perto...

A menina também era bonita, mas me comovia menos. Sabia *o que* era ela e isso me deixava mais assustado do que envolvido.

Com dez anos a mais, ela seria uma das "estonteantes mulheres morenas", sem dúvida. Usava um rodado vestido de flores e mantinha o longo cabelo muito reto nas costas, numa grossa trança. Rosto de traços miúdos e olhos grandes a se destacar... Por um instante, seus olhos verdes pousaram em meu rosto e eu me assustei. Desviei a vista para a vitrine, torcendo para que eles voltassem a andar, se afastassem de mim.

Eles viraram na rua São Gusmão. Uma rua de agências bancárias, que fervia de gente; afinal, estávamos na véspera de feriado bancário e próximos do *réveillon*. A multidão cercou o estranho casal. Paulo ficava acima do povo por uma cabeça, ainda era fácil segui-los... Ele continuava de mãos dadas com a menina e seguiram até o final da rua, em direção à praça da Vitória. Chegaram à praça. Bancos de pedra contornando as árvores, o *play-ground*, as estátuas de músicos famosos...

E ali eu fiz a minha grande besteira.

3. Não imaginei que a bruxinha fosse sentar num banco. Gesto repentino, sem ensaio. Sem dizer nada ao parceiro. Largou subitamente de sua mão, ergueu a saia rodada e sentou-se. Virou o rosto pra frente... deu de cara comigo.

Desviei os olhos e pensei em correr. Antes que pudesse tomar qualquer atitude, ouvi a voz infantil:

— O que você quer? — ela me apontou para Paulo, que ainda estava de pé a seu lado: — Ele está seguindo a gente, faz tempo. Desde a rua da doceira.

Pedir esmola? Fingir que eu era um trombadinha e eles poderiam ser minhas vítimas?

— O que você quer? — ela repetiu.

Olhei bem para ela, olhei para Paulo... Ele tirou os óculos. E eu, sem querer, soltei um gemido.

Seus olhos, como estavam seus olhos... Tantas rugas e manchas escuras sob as pálpebras. Eram hematomas ou traços de quem tinha levado o feitiço da insônia? Quem tivesse chorado por horas e dias seguidos não estaria com os olhos assim: manchados e escuros... E a palidez do rosto? E a dor, que eu podia ler na expressão das pupilas, a dor e uma espécie de *apatia*, olhos marcados de alguém que já tivesse descido ao inferno e visto tudo, tudo, por ali...

As mentiras acabaram na hora em que enxerguei os seus olhos. Fiquei com raiva, muita raiva da bruxinha. Por um instante, eu não a temi. Falei:

— Eu sei, Paulo. Eu sei. De tudo.

Quando ouviu seu nome, Paulo estremeceu. E me olhou com mais interesse...

— Ela é uma bruxa. Eu sei disso também.

A menina soltou um grito rouco. O barulho que saiu de sua garganta era o rugido de algum animalzinho feroz.

— Tenho visto vocês nos meus sonhos... E, antes dos sonhos, no meu computador. Parece uma coisa louca, mas eu escrevi a sua história, Paulo. Sobre a mulher dos sonhos. No dia do *Halloween*... Eu sei de tudo, Paulo. De como a bruxa muda-

va. Ela virava sempre uma mulher diferente e vocês faziam amor, e vocês eram felizes, até o dia da bebedeira, e ela... Ela ficou com raiva de você, e eu sei o que ela vem fazendo com você.

— Quem te mandou, seu peste? O que você acha que vai fazer?

A menina estava diante de mim: seu gesto foi tão rápido que nem me dei conta de como ela se erguera do banco.

UM INSTANTE: ela estava *ali*, a cinco metros de mim.

OUTRO INSTANTE: ela colava o rosto no meu e nem tinha importância o fato de ela ser menor que eu. Era ameaçadora. Seu rosto mostrava tamanho ódio e era tão *mau*...

Fiquei com medo. Os olhos claros tinham a transparência do vidro, faiscavam. Sua boca se torcia numa careta, imagem que só vira em filmes, aquela capacidade de se contorcer... o rosto de Satã. Um ódio assim só deveria existir naqueles que não são humanos...

— Paulo, você não está sozinho! — eu gritei pra ele. — A gente... a gente pode ajudar você. A gente *quer* ajudar você!

A menina soltou um urro e avançou contra o meu rosto. Senti o calor do sangue antes de ver *como* ela havia me unhado.

E antes que eu enfrentasse a ferinha, ou antes que dissesse mais alguma coisa... Paulo *pirou*.

Ele riu, um riso esganiçado, ergueu o rosto inteiro pra cima, berrou para o céu. O riso terminou num gemido, num grito primal, coisa vinda do mais fundo da alma e da garganta... E quando Paulo se recompôs e nos encarou, ele o fez com as órbitas arregaladas... a voz fina de um menino. Jogou os óculos escuros para longe de si e tremia... tremia todo...

— Ajudar? Ajuda... de quem? Mais bruxas, mais feitiços... Mulheres que viram monstro, que viram meninos... rapazes? Eu quero ir embora. Eu preciso ir embora. Eu não agüento. Eu não agüento, não agüento!

Ele começou a andar, depressa. Movia as mãos abertas, às vezes dava um murro no próprio peito ou na cabeça... Retornava para a rua São Gusmão. A bruxinha me deu um

último olhar enfurecido e correu na direção dele. Limpei como pude o sangue do rosto e fui atrás daqueles dois...

Deus. O que eu havia feito? Por que não imaginei que ele estava assim, no limite da sua sanidade, perdido, louco? O que eu tinha feito... O QUE EU TINHA FEITO, MEU DEUS?

A menina o alcançou na frente de uma das agências bancárias. Tocou no seu braço. E Paulo... Paulo segurou-a com força. Acho que nem sequer pensou no que fazia. Ele a agarrou como se ela fosse um bicho, uma cobra, e tivesse de ser morta, esmagada. Segurou *mesmo*... ergueu a menina acima da cabeça... e a jogou no chão.

Ele a jogou no chão. E não parou mais de bater nela. Chutava a menina, nas costas, na barriga, no rosto. Sempre gritando: "EU NÃO AGÜENTO MAIS, NÃO AGÜENTO MAIS!", ele foi metendo vários pontapés na cabeça da menina. Ouvi o ruído seco de osso partido, quando Paulo colocou todo o seu peso sobre o rosto da garotinha. Vi o sangue escorrer das narinas, molhando o vestido florido. Vi o cabelo escuro da menina soltar-se da trança e chicotear seu rosto, pra-lá-pra-cá, acompanhando os golpes que Paulo imprimia nos dois lados de seu rosto.

Eu fiquei inerte. Só conseguia olhar...

Olhar a fúria com que aquele homem de quase cem quilos esmagava a menininha. Acompanhava com os olhos o ritmo doido dos pontapés sobre o corpinho da garota de nove anos, que não teve sequer a chance de gritar por socorro ou pedir ajuda... Uma figurinha a desaparecer sob a brutalidade do homem, a ser morta, esmagada... Esmagada como uma aranha, um escorpião, como se faz com um bicho peçonhento.

Só que ninguém na rua a veria perigosa como um *bicho peçonhento*...

E quando o sangue escuro jorrou, em dois ou três gorgolões por sua boca, ensópando de vez a frente do vestidinho... E quando seu rosto era uma pasta esmagada de ossos irregulares e seus olhinhos verdes fecharam-se, afinal...

... veio o outro som. Ouvi o "*ôoooo*" ritmado, um rugido parecendo onda, barulho de muitas vozes, muitas, todas num brado só, um espasmo crescente... E, aqui e ali, gritos soltos: "MATA! PEGA ELE! MATA..."

O primeiro homem acertou Paulo com uma maleta, bem na sua cabeça. Outro homem riu, deu um pontapé no seu joelho. Paulo estava surpreso. Enquanto atacava a menina, tinha uma expressão de triunfo, de louca alegria... era *surpreendente, para ele,* imaginar que estava sendo atacado... E por quê?

Tentou dizer alguma coisa: "O que estão fazendo?", "Parem"...

A sua voz incentivou ainda mais a multidão. Vi um homem surgir com um ferro, daqueles usados pra fechar portas de aço. O golpe foi direto, bem na nuca de Paulo.

— NÃÃÃÃÃOOOO! — gritei.

Não me ouviram. Quando Paulo caiu, transformou-se numa massa a ser massacrada. Pisoteada.

"LINCHAMATACAPAELEPEGAMATAMATAMATA..."

Era a onda de vozes, a multidão que o cobriu... Ainda vi uma mão, acima de tantas pessoas, conduzindo a arma... Tentei ultrapassar a muralha de costas diante de mim, tentei enxergar por entre as pernas das pessoas, tentei empurrar, mas eu era empurrado o tempo todo...

Quando ouvi os tiros, percebi que era *o fim.*

Senti a tontura, a moleza em todos os músculos do corpo... Os tiros fazendo eco nos meus ouvidos. Aos poucos, a multidão foi abrindo brechas... Eu pude passar por um, por outros...

E vi seu corpo, deitado de barriga para cima, pernas abertas. A fisionomia irreconhecível. Em vez de cara — nariz, olhos, boca —, uma pasta de carne roxa e sangrenta. Pelos furos na cabeça, o sangue fresco escorria e formava no asfalto uma poça brilhante.

Afastei-me dele. Um tanto por vontade própria; outro, por ser empurrado por mais e mais gente que queria ver o morto.

Sentei no meio-fio da calçada. Segurei a cabeça, tentava parar o zumbido em minha cabeça... e chorei. Chorei em so-

luços altos, *por ele*, na sua insanidade... *por mim*, pela terrível sensação de culpa que eu carregaria pela vida afora, a brutalidade estúpida do que havia feito... Por que não chamei Nasta? Por que falei com ele, assim, de uma vez, sem preparar caminho... Por quê?

Mais e mais gente em volta de Paulo, ali no chão. Ouvi as sirenes distantes, os passos de quem corria. A atenção concentrada no morto, no louco furioso que atacou a infeliz garotinha... Na infeliz e morta garotinha, que devia estar ali adiante, estendida no asfalto.

E quando olhei para o corpo da menina, para onde *deveria estar o corpo da menina*... gelei.

O corpo *não existia mais*. Nenhum sinal dele pelo chão.

Deus! Olhei de lado a outro, por um instante esquecido *do que* era feita a menina... Onde estava?

Consegui localizá-la entre as pessoas, diante de uma loja, a uns dez metros de mim. De pé, a bruxinha me encarava fixamente... E eu vi o modo apavorante como o sangue que tingia seu rosto e escorrera do nariz retrocedeu para dentro das narinas. As irregularidades da face, onde os ossos deviam ter-se partido, alisaram-se, num instante apenas de pura magia. Só o vestido manchado a identificaria como a vítima e o estopim de tanta violência.

E nem isso durou muito tempo. Vi como a bruxa continuou me encarando e como foi devagar esvanecendo... Sempre com olhos fixos em mim e sempre muito séria, ela foi ficando um contorno mais pálido, mais suave...

Até absolutamente nada existir no lugar onde deveria estar uma linda menina morena.

22

O DISQUETE

1. — Feliz ano-novo.

Foi com essas palavras que Nasta me despertou. Eu estava no quarto extra, em seu apartamento. Não conversara ainda com ela, desde que tinha chegado ali. Na véspera, havia umas vinte horas? Isso não tinha importância. Havia me jogado na cama, ainda com os trapos de mendigo e chorado... e talvez dormido...

— Feliz ano-novo — Nasta repetiu.

Olhei para ela. Devagar, sentei na cama. O quarto em penumbra. A luz do corredor acesa. Nasta segurava duas taças de champanhe — percebia-se que era champanhe pela efervescência acima do vidro. Por baixo da persiana do quarto, entravam luzes avermelhadas e azuis, e o ruído fraco de rojões estourando mais além...

— Já estamos em 96. Você não quer comemorar?

A velha me estendeu a taça, e eu a segurei. Olhei dentro do copo e cheirei o líquido. As borbulhas faziam cócegas no nariz.

— Comemorar o quê? A morte do Paulo? A minha burrice?

Nasta suspirou, sentou-se na ponta da cama. Ficou virando o copo, o gesto redondo, igual àquele de outro dia, para esfriar o café. Pensava no que dizer, ganhava tempo.

— Tadeu. Até quando você vai ficar assim? Com pena de si mesmo?

— Eu?

— É, você. Acabou. Foi algo horrível, eu... eu li no jornal. Fui até lá, na rua dos bancos. Falei com uma testemunha. O que fizeram com Paulo, e ele, o que ele fez com a bruxinha. Entendo a sua dor, Tadeu. Mas acabou. E a gente ainda tem muito mais que fazer. Não é verdade? Com Bianca. Com o demônio do computador.

Eu continuava enterrado na minha piedade especial. Sorri para mim mesmo, resmunguei:

— Achar a Bianca... pro íncubo matar ela? Só pra isso?

Nasta girou a sua taça, mais uma vez... E me jogou o líquido na cara.

— Ei! — estava gelado. Arrepiei.

— Quando você resolver se comportar que nem gente, trate de sair dessa cama; tome um banho. Se coloque decente e venha falar comigo na sala.

Nasta saiu do quarto e bateu a porta atrás de si.

O que podia fazer? Segurei a minha taça. Tomei a bebida de um gole só...

E fiz o que ela mandou.

2.

Havia apenas dois dedos de champanhe na garrafa, agora morna. Eu estava com os pés sobre um pufe, corpo mole... Nasta andava pelo apartamento, ora olhando pra fora da janela, onde a noite ainda era clareada por um e outro rojão, ora trocando as fitas de música *new age* no seu toca-fitas.

— Por que ela fez isso, Nasta? Eu não *entendo*... Se ela quisesse, Paulo não ia morrer. Nem *encostava* o dedo nela, pô! Era só a bruxinha paralisar o cara, pronto! Não foi o que ela fez

outras vezes? Mas não... Ela deixou, *de propósito*, que ele matasse a menina daquele jeito horrível... E depois deixou que todo o mundo batesse nele, matasse... acabasse com ele...

Eu falava e era quase como se visse a cena de novo, em câmera lenta. O ataque de um homem, metendo a mala na nuca de Paulo. O soco de outro. O rosto incrédulo de Paulo, seu corpo caindo no meio da multidão... uma mão acima dos rostos, com a arma. O ruído dos tiros.

— Quer o resto do champanhe? — Nasta chacoalhou a garrafa, oferecendo.

Eu fiz um gesto de "positivo" erguendo meu corpo. Nasta me serviu, depois falou:

— Acho que o súcubo se livrou do Paulo por sua causa, Tadeu.

— Por *mim*? Como assim?

— Você revelou o segredo. Deu a entender que não agia sozinho... Que poderia ajudar Paulo, que mais alguém *queria* ajudar Paulo. E aí... ele não era mais uma figura interessante. Podia ser descartado.

— *Descartado?* Nasta! Você disse que a bruxa, súcubo, sei lá! era gamada por ele. Fez o que fez por vingança, por paixão...

— Você nunca gostou tanto, tanto de um brinquedo, Tadeu, que acabou com ele, de tanto brincar? Até desmontou pra ver como era feito?

Nasta usava um roupão de seda muito colorido. Tinha apenas tomado um gole de champanhe como brinde de *réveillon* e me deixado o resto da garrafa. Suspirei. Bebi vagarosamente da minha taça.

— Nunca tive brinquedos desse tipo, coisas caras. E sempre fui tão cuidadoso! Nem sei do que você está falando.

— Então está bem. Você quer fingir que não entende, mas vamos lá. Eu repito. Imagine uma menina. Uma menina mimada que ganha, humm... uma linda boneca que fala. Ela gosta tanto da boneca, que não deixa nenhuma amiga tocar nela,

ninguém brincar. E tanto mexe na boneca e quer saber como funciona, quer ver se ensina a boneca a dizer novas palavras, que acaba com a boneca. Entendeu minha analogia, agora?

— Menina mimada. A bruxa.

— O súcubo.

— Então está bem. Ela se livrou do Paulo, um brinquedo que cansou. E agora? Vai ficar invisível pra sempre? Vai achar outra boneca e destruir essa também? É isso, Nasta, que ela vai fazer?

Nasta andou até o toca-fitas, para mudar a música. Enquanto mexia nas fitas, o silêncio acentuou o tique-taque do relógio cuco, pendurado numa parede lateral. Devia ser bem antigo, madeira entalhada, com o passarinho de asas abertas acima dos ponteiros.

Som de flautas encheu o ambiente. Nasta se encostou numa estante e ficou ali, costas retas e dedos entrelaçados à sua frente, imóvel.

— Tadeu, acho que ele já sabe a quem procurar. O novo brinquedo, se você prefere chamar assim...

— Verdade? E qual é?

Tomei o último gole morno de champanhe e quase engasguei com ele.

— Você.

— *EU?* Nasta, quer parar de brincadeira?!

— Nunca falei tão sério na vida. Ele bem pode estar à sua procura.

— Mas por que eu? E como a bruxa vai me pegar? Pra quê?

— *Pra quê?* Tadeu, deixe de ser ingênuo! Que vingança mais terrível um súcubo pode querer do que a vingança contra quem se intrometeu no seu brinquedo? E você ainda disse tudo... explicou do seu conto, do *Halloween*, do computador...

Pousei a taça com força sobre a mesa de centro. Alisei o cabelo levemente úmido, ajeitei o roupão nos joelhos e tentei clarear a cabeça. Falei alto e pausado:

— Nasta, se ela quer mesmo me pegar... se tá com raiva de mim... Bom. Por que num está aqui agora? Por que, sei lá,

naquela rua mesmo, não me botou uma praga, não fez um raio cair na minha cabeça? Ela deixou o Paulo se foder sem fazer nada, desculpe, o Paulo se ferrar... E, na hora, só ficou me olhando enquanto sumia...

Já havia dado a minha versão da morte da bruxinha e do linchamento de Paulo. Nasta sabia da imagem da menina esvanecendo-se no ar, seu olhar fixo em mim...

— Às vezes não basta *querer*, Tadeu. Os seres do Mal, os seres... as entidades, como você quiser chamar, nem sempre podem agir como querem, na hora que querem. Li sobre isso, pesquisei. Bem. A bruxinha apareceu para Paulo na noite do *Halloween*. Por uma ligação que ainda não entendo, você se incorporou ao dia-a-dia dos personagens. Acompanhava tudo dos dois. E você se apresentou pra eles, porque... *você quis*. Mas, na hora que Paulo morreu, a ligação se rompeu. E o súcubo... ele deve estar esperando por você. Esperando que você *procure por ele para poder agir de novo*.

Demorei um pouco pra entender o que Nasta dizia. E, quando entendi, caí na gargalhada.

— *Procurar pela bruxa?* Nasta, essa é a maior bobagem que... — olhei bem para a velhota. Ela permanecia rígida, de pé, perto da estante. — Você não está brincando... Procurar por ela? Morro de medo dela, procurar por ela... — suspirei fundo, levantei também. — Está certo. E como eu ia fazer isso? Por quê?

— Porque o súcubo deve ter-se escondido no melhor lugar para esperar por você. E deve saber, Tadeu... deve saber que... que se você... se nós pretendemos ajudar Bianca, bem... Talvez nós tenhamos de novo que entrar em seu computador. Tenhamos que conversar com o seu demônio, no computador...

— Nasta! — eu me aproximei bem dela, da velha que era um tanto mais alta que eu. Ficamos ali, rosto a rosto, na penumbra. Um rojão avermelhado espalhou a sua luz pelo céu, naquele instante... reparei no contorno de seus peli-

nhos do rosto e no brilho de seus olhos claros. — Você quer dizer, Nasta, que, se a gente entrar no computador e procurar pelo demônio, a bruxa *também* vai estar lá? Esperando por mim?

— Acho que sim — ela continuou me olhando, fixo. Sem a menor sombra de sorriso, nos seus lábios retos. — Era o que eu faria, se fosse um súcubo e estivesse querendo me vingar de você.

3. Nossa conversa não rendeu muito mais na hora seguinte. Eu estava abalado, mas ainda sóbrio. Pedi outra garrafa de champanhe e Nasta concordou apenas por ser um dia tão especial.

Falamos sobre outros seres do Além. Nasta fez um chá para si, acendeu seu "último cigarro do dia" e me ofereceu um. Aceitei. Contou de ligações oníricas, alguns casos que havia presenciado... Me mostrou um livro com gravuras de seres mitológicos. Fui ouvindo suas histórias como se fizessem parte também da música...

Sua voz e a música eram um agradável pano de fundo para coisas bem menos amenas... Baforei para cima. Fui ouvindo, distraído. Havia uma sombra escura. E, às vezes, a sombra se destacava daquela paz no apartamento de Nasta e me afligia como uma lâmina gelada, bem no coração... Vinha assim, um instante, um *flash* de mau presságio. E eu quase podia ver o rosto transfigurado da menina babujando sortilégios, olhos vermelhos, prometendo vingança.

Ouvia Nasta, ouvia a melodia suave... Me arrepiava quando dentro do cérebro imaginava a bruxinha. E, sem revelar meu medo e entorpecido por mais meia garrafa de champanhe, fui amolecendo...

Nasta me ajudou a entrar no quarto. Foi ela quem me cobriu. Foi o seu vulto a última coisa que vi, quando ela me mandou um beijo, da porta, antes de fechá-la.

E eu dormi. Sono pesado e sem sonhos.

Acordei com a luz da rua infiltrando-se pela persiana. A porta do quarto estava aberta, e a voz de Nasta me parecia metálica, distante.

Levantei estremunhado, sentei na cama. Nasta continuou falando. E me assustei com o que ela dizia...

Corri à sala a tempo de ainda ouvir o resto de sua mensagem na secretária eletrônica.

Merda! Peguei o fone, gritei "alô, alô!", ouvi o *piiiiii* de quem havia acabado de desligar.

Olhei o relógio da sala: onze e treze. Depois, com o coração sempre aos pulos e segurando a vontade de urinar, lutei com o mecanismo da secretária eletrônica, até retornar a fita e ouvir.

A voz de Nasta:

"Tadeu, desculpe. Não esperei você acordar. Estou ligando da rodoviária. Nem dormi esta noite... Eu resolvi, Tadeu. É preciso agir logo. Fiquei imaginando se o demônio do computador e a bruxinha, já que você a chama assim, se eles podem se unir. O que acontecerá, Tadeu, se isso acontecer? Então, eu tomei minha decisão. Estou indo atrás de Bianca, tentando localizar Bianca. Achei melhor vir sozinha. Não tente vir atrás de mim, por favor. E, por favor, não faça nada. Entendeu? Nada pra se arrepender depois. Fique no meu apartamento. Eu avisei na portaria que você é um sobrinho meu. A geladeira está cheia, tenho bons livros. Descanse. Por favor, Tadeu! Não faça nada para se arrepender... Volto assim que puder. Dois dias, três, no máximo... Até logo."

Aqui a gravação se interrompia.

Ouvi a fita outra vez, e uma terceira... comecei a *entender* o que Nasta me dizia. Percebi que estava *sozinho*. Assustadoramente sozinho...

Nasta telefonara da rodoviária, ia viajar. Só poderia ser para São Carlos do Arraial, a terra da avó de Bianca. A tia da moça, a Casa da Colina...

Comecei a revirar os livros na estante de Nasta. Praticamente, apenas exemplares sobre esoterismo, magia, sonhos e

história da Inquisição. Numa última prateleira, afinal, livros de consulta: dicionários, lista telefônica... um *Guia Quatro Rodas*.

— São Bento do Sul... São Bernardo do Campo... São Camilo... — ia lendo os nomes das cidades, em ordem alfabética... — São Carlos do Arraial.

São Carlos do Arraial — SP

Beira-rio. **H-13**. CEP 087652-000. 0145. **S.Paulo 244**, Araraquara 47, Rio Claro 67, Ribeirão Preto 114. Agricultura, pecuária.

São Carlos Palace — Pça. Teixeira, 43, tel. 54-4400, 32 ap. *Ds. 1/2.*

Tio Marinho — R. Dr. Mello Mourão, 432, tel. 53-0098, 22 ap. *Ds. 3/3.*

Hotel das Hortênsias — Pça. Gonçalves Dias, 41, tel. 54-3311, 36 ap. *Ds. 3/3.*

Pousada Gabriel — R. das Bandeiras, 44, tel. 53-6651, 12 ap. *Ds. 3/3.*

ATRAÇÕES — Compras: *artesanato, doces caseiros, palha, cestaria — Feira do Artesanato — Pça. Teixeira (Centro): sáb. 9h/12h.* **Igreja:** *S. Carlos (1865) — Pça. da Matriz, s/n. tel. 54-9876.* **Veja:** Ponte metálica — *construção inglesa do período da II Guerra ligando São Carlos do Arraial a Iporuca*; Represa do Burari — *praia fluvial — estr. p/ Araraquara, 12 km.*
SERVIÇOS — *Rod. — R. João Gusmão, 22 — tel. 34-9985. BB, Bradesco, Sta. Casa — Av. Garibaldi, 234, tel. 53-1235.*

Com o guia entre os joelhos e o telefone no queixo, me vi discando para qualquer número — rodoviária, hospital, hotéis — e lembrei da data. Dia primeiro, feriado. Ia achar alguém trabalhando? Para quem estava discando, afinal?

Deus, o que estava fazendo? Ligando pra quem, por quê? Não estava fazendo *exatamente* aquilo que Nasta pedira tanto que eu *não fizesse*?

Larguei o fone e o guia longe de mim, joguei-os como coisas sujas, bichos envenenados. *Que merda, Tadeu, que estupidez!* Nasta nem sequer teria chegado à cidadezinha...

Ligou da rodoviária, provavelmente a daqui, da capital. Para chegar em São Carlos do Arraial — abri de novo o guia, conferi a distância — ia levar umas quatro horas.

Tratei de controlar a ansiedade. Nada de telefonar, nada de atrapalhar os planos de Nasta. Era bem provável que ela se hospedasse num hotel, antes de seguir até a Casa da Colina. Poderia ligar para os três indicados no guia, mas de novo: *pra quê?* Talvez Nasta soubesse melhor o que fazer do que eu... Ela preferira agir sozinha.

Levantei. Respirei fundo. Tinha de me acalmar... Resolvi tomar um banho. Um longo, delicioso banho... e depois comer. Ver tevê. Pensar? O menos possível, o menos...

4. O primeiro dia do ano foi lentamente passando. Eu evitava a ansiedade decidindo uma tarefa por vez e tratando de me concentrar *ao máximo*, em pequenos detalhes.

Foi assim quanto ao almoço. Só à uma da tarde resolvi começar a prepará-lo. Conferi minuciosamente os ingredientes na geladeira e armário; optei por uma salada e hambúrgueres. Cozinhei dois ovos, lavei cuidadosamente a alface e o tomate, arrumei tudo em uma bela travessa... Fritei a carne numa chapa, coloquei fatias de queijo branco por cima, esperei que derretesse... Tudo feito em detalhe, prestando bem atenção.

Almocei também devagar: levei uma hora e pouco entre almoçar, lavar a louça e enxugá-la... E ainda eram três horas quando a "missão almoço" terminou.

Outra tarefa: ver tevê. Marquei a hora no relógio e prometi a mim mesmo *prestar atenção* no filme da sessão da tarde. Acompanhar o enredo, não desviar o pensamento, não imaginar bobagens...

A cada cinco ou dez minutos, olhava disfarçadamente para o cuco... Ficava quase torcendo para ver o passarinho sair de sua casa e me "cucar" a passagem de outra meia hora... Então o filme se transformou em sucessão de imagens de ato-

res correndo e falando, sem nada me dizerem da sua história. E eu desisti da tevê.

Resolvi procurar outra coisa pra fazer. O apartamento de Nasta era tão limpo e perfeito, que pouco me deixava de trabalho com sua arrumação. Assim mesmo, tirei o pó de uns bibelôs que ficavam rente à janela e mostravam discreta poeira em seu contorno. Tarefa breve: limpei tudo em quinze minutos.

E a tarde não passava...

Vez por outra, olhava para o *Guia Quatro Rodas* e o telefone. E engolia em seco e jurava que não *tocaria neles*.

Eram cinco e meia quando resolvi arrumar minhas coisas de mendigo. Uma forma de passar o tempo.

Fiquei em dúvida se jogava fora a roupa de mendigo ou se a guardava. Ainda precisaria dela? Nasta havia-me comprado alguma coisa, nos dias em que eu passara vigiando os prédios. Eu usava uma bermuda e camiseta, e, além dessas peças, tinha no quarto de hóspedes nova muda de roupa: uma calça *jeans*, duas cuecas, uma camiseta e uma camisa branca.

Afinal, o saudosismo falou mais alto. Levei o "uniforme" de mendigo para a lavanderia e me dediquei por um quarto de hora a esfregar manchas, encher uma tina com sabão em pó e amaciante e deixar a roupa lá, de molho...

Depois, abri a mala. Comecei a investigar os contos. Reli algumas páginas; fiquei comovido com meu estilo ingênuo, sem sequer imaginar o futuro, nas páginas de "A dama dos sonhos" — quando ainda era meu conto e eu havia tanto me orgulhado dele, mostrando-o para o Juba Longa...

O outro conto, sobre Bianca — as páginas sujas iam e voltavam em minhas mãos... Separei cada história numa seqüência, paginei-as. Marquei com um papel o momento em que cada conto teve o seu acréscimo demoníaco... Conferi o número de páginas, olhei os dois montes, o de "A dama dos sonhos" e o de "A cama do amor".

Tirei os demais objetos da mala. Um pente plástico com dentes quebrados, um lenço tão marrom que não dava pra sa-

ber se estava sujo ou se era dessa cor, um naco endurecido de pão, uma lata vazia de refrigerante... E, metido num compartimento lateral, o disquete.

Fiquei girando-o nos dedos. O *disquete*...

Uma idéia esdrúxula: será que a ligação demoníaca se faria apenas com meu PC ou a malignidade também contagiara o disquete? Se eu acionasse todo o arquivo, inclusive aquele final, em que a conversa com o demônio se fizera sem precisar de eletricidade...

Fiquei com o disquete entre os dedos, virando-o entre polegar e indicador. Tão fino e pequeno, tão comum...

A idéia parecia cada vez mais sedutora. Se eu achasse um computador, em qualquer lugar, e inserisse o disquete e corresse com ele, chegando ao seu arquivo final, quem sabe não visse a história de Bianca, o modo como Paulo era manipulado pela bruxinha... — e a sua morte? Ela estaria ali, em seus detalhes mórbidos?

E depois, o que haveria? A bruxinha, esperando por mim? E o que ela poderia me fazer, afinal? Praguejar, soltar fel e ódio, mas e daí?

Naquele começo de noite, a idéia me pareceu mais envolvente até do que um interurbano para São Carlos do Arraial. E, por um estranho mecanismo, um pressentimento, fazer as duas coisas era mais do que *maneiras de passar o tempo*... Era necessário, vital.

— Alô? Hotel São Carlos Palace? Boa noite. Eu gostaria de saber se uma hóspede se registrou há pouco... Uma senhora, o primeiro nome é Anastácia. Pois não.

Hotel funciona vinte e quatro horas, resmungava para mim mesmo. Portaria tem sempre gente... No terceiro hotel da lista tive a confirmação:

— Anastácia Frik? A senhora está no setenta e quatro. Posso completar a ligação?

Bati o fone, apressado. Então ela estava mesmo ali... Copiei numa folha o telefone do hotel, o endereço e o núme-

ro do quarto. Era uma forma de garantia... Uma idéia besta na cabeça — o que se faz com a cabeça? Um colega de banco tinha insônia e estava evitando tomar remédios para dormir. Fazia mil malabarismos para ter sono, mas o que o ajudava mesmo era deixar a pílula na cabeceira da cama. *Se precisasse dela*, estava ali, à mão...

Se eu *precisasse falar com ela*, saberia onde encontrá-la.

Porque também já havia me decidido. Depois que confirmei onde a velha estava, voltei ao disquete. Olhava para ele como uma jóia preciosa... Tão comum, tão inocente sem um PC pra acionar o monstro que poderia dormir em sua memória virtual.

Memória... Quem poderia ter um computador e quem o emprestaria para mim, ainda mais num feriado de ano-novo? Só tinha amigos pobres... *Amigos!* Não tinha ninguém! Lojas fechadas — como entrar com um disquete e pedir para usar o computador? No banco? Impossível.

Pensar, pensar muito... Dia primeiro... Quem teria um PC? Amigo rico, que viajasse...

Não sabia o número de cor, mas conhecia bem o seu nome e sobrenome. Na lista de assinantes, estava em M. Disquei seu número com a mão trêmula. Errei duas vezes, acertei na terceira. O telefone tocou, e tocou... Nem devia ter retornado... ia para a Europa, não era mesmo? Ou então tinha saído... No quinto toque, atenderam.

— Aristarco Molina? — minha garganta estava seca, e a voz saiu esganiçada, fina.

Quando ele respondeu "sssim!", numa empostação afetada, bati o fone. Sabia o que deveria fazer com o disquete naquela noite mesmo.

23

VISITA À VELHA SENHORA

1. Juba Longa não estava tão juba longa assim. Devia ter cortado o cabelo na Europa. Ainda bem: com sua echarpe servindo de mordaça e prendendo-lhe boca e cabelos à altura das orelhas, ele ficaria ridículo, se ainda estivesse cabeludo. Pretendia *imobilizar* o professor, não rir à custa dele...

O pobre mestre me encarava de olhos arregalados... Se olhar matasse, como diria minha mãe, eu estaria estrebuchando no chão da saleta de seu computador.

— Desculpe, fessor — eu falei, depois de confirmar que ele estava bem-amarrado na cadeira giratória. — Se eu tivesse certeza de que o senhor não ia tentar fugir, até podia soltar. — Ele grunhiu e mexeu o rosto. — Mas eu sei que o senhor vai tentar. Então... desculpe mesmo, *okay*?

Voltei-me para o seu computador. Juba Longa havia instalado o aparelho numa sala de fundos, no andar de cima do sobrado onde morava. Era um lugar calmo, ampla janela, vizinhos distantes... Olhei o céu claro por sobre os telhados. Oito da noite, mas no horário de verão demorava a escurecer...

Queria ganhar tempo, antes de inserir o disquete. Suava. Olhava volta e meia para o Juba, sentindo remorsos por abusar de sua confiança. Claro, em sua viagem o mestre de nada ficara sabendo sobre mim. Sobre as manchetes dos jornais, a acusação pela morte de Edilene...

Ele me recebeu surpreso, quase com prazer, quando toquei a campainha do sobrado onde morava. Estava com uma camisa estampada e usava a echarpe em volta do pescoço. Talvez experimentasse a roupa que trouxera da viagem, ou era hábito seu usar echarpe, nem sei. Mas foi por causa dela que eu tive a súbita inspiração do ataque: joguei-me sobre Aristarco, dei duas voltas com o pano, em torno de seu pescoço. Molina ficou surpreso, perdeu o fôlego. Alcancei uma cadeira e joguei-o sobre ela. Ao mesmo tempo, ameacei-o com um bibelô de ferro. Não foi difícil convencê-lo da minha periculosidade e da necessidade de localizar seu computador.

— Sabe, professor? Eu até podia lhe contar tudo. É uma longa história... Quem sabe o senhor até me ajudava? — ele grunhiu uma resposta que parecia ser "sim, sim, claro" ou qualquer coisa dessas, desde que eu o soltasse. — O senhor acredita em bruxas, Aristarco?

Ele se empenhou menos em mover o rosto, na afirmativa. Seu olhar ficou desconfiado. Sorri. Era tão fácil entender o que se passava na cabeça de Aristarco Molina, meu ex-mestre e agora refém. Ele devia mesmo imaginar que eu estava piradinho.

— Bruxas existem, professor. Se der tudo certo, um dia eu lhe apresento uma. A Nasta. Essa é boazinha, está do meu lado. Mas tem outras que são o diabo. Aliás, o diabo também faz parte desta história.

Sentado numa cadeira, diante de seu computador ligado, rodava o disquete entre os dedos. Muitas dúvidas. Afinal inseri a peça na abertura e esperei.

Tudo normal. Na tela apareceram os nomes dos arquivos guardados no disquete. Nomes conhecidos.

Abri o DAMASON.

— Este é o meu conto — falei para o Aristarco, indicando o texto na tela. — Aquele que o senhor não leu. Agora isso não tem importância. Eu nem mandei pro concurso.

Li cuidadosamente o conto por algum tempo. Nenhuma mudança. Depois, fui acionando o PAGE DOWN até chegar ao final do texto. Surgiu o surpreendente FIM.

— Ora, ora... Será que no disquete as coisas ficam normais? — olhei para o FIM e teclei várias vezes o PAGE DOWN. O aparelho ficou marcando o *pipipi* de fim de arquivo.

Mas havia os outros. Estariam vazios, sem nenhum sinal de contágio demoníaco? Saí daquele arquivo, abri o menu, fiquei olhando os nomes: DAMASON2, DAMASON3, CAMAMOR1, CAMAMOR2... Ao final da lista, XXX.

— Temos novidade, fessor. Arquivo normal aqui, um nome diferente lá... O que eu devo fazer, senhor Aristarco Molina? Abrir o arquivo? O senhor conhece a história do Barba Azul, mestre? Sabe o que ele escondia atrás da porta e proibia a esposa de descobrir? Será que a gente não vai encontrar um cadaverzinho bem safado, atrás desta porta?

Aristarco não respondeu, claro. Moveu um pouco o corpo na cadeira. Eu levantei, conferi os nós que prendiam seus pulsos, caminhei um pouco pelo quarto. Estralei os dedos das mãos, alisei a nuca. Olhei no relógio da mesinha antes de abir o novo arquivo.

Lembro bem: eram nove horas da noite, pontualmente.

2.

A mulher sabia que nove horas da noite era um horário impróprio para visitas — ainda mais sem ser anunciada, ainda mais em uma cidade pequena como São Carlos do Arraial. Mesmo assim, tinha seus motivos. *Fortes* motivos para tocar a campainha da Casa da Colina e esperar.

— Quem é? — a voz veio detrás da porta.

— Preciso muito falar com dona Albertina. É urgente.

Silêncio. Apenas as luzes acesas na sala e no andar de cima.

Passaram-se uns bons minutos antes que o ferrolho fosse puxado e a mulher aparecesse à soleira. Nasta a reconheceu antes mesmo que ela abrisse a boca. Por sonhos, talvez. E também pelo conto, pela narrativa feita por Tadeu: era uma mulher muito branca, de pele fina e sobrancelhas tiradas com gilete, formando um risco sobre os olhos escuros. Lábios tão retos que era como se não existissem. Usava uma camisa que fora vermelha havia vários anos. Uma saia larga e azul. Chinelos gastos e de florzinhas.

— Entra — falou Albertina, afinal. Quase sorriu. — Eu sei que ocê vai entrar de qualquer jeito... então entra logo. E num repara na bagunça. Se é que gente como ocê repara n'arguma coisa.

Nasta pediu licença e entrou na casa. Contrapondo-se à informalidade da tia de Bianca, tinha-se esmerado na roupa. Usava um *tailleur* de bom corte, escuro, e camisa de seda.

Pensava em como começar seu discurso. O que dizer sobre Bianca, o íncubo, os sonhos, motivo inicial de se envolver naquela história estranha...

Albertina deu um riso de deboche e indicou um sofá arranhado por unhas de gato:

— Bruxa do sonho — fez uma careta. Devia ser um riso; parecia careta. — É o que ocê é, num é? Uma bruxa do sonho.

Nasta ajeitou o cabelo e segurou a bolsa mais perto do busto. Não respondeu.

— Minha mãe falava d'ocês — continuou Albertina, ainda de pé. — Falava que eram umas xeretas. Muito, sei lá, desagradáveis. A velha Anacleta não gostava d'ocês, não gostava, não, bruxa dos sonhos... A gente já se viu antes, num foi?

Nasta sentou-se à ponta de um sofá. Um gato listrado logo instalou-se a seu lado, enquanto um gato preto rondava seus pés.

— Nunca tenho certeza, quer dizer... Quando encontro as pessoas *de verdade*, e não nos sonhos... — falou Nasta. — Você não é de... Como eu explico? Freqüentar muito meus sonhos... Acho que, se eu a vi, foi só uma vez. No seu sonho com o íncubo.

Albertina suspirou. Afastou o gato preto com um repelão e arrumou melhor a saia sobre os joelhos.

— Uma noite só... Antes da pestinha levar a cama daqui. É por causa dela que ocê veio, não é? O que foi que a danada aprontou? Esgotou o íncubo, de tanto que comeu ele?

Nasta acabou sorrindo. O ciúme era um sentimento complicado, fosse entre bruxas, fosse entre pessoas comuns.

— Bianca está com problemas, Albertina... Posso lhe chamar assim?

A outra deu de ombros. Nasta continuou falando:

— Sérios problemas. Não acho nem que seja culpa dela, mas está envolvendo outra pessoa. Um rapaz, um rapaz que eu pretendo ajudar.

— E eu com isso? — provocou a tia de Bianca.

Nasta acariciou o gato listrado por um instante. Seu pêlo era macio, e ele ronronou baixinho.

— Acho que você se faz de durona, Albertina. Mas sabe que a coisa é séria. Sabe que eu quero ajudar, e que Bianca é inexperiente. Nem tem idéia de como lidar com o íncubo.

— E por que ela me roubou ele, se nem sabia usar? — falou Albertina, gesticulando.

O gato se assustou e pulou do sofá.

— O íncubo enganou Bianca. Parecia bom, parecia dócil. Depois, atacou um rapaz. Acredito que também tenha sido ele que provocou o acidente em que morreu seu irmão.

Albertina mordeu os lábios finos.

— Eu falei com a Bianca no telefone, depois do acidente. Ela parecia mesmo que num andava bem. Era o íncubo, num era? O danado... Se foi ele que levou a minha cunhada, nem tenho dó. Era uma peste mesmo. Mas o meu irmão e o menino... Sabia que o Fabinho ainda tá no hospital? Tadinho. Queimadura. Nem sei se sai de lá inda este mês...

Mais relaxada, Albertina assumira de vez o sotaque forte do interior. Falava depressa e nas pausas mordiscava o canto do lábio.

— Nem sei se eu ia querer aquele peste do íncubo. Num era um troço bom, num era não. Fez o diabo com minha mãe. Era gostoso, o danado. Mas cobrava caro... Angora, mamãe sabia deixar o bicho preso, ah, isso ela sabia! Num fazia as maldades que ele queria. Angora, já a tonta da Bianca...

— Tem só dezesseis anos, Albertina. Não se esqueça disso... Ela precisa de sua ajuda. Do seu conhecimento. Você pode não usar seus poderes, não querer se envolver, eu entendo. Mas você é uma bruxa poderosa, percebi pelo sonho. Você, sim, saberia lidar com o íncubo...

No rosto de Albertina, o rubor se acentuava. Estava envaidecida com os elogios. Nasta sorriu. Uma das maiores habilidades de uma bruxa dos sonhos é sua capacidade de convencer as pessoas.

3. Acionei o arquivo XXX do disquete.

A tela, em branco. Apertei PAGE DOWN. Surgiu uma tela completamente tomada, de alto a baixo, por letras minúsculas e uma palavra:

ódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódio
ódioódioódioódiodioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódio
ódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódio
ódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódio
ódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódioódio

sem espaço entre elas e sem a menor mudança. A página toda.

Sorri:

— Veja só, fessor. A bruxa fez uma vingancinha... Mas que coisa boba, não acha?

Movi um pouco o monitor, para Aristarco enxergar. O professor virou a cabeça para a parede. Outra vingancinha. Suspirei. Devia ser meu destino, agora. Enfrentar a criancice alheia.

Continuei olhando a tela cheia de ódios. Pareciam formiguinhas raivosas. Era um tanto decepcionante. Eu tinha desobedecido Nasta, tinha ameaçado e humilhado meu ex-professor, invadido sua casa... Esperava pelo menos uma luta limpa. Quem sabe, a cara da bruxinha tomando a tela e despejando maldições em cima de mim. Lembrava de seu rosto convulsivo, seus olhos vermelhos... Isso, sim, seria mais excitante. E não aquele monte de letrinhas. Era uma vingança *mesquinha*. Tola.

PAGE DOWN.

Eu sou um Vampiro.

Eu adoro meu ego e eu adoro minha vida, pois eu sou o único Deus que existe.

Eu tenho orgulho de ser um animal predador e honro meus instintos animais.

Eu exalto minha mente racional e não acredito que isso seja um desafio da razão.

Eu reconheço a diferença entre o mundo real e a fantasia.

Eu reconheço o fato de que a sobrevivência é a lei mais alta.

Eu reconheço que os Poderes da Escuridão escondem leis naturais através das quais eu posso fazer minha magia.

Eu sei que as minhas crenças no Ritual são uma fantasia, mas a magia é real e eu respeito e reconheço os resultados da minha magia.

Eu percebo que não há céu como não há inferno e vejo a morte como o destruidor da vida.

Portanto tirarei o máximo proveito da vida aqui e agora.

Eu sou um Vampiro.

Curve-se diante de mim.

— Mas que merda é essa, agora?

Estava surpreso. Mal havia lido aquela mensagem estranha, e novas letras foram surgindo do nada. Como se, em uma extensão computadorizada do inferno, dedos diabólicos estivessem terminando de digitar:

Para a cozinha da bruxa são necessários alguns utensílios. Eles serão os seus instrumentos de bruxaria. Por isso, por seu valor encantado, deverão ser tratados com muito respeito e amor.

Vós que me ledes por certo estais ainda entre os vivos; mas eu que escrevo terei partido há muito para a região das sombras. Porque de fato estranhas coisas acontecerão, e coisas secretas serão conhecidas, e muitos séculos passarão antes que estas memórias caiam sob vistas humanas. E, ao serem lidas, alguém haverá que nelas não acredite, alguém que delas duvide e, contudo, uns poucos encontrarão muito motivo de reflexão nos caracteres aqui gravados com estilete de ferro.

Parece assim que a vontade maligna do diabo é a causa da vontade maligna no homem, e, especialmente, nas bruxas. Podemos ainda consubstanciar esse argumento: assim como os Anjos do bem se voltam para os atos benévolos, os Anjos do mal se voltam para os malévolos, e enquanto os primeiros conduzem o homem à maldade, os segundos conduzem-nos à perversidade.

— O que é isso, o que é isso? — havia levantado da cadeira com tamanha rapidez que ela caiu.

Aristarco agora encarava a tela com tanto espanto quanto eu. As frases começaram a aparecer numa progressão ainda mais rápida. Mal conseguia ler o que ia surgindo, linha após linha... e começava a ficar com medo.

E também me vinha uma louca curiosidade. Aqui e ali, fui reconhecendo trechos, idéias... Ora, uma frase me parecia *familiar* quanto ao estilo... Era *O martelo das feiticeiras*? E a citação de um feitiço, não viria de algum livro de sortilégios que Nasta me mostrara? Um trecho de história romântica?

PAGE DOWN. A tela mudou sozinha... Rapidez. Cada linha era impressa em tipo e tamanho diferentes. E algumas eram familiares...

O horror e a fatalidade têm tido livre curso em todos os tempos.

noite de sexta-feira e suspirava... logo estaria dormindo

Quando a cobra chegar até seus pés, você sentirá uma onda quente e a-

Tudo começou com a morte súbita de vó Anacleta. A

rio Hop-Frog. Era de alguma região bárbara, porém, de que nin-

sexo oral. Era a dançarina muçulmana envolta em véus e

viam eram na verdade demônios em forma de pássaros ou pássaros

parede abaixo sobre um enorme abismo, cabeça para baixo e sua

Paulo só ficou olhando. Sem saber como puxar conversa.

de manhã fez Bianca se arrepiar...

matará de verdade, e, quanto à estaca enfiada em seu corpo, já

Mefistófeles explica que as riquezas estão nos veios das montanhas, sob a

emoção agradável que subia por seu estômago, que ainda

crucifixo ou a hóstia eucarística. Ficava longe das igrejas. Estava conde-

Já vi muita gente morrer em sofrimento, muitas famílias atormentadas pela espera da morte

imaginando que penetrasse pelo seu sexo e entrasse por

Quem poderia dizer-me que, no ilustre Fausto, encontraria tão profunda amargura!

São três os métodos principais pelos quais os demônios

O espírito maligno, o demônio maligno, o fantasma maligno, o demônio

rados perigosos por uma série de motivos. Comiam alimentos estragados

Que o íncubo não só Contamina as Mulheres concebi-

feitiços favoráveis de ódio e vingança (não aconselho esse tipo de feitiço, pois uma das leis da

Este pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo,

não poderia evitar de ir ao enterro, tinha aulas e iriam faltar,

As bruxas, pelos poderes do diabo, transformam os ho-

THE RAVEN

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
"Tis some visitor', I muttered, 'tapping at my chamber door —
Only this and nothing more.'

Ah, distinctly I remeber it was in the bleak December,
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow; — vainly I had sought to borrow
From my book surcease of sorrow — sorrow for the lost Lenore —
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore —
Nameless here for evermore.

— É "O corvo"! É "O corvo", do Allan Poe, caralho! É "O corvo", Aristarco! — eu gritei, assombrado.

E enquanto o poema continuava em inglês, e por três vezes a tela mudou, sempre registrando-o, eu encarei o Juba, depois a tela... Breve espaço, novos versos:

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho
E disse estas palavras tais:
'É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais'.

— Agora em português... É a versão do Machado! Eu lembro, estava no seu livro. Não é, professor? Eu comprei o seu livro, quer dizer, o do Machado... Li tudo. Tinha "O corvo", do Poe. E a versão dele...

Estava tão ansioso, que arranquei a mordaça do mestre, empurrei sua cadeira pra diante do monitor. Fomos lendo... Nem eu percebi naquele instante que ele poderia gritar, nem o Juba, pego de surpresa, gritou. Foi lendo junto comigo, em voz baixa:

Abro a janela e, de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um lorde ou de uma *lady*. E pronto e reto
Movendo no ar as suas negras alas
Acima voa dos portais,
Trepa, no alto da porta, em um busto de Palas;
Trepado fica, e nada mais.

— Poesia! O que deu nesta bruxa? Ela está me mandando POESIA? — eu falei.

E, na tela, o poema de Poe, em sua tradução machadiana, continuou, e continuou... E, depois, nova versão:

E não saiu! e não saiu! Ainda agora se conserva
pousado, trágico e fatal, no busto branco de Minerva.
Negro demônio sonhador, seus olhos são como punhais!
Por cima, a luz, jorrando, espalha a sombra dele, que flutua...
E a alma infeliz, que me tombou dentro da sombra que flutua,
não há de erguer-se, "Nunca mais".

— "Nunca mais"... — leu Aristarco. E verteu: — "*Nevermore, nevermore*", era o que falava o corvo do Poe... mas essa versão em português eu não conheço.

Terminado "O corvo", novamente a impressão em tamanho oito, minúscula. Um texto inteiro, corrido... Rápido, sempre mais. Só se destacava o negrito aqui e ali, mesmo assim virando um mínimo traço mais escuro... A tela ia, ia... meus olhos ardiam, tentando acompanhar...

— O QUE É ISSO? — eu gritei.

Andava de lado a outro pelo quarto. Olhei endoidecido para o Juba, que se assustava comigo e com o computador. As

letras iam enchendo em segundos a tela, PAGE DOWN, nova tela, e nova... Nem tentava mais acompanhar a leitura... estava frustrado, com medo...

— O que está acontecendo, Juba? É Ele, não é? O demônio. Não tem bruxa nenhuma... É Ele... Mas *por quê*?

Aconteceu nos segundos seguintes. Os textos foram se sucedendo um após outro, virando, e virando, e transformando todas as letras numa massa única, um desenho pontilhista... e surgiu a *voz*. Era fina e rouca como se fosse formada pelo mesmo artifício que surgia ao fim de PAGE DOWN, aquele *pipipi* afiadinho... Era no mesmo tom, muito suave, enquanto as letras continuavam a correr na tela:

— Vingança — foi o que ouvimos.

— Você ouviu, cara? — gritei para o Juba. — Ele falou... Porra, ele falou! No meu computador, só escrevia!

Apenas aquela palavra. A velocidade de mudança na tela diminuiu por um instante. O necessário para que Juba Longa reconhecesse seus textos, no monitor... e soltasse um grito.

— Meus arquivos! Você está apagando MEUS ARQUIVOS! Que merda de vírus foi esse, Tadeu, que você enfiou aqui? Tá acabando com tudo...

A velocidade voltou a aumentar... e surgiram *cores*. O fundo ficou colorido, e o computador começou a jogar sozinho, numa velocidade de pirado, todo um arquivo de joguinhos: baralhos saltavam de cá e de lá na tela... Uma paisagem pré-histórica unia-se aos contornos de um castelo e ora duendes, ora nazistas, ora coelhos estouravam repentinamente diante de nossos olhos... Um rosto virava um detalhe de outro, e era uma cena grande ou minúscula, e era vermelho e cinza e azul... Tudo foi-se misturando e transformando-se... Em meio ao caleidoscópio de imagens intercaladas, ouvimos:

— Bianca... NEVERMORE. NEVERMORE.

Toda a imagem sumiu. Tela escura. Apagaram-se luzes, figuras, palavras.

Cheiro de queimado.

— Meu computador! — berrou o Juba. — Fogo! Desliga isso...

Voei para a tomada. Todo o aparelho parecia irradiar calor, que vinha *de dentro* dele. Puxei, e puxei o plugue da tomada, com as duas mãos. Nada. Grudara-se na parede. Juba continuava berrando. Olhei para ele. Seu rosto estava rubro, ele estava *perto demais* do computador. Dei um repelão na sua cadeira, joguei-a longe. Com as rodinhas, a cadeira do Juba foi parar no corredor. No preciso instante em que a tela começou a soltar fumaça. A torre se derretia. A luzinha esverdeada e o *display* marcando 40 continuavam acesos, como olhos maldosos, em meio aos plásticos se dissolvendo e soltando fumaça pálida.

Coloquei a mão sobre o teclado, tirei-a depressa. Um calor infernal. As letras também começaram a se derreter. Vimos a tela inchar, como se por dentro do aparelho crescesse uma pústula, um câncer computadorizado, que ampliasse a tela e a arrebentasse por dentro...

— Desliga isso! Desliga isso! — berrou o Juba.

— Estou tentando, cara! Não consigo!

Meti o pé na tomada. Dei dois, três fortes pontapés... finalmente, o plugue desgrudou-se da parede. Mas nem interrompendo a corrente elétrica consegui impedir o calor e derretimento do aparelho. Toda a mesa estava em chamas. Agora elas saíam das junções plásticas do computador e dissolviam tudo... A tela estourou, cacos de vidro espalharam-se a nossos pés. A torre começou a encolher para dentro, tomada pelo fogo interno.

O fogo durou poucos minutos. Parou tão misteriosamente como havia começado. A mesa do Juba tinha-se transformado numa bandeja fumegante. Plásticos malcheirosos eram o rescaldo do seu PC. Mal se perceberia, aliás, que aquilo um dia

fora um PC. A torre derretida escorrera da mesa e esticara-se como uma toalha plástica. Dentre outras peças mais sólidas, meu disquete. Beiradas metálicas escurecidas e seu material plástico misturados aos outros componentes da torre.

Ficamos olhando, apenas olhando... Abri mais a janela. Ainda um fio de fumaça escapou por ali. O mestre parecia em estado de choque. Tive dó dele. Era um novato nesse tipo de contato com o Além. Mas tinha também meus problemas — "*Nevermore, nevermore*" ressoava em minha cabeça, como se as palavras fossem ditas pelo próprio corvo saído do inferno...

— Desculpe, fessor. É o jeito.

Ele só percebeu o que eu ia fazer quando já estava usando de novo a mordaça.

— A cadeira tem rodinha. Se o senhor se esforçar, alcança isto aqui — ergui a tesoura, e depois levei-a até a cama do outro quarto, a dez passos dele. — Desculpe mesmo, Molina. E não pense que eu tive culpa, sabe? Quanto ao computador, acho que o senhor deve saber... não existe um vírus de computador desse jeito. Não existe mesmo. É o demônio. E ele anda louco pra me pegar.

Molina tentou grunhir mais alguma coisa, desistiu. Ficou olhando desconsolado para seu aparelho. Eu ainda olhei uma última vez para aquilo que fora um dia o PC de meu ex-mestre... e fui embora.

24

O CUCO PIOU SEIS VEZES

1. Passei o resto da noite tentando interurbano para o hotel de Nasta, em São Carlos do Arraial. Liguei tão logo o cuco piou onze vezes. Depois insisti à meia-noite e meia, às duas horas...

Após a terceira tentativa, um porteiro sonolento me jurou que a avisaria. Jurou *solenemente* que a senhora não havia retornado ao quarto, mas, assim que pusesse os pés no hotel, seria avisada de que eu a procurava. Anotou o telefone e pediu *muito* para que eu me acalmasse. Deixou claro que nada poderíamos fazer, a não ser esperar...

Como se isso fosse fácil! Como se eu pudesse sossegar o coração, em mil batidas por segundo, a cabeça girando com idéias em ritmo ainda mais alucinado... E Bianca, Bianca — o nome "Bianca", sua imagem vista nos sonhos, seu retrato descrito no papel, quando escrevi o conto "A cama do amor" —, ela não se afastava de mim.

E me vinha sempre a terrível idéia de que quanto mais tempo eu *demorava*, mais ela corria perigo com o íncubo...

E o tempo, tão difícil de passar.

Por isso, foi grande a surpresa quando o telefone tocou. Numa noite como aquela, jurava que seria impossível dormir. Devo, apesar disso, ter cochilado, afinal. O chiado da tevê à minha frente marcava o final da programação, e o telefone tocou e voltou a tocar.

Joguei-me sobre o aparelho reparando que pela persiana da sala infiltrava-se a claridade matinal...

— Alô! — voz rouca. Tossi com força e repeti, em tom mais normal: — Alô!

— Tadeu? É Nasta quem está falando... O que aconteceu? Por que você me ligou?

Comecei a gaguejar e acho que falei depressa demais. Foram necessárias muitas repetições até que Nasta compreendesse mais ou menos o que eu havia feito.

Para ficar com muita raiva de mim.

— Tadeu! Você não compreende com o que está lidando! É um perigo, uma temeridade! Por que se precipitou, por que procurou o computador, falou com o... — abaixou a voz, devia estar perto de algum ouvinte — ... falou com *Ele*?

Eu fui ouvindo mais, deixei a velha desabafar.

— Não sei, Tadeu. Não sei se você deve ir atrás de Bianca. A moça pode não estar correndo perigo algum... Pode até ser uma armadilha. Eu passei a noite com a tia dela, a Albertina. Nós passamos a noite fazendo um... bem, acertando a vida dele, se você me entende... E talvez se você for lá, agora, vai fazer o jogo dele.

Eu não precisava falar baixo nem cifrado. Eu não precisava fingir calma ou mudar meu vocabulário... Por isso, gritei com Nasta. Falei alto. Pedi que ela se calasse e que *me ouvisse*. Repeti as palavras do demônio, o terrível "*nevermore*" que ele havia dito sobre Bianca. Insisti que era caso de vida ou morte e que, se houvesse algum risco, bem... *era problema meu*. Assinava embaixo, pronto. Risco *meu*. Queria ver Bianca, queria preveni-la o quanto antes. Eu *precisava*

disso terrivelmente. Até como uma forma de me redimir do que havia feito com Paulo.

Nasta acabou suspirando. Concordou comigo. Havia mudado de idéia tão depressa que até me surpreendeu.

— Anote o endereço, Tadeu. Agora, pelo menos duas coisas, você tem de prometer. Mas *tem mesmo*, Tadeu! Até para não correr riscos inúteis... Está claro isso? Primeiro: você não deve telefonar antes. Tem de conversar com ela cara a cara...

— Não pretendia mesmo ligar. Eu quero ver Bianca. Eu quero...

Nasta me interrompeu:

— Segunda coisa: não fique naquela casa depois que o sol se puser. Promete? Promete *mesmo*? Eu ainda tenho de combinar umas coisas com a tia da moça. Depois, volto pra capital. Acredito que estarei aí antes da noite. Mas se acontecer alguma coisa... Se eu me atrasar, não sei... prometa. *Deixe Bianca lá*... Ela corre menos riscos sozinha na casa do que com você lá, entendeu? Volte para o apartamento. Combinado? *Mesmo?*

Concordei. Não sabia se seria possível cumprir a palavra dada, mas concordei. Nasta me passou o endereço e antes de desligar ainda falou:

— Estou com medo por você, Tadeu. Gosto de você... Por favor, não faça bobagens. Não provoque... *Ele*, Tadeu. É melhor esperar do que se arriscar.

Desliguei.

O cuco piou seis vezes. Um longo, longo dia pela frente...

2.

Tomei banho. E demorado.

Peguei a melhor roupa. A camisa branca e o *jeans* limpo.

Fiz um mapa do trajeto até sua casa. Não era tão longe do apartamento de Nasta, havia um ônibus direto para seu bairro. Peguei dinheiro da carteira da velha, penteei os cabelos. Me olhei no espelho, ansioso como um apaixonado.

E não era pra estar apaixonado? Ia me encontrar com Bianca, finalmente. Com *ela*, que era mais do que se fosse minha mulher. Meu personagem, deusa, anjo dos sonhos...

Eram dez e pouco da manhã quando toquei a campainha do sobrado geminado, numa rua onde eles reinavam, com seu estilo antigo e solene. Ninguém pela rua. Janelas fechadas.

Ansioso a mais não poder. Mãos suadas. Alisei o cabelo — e devia ter feito isso umas dez vezes, antes. Temia que o desodorante tivesse vencido, ou que meu hálito estivesse ruim. Esperei, e esperei... toquei outras vezes.

Afinal, Bianca. Um vulto meio distante falou lá mesmo do batente da porta:

— Eu não quero comprar nada — nem se aproximou do portão.

Gritei antes que fechasse a porta:

— BIANCA! Espere...

Ela parou o gesto. Me olhou com mais curiosidade.

— Eu preciso falar com você. Preciso muito, Bianca.

— Como você sabe meu nome? Eu não te conheço.

— Eu sou... — o que ia dizer? *Papai? O autor do conto? Eu que te botei numa fria com o íncubo, desculpe?* — ... um amigo. Estou aqui pra te ajudar, Bianca. Sério.

Ela continuou parada, ainda meio escondida pela porta do sobrado.

— Eu posso entrar? A gente tem de conversar, entendeu? E muito.

Bianca olhou pra dentro do sobrado, para o andar de cima... a rua continuava deserta. Falei de um impulso só:

— Eu sei que ele está aí. Mas agora, de dia, dá pra gente conversar. De dia ele não é tão perigoso, Bianca... Eu sei o que ele é, Bianca. Eu quero te ajudar.

Afinal, Bianca pegou uma chave pendurada na porta, um chaveiro colorido. E veio me destrancar o portão da rua.

3. Onze horas da manhã, numa terça-feira — era a hora de Saturno. Propícia para feitiços de ódio e vingança. Para melhor aproveitá-la, as bruxas deveriam ter tudo pronto antes que o Sol entrasse no seu quadrante favorável.

Nasta e Albertina estavam na velha cozinha da bruxa, nos fundos da Casa da Colina. Desde que Anacleta morrera, Albertina não havia mais entrado ali. Muitos ingredientes estavam murchos ou apodrecidos no fundo de potes e panelas.

— Foi difícil achar uma abóbora — falou Nasta. — Mas esta é uma beleza...

Albertina aprovou a abóbora madura; devia ter quase dois quilos. Já havia acendido os três incensos — de canela, noz-moscada e benjoim. Antes disso, espalhara ramos de alecrim nos quatro cantos da casa inteira e naquela cozinha também.

Um grosso livro estava aberto sobre a mesa de madeira antiga. Nasta conferiu os ingredientes: cravos moídos, noz-moscada, canela, gengibre ralado, suco e raspas de casca de laranja, mel, leite, dois ovos... e a tal abóbora, que estava sendo picada por Albertina e jogada num tacho fervente.

Se alguém entrasse de repente naquela cozinha, nada mais veria que duas mulheres cozinhando.

Bruxas fazendo o feitiço da realização. Para alcançarem seus objetivos.

E elas sabiam muito bem quais eram seus objetivos.

4. — Agora que você já entrou... O que você quer, cara? Quem é você?

O que eu poderia dizer? Entrar de sola, me apresentar loucamente, como naquela burrada que eu fizera com Paulo? — e, num *flash*, revi sua imagem... as olheiras, sua loucura. Gaguejei. Olhei em volta de mim, pela sala. Reconheci a mesinha onde ela tentara o suicídio e eu, num sonho, tinha ajudado uma invisível Nasta a acalmá-la e fazê-la mudar de idéia. Estava comovido, confuso...

E confesso que um tanto *decepcionado*. Talvez fantasiasse demais, talvez a imaginasse mais bonita do que era na realidade. Bianca usava camiseta cavada e um *short* bem curtinho, com as coxas enormes à mostra. O cabelão amarrado num rabo-de-cavalo — talvez tivesse dormido daquele jeito, via os fios irregulares caindo no seu rosto. Deu um repelão nos fios, com os dedos de unhas roídas. O olhar vinha duro sobre mim... Não parecia nem um pouco apavorada ou carente de proteção.

Era uma moça muito alta. Forte, sem ser gorda. Cintura fina, mas pernas grossas e bunda grande. De pele branquíssima e pêlos quase longos nas coxas, penugem debaixo dos braços. E naquele momento, mesmo vendo Bianca com tão pouca roupa, não me senti excitado. Olhava para ela, tentava engatar a conversa, sentia o suor nas mãos...

Numa breve e doida comparação, lembrei de Edilene. Que sempre se depilava e se cuidava com imenso carinho... que jamais era vista com esmalte lascado, despenteada ou peluda. Pra piorar as coisas, Bianca era tão *branca*! sempre havia associado meus símbolos eróticos a figuras morenas, de pele dourada... Em minha família, todos eram morenos assim.

— E aí, cara? Vai ficar só olhando, olhando? O que você quer?

Suspirei. Desviei o olhar de seu rosto irritado e falei de uma vez:

— É uma história comprida, tá? Acho que você nem vai acreditar, mas eu sei do íncubo. Eu sei que você conseguiu ele com sua tia, na Casa da Colina. Eu sei o que você está passando e...

E quase podia completar: ... *e sei como você e o íncubo andaram trepando adoidado, e sei o quanto você gostou disso no começo, e sei que ele matou o seu namoradinho, e sei que você quase se matou, numa noite dessas.*

Mas não foi necessário completar meu relato com outras intimidades. Só o fato de eu ter citado o íncubo já deixou Bianca elétrica feito um gato. Pulou do sofá e depois sentou de novo. Enfiou um pé sob o corpo, alisou o cabelo pra trás, lágrimas afloraram nos seus olhos escuros, e eu finalmente a enxerguei como deveria: uma moça sozinha, enfrentando terríveis forças do Além.

Ela até me pareceu mais bonita.

5. A torta de abóbora assava no fogão. Nasta e Albertina tinham trinta minutos para invocar Netuno.

— Eu leio — falou Nasta. — Pode fechar os olhos...

Albertina sentou-se no chão, sobre um tapete azul-escuro, e procurou relaxar. Nasta passava o dedo de unhas curtas pelo amarelado papel do livro e lia:

— "Visualize uma praia muito rochosa. Note que ela tem algumas árvores e plantas espinhentas. Seu solo é de uma areia muito grossa, e isso lhe dá um certo desconforto. Não ligue. Perceba bem a aspereza deste solo penetrando em seus pés."

Continuou:

— "Um vento muito frio estará se formando e você poderá sentir uma onda gelada entrar pelo seu corpo. Deixe-se invadir por este frio, sinta-se o mais gelada possível. Quando o frio tiver tomado conta de toda a praia, você verá que o mar se tornou turvo e imensas ondas estouram na areia. Procure ouvir o barulho do mar e o vento. Não deixe que nenhum sentimento de mal-estar venha interferir neste momento. Procure sentir toda a beleza desta tempestade."

Nasta fechou os olhos. *Sentia* o vento rodeando-a e sabia que Albertina também saboreava o transe. Gotas de água salpi-

cavam o rosto de ambas, e o cheiro de maresia era mais acentuado do que o da abóbora assando.

Nasta voltou a abrir os olhos diante do livro, e via apenas as linhas escritas como se elas flutuassem diante da paisagem de mar e areia. Leu ainda mais devagar, ainda mais comovida:

— "Aos poucos você estará tomada por um intenso sentimento de beleza e tudo ficará incrivelmente belo.

O vento lhe dará uma enorme vontade de correr; corra pela praia e perceba que a aspereza do solo já não lhe incomoda.

Quando já tiver saciado sua vontade, deite-se nesta areia e permita que a espuma da água banhe seu corpo. Você sentirá uma suave onda de energia entrando pelos seus pés. Deixe que ela chegue até seu coração."

As duas mulheres estavam agora deitadas no chão, movendo braços e pernas como se abraçassem a areia. E, aos poucos, seus corações passaram a bater no mesmo compasso e elas viam a mesma coisa... Nasta não mais precisava ler. A visão lhes chegava, clara e límpida.

"Você verá, então, um grande homem saindo do mar. Ele é extremamente forte e tem nas mãos um enorme tridente. Peixes o acompanham, e na sua barba e cabelos algas se alojam.

Ele lhe perguntará o que você quer. Diga."

6. — Então foi isso que aconteceu — falou Bianca, depois que lhe contei a história de meu computador e dos contos. — Você é meu escritor. Foi por sua causa que o íncubo apareceu.

— Bem, não tenho tanta certeza. Pode ser até o contrário, entende? O jornal tinha a notícia, me veio a idéia... Vai ver o demônio do computador sabia que você ia mesmo ficar com o íncubo... E, aí, só me fez escrever as coisas, sei lá, pra me

assustar. Pra te encontrar, Bianca. Pra eu saber que estas coisas acontecem...

O tempo todo ela me olhava com uma cara estranha. *Cínica*. Um riso irônico, de quem não estava acreditando nada em mim, brincava em seus lábios. Tinha se enrodilhado no sofá, agora sentava com ambas as pernas sob o corpo, pernas cruzadas. Os joelhos pálidos e redondos atraíam meus olhos, quer eu quisesse, quer não.

Bianca soltou o rabo-de-cavalo, aquele seu farto cabelo castanho caiu pelos ombros. Era mais bonita daquele jeito. Lembrava uma felina, uma gata que preparava um bote. Passou a língua pelos lábios e me olhou. Por muito tempo, de baixo pra cima, ela me olhou. Temi que Bianca estivesse também meio pirada, como Paulo. Que fosse me botar pra fora dali, me chamando de mentiroso. Ou que me batesse. O que menos poderia imaginar é que tivesse *outras intenções* a meu respeito...

— Quer dizer que você sabe de tudo... De tudo mesmo que aconteceu? De noite, com o íncubo, naquela cama?

Fiquei vermelho pra caramba.

— É. Eu sei, né... Bom. Eu também escrevi aquilo, no começo. Depois, você e o íncubo, vocês fizeram as coisas sozinhos...

Ela riu alto. Descruzou as pernas e esticou-as. O chinelo dançou na ponta de um dos pés e caiu no chão.

— E você não gostou do que a gente fez? Quer dizer, você inventou umas coisas, mas, e daí? Você...

Ela também ficou corada. No seu rosto branco, o rubor formava duas marcas bem redondas e rosadas.

Eu sentia que o calor tomava conta de tudo: incendiava debaixo dos braços, umedecia minha testa, queimava o estômago e o sexo... E fiquei ainda mais esquisito quando ela falou:

— Bem que eu gostaria de saber, Tadeu, como é fazer amor com um homem. Só conheci o diabo. O íncubo.

Engoli em seco. E me levantei.

Ela também levantou. Era mais alta que eu, mesmo de chinelos. Via suas narinas abrindo/fechando, uma respiração mais forte, excitada. Sua boca grossa estava úmida e seus dentes eram brancos, levemente pontudos...

E seu cheiro era *bom*. Ah, como seu cheiro era bom! Cheiro de mulher, de carne feminina, braços redondos, rosado no rosto, no colo... A blusinha fina não tapava os bicos duros de seus seios, e eu quase os sentia esfregando-se no meu peito...

Eu olhei bem para ela, para seu olhos brilhantes...

E que íncubo, que nada! Me atirei na sua boca e colei lábio com lábio, um sabor de mel, de chiclete, de saliva gelada.

7. — Queremos, ó Netuno, a paz para nossa família e entes queridos. Queremos a destruição do íncubo, ou sua partida. Queremos que Bianca não seja mais assombrada pelo íncubo. Queremos que Tadeu não tenha mais o demônio morando no seu computador. E, se eles se recusarem a partir, ó Netuno, queremos que seus poderes diminuam tanto, que eles possam ser atingidos por nossos outros feitiços.

Nasta disse isso, em seu tom solene e voz pausada. Albertina usou outras palavras, mais simples. Mas também pedia a destruição do íncubo — ou, pelo menos, a sua vulnerabilidade.

Netuno olhava para elas, pairando acima das ondas daquele mar escuro. Estava cercado por infinitos peixinhos prateados, enfeites marinhos para um grande deus. Ele fechou os olhos por um instante. Colocou a mão no mar e tirou de lá uma ostra. Passou-a para uma tartaruga, que a segurou na boca e nadou até a praia. Nasta ajoelhou-se e pegou delicadamente a ostra. Sentiu a presença de Netuno pulsando ali dentro.

Abriram os olhos.

O cheiro de abóbora assada era forte e dominava a cozinha.

Nem Nasta nem Albertina disseram palavra: uma foi colocar a ostra num saco de seda verde e o guardou sob a blusa, perto do coração. A outra rapidamente espalhou óleo de patchuli na mesa, por cima de uma toalha cinza. Colocou também conchas e pétalas de rosas entre os pratos.

Nasta tirou a dourada torta do forno e a colocou na mesa. Albertina acendeu velas azuis e incenso de benjoim.

O feitiço se encerraria depois que comessem toda a torta.

25

"O VELHO DIÁLOGO DE ADÃO E EVA"

1. Era uma responsabilidade. Aquela garota havia trepado com o diabo! Qualquer comparação comigo seria uma covardia.

Pensei nisso, enquanto beijava Bianca. Um *flash* de medo, de insegurança... Memória breve de outras bocas e outras mulheres e atos. Fechei os lábios por um instante...

Por muito pouco tempo. Bianca sabia se impor, grudava o corpo ao meu, esfregando suas coxas entre minhas pernas... e puxava minhas costas, me fazia ir inteiro colar o corpo ao dela. Não me deixava muito tempo pra pensar ou ficar comparando: era olho no olho e seu olhar era assim, meio de louca, olho de febre.

Pequenos e doidos prazeres: sentia sua boca passeando pelo meu pescoço, queixo e orelha, os dentes em mordidas discretas e arrepiantes... Enquanto isso, ela empurrou minha mão por sobre seu seio, macio e duro ao mesmo tempo. Eu mexia ali, rodava os dedos por sobre o bico, uma carne pequena, um caroço que ligou algum botão do prazer em seu corpo, porque a moça começou a gemer e a gritar, colocan-

do a cabeça bem pra trás, e ela foi descendo meu rosto e boca pelos seus seios...

Parecia uma dança pela sala: arrancamos as roupas com pressa, de qualquer jeito. Bianca foi muito rápida em arrancar a miniblusa e mostrar os seios tão brancos. Eu desabotoei a camisa e arranquei um botão. Bianca se agarrou em meus cabelos, me despenteou todo. Mordi levemente sua orelha...

Enquanto ensaiávamos nossos passos, Bianca engatou-se em meus quadris. Acho que era um gesto que ela devia fazer com o demônio, um modo selvagem de eles começarem o ato, talvez eu tivesse lido sobre isso... Mas o íncubo era forte, e eu era menor que ela. Agarrei como pude a sua bunda. Tentei ajeitar o peso todo na perna esquerda. Me concentrei em seguir com ela no colo até o sofá.

Bianca não percebeu que eu perdia o equilíbrio. Continuava de olhos fechados, mordendo minha orelha, e eu perigosamente senti que não conseguiria segurá-la por muito tempo.

— Vem, vem! — ela gritou.

— Vem como? — eu gemi.

Lembrei por um instante da briga com Edilene, e de Edilene lembrei de queda, e da queda achei que era vergonha de mais eu não conseguir segurar uma mulher... tentei jogá-la sobre o sofá. Escorreguei no seu chinelo, largado pelo tapete. Ela abriu os olhos. Agarrei com força sua bunda...

Caímos violentamente no chão. Ainda bati com o ombro no sofá, e Bianca derrubou um vaso com a ponta do pé, antes de desbundar-se toda. Ela abriu bem os olhos. Eu encarei seu rosto, seu corpo. Bianca estava sem a blusa, o *short* desabotoado. Minha camisa voara longe, eu estava de calças arriadas. Dolorido...

No corpo e na alma. Para desgraça da minha hombridade, o pênis estava vergonhosamente murcho.

Bianca olhou de mim pra *ele*. Pela sala, em volta de nós, o vaso quebrado, as roupas largadas...

E riu.

Maravilhosamente, ela riu.

— Isso nunca aconteceria com Ele — ela falou. E falou de um jeito *feliz*. Por um instante fiquei triste, Bianca segurou com força no meu queixo, quase machucou. Olhou bem dentro de meus olhos: — Tadeu, isto é ótimo! É sexo de verdade. É brincadeira. É bom. A gente pode tentar depois...

E eu também ri. Alívio. Era tão bom como se já tivesse mesmo gozado. Era *ridículo*, mas talvez mais ridículo mesmo fossem aquelas fantasias solenes e pomposas, em que imaginava sexo com mulheres de cara de fotografia, e batia punheta me imaginando um herói ou guerreiro... Talvez o ridículo, para Bianca, fossem suas noites com o íncubo, seu prazer misturado com dor e sobrenatural... O nosso ato interrompido parecia, assim, tão curiosamente gostoso porque era uma queda grotesca, mas era um gesto *bom*. *Real*.

Toquei no seu seio, como se lhe desse um beliscão. Ela fez cócegas no meu pau. E rimos, de novo. Olhos tão brilhantes. Alisando nossas manchas roxas.

Um ajudando o outro, nos levantamos. Vestimos mais ou menos nossas roupas. Sentamos cada um numa ponta do sofá. Sorrindo. Como se nos conhecêssemos há anos. Esperando o tesão crescer. Discretamente, um toque aqui, um gesto ali. Alisar a pele de sua mão, muito devagar. Ver sua língua passar lentamente sobre o lábio, num beijo mandado de longe...

Eu acariciava sua nuca, levantando bem alto os cabelos curtos da nuca, e depois assoprava sobre aquela pele fininha dali. Ela respondia com um beijo molhado, saliva gelada em saliva gelada, gosto bom na boca.

Quando recomeçamos o velho diálogo de Adão e Eva, fizemos isso sobre o tapete. Com toda a firmeza do chão sob nossos corpos. E não tínhamos mais pressa. Quisemos nos olhar em detalhes, nos tocar em profunda e suave comunhão.

O ato foi longo. Foi bom. Demorei pra gozar. Ela gozou comigo. E descobri que podia facilmente me apaixonar por um personagem assim.

2. A cama movia-se como se fosse um coração pulsando. *Ele* captava os sons e movimentos do andar de baixo. *Ele* — se tivesse corpo e coração — estaria agitado e nervoso, planejando vinganças. E seguramente, se tivesse pernas, teria corrido para a sala e espancado os dois imundos com toda a sua força diabólica...

Mas não podia se mover. Não podia sair de entre os panos e lençóis da cama. Sabia que de dia seus poderes arrefeciam e sabia que reunia forças para as noites. Mas nunca estivera tão fraco. Algum longínquo malefício chegava a seu ser, captava desejos se contrapondo a ele. Percebia que, se Bianca ou o macho que a servia se aproximassem da cama, poderia agir... mas não tinha energia suficiente para atraí-los ao andar de cima.

Sentiu quando Bianca riu. Quase ficou feliz — se é que íncubos conhecem tal sentimento — quando percebeu que o macho fracassara na sua virilidade. Mas, depois, captou também a alegria de Bianca. O clima erótico entre os dois jovens, o modo lento e intenso com que concretizaram o ato.

A menina não era mais apenas dele. O poder que mantinha sobre ela havia-se rompido. E vindo de longe, outra cidade, ele podia captar a magia da realização, planejada por duas feiticeiras. Enviada para ele, com todos os sortilégios.

Era uma da tarde. Para o íncubo, momento de espera. De longa espera, talvez. Mas seres do Além não têm noção de tempo. Ao menos, não como os mortais.

O íncubo recolheu-se entre os panos da cama. Leve estremecimento sob os lençóis. Haveria tempo. Haveria a noite.

E, sempre, poderia atrair o macho ou a fêmea para deitar-se na cama do amor.

Era só ter paciência. A infinita paciência dos demônios.

3. — Estou com fome — falou Bianca, finalmente.

Levantamos do chão. Estendi minha mão para ela, Bianca aceitou. Depois, ergueu bem os braços, movendo o cabelão para cima. Espreguiçou-se. Linda e branca.

— Vamos ver o que a gente acha na cozinha.

E foi andando pela casa, nua. A cor da pele de sua bunda e de suas costas quase não diferia; toda ela era de um tom rosado suave.

Eu sabia que o íncubo fora sua primeira vez. Sabia como eles faziam amor. Sabia sobre tudo que ela havia sentido com ele e o que havia passado, de bom e mau, *com Ele*... E era doido, estranhamente excitante e louco, ver sua naturalidade diante de mim, um *outro* homem. Sua nudez tranqüila. Não ficava com vergonha? Eu era um homem estranho. A gente mal se conhecia. Por quê? Por que se oferecer assim, ficar tão feliz?

Anos depois, ela me disse. Me disse que, do modo como odiava o íncubo e do jeito que queria livrar-se dele, naqueles dias, seria capaz de se entregar a qualquer um. Se tivesse certeza de que o carteiro ou o mendigo não seria morto pelo demônio, ela se entregaria a um deles. Qualquer um — desde que humano e mortal. Desde que também não tão mortal assim — a ponto de virar vítima do íncubo.

Naquela tarde, não saberia desses motivos. Eu estava fascinado, surpreso diante de seus outros pequenos gestos... Ainda a vi enfiando os pés nos chinelos e seguindo bamboleante pelo corredor, até a cozinha nos fundos. Eu fui atrás, meio que cobrindo meu sexo com as mãos, olhando para suas nádegas, o cabelo castanho descendo até o meio das costas, o inusitado dos chinelos nos pés... Bianca alcançou uma fruta na cristaleira, deu uma dentada decidida em sua polpa. Abriu a geladeira com rapidez, eu a via iluminada pela luz do aparelho. Seu rosto sério, investigando aqui e ali uma prateleira. E nua. Nua, nua! Naturalmente nua, deusa, personagem, mulher.

Sentei à mesa o mais encolhido possível, usando a toalha como roupa, apertando as coxas e prazerosamente olhando o espetáculo de uma mulher nua colocando comidas sobre a mesa, abrindo garrafa de refrigerante, indo e

vindo do armário à mesa, colocando pratos e copos para a nossa refeição.

Num certo instante, ela reparou em meu rosto. Sorriu.

— O que foi? Não está com fome?

O que podia dizer? Desviei o olhar de seu rosto. Tranquei os lábios. Vontade de chorar. Comovido até a morte, por estar, assim, dividindo com uma mulher nua seu cotidiano da casa. Era como se pela primeira vez sentisse que uma *outra* vida era possível, *outra* forma de existir... que eu não precisava mais ser aquele Tadeu complexado e neurótico, mas poderia viver muito bem como amante de uma mulher que caminhava nua pela cozinha e fazia amor com a mais intensa das devoções.

— Estou. Estou com fome, sim — e completei, muito sério: — Eu te amo, Bianca.

Ela riu, alto. Seus dentes brancos e levemente pontudos se destacaram nos lábios:

— Não acha que é um pouco cedo pra dizer isso?

— Eu te amo, te amo. Não é cedo demais. Nunca vai ser cedo demais. Te amo, te amo, te amo. Repito cem, mil vezes. Grito pra Lua! — Coloquei as mãos em concha diante da boca, gritei: — EU TE AMO, BIANCA! Vem cá.

Puxei seu corpo e a beijei. Só um beijo de lábios suaves. Nada erótico, por mais estranho que isso pudesse parecer. Homem e mulher nus, depois do sexo, beijando-se com tanta ternura. Ela compreendeu. Aceitou o beijo. Depois afastou o corpo. Foi procurar guardanapos no armário.

4. Nasta e Albertina despediram-se na rodoviária como velhas amigas. Beijaram-se no rosto e falavam baixo, como duas senhoras que trocam receitas e enviam lembranças para parentes.

— Procure o sapo. Sua mãe deve ter múmias de sapo num dos potes da cozinha — falou Nasta.

Albertina acenou afirmativamente. Na verdade, nem imaginava onde a mãe poderia guardar tais coisas... Mas o tempo todo preferira sugerir para Nasta que conhecia os feitiços de Anacleta.

— A melhor hora é a de Saturno — completou Nasta. — Uma da manhã.

— Ocê vai encontrar Bianca, né? — perguntou Albertina.

A outra moveu o rosto num "sim", a mulher completou:

— Fala que eu... que eu tô ajudando. Não tenho mágoa, não.

— A gente tem de fazer o melhor que puder. Boa sorte, Albertina.

— Pr'ocês também.

Despediram-se.

Nasta entrou no ônibus, acomodou-se no banco da janela. Ficou vendo o vulto de Albertina afastar-se pelos corredores empoeirados da rodoviária de São Carlos do Arraial. Sabia que bruxas não mentem: a tia ia fazer o possível para ajudar a sobrinha, no seu feitiço a distância e à hora combinada.

Albertina parou em frente da saída dos ônibus. Esperou que o veículo partisse. Ficou longamente acenando para Nasta, que retribuiu o gesto.

Simpatizaram-se mutuamente.

Nem uma nem outra, naquela tarde, poderia imaginar que era a última vez que se veriam. Pelo menos, numa ocasião em que ambas estivessem vivas.

5. — Meu pai é que era da família das bruxas. Mas bruxa mesmo, na minha casa, era mamãe — falou Bianca depois do almoço, mordiscando uma maçã de sobremesa.

Já nos havíamos vestido e estávamos na sala, nos sofás.

— Ela não gostava da sua tia, não é? — perguntei.

— Ela detestava todo o mundo — Bianca encarava pensativamente a fruta, procurando no cotoco o que ainda pudesse morder. — Minha avó, minha tia, meu pai. A humani-

dade. Eu lembro, sabe. Eu era bem pequena, mas sempre lembro dela falando da herança. De que tudo na vida da gente estava uma merda, e só ia ficar bom quando viesse a herança.

Bianca limpou um resto de maçã no queixo, olhou em volta de si. Estava largada em horizontal no sofá. Na ponta do pé, o chinelo balançava-se.

— É até engraçado... Meu avô morreu quando eu nem havia nascido. E minha mãe, a vida toda, esperou que vó Anacleta morresse também. Ela era a dona da grana. E nunca que vinha o dinheiro... Sabe que mamãe ia em supermercado comigo e abria pacote de salgadinho, batata? Falava pra eu comer depressa. Que a gente tinha direito... Tinha o direito de viver bem. Se faltava grana, era culpa do papai. Da vovó. E já que faltava grana, e gente como a gente nunca devia viver sem grana, então era certo pegar o que quisesse. Não é maluco, isso?

Bianca olhava fixo para a maçã. E ia falando:

— E eu abria pacote em mercado, roubava doce... Claro, era criança! Lembro de uma vez que um gerente passou bronca nela, a gente saiu do mercado debaixo de vaia... tanta coisa. Tanta coisa, Tadeu, que eu não entendia direito. Eu ouvia, ouvia... as histórias dela. E ela esperando a herança...

Bianca atirou longe o cotoco da maçã. Por um triz não acertou no cinzeiro-pedestal, ao pé da escada. Olhou em volta de si, falou:

— Ela odiava esta casa. Queria mudar daqui. Disse que de fevereiro não passava. Outro bairro, apartamento grande... E agora morreu. Nunca mais vai mudar.

Só aí Bianca me encarou. Um sorriso parado nos lábios úmidos. Achei que aquilo era uma dica, que ela falava de morte e quase me pedia uma daquelas frasezinhas idiotas que a gente diz, pra consolar os outros:

— Que pena, não é? Eles morrerem assim...

— Você acha? — ela abriu mais o sorriso.

Não respondi. Tinha falado besteira? Bianca se ajeitou no sofá, colocou os braços como travesseiro sob a cabeça:

— Sei lá se tenho pena deles morrerem... Se eu gostava de alguém, acho que era do papai. Mas ele era tão bobão, tão dominado por mamãe... Fez muita besteira na vida, perdeu dinheiro, brigou com a titia. Quando eles morreram, me senti sozinha pra caramba. Ainda mais quando a tia ligou, falou do acidente. Tenho saudade mesmo é daquele peste do Fabinho. Todos estes dias, eu queria ir lá, ficar com ele no hospital... Mas da minha mãe, do papai, saudade *mesmo*, eu não sinto. Não queria que eles morressem. Mas, já que morreram, eu não fico aqui, sofreeeeeendo. Parece ruim isso, Tadeu? Você acha que eu também sou bruxa, e por isso eu sinto as coisas deste jeito?

O que eu podia dizer? Parecia *estranho*. Bianca falava de morte e de parentes sem apresentar discursinhos decorados. E num instante lembrei que eu também estava com a mãe morrendo e nem sabia dela, e nem poderia dizer que eu também me pegava sofrendo daquele jeito que a gente vê nas novelas de tevê. Como podia dizer a ela se era normal ou não se sentir assim quando parentes morrem? Será que o sofrimento tem de ter um roteiro especial, como se o *certo* fosse sofrer desse ou daquele jeito, e se a gente sente diferente a gente não é normal?

Lembrei por um instante de *O estrangeiro*, de Albert Camus. Um de meus livros favoritos. O jeito de o personagem falar da mãe morta pra polícia, falar sem caras e bocas de dor... E, por isso, ele acabou acusado de outro crime. Ele *tinha* de ser culpado, já que não sofria como mandava o figurino... Tanta coisa mais eu poderia contar a ela sobre o Camus. Sobre meus livros. Sobre ser sozinho e agora não ser mais, com ela. Mas não falei. Tinha sono.

Olhei bem pra ela. Também me deitei, no outro sofá, imitando seu gesto relaxado. Sorri pra ela, sem responder.

— Dá mais um vazio... não é, Bianca? Um vazio...

6. A cama se moveu. Quase que *suspirou*, num movimento de erguer e abaixar lençóis e colchão, quando sentiu os passos na escada. Pela rapidez, pelo som repetido de chinelos batendo nos tornozelos, sabia que era Bianca...

Bianca passou direto pela porta do quarto. Foi ao banheiro, trancou-se. Ruído de água do chuveiro. Outro som, vindo do andar de baixo. Passos e tosse, um assobio fino de rapaz que espera...

A cama esperava. O íncubo reunia forças, aguardava a saída de Bianca. *Vem, menina. Vem...* sussurros que saíam dos panos e feitiços da cama.

Afinal, barulho de água parando. Outros passos, pelo corredor...

Bianca surgiu à porta do quarto. Nua. Parou ainda ali por um instante mais longo, olhou para os lados. Fazia alguns dias que fugia de seu próprio quarto, preferia dormir na sala. Viu que as persianas continuavam cerradas, e que a claridade diminuía. Quase seis da tarde. Logo chegava a noite, e era de noite que *Ele* ficava mais poderoso...

Olhou de relance para a cama. Tentadora, a cama sussurrou mais, moveu lençóis e cortinas, agitou-se como se usasse braços de panos para atrair a moça...

Vem, Bianca, vem...

Bianca desviou os olhos, olhou depressa para seu próprio vulto no reflexo do espelho. Para o reflexo da cama que se movia, um navio ameaçando lançar âncoras... bastava deitar-se ali. Bastava isso — *Isso, isso, isso*, sussurrava a cama — para receber aqueles carinhos de pano e se deixar afundar e se deixar levar e era bom... Tinha sido bom, não? Por tantas noites... *Noites, noites...*

Finalmente, Bianca entrou no quarto. Foi direto ao armário, pegou calcinha e blusa, vestiu-se depressa. Catou um vestido florido e uma blusa de lã, sapatos.

Todo esse tempo, a cama continuava movendo-se em espasmos, gestos de subir e descer, insinuando-se em movimentos ritmados... *Vem, vem...*

Bianca fechou os olhos por um instante, cerrou os lábios com força. Vestiu o segundo pé do sapato, tinha lágrimas nos olhos

e uma mistura de sentimentos: misto de traição e raiva, despedida e decisão. Se um dia tinha amado aquele ser, aquele que ali se escondia, era por esse dia que ela não pedia para Tadeu botar fogo na cama naquele minuto mesmo.

Vem, vem...

Bianca saiu tão depressa que bateu a porta do quarto. No andar de baixo, Tadeu ouviu a pancada e começou a subir a escada, depressa:

— O que foi, Bianca? Ele fez alguma coisa?

— Nada, nada... Vamos embora, vamos. Depressa.

O íncubo desacelerou seus movimentos. Encolheu-se, retornou aos lençóis... E soube esperar pela noite que logo chegaria.

26

HALLOWEEN EM JANEIRO

1. O sorriso com que Nasta nos recebeu, à porta de seu apartamento, não poderia ser mais sacana. Ela pôde *ler* por dentro da gente, com tanta facilidade como se tivéssemos a frase "TREPAMOS" escrita na testa.

— Entrem, entrem... Estava preocupada. Liguei para sua casa, Bianca, tantas vezes...

Nem havia lembrado de telefonar! Falei com Nasta me sentindo culpado, fiquei enrolando desculpas e gaguejando. Havíamos andado pelos bairros, seguimos até o ponto final do ônibus, antes de ir para lá... Era bom ficarmos sozinhos. Era bom esquecermos do íncubo, do demônio e de perigos.

Nasta me ouviu sem ouvir: ela parecia encantada com Bianca. Sorria sempre, tocava no seu braço, mostrava coisas no apartamento e a fez sentar bem do seu lado.

— Bianca, Bianca... quantos sonhos seus eu recebi. Você é poderosa. Se quiser, pode ter um futuro bom.

— Como bruxa, a senhora quer dizer? — falou Bianca, séria.

— Talvez. Você poderia ser uma boa bruxa.

— Uma bruxa *boa*? — ironia em sua voz. Bianca tinha cruzado as pernas e movia o pé de lado a outro. — Existem bruxas boas, será?

— Claro que sim — Nasta parecia disposta a levar a conversa com bom humor. — Nem todas as bruxas são malvadas. Eu não sou. Nem a sua tia. Ela... ela mandou um recado pra você, Bianca.

Bianca ficou quieta. Alisou o cabelo, mordeu os lábios.

— Ela avisou que não guarda mágoa. Que lhe perdoa.

Nesse momento, Bianca estapeou a própria perna. Ergueu o tom de voz:

— Perdoa? Como assim, ela me perdoa? Aquela maluca não me avisou de nada! Ela me deixou levar a cama e eu me ferrei toda com o íncubo... E, agora, ela...

Nasta levantou a mão. Um gesto imperativo. Bianca calou-se. A velhota prosseguiu, tom muito baixo de voz:

— Bianca, você fez o que você quis. Você não pediu ajuda nem conselhos. Você deve ter imaginado que era fácil ficar com o íncubo. E a sua tia, bem, Albertina também não podia imaginar o futuro. Ninguém sabia que o íncubo... que ele ia se revelar tão maldoso. Com a sua avó, ele era comportado.

Bianca estava incomodada com aquela conversa. Tinha-se afastado de Nasta no sofá, olhava para o cuco e não a encarava, nem a mim. Eu me senti mal. Dividido: gostava muito de Nasta, mas amava Bianca. Se pudesse protegê-la, poupá-la... Afinal, a velhota percebeu que não era hora de insistir e voltou-se para mim:

— Preciso saber de tudo, Tadeu. Dessa sua louca aventura com o computador do seu amigo...

— Não era bem meu amigo — respondi. — E depois que explodi o computador dele é que não vai *ser, mesmo.*

Nasta riu. Bianca esboçou um sorriso e o clima descontraiu um pouco. Comecei então a detalhar a visita ao Aristarco;

omiti detalhes da minha luta e de como o havia amarrado. Citei as frases que me pareceram familiares, naquela escrita doida do computador. Elas ouviram atentas, não interromperam. Bianca estremeceu levemente, quando ficou sabendo do seu nome associado a "*nevermore*".

— "O corvo"... — disse Nasta, puxando um cigarro do maço e demorando-se a acendê-lo. — Curioso o íncubo lembrar de um poema.

— Eu também achei — falei.

— Muito curioso... — completou Nasta, finalmente acionando o isqueiro de mesa e aproximando o cigarro da chama azulada.

2. Sala escura. Quem ali estivesse, não se preocupara em ligar a luz elétrica, depois que o Sol se pôs. Na tevê, a música indicou o começo da novela. Sobre a mesinha, prateleiras e chão, inúmeros jornais. Datas antigas, de quinze dias ou mais.

Pratos sujos pelo chão, garrafas vazias. Só a tevê fazia barulho. E, discretamente, um ruído de ronco. Afundado na poltrona, Adaílton dormia, boca aberta, curando a ressaca. Dormia havia mais de três horas. Tão pesado, que nem percebera que o dia se fizera noite e a emissora aumentava o som na introdução dos novos programas.

Dormia tão pesado que nem seria acordado por outro ruído — discreto, distante da sala. Vinha dos fundos da casa, do quartinho no quintal. Detrás da porta trancada, debaixo da capa protetora de plástico, um *piiiiiii* fininho indicava computador ligado. E isso aconteceu mesmo com o fio do aparelho fora da tomada. Depois, surgiu o brilho. Na torre, o *display* marcou 20 — número brilhante em luz verde, semelhante a olhos invejosos.

Depois, o teclado começou a vibrar. Teclas se abaixavam, escrevendo palavras. Como se dedos invisíveis pousassem ali, digitando coisas. Na tela, palavras miúdas começaram a surgir, a correr...

Pareciam insetos. Minúsculas palavras escritas em corpo 5, lotando tudo:

PAGE DOWN/PAGE DOWN/PAGE DOWN...

3. Jantamos com calma, falando sobre coisas corriqueiras. Nasta e Bianca tinham afinal se ajeitado. Eu estava feliz: me comportava como se tivesse levado a namorada à casa de mamãe, e ela tivesse aprovado a garota. Verdade que nosso maior assunto — o íncubo e a facilidade com que ele nos havia deixado partir — não fora citado nem uma vez.

Haveria muito, muito tempo naquela noite, para que feitiços e entidades fossem lembrados...

Depois das onze horas, Nasta começou a preparar a sala. A mesa havia sido colocada diante da janela aberta. Uma fina toalha branca a cobria e, sobre ela, objetos bem diversos: faquinhas e colheres, potes de metal, jarras de água e de outros líquidos, um curioso fogareiro com tripé...

Bianca e eu a ajudamos como pudemos, mas a maior parte das coisas a própria Nasta fez questão de ajeitar. Acendia um incenso no outro e defumava todos os cantos da casa.

— Tudo tem de estar perfeito para a hora de Saturno — ela dizia sempre, mais para si do que para nós.

Nasta deixou muitos livros abertos pelo chão e sobre outros móveis.

— Se a gente precisar deles... — ela disse. Bianca xereteou em um, me cutucou e indicou um trecho:

As plantas consagradas a Saturno são comumente as que contêm substâncias narcóticas, que entorpecem. Geralmente não produzem frutos, e o seu gosto é amargo. O odor é muito forte, acre ou ácido. Não dão flores, a forma é rara, o crescimento, lento, e as folhas e galhos são escuros. Quando dão frutos, estes são geralmente negros.

— Hora de Saturno... — falou Bianca, apontando para Nasta e seus vários potinhos colocados sobre a mesa.

Afinal, à meia-noite, Nasta se deu por satisfeita com a arrumação da mesa. Puxou duas outras cadeiras, pediu que eu e Bianca ficássemos a seu lado.

— Nesta hora final, precisamos estar calmos. Prevenidos. Sua tia também está ajeitando as coisas, Bianca... precisamos manter a mente limpa, receptiva. Quando o cuco bater uma da manhã, começa a hora de Saturno. E nós poderemos terminar nosso pedido a Netuno...

Nasta tirou do meio de suas roupas um saquinho de pano verde. Pousou-o no centro da mesa, incensou-o com carinho. E ficamos ali sentados. Em absoluto silêncio, cada um com seus pensamentos...

4. Desde o começo da noite a cozinha da velha Anacleta estava pronta para feitiços. Albertina tinha arrumado as coisas do jeito que Nasta lhe explicara: ramos de arruda e alecrim pendurados pelas paredes, incensos de benjoim ardendo nos quatro cantos do lugar, cristais azuis atrás da porta e abaixo das janelas.

Mas Albertina achava que era pouco. Tinha ouvido Nasta com atenção e cumprira suas ordens; mas também ficara com vergonha de revelar que a mãe pouco dividia seus feitiços com a filha. Nasta lhe afirmara com tanta certeza que Anacleta deveria ter múmias de sapo ou ervas venenosas em seus potinhos... Albertina já havia revirado estantes e aberto todas as gavetas, e apenas encontrara livros amarelados e produtos comuns da Natureza.

Os feitiços que Albertina encontrava eram aqueles que Anacleta deixara registrados em português ou em espanhol nos livros, na sua letra redonda — e obviamente eram feitiços do bem. Se havia outros, em códigos estranhos talvez, a velha espanhola os trancara de tal modo que a filha não conseguia achá-los.

Aqueles a que Albertina tivera acesso pareciam-lhe simpáticos e decepcionantes. Vinham com nomes como Biscoitos Melados da Bruxa, Sopa de Beterraba Fantástica ou Pão de Frutas dos Gnomos. Eram indicados como filtro de amor, dádiva da conciliação ou poção da sorte — e, de certa forma, mais pareciam receitas culinárias do que feitiços.

Nada muito adequado para se livrar de demônios ou se proteger de sua ira...

Apenas à meia-noite Albertina se decidiu por um feitiço contra vibrações negativas. Na verdade, eram bolinhos de abobrinha, que mais alimentaram seu estômago do que lhe trouxeram efetiva sensação de proteção... Foi uma decepcionada e solitária Albertina que os comeu, sentada em meio à cozinha, torcendo para que de certa forma sua concentração ajudasse a amiga distante.

5. Adaílton saiu do banheiro. Teve de se enxugar com a toalha úmida da véspera, que ele havia largado pelo chão. Enrolou-a na cintura, revirou gavetas no quarto... A ausência de mulher na casa o incomodava mais do que imaginara. Marga tinha mandado telegrama, telefonado pra vizinha... com sua mãe à morte, ela retardava o retorno.

— Mulher de merda — resmungou ele, depois de conferir que todas as cuecas estavam usadas.

Acabou optando por uma bermuda *jeans* e uma camiseta escura; disfarçavam a sujeira.

Estava irritado. Tinha dormido mais do que pretendia: era mais de meia-noite, o bar costumeiro já estava fechado.

O jeito era beber sozinho e Adaílton não gostava disso. Queria ouvintes, o clima cordial do boteco. Desde a morte de Edilene e da viagem da esposa, aquele era seu segundo lar — às vezes, o primeiro. Passar a noite em casa era ter coisas para arrumar, ninguém com quem falar e muito no que pensar. Nenhum desses hábitos seus.

Na cozinha, procurou primeiro o que comer. Não era do tipo faminto: um pedaço de pão, um naco de mortadela, tomate com sal, transformavam-se numa boa refeição. Tirou a garrafa nova de pinga, lacrada, de sob a pia. Abriu-a com cuidado.

Foi quando ouviu o ruído. Tão fino, discreto. O zumbido esticado da impressora, indo e vindo em papel. Enquanto ele estava na sala, com portas fechadas, não reparara em sons. Agora, ouvia. Eram as *coisas* do Tadeu. No quartinho dos fundos.

— Tetéu de merda! — falou Adaílton, feliz. — Vortou, desgraçado...

Era um prêmio especial para uma noite que parecia idiota. Ah, se ele topasse com o cunhado! Quantas noites e dias não imaginou o que faria com ele: como ia socar Tadeu, como o jogaria pela mesma janela de onde o desgraçado espetara Edilene...

A vontade de que Tadeu voltasse era tão grande, que Adaílton ficou em dúvida. Estava mesmo ouvindo coisas? Era Tetéu? Ele teria coragem de voltar pra casa?

Foi até a porta da cozinha. Olhou pelo buraco da fechadura antes de abri-la e seguir para o quintal. No quarto dos fundos a luz não havia sido acesa. Mas, pela luzinha fraca que vinha do computador, percebia-se que alguém estava ali... Alguém com medo, copiando papéis no escuro, sem desejar ser visto...

— Tetéu me paga — falou Adaílton.

E, cheio de alegria, procurou por uma faca. Destampou depressa a garrafa de pinga, tomou dois bons goles. Arrepiou, cuspiu no chão.

Abriu devagar a trinca da porta da cozinha. Ainda voltou ligeiro para pegar a chave do quartinho — afinal, Tadeu tinha sua

chave e poderia ter-se trancado por dentro. No quintal, o ruído da impressora ficava mais nítido...

Adaílton olhou à sua volta. Para casas vizinhas, para o céu... Nuvens pesadas cobrindo a Lua. De um lado, o terreno baldio estendia-se em negrume. De outro, casa de vizinhos que dormiam cedo, luzes apagadas. Um cachorro latiu a distância e um caminhão passou por longínqua avenida. Tudo em paz. Tetéu era dele.

Tentou mover a maçaneta. Para sua surpresa, a porta abriu sem problemas. Adaílton recuou um passo: e se fosse armadilha? Se o Tadeu estivesse ali, esperando por ele, quem sabe com outra faca e a mesma vontade de matar?

— Tetéu? É Adaílton. Vamo conversar, Tetéu. Ocê tá aí?

Só a impressora fazia barulho. Ia e vinha no papel, depressa e sempre... O quarto escuro. Adaílton forçou a vista... Podia estar enganado, mas o quartinho parecia vazio de gente.

— Óxi... — deu outro passo. — Este bosta ligou a tralha e foi embora...

Tomou coragem, acendeu a luz. Conhecia pouco de equipamentos em geral; menos ainda de computadores. Mas sabia que o fio de qualquer aparelho elétrico carece de ser ligado à tomada, e o fio estava ali no chão, longe da parede e da energia...

Adaílton não teve muito tempo para pensar nesse enigma. Havia outros, mais estranhos ainda... A tela do computador registrava linha após linha uma mesma série de palavras, sem parar. Da impressora saíam folhas de papel contínuo que forravam o chão.

Adaílton pegou uma das folhas, outra, olhou na tela que não parava...

DrugdruhAhrimanAngruMainyuAhuraMazdaAhuraMazdaAngruMainyuAhrimandruhDrugDrugdruhAhrimanAngruMainyuAhuraMazdaAhuraMazdaAngruM

E depois aquelas mesmas palavras, repetidas em tamanho maior...

DrugdruhAhrimanAngruMainyuAhuraMazdaAhura MazdaAngruMainyuAhrimandruhDrugDrugdruhAhri manAngruMainyuAhuraMazdaAhuraMazdaAngruMainyu

e maiores...

DrugdruhAhrimanAngruMa inyuAhuraMazdaAhuraMazd

Adaílton confundiu-se com tanto papel contínuo largado pelo chão. Coçou a cabeça, ficou olhando... Nem poderia adivinhar, mesmo se quisesse. Aquilo era um *mantra*, um chamamento. A resposta diabólica para o trabalho de bruxas. Ruído repetido, monótono, *invocando demônios*...

Na tela, as palavras aumentaram ainda mais:

DrugdruhAhriman AngruMainyuAhu raMazdaAhuraMa zdaAngruMainyuA

Repetição. Palavras na tela e no papel. A impressora corria em louca agonia... Nomes de demônios, antigos demônios dos tempos dos vedas, dos assírios, aquemênios. Adaílton largou a faca de lado...

— O que o Tetéu de merda tá fazeno? Diabo...

E tocou na torre. Nesse instante, nesse preciso instante, a luz verde do painel aumentou, zuniu... Foi subindo pelo braço de Adaílton e penetrando por ele através das unhas, esverdeando

por dentro e por fora o corpo de Adaílton, deixando-o com um brilho artificial de luz mecânica. Adaílton nem teve tempo de gemer, mesmo porque não sentia dor. Sentia só o ardor frio da luz penetrando por pele, ossos, sangue...

E quando Adaílton tirou a mão do computador... E, quando ele foi alcançar a faca e sentou na cadeira, não tinha mais necessidade de álcool. Nem dúvidas quanto à chegada de Tetéu... ele viria.

E, quando chegasse, ia encontrar bem mais que um computador sibilante ou um parente embriagado.

Ele estaria esperando por Tadeu.

6. Uma hora. O cuco saiu da casinha do relógio uma única vez. Nasta imediatamente segurou o saquinho verde. Abriu-o de olhos fechados e falava muito baixo uma cantilena repetida:

— Ajude-nos a saber, dai-nos os nomes, os nomes dos seres do Mal, aqueles que queremos punir, dai-nos os nomes, os nomes... ajude-nos a saber seus nomes, os seres a combater, os seres... dai-nos seus nomes, seus nomes...

Enquanto dizia isso, me passou o incenso perfumado.

De dentro do saquinho verde, Nasta tirou uma ostra fechada. Alcançou um estilete e abriu-a.

Uma ostra morta. Sem o menor vestígio da gosminha habitual das ostras ou de qualquer umidade. Por dentro da casca, uma palavra meio apagada, escrita com fraca tinta azul:

DRUG.

— Drug! — leu Nasta, excitada. — Depressa, pegue aquele livro, Tadeu... aquele ali...

Era um grosso *Dicionário dos deuses e demônios.* Eu procurei em ordem alfabética, como em qualquer dicionário... Li em voz alta.

Drug. Na forma druh, designação de uma classe de demônios que remontam à época védica. Na religião iraniana, o vocábulo foi interpretado como "falsidade" e atribuído a *Ahriman, de quem os demônios se tornaram hipóstases. Vivem em cavernas escuras. A palavra Drug pode também significar simplesmente "demônio da falsidade".

Cada um de nós teve uma reação diferente e instantânea: enquanto eu repetia em voz alta, satisfeito com a definição, "demônio da falsidade, é isso, demônio da falsidade!", Nasta arrancava o dicionário das minhas mãos e começava a ver outros verbetes. Bianca, placidamente, perguntava o que era "hipóstases".

Ahriman (Arimã). Versão no médio persa e no moderno farsi para o nome avéstico Angru Mainyu ("espírito mau"), dado por Zaratustra ao adversário de *Ahura Mazda, o qual contrapõe a todo ato de criação um ato de anticriação. Arimã é a incorporação de todo o mal. Habita um domínio subterrâneo de eterna escuridão, do qual traz para o mundo fumaça e trevas, doença e morte. O animal que o simboliza é a serpente. No final dos tempos, ele se refugiará, impotente, na escuridão. No mitraísmo e o zervanismo, Arimã é venerado como deus; seus rituais incluem o sacrifício dos animais que pertencem simbolicamente aos poderes do mal. Cf. também *Arimanius.

Agora sim, mais confusão. Nasta parecia maluca. Largou o dicionário, abriu outro volume imenso e foi procurando sei lá o quê...

Bianca, depois de perguntar "o que é mitraísmo?", "o que é zervanismo?" e ficar sem respostas, partiu para um dicionário comum. Eu fiquei folheando aquele mesmo *Dicionário dos deuses e demônios* e fui seguindo, de verbete a verbete.

> **Ahura Mazda.** Posteriormente, Ormazd (persa antigo, "senhor da sabedoria"). O nome do único deus verdadeiro admitido por Zaratustra. Foi originalmente concebido como senhor do par de opostos Spenta Maianyu e Angru Mainyu (*Arimã). Nos ensinamentos de Zaratustra, Ahura Mazda torna a luz visível e a utiliza em sua glorificação. Depois, o sol, luz suprema, surge como representação do deus e, no Avesta, o sol e a luz aparecem como seus olhos. Por meio do fogo, Ahura Mazda pode distinguir o bem do mal. Nos selos aquemênios, o deus aparece num anel alado (o sol ou a lua).

— Quer que eu procure "aquemênios"? — ajudou Bianca, lendo sobre meu ombro e folheando o dicionário. — Já achei "zervanismo": é uma seita iraniana, que acreditava que tudo tinha um princípio superior, que geraria todas as coisas. — Ela foi depressa virando as folhas do dicionário, falando: — ALQUIMIA... AMBICIOSO... AQUELE... AQUI. — Me olhou, frustrada: — Não tem AQUEMÊNIO.

— É uma região da antiga Pérsia — informou Nasta, sem desviar os olhos de seu livrão grosso. — Mas isso não tem importância... nada disso tem importância...

Nasta fechou o livro, com força. A pancada fez eco, *pum!* Olhou para nós por cima dos óculos. Suspirou.

— São velhos demônios, essa, a verdade. Velhos demônios que andaram pelo mundo, mudando de nome e de adoradores... Hoje, para nós, seus nomes e transformações pouco importam... Ele é dissimulado. Ele é Drug, ou druh — hipóstase de Arimã. Ou Angru Mainyu.

— Eu procurei "hipóstase" no dicionário — falou Bianca. — Era um troço esquisito de doença...

— Esse é só um dos sentidos, Bianca — advertiu Nasta. — Olhe de novo, se quiser. Mas se refere a SUBSTÂNCIA... Com o tempo, os Drug ou druh se... se incorporaram, se uniram a Arimã, ou a Angru Mainyu.

Tudo parecia estranho demais. Olhei para Bianca, tão confusa quanto eu. E para Nasta. Ela estava um tanto irritada: não sei se com ela mesma, suas dúvidas, ou com nossa ignorância.

— Vocês não perceberam? Ele... o íncubo, o súcubo... a bruxinha que você tanto defendia, Tadeu... o demônio do computador... são uma coisa só. O Drug, druh ou Arimã é um deus da falsidade. Está brincando conosco, está sendo o que sempre foi, desde os tempos védicos: um demônio da falsidade.

Aí eu soltei um "ah!" de alegria. Desde a primeira definição, tinha entendido desse jeito... Elas é que se dispuseram a catar dicionários e livros e dificultaram as coisas. Sorri tão abertamente que depois encabulei — Nasta e Bianca me olhavam, sérias.

— Bom, mas o que a gente pode fazer? — perguntei, afinal. — Com o tal druh.

Nasta acendeu um cigarro, baforou três ou quatro vezes para cima, com força, antes de responder. Estava pensando.

— Você me falou do poema "O corvo"... De palavras, frases no computador... que você reconhecia algumas delas...

Confirmei. Nasta balançou a cabeça, olhando para o cuco. Faltavam menos de quinze minutos para que a hora de Saturno se encerrasse...

— E os contos. Seus contos. Eles mudavam. Você achava que o demônio mudava as coisas... Mas teve um momento, teve momentos em que ele usou pedaços de textos... textos de autores que você conhecia.

— É. Quando ele foi seduzir Bianca pela primeira vez... Quer dizer, sem ser no *meu* conto, e sim quando ele mudou o

conto, ele usou uma poesia do Álvares de Azevedo... E quando ele me fez procurar a Edilene, era o estilão de O *martelo das feiticeiras*...

— Autores e livros que você conhecia...

— Claro.

— Como anteontem, na hora em que você estava no computador do seu amigo... As frases que você leu não eram coisas novas, eram trechos copiados...

— Acho que sim. Nasta, aonde você quer chegar, afinal de contas?

— Tadeu! — ela me abraçou. — Tadeu, o demônio não tem estilo. Ele usa e usou coisas *suas*. Que estão em sua cabeça, sua memória!

Não entendia ainda.

— Nasta, ele contava do dia-a-dia da bruxinha com o Paulo... A Bianca me falou, tinha coisas que aconteceram *mesmo* com ela e com o íncubo.

— Você acabou de dizer, Tadeu! Essas coisas realmente aconteciam, ele só reproduzia o que tinha feito. Você mesmo falou, uma noite dessas, que esses trechos vinham de um jeito diferente.

— Não estou entendendo nada — concluiu Bianca, por si e por mim.

Nasta sentou no tapete, abriu de novo seu volume grosso. Tentou ler o começo em voz alta, depois foi resumindo para nós:

— Drug ou druh é um demônio da falsidade. Ele também é conhecido como Arimã ou Angru Mainyu, o deus da destruição, em contraposição ao deus da criação, Ahura Mazda. Isso segundo Zaratustra e religiões muito antigas. Bom... — ela suspirou. Apontou para mim: — Você, Tadeu, estava criando seu texto no computador... Talvez algo bonito, num dia especial.

— No *Halloween* — eu completei.

— Pode ser. Pode ser que essas forças tenham impelido Angru Mainyu para seu computador e ele começou a desfazer a

sua criação. No primeiro conto, invocou um súcubo e conseguiu alguém semelhante a Paulo, para dar veracidade às coisas... Você mesmo disse que o conto demorou para mudar...

Confirmei. Eu e Bianca também sentáramos no chão e nos mantivéramos em total silêncio.

— Invocar esse súcubo foi mais complicado, por exemplo, do que com Bianca. Afinal, você escreveu a história de Bianca inspirado por ele, lembra-se? Havia o jornal, o artigo sobre a cama, a cidade de São Carlos do Arraial... já havia bruxas ali. Havia um íncubo, que sua avó realmente dominava há muito tempo, Bianca. Era uma questão de colocar você em contato com Tadeu. Inspirar Tadeu... e pronto! Haveria novo conto. Novo processo de criação. Para ser destruído... Porque essa é a tarefa de Arimã. Ser um ser que se contrapõe à criação.

— E eu peguei a cama... carreguei o íncubo pra minha casa... — falou Bianca.

— Talvez você tivesse feito isso, Bianca, de um jeito ou de outro. Talvez, se não existisse Tadeu e seu poder de criar histórias, você, Bianca, estivesse prisioneira do íncubo, sem a menor chance de libertação, até hoje. Ou talvez tivesse um íncubo mais gentil, como o que sua avó tinha. Não sei...

Bianca apertou a minha mão. Jogou o cabelo todo pra trás, gesto nervoso:

— E o íncubo está lá, na cama, *me esperando*... Se o Tadeu se livrar desse monstro dele, não quer dizer que eu me livre *do meu*?

Nasta moveu o rosto, negando. Sorriu. Esmagou o cigarro num cinzeiro de bronze.

— Hoje, Bianca, tenho certeza de que o íncubo e Angru Mainyu são um só. O demônio dos vedas é muito mais poderoso... Se seu íncubo existia antes, hoje ele é *hipóstase* de Angru Mainyu. É o que eu penso. Está esperando por nós.

Bianca se arrepiou. Eu ia dizer algo, mas Nasta abriu o livro que estava em seu colo, leu:

— "Por meio do fogo, Ahura Mazda pode distinguir o bem do mal." Ahura Mazda é a força do bem; inimiga de Angru Mainyu. Ele pode ser nosso aliado. Precisamos levar esse fogo até Angru Mainyu. Colocar os inimigos eternos em contato. E assim...

Nasta parecia viver um transe de felicidade. Apertei a mão de Bianca com mais força. Quase tive medo da velhota, que por um segundo fechou os olhos, sempre sorrindo.

— E assim... — repeti, esperando o resto da frase.

— Assim, Ahura Mazda, a força do Bem, pode vencer.

— Você tem certeza disso, Nasta? — perguntou Bianca.

Aí Nasta abriu os olhos. Olhou com intensidade para mim, para Bianca. Seu sorriso murchou um tanto nos lábios...

— Não tenho nenhuma certeza, Bianca. Só a certeza de que precisamos tentar.

27

ANGRU MAINYU

1. Mesmo tentando ser muito silencioso, um automóvel sempre faz ruído num bairro operário às dez para as três da manhã. O silêncio profundo de tantos que dormem pesado... A fachada da casa quieta, a janela da sala filtrando a luz azul da tevê.

— Tem gente acordada — sussurrou Bianca, apontando a sala para Tadeu.

— Deve ser Adaílton. Ele sempre dorme diante da tevê — completou Tadeu. — Esperem aqui. Vou ver pela janela.

— Cuidado... — pediu Nasta.

Os três conversavam em voz bem baixa. Nasta e Bianca esperaram no carro, enquanto Tadeu abria o portão do quintal e entrava. Aproximou-se da varanda e dali espiou para dentro da sala...

Foram segundos angustiados, em que Nasta e Bianca nada disseram. Nasta carregava uma sacola de tecido trançado e tinha terríveis olheiras sob os olhos claros.

— Ele está voltando — disse Bianca.

Tadeu colocou o rosto pela janela do carro:

— Tudo bem. É como eu disse; o Adaílton dormiu de porre. Eu vi a garrafa ao lado do sofá. Aquele só acorda de manhã. A gente pode entrar.

— A sua irmã... — lembrou Nasta.

— Nem sinal — Tadeu não sabia que Marga e os filhos ainda estavam em Minas. — Ela dorme pesado, igual às crianças... Não tem perigo.

A tevê prosseguia, numa cantilena monótona, exibindo o último filme da madrugada. Adaílton estava largado no sofá, boca aberta, a garrafa caída ao lado...

E com olhos abertos e esverdeados encarando o teto e esperando... apenas esperando.

2.

— Venham — eu falei, ajudando Nasta a sair do carro.

Nasta parecia muito cansada. Apoiou-se no meu braço e respirava com esforço. Lamentei não saber dirigir: depois de tanto trabalho, ainda ela é que tivera de nos levar até Vila Samambaia, no seu automóvel.

— Espere — afirmou Nasta, olhando em volta de si. — Não estou gostando da idéia de deixar o carro aqui, bem na frente da casa...

— Nos fundos tem um terreno baldio — apontei.

— Vou até lá.

Achei que era prevenção inútil, mas acabei concordando. Nasta manobrou, ainda dirigiu até o terreno, voltou...

— Deixei a chave no contato — ela falou. — Se tiver algum problema...

Contornamos a varanda, o quarto das crianças, a cozinha, o quintal. Todas as janelas cerradas. A Lua saiu de trás das nuvens na hora em que ultrapassamos a casa.

— Veja, Tadeu!

Bianca apontava meu quartinho, nos fundos. Uma suave luz verde saía pela janela fechada. A luz aumentava e diminuía, num ritmo pausado. Nada muito chamativo: um pirilam-

po gigante, um pulsante coração verde, um demônio respirando na tocaia.

— É ele — afirmou Nasta. — Sabe que estamos aqui.

— O que a gente pode fazer? — perguntou Bianca para Nasta.

— Entrar lá, oras! Não é para isso que viemos aqui?

3. Perto de três da manhã, hora de Marte. Albertina deveria varrer a cozinha para expulsar os últimos eflúvios ruins de seu lar ou daquele a quem ela pretendia proteger. Pensava em dormir um pouco, e, logo cedo, telefonar para a sobrinha.

Albertina abriu a porta da cozinha, dando decididas vassouradas para o quintal. Era uma atitude contrária à da maioria das boas donas de casa, que sabem que se deve varrer de fora pra dentro — assim se "segura" o dinheiro em casa, reza a simpatia. Mas o feitiço indicava expulsão, e Albertina obedecia...

Tinha descido dois degraus, quando ouviu o sibilo. Baixo e constante.

Pensou mesmo que era algo do céu. Olhou para cima. Trovão? Vento, não era. Nenhuma folha de árvore se movia... Olhou para baixo.

E a viu. Tão pequena que se confundia com as folhas. Que se misturava ao escuro do chão, e só se destacava mesmo pelo barulho. Depois, a figura sinuosa escorregou para cima, um degrau, outro... parou bem perto do pé de Albertina.

Era uma serpente verde, de não mais que vinte centímetros de comprimento.

4. O que lembro dessa luta terrível? O que lembro de seus detalhes, corpo e voz do demônio, lances de maldições e gritos de ódio?

Do demônio, muito pouco... nada de chifres e pés de bode. Lembro de mim — Tadeu, o rapaz Tadeu. E de mim — *o outro*. O que conseguiu ver e fazer coisas muito estranhas e terríveis...

Lembro sim, com muito remorso, em muitas noites, que talvez pudesse ter interferido *mais*. Talvez pudesse ter impedido Nasta de entrar no quartinho — quem sabe não acharíamos outra opção? Não poderíamos negociar com as forças do Além, buscar soluções menos definitivas e cruéis?

Hoje Bianca me consola: fizemos o que Nasta de certa forma nos pediu que fizéssemos. E, quando olho para ela e entendo a calma que há em seus olhos — seus olhos escuros, mas que às vezes parecem tão claros e radiantes —, eu acabo me conformando. Foi o destino — se ele existe, foi ele que nos conduziu e nos ajudou naquela madrugada, no instante em que a Lua surgiu das nuvens...

— Vou entrar — falou Nasta. Abriu antes a bolsa trançada, me passou um vidro e outro para Bianca. — Bebam isso daqui a... — olhou em seu relógio, vislumbrei que faltavam alguns minutos para as três da manhã. — Daqui a dois minutos. Hora de Marte. Não entrem aí. E, se fizerem isso, não olhem pra ele de frente.

Dentro de meu quartinho, a luz verde continuava pulsando... Nenhum som. Só a luz sem calor, saindo discreta pelas tábuas da porta e frestas da janela.

Eu me senti comovido pra caramba. Segurei firme em meu vidrinho tapado com rolha.

Ela tocou em meus lábios. Depois, colocou a outra mão sobre os lábios de Bianca. Ritual de silêncio ou proteção? Ficou assim por um instante...

— Boa sorte a vocês — ela falou.

Entrou rápida. Bateu a porta de madeira atrás de si...

Por alguns segundos, nenhum som. Só o verde pulsando, e pulsando, atrás da porta... Ruído arrastado de pés sobre papéis, passos de Nasta ali dentro...

Bianca segurou na minha mão e pegou meu vidro. Ia dizer algo, aproximou o rosto do meu — ia me beijar, dizer alguma coisa mais íntima?

Veio por trás de nós: o grito, alto. Eu me virei a tempo de vê-lo se jogar sobre a gente, faca brilhando sob o luar:

— Traiz angora suas puta pra cá? Tetéu de merda, matou uma e angora traiz otra mulé?

Adaílton! Um susto imenso... Naquele segundo em que ele abaixou a lâmina, só consegui empurrar Bianca para o lado, gritei "cuidado" e agarrei nele, a tempo de desviar o seu braço.

No preciso instante em que dentro de meu ex-quartinho a luz verde começou a virar dourada... e a sair fumaça por baixo das tábuas da porta.

— Tadeu! Cuidado, Tadeu! — gritou Bianca, levantando-se.

Adaílton estava forte pra caramba. Seu braço se impunha, força de músculos encordoados — que ele nunca teve —, pressionando a faca para baixo, para meu peito... Eu tinha caído de costas no chão, ele subira em minhas pernas. Vi seu rosto contorcido e, naquele *flash* de idéias bestas, associei-o ao rosto da bruxinha.

Senti frio, muito frio no meu coração. As pancadas aumentaram. *Medomedomedo*, assim batia o coração...

E tudo naquela fração de tempo em que conseguimos sentir cheiros, olhar atrás e do lado de nós, e nos concentramos em ganhar força e percebemos que qualquer bobagem que façamos pode significar a morte.

Senti que Adaílton amolecia o braço. Vi por trás dele o perfil de Bianca. Ela segurava um cabo de vassoura e o assentava em suas costas — porradas que faziam um som de murro em saco de pano, *pou*! *pou*! *pou*!

Vi a careta estática de Adaílton ganhar expressão humana, e ela indicava *dor*... seu braço foi um pouco pra trás.

Empurrei seu braço para o lado, consegui sentar... a tempo de Bianca parar com as pancadas e gritar... ouvimos o estouro, de dentro do quartinho. A fumaça ficou mais forte...

DOR, DOR... FILHA DA PUTA, DOR! Adaílton não se distraíra, como nós, com a explosão. Tinha se aproveitado daquele segundo e enterrado a faca na minha coxa. Gritei... Fiquei olhando para a perna trêmula, o cabo da faca sobressaindo do

músculo da perna, o cabo que parecia um enfeite na calça... e *doíííííaaa*. O calor ensopava minha roupa, imediatamente úmida e quente de sangue.

E Adaílton, onde andava Adaílton? Minha cabeça girou. No preciso instante em que constatei, apavorado, que ou eu desmaiava ou reagia e dava porrada nele... e ele ria, ria!

Eu soltei um rosnado rouco, ganhei forças, *forças*... e optei pela segunda alternativa: tentei esquecer a dor e meti a mão fechada no seu queixo. Ele cuspiu na minha cara, mistura quente de baba e sangue.

— Bate mais, Bianca! Bate! — gritei para ela, empurrando o queixo de Adaílton pra longe da minha cara.

Bianca acertou duas pancadas bem fortes em sua nuca. Adaílton revirou a cabeça, *beeeeem* de um lado... *beeeeem* de outro... era possível, isso? Alguém destroncar o pescoço e botá-lo no lugar, *sem morrer*?

Parecia que ele tinha feito isso... A luz da casa vizinha acendeu. E eu vi... eu vi seus olhos verdes.

Adaílton riu.

E Bianca gritou, agudo, alguma coisa como "Fogo! Nasta tá lá dentro, fogo!"

Dei mais um murro. E outro. *Como, como, como, meu deus ou diabo?* Como um magrelo bêbado feito o Adaílton podia ser tão pesado em cima de mim? Podia levar porrada na nuca e só ajeitar a cabeça e sorrir?

— Vais morrer... Antagonista, rebelde... Vais morrer...

Susto. Parei por um segundo de fazer força e olhei para ele... Como era possível, como? Adaílton... falando "antagonista", "vais"? O português castiço em seus lábios era mais assustador do que a faca ou o seu hálito gotejando sangue... Empurrei mais o seu rosto, suas mãos, para longe de mim. Bianca estava à porta do quartinho, tentava abri-la: nada...

Dei um empurrão em Adaílton, com mais força. Ele caiu a meus pés. Um mínimo instante de hesitação. Respirei fundo. Pedi: *Por Nasta, por mim, por Bianca... Deuses todos...* — como era o seu nome? Esqueci e lembrei no mesmo instante. Gritei:

— Ahura Mazda! Ajude!

E arranquei a faca de minha coxa. Soltei um berro imenso, inumano... E quando Adaílton voltou a se jogar sobre mim, veio direto sobre a lâmina ensangüentada... Ela cravou fundo, na altura do gogó saliente, em sua garganta.

Vi — entre *dordordordor* pra caralho e cheiro de madeira queimando e fumaça embranquecendo a madrugada e gritos de outras pessoas e voz distante de Bianca e estalidos de dentro de meu quartinho — o rosto de Adaílton *grudado* no meu... seu olho arregalado voltando a ficar castanho... o gorgolho da garganta, o bafo, nojento bafo de pinga e medo...

Não sei se no seu último olhar ele me reconheceu. Fechou os olhos. O corpo amoleceu... acabou.

Acabou *nada*! Olhei para o meu ex-quartinho, onde Bianca lutava pra abrir a porta...

— Chuta a porta, Bianca! — gritei para ela, tentando me erguer. A perna latejava, não conseguia dobrar o joelho. Tentei levantar...

Cheguei à porta do quartinho no instante em que Bianca arrebentou a madeira. Rolos e mais rolos de fumaça branca saíram dali e nos fizeram tossir e não nos deixavam ver... Ao longe, vozes de outras pessoas — eram vizinhos?

Entramos... a porta bateu às nossas costas...

E nunca vou esquecer do que vi. Nunca.

5. A cobra escorregava pelo degrau. Devagar, muito devagar... Cativava o olhar de Albertina. Seu deslizar sinuoso formava SS tão perfeitos que lembravam letras desenhadas por mãos humanas — era estranho que a Natureza criasse formas assim, simétricas, envolventes na sua precisão.

Albertina tinha a vassoura na mão; estava com uma parte do corpo dentro da cozinha... Seria fácil matar a serpente ou entrar e bater a porta. Mas continuava estática, seduzida pelo animal insinuante. A serpente prosseguia no mesmo movimento sem se deter — e, na mesma velocidade em que vinha, ultrapassou o chão e começou a subir pela perna da filha de Anacleta.

À altura de seu joelho, a cobrinha parou um pouco... Sibilou de novo, com a língua bem saliente. Albertina olhava, fascinada... Vassoura erguida numa mão, outra mão fechada...

Sssssssssiiiii...

A discreta dentada no joelho de Albertina. Suave como carícia, apertando a pele primeiro, depois cravando os dentinhos finos na carne da mulher.

E afinal despertando-a.

Albertina gritou. Alto, fino, no meio da madrugada. Moveu a mão, ligeira. Agarrou a serpente pela cabeça, imobilizando-a, sem matá-la.

— Peste, peste, mil vezes peste! — entrou com ela na cozinha e bateu a porta.

Veneno, cobra... O que fazer com veneno de cobra? E o veneno de cobra no seu sangue, sua morte...

Olhos arregalados, mãos trêmulas... e sem largar a vassoura ou a cobra — continuava com cada uma numa mão —, Albertina era figura louca em meio à cozinha. Era a própria imagem da bruxa, cabelos desgrenhados e camisa fora da saia. Seus gritos vinham em surtos, pequenos gritos compassados, finos. Apavorados...

— Que vou fazer? Cobra, cobra! Veneno, cobra...

Sempre segurando a cobra por sua cabeça fina e vendo sua linguazinha esguia sair da boca a cada poucos segundos, Albertina jogou longe à vassoura e se pôs a revirar livros, panelas, louça. De seu joelho, escorria um fino fio de sangue.

Afinal, acalmou-se o suficiente para entender o que lia, no cabeçalho de um volume qualquer. Era texto já revirado antes — Albertina não tinha se interessado por ele. Mas agora...

Foi abrindo armários, jogando o que encontrava num tacho. A cobra sibilou mais, presa em sua mão. Moveu a cauda, enrodilhou-se no pulso de Albertina...

Albertina sentiu a vertigem. Olhou de perto para a língua saliente da cobra. Passou a outra mão pela testa suada, um úmido suor gelado... era o veneno.

Não era? Veneno faz suar gelado... Albertina alcançou um facão. Via tudo girar... Segurava a cobra com uma mão e sabia que precisava agir depressa, com energia e vontade.

Antes que sua vista escurecesse de vez... antes que o veneno fizesse efeito... antes que morresse.

6. Quando a porta do quartinho se fechou atrás de mim e de Bianca e olhamos à nossa volta, não vimos Nasta. Por um instante não a vimos à esquerda ou à direita...

Nasta *pairava* no ar... Em torno dela, um anel prateado. Ela estava dentro daquele anel, flutuando. Mantinha pernas cruzadas e olhos fechados... e de toda ela irradiava uma luz esverdeada, linda — o que não significava que era uma luz *boa*. Era fascinante.

Olhei por um instante para onde ficava meu computador. Sua antiga mesa estava totalmente queimada. E o computador, o que poderia ter sido ele, era uma esfera de luz verde. Verde e fria.

Bebam, bebam, bebam... ouvimos isso, imaginamos? Nasta e seu rosto de estátua, seu corpo absolutamente imóvel girando no ar, pairando no ar, no meio de seu anel metálico.

— A gente tem de beber! — falou Bianca, me apontando os dois vidrinhos dados por Nasta.

Nem sei como ela os mantivera consigo.

Beber, como beber? Eu ouvia a voz de Bianca, cada vez mais fraca. Tinha conseguido andar até ali, mas a tontura batia forte... o sangue escorria de minha perna e eu percebia que apagaria de vez.

Bianca abriu seu vidro, tomou tudo em dois goles... colocou o outro vidro em minha boca, e eu a imitei. Um gosto acre raspou minha garganta enquanto descia o líquido...

Mas fez seu efeito. Senti que acordava. Que havia um *eu* ali. Um Tadeu ferido e zonzo, mas havia um *outro*... Alguém que parecia ver o quartinho, a luz verde, a mulher levitando no ar e a minha Bianca com mais nitidez, com uma profundidade incomum, não natural.

No lugar onde estivera meu computador, vi uma forma também esverdeada e vagamente humana, muito alta e forte. Agitava o que deveria ser a cabeça e movia o que deveriam ser braços grossos... Braços que se esticavam em dedos finos e mais finos e verdes e que vinham devagar em nossa direção...

Vocês precisam, precisam se unir! Sejam um. Rápido, meus filhos, rápido! Do homem e da mulher que se faça uma só carne e um só corpo...

"Ouvimos" isso e nos olhamos. E quando senti o hálito de Bianca, todo ele solto em meu rosto... e quando olhei para ela e a *vi*, naquele instante em que a visão se acentuava e todos os sentidos aumentavam, *sabia* o que tínhamos de fazer, por mais louco e fora de hora que pudesse parecer...

Eu — tanto aquele *eu* que ainda existia em mim como aquele que enxergava tudo com nitidez especial, em sombra e fumaça — sentia que o único jeito de ficarmos um e para sempre sermos um era...

Não posso sequer imaginar como consegui uma ereção num momento daqueles. Bianca arrancou a blusa, e exibia os seios como estímulo extra. Começou furiosamente a alisar o meu sexo, a gemer mais e mais palavras estranhas. A luz verde pulsava e esticava seus dedos acima e perto de nós.

— Vem, vem, vem... — Bianca jogara-se no chão, tinha erguido a saia e exibia seu sexo... e abria pernas, e movia pernas como serpentes, abrindo e fechando as pernas e pedindo: — Vem, vem, VEM!

Ajoelhei, implorando para que a perna agüentasse o esforço. Olhava para minha amada e seu rosto latejava. Eu *via Bianca* na minha frente, nítida, mas era como se por trás dela estivessem sombras, outros rostos diluídos em névoa, rostos plácidos de deusas de pedra, rostos pálidos que riam ou sussurravam e tinham olhos abertos ou fechados e todas me pediam:

— VEM!

Penetrei Bianca com raiva. Raiva dele, de mim, de meus tormentos... Penetrei para conseguir mais do que prazer, conseguir completar o ritual da posse, desfazer encantos, ser o Senhor de algum deus antigo, de uma velha seita.

Em torno de nossos corpos unidos sexualmente, a fumaça verde condensou-se. Aumentou de densidade, quase sufocava — não tinha cheiro. E quando eu a penetrei pela última vez e gozei, senti em meus ouvidos ruídos muito, muito amplos... sibilos de serpentes, chicotes zunindo, folhas no vento, papel crepitando, metal. Metal sendo batido contra metal...

Ou era um fósforo sendo riscado?

Abri os olhos — e só então reparei em como os havia fechado por alguns instantes. Reconheci meu ex-quarto, vi os objetos sem a luz enevoada... a fumaça que nos cobria parecia menos verde e mais cinzenta, comum. Ouvi os ruídos sem o acréscimo de eco ou profundidade. Barulho de coisas crepitando, de papel amassado sob os quadris de Bianca, o fósforo aceso.

O fósforo que Nasta segurava entre os dedos. Ela, que flutuava entre o anel prateado... ela, que parecia me sorrir... Tentei me levantar — e, *dessa vez*, a perna doeu pra caramba. Rolei de lado, contorcendo-me... ânsia e dor, tanta dor... Bianca depressa desvirou a saia para cobrir seu sexo, apontou para cima.

— Tadeu, olhe!

Nasta pegava fogo. Seu rosto permaneceu plácido por um instante. Depois, o que vimos foi a chama erguendo-se de seu vestido de seda fina... A labareda a envolveu e ela desceu

do céu para o chão. Ali, a cinco metros de nós, incendiou-se, crepitando e soltando cheiro forte de carne queimada.

Gritos e gritos agudos... Levei alguns segundos até perceber que era *eu* quem gritava, impotente, apavorado, vendo Nasta se deixar queimar.

Ahura Mazda...

Ouvimos o nome? Nasta poderia tê-lo dito, ela, quase cadáver em meio às labaredas? Fogo, fogo de Ahura Mazda, que tomou o chão, como se corresse por um rastilho de álcool, e atingiu o lugar onde estivera meu computador.

Tudo envolto mais e mais pela fogueira que crescia...

— Vamos embora, Tadeu! Por favor, venha! — Bianca me puxava, arrastava dali.

Eu tossi mais forte... Saí do quartinho procurando ar para respirar... Olhei por uma última vez o vulto incandescente de Nasta. Vi quando seu rosto tombou para a frente, num gesto absolutamente inumano. Encolheu-se sobre o próprio colo. Foi tomada pelas chamas.

Do mesmo modo que todo o quartinho.

Saímos contornando o quintal e vimos as chamas atingirem os quartos...

Vimos vizinhos que chegavam e que estranhamente não nos reconheciam, não nos viam ou não se importavam conosco, quando havia incêndio tão imponente para ser assistido.

Andamos — eu ia mancando e apoiado em Bianca; ela me parecia ainda mais linda, com seu rosto preto de fuligem e cabelos chamuscados...

— Eu te amo, Bianca — falei isso um pouquinho antes de desmaiar.

28

A CASA DA COLINA

1. A Casa da Colina! Inaugurada em 1929, para abrigar duas, três gerações de parentes. Construída pelo imigrante espanhol Juan Gutierrez, logo que enriqueceu na nova terra e quis uma casa para abrigar filhos, netos... o pai de Anacleta, avô de Albertina e bisavô de Bianca... que, se estivesse vivo, ficaria feliz em ver a casa ocupada por mais gente do que duas velhotas idosas.

Ele, que sabia viver numa família de bruxas — e que gostava delas. Sabia que as mulheres Gutierrez havia gerações curavam com ervas, ajeitavam bons casamentos, conseguiam bons negócios, além de manter seu ouro protegido dos estranhos e invejosos.

A Casa da Colina. Um ano depois da morte de Nasta. Acontecimentos trágicos acalmados, esquecidos. Nenhum jornal da capital imprimia manchetes do tipo INCÊNDIO EM VILA SAMAMBAIA — UM CORPO CARBONIZADO — OUTRO ESFAQUEADO. Ninguém mais associava Tadeu ao assassinato de seu cunhado, e Edilene era uma página policial ainda mais esquecida. Crimes insolúveis...

A Casa da Colina, renascida. Pintada inteiramente de amarelo pálido. Quartos reformados e arejados, três deles ocupados por moradores, um quarto transformado em escritório. Era da janela desse escritório que um rapaz olhava a propriedade...

Ele via duas pessoas jovens colhendo morangos na horta. Todo o fundo da Casa da Colina — cinco mil metros quadrados de terreno — agora inteiramente ocupados por uma bela horta. Aipos, tomates, cebolas e abóboras conviviam harmoniosamente com plantas aromáticas e com outras, de Saturno, de Marte... a horta era o capricho de Bianca, e seu irmão Fabinho gostava de ajudá-la — como faziam naquele momento em que o rapaz olhava pela janela.

Fábio convalescia bem. Em seu rosto, apenas uma marca no queixo lembrava o acidente. Enxerto nas costas e no braço tinham sido bem-sucedidos — quando ficasse adulto, era provável que não restasse qualquer sinal.

Em Bianca, nenhuma cicatriz visível. De tudo: seu envolvimento com o íncubo, a perda dos pais, a morte de Nasta, a convivência agora na Casa da Colina — morando com Tadeu, com o irmão caçula...

E com Albertina.

Pela janela, o rapaz viu "tia Albertina" — ele sempre a chamava de tia — aproximar-se dos colhedores de morango. Trazia uma cesta de vime, conversou com a dupla, mexeu na terra... Depois, seguiu até a cozinha dos fundos, aquela que pertencera à sua mãe e que, a cada dia, mais e mais lhe pertencia. Por *direito*. Albertina conhecia agora o conteúdo de cada pote e cada detalhe de horário dos feitiços, podendo adequá-los às suas hortaliças.

Tia Albertina ainda acenou em direção ao quarto, no andar de cima. O rapaz respondeu ao aceno. Viu a velha entrar em sua cozinha e sabia que ela pretendia usar incensos, mais à noite... conduzir uma discreta homenagem para Nasta, na data de aniversário de sua morte.

Um ano havia-se passado. E se coisas tristes aconteceram — Nasta não mais estava ali, encarnada, entre eles —

havia outras coisas, boas, tranqüilas, em suas vidas. Que mereciam ser comemoradas com um feitiço da celebração — aquele que tem por nome Doce de Verão e que deveria ser feito "em retribuição ao supremo presente dos deuses: a Vida". Era assim que estava escrito no cabeçalho das poções da velha Anacleta, em um dos livros tão consultados por Albertina, nos últimos tempos.

O rapaz à janela espreguiçou-se. Ainda olhou o belo horizonte de São Carlos do Arraial — gostava dali. Pegou a bengala a seu lado, na cadeira, usou-a para se apoiar e seguiu depois até a escrivaninha.

Estava escrevendo uma história — não era, afinal, o Escritor? E pretendia terminá-la ainda naquele dia, antes que Albertina os chamasse para saborear o feitiço.

2. Estou escrevendo no quarto. Terminando esta história, que ganhou ares de ficção e me anima muito — se até um demônio chegou a me parodiar, a penetrar no computador para se divertir comigo e destruir minhas histórias, é justo que eu arremate tudo com o *END* — que não deixa de ser *HAPPY.*

O que aconteceu comigo, depois que saímos da casa de Adaílton e eu desmaiei? Claro, não tenho como recordar de nada. Estava fraco, tinha perdido sangue. Tínhamos lutado com o demônio à maneira que Nasta nos conduziu. E mesmo depois de nossa vitória, *ainda* havia muito que resolver...

Não fui muito útil nos três dias posteriores — essa, a verdade. Sei que fui medicado, tive febre e pesadelos. E, quando realmente pude recobrar a consciência, estava num hospital e Bianca, do meu lado. Sozinha, ela havia tomado conta de tudo — até de detalhes.

Primeiro conseguiu um táxi. Naquela madrugada, depois da luta com Arimã (ou Drug, druh, Angru Mainyu), Bianca andou comigo até uma rua de mais movimento, pegou um táxi e convenceu o motorista de que deveria nos levar — até *São Carlos do Arraial...*

Loucura, isso? Parece. Quando Bianca me contou, ela mesma não entendia direito como tinha tido a capacidade de convencer o motorista a pegar estrada, a evitar hospitais da capital e levar um cara ferido e desmaiado até uma cidade a mais de trezentos quilômetros dali.

Era um mistério: é certo que ela ofereceu dinheiro, mas nem o tinha naquela madrugada — ofereceu *promessas* ao motorista. E o convenceu! Estranho, não? Bem. Vamos dizer que isso ainda pudesse ser atribuído a alguma especial proteção de Nasta sobre nós — eflúvios de sua presença, algo assim...

Só que a sorte de Bianca continuou. Ajudada por Albertina — e, por aqueles dias, não se sabia ainda de sua particular luta com a serpente —, Bianca conseguiu fácil que um hospital de São Carlos do Arraial me atendesse sem muitas perguntas. Uma explicação como "namorado", "assaltante", "lutou com ele" e fui depressa internado.

Bianca me deixou aos cuidados do hospital e da tia e voltou à capital. Ainda havia pequenas coisas a serem vistas, a serem cuidadas... Os jornais e tevês comentavam o assassinato de Adaílton e o "misterioso corpo incinerado encontrado no local". E, claro, citavam meu nome. Dessa vez, eu era um grande destaque: associaram crimes, a morte misteriosa de Edilene, meu sumiço... Aquela foto do aniversário voltou a ser impressa. Curiosamente, não mencionavam o carro de Nasta, estacionado tão perto da casa de Adaílton.

Foi por causa dele que Bianca voltou. Ela me contou que escolheu o sábado. À noite, todo bairro tem baile... Passou boa parte da noite num bate-coxa a sete quarteirões da casa de Adaílton. Eram três da manhã quando, munida de lanterna e muita coragem, parou à porta da casa.

Achou o fusca nos fundos, próximo ao terreno. Com chave na ignição e sem sinal de ter sido invadido — motivo de se acreditar na honestidade dos vizinhos... ou outro sinal da

proteção de Nasta? Afinal, Bianca entrou no carro, deu a partida. Tudo funcionava bem.

— Eu não sei dirigir, Tadeu. Só ligava o carro pra mamãe, e uma vez na praia dirigi com um primo... mas sentei ali. E pimba! Lembrei, direitinho, de como fazer as coisas — ela me disse.

E disse mais, quando me visitou no hospital:

— Claro, o carro morria... Eu errava a marcha, uma merda. Mas dei a volta no quarteirão... E estava ali, bem diante da casa, a casa toda escura, com as fitas dos bombeiros em volta... quando senti que precisava entrar ali pra pegar uma coisa.

Bianca abriu a mão e mostrou: o anel. O anel prateado que Nasta usara em torno do corpo, enquanto levitava... Mas era agora um círculo pequeno, sujo ainda da fuligem do incêndio. Cabia no dedo anular de Bianca e no meu mindinho.

— Depois, eu dirigi o carro da Nasta até outro bairro. Eu ia guiando, e ia melhorando no volante. O carro nem morria mais. Quando cheguei num lugar longe, em que ninguém ia pensar que ele tinha alguma coisa com o incêndio, eu, sei lá... Foi como se alguém me dissesse: "É aqui". Eu fechei o carro. Limpei tudo, pra não deixar impressão digital... Ainda me veio essa idéia. E, aí, deixei ele lá. Voltei pra casa.

Tudo isso, Bianca fez sozinha... maravilhosa, incrível. Sozinha.

Será mesmo?

3. Quanto à morte de Adaílton, à minha família, a meus amigos e aos sentimentos em relação a eles, ao modo como a polícia me procurava e me acusava de dois crimes... como ficou tudo isso, um ano depois?

De certa forma, para minha sorte... *não ficou.*

Não posso dizer que sinta remorsos pela morte de Adaílton. Do modo como a luta aconteceu, a intensidade de seu ódio

e a vontade que ele tinha de me matar... Foi legítima defesa e eu me declararia inocente em qualquer tribunal deste ou de outro mundo. E depois, durante a luta, sua força, seus olhos verdes, a voz que saiu dele... tenho sérias dúvidas se matei *mesmo* meu cunhado, ou se algum outro ser, bicho peçonhento, fera.

Não. Culpa, não. Jamais.

Talvez um pouco de tristeza por Margarida. Durante a primeira semana de convalescença, eu via sua foto em jornais ou na tevê, chorando pela perda do marido e recusando-se a crer que a "mulher incinerada" fosse uma amante dele. Pedia que eu voltasse, tinha certeza de que estava vivo e era inocente. Era triste vê-la tão abandonada, com três filhos pra cuidar.

Mas não descuidei deles. Não mesmo. Os Gutierrez tinham de herança mais do que duas gerações poderiam gastar. Além das propriedades, a velha Anacleta parece ter tido sorte com uma poção para encontrar ouro — num pote em sua cozinha, havia pelo menos trinta quilos de ouro em forma de cordões, correntes e jóias variadas. Usei um tanto deste ouro para melhorar a vida de Margarida e das crianças.

Verdade que não os vi mais. E, talvez se passem anos, antes de poder visitá-los e — quem sabe — explicar mais ou menos o que aconteceu...

Mamãe morreu. Não pude vê-la — talvez tenha sido melhor assim. Ela estava morta havia muito tempo, em minhas memórias. E também conseguimos alguma forma de ajudar a família em Minas. É incrível como as pessoas pouco especulam, quando alguém as procura com um prêmio grande que elas devem receber.

Polícia — não sei como anda meu caso e nem me interessa. Viajo pouco, menos ainda pretendo voltar à capital. Claro que sempre podem me encontrar em São Carlos do Arraial. Mas agora eu sou um Gutierrez — não existem empecilhos legais para o marido adotar o sobrenome da espo-

sa. Sou bem considerado na cidade, ajudo a prefeitura num trabalho de oficina literária com adolescentes, aprendizes de escritor. Sou *Gutierrez* de nome e pela adesão a algumas peculiaridades da família, como a de fazer feitiços a certas horas do dia.

E por outras coisinhas mais. É por causa dessas coisinhas mais que não perco meu sono diante da possibilidade de meus velhos amigos me encontrarem. Não temo que eles me reconheçam e armem alguma cena, me acusem...

Vamos dizer que passe hoje diante do banco, na capital, e tope com o Cactus. Ou que algum amigo faça um passeio casual a São Carlos do Arraial e me veja. Ou, ainda, vamos supor que o ilustre Aristarco Molina seja um convidado especial de nossa oficina — já pensei mesmo em lhe pagar cachê e convidá-lo — e tenhamos um jantar. Imaginemos a cena: eu e Aristarco, lado a lado numa mesa solene, aqui em São Carlos do Arraial... O que, provavelmente, aconteceria?

Nada.

E isso porque...

— Menino! Fabinho! Menino!

Albertina grita, da soleira de sua cozinha antiga. Vou à janela, e vejo que ela gesticula e procura pelo sobrinho...

Albertina. Tinha-me esquecido dela. De sua grande participação em nossa atual felicidade. Ela também teve sua particular luta com Arimã — afinal, a serpente não era um dos animais consagrados a esse deus védico?

4. Albertina se esmerava em preparar a cerimônia em homenagem a Nasta, mais à noite. Conferiu se havia número suficiente de velas verdes, ali em sua cozinha. As velas verdes eram especiais para o Doce de Verão. Tinha de acender treze velas por todos os lados da casa, todas verdes...

Procurou noz-moscada, canela. Conferiu o nível de óleo de rosas no pote para ver se estava adequado para espargi-lo por toda a sala.

Depois, foi até a porta da cozinha e chamou pelo sobrinho:

— Menino! Fabinho! Menino!

Ele logo se aproximou. Sua missão era colher tomates, os mais bonitos e vermelhos da horta. E folhas de manjericão e flores. Muitas flores para enfeitar a casa.

Albertina estava ali, olhando para o sobrinho na sua tarefa, parada à soleira da cozinha, no segundo degrau... quando ouviu um sibilo. Até pensou que era barulho vindo do céu... olhou em volta de si...

Dessa vez, *não era* uma cobrinha. Era só um grilo sob uma folha, o que afinava o som de seu trinado.

Mas, naquela noite da morte de Nasta, havia uma cobra. Uma serpente sinuosa, que desenhava SS com uma simetria humana, regular demais... Que subiu por sua perna e mordeu seu joelho...

Albertina travou os dentes. Lembrava da dor, da confusão em sua cabeça... De como havia agarrado a cobra e voltado à cozinha... Tão sozinha, tão sem saber como agir: pedia socorro a alguém? Quem? Tentava se curar sozinha? Como?

Pressentia que a cobra era um filho das trevas, e não uma serpente qualquer. E os feitiços de sua mãe, aqueles que ela havia achado, eram todos bons.

Enquanto ainda prendia a serpente pela cabeça e sentia as vibrações da cauda em seu pulso, Albertina procurou nos livros. Folheou páginas e páginas antigas... Achou apenas um encantamento de cura. (Verdade que era cura para soluços. E, entre ingredientes como noz-moscada e salsinha, havia duzentos gramas de carne de frango desfiada.)

Naquela madrugada e em seu desespero, Albertina não teve dúvidas: substituiu a carne de frango pela de cobra. Segurou a serpente firmemente sobre a tábua de cortar. Ergueu o grosso facão de cozinha... e desceu a lâmina rente à cabeça da cobra.

Picou-a inteirinha. Depois, conferiu os ingredientes...

1 colher de chá de alho picado — Marte
2 colheres de chá de salsa — Mercúrio
1 pitada de sal — Lua
200 gramas de carne de frango desfiada — Sol
1 pitada de pimenta do reino — Marte
1/2 xícara de chá de manteiga derretida — Sol
1/2 colher de café de noz-moscada — Júpiter

Depois, seguiu a receita... fritou a carne, o alho e a salsa na manteiga com o sal. Acrescentou os temperos, refogou tudo enquanto rezava uma cantilena de proteção...

E comeu a cobra.

Terá para sempre absoluta certeza de que foi esse seu encantamento que a livrou do veneno.

Já Tadeu e Bianca preferem acreditar que a cobra era inócua. E talvez a receita também.

5. Como eu percebi que as coisas mudavam? Primeiro por coisas até bem naturais, explicáveis, que começaram na própria noite da luta com Arimã. A tranqüilidade com que Bianca convenceu o motorista de táxi a nos levar a São Carlos do Arraial, sem denunciar à polícia um rapaz ferido e sangrando. Sua capacidade de retornar à capital, dirigir o carro, levá-lo ao bairro distante...

O carro. Vimos uma nota em jornal da capital, texto de dez linhas: CARRO ABANDONADO. DONA DESAPARECIDA. Dava a chapa, o nome da proprietária e o endereço onde fora localizado. E foi a última coisa que soubemos dele.

Depois, Bianca continuou com suas discretas mudanças. Sua capacidade quase maternal de trazer Fabinho até a Casa da Colina e cuidar dele... O modo com que me trocou curativos e me consolou, quando os médicos disseram que eu mancaria levemente pelo resto da vida...

Se pressentisse essas mudanças apenas em Bianca, talvez agisse diferente. Mas começaram a acontecer *comigo*.

Ainda estava hospitalizado, fui fazer a barba. E vi no espelho uns fios grossos. Sempre tive falhas no queixo; minha família é de homens glabros. Deixei de me barbear por uma semana. Gostei do que vi. Hoje, uso bigode e cavanhaque espessos e macios.

Depois, foram os números: sempre usei calça quarenta e camisa de colarinho um. Logo que tive alta, fui à cidade renovar meu estoque de roupas, pedi o tamanho costumeiro. Não serviu. As calças agarravam nas pernas e a camisa nem entrou. Comprei um *jeans* quarenta e dois e camisa de colarinho três. Era estranho... Ao voltar à Casa da Colina, procurei a roupa suja, com a qual fora internado no hospital. Experimentei-a, agitado... ela também não serviu. A calça, pula-brejo — eu poderia ter crescido... era isso?

Era possível, era natural, o que nos acontecia?

Enquanto eu ainda estava em convalescença, no hospital, e mesmo quando nos mudamos para a Casa da Colina, nem eu nem Bianca tocávamos nesse assunto. Se nos estranhávamos, nada dissemos. Esperamos. Quisemos talvez ter certeza.

Até a noite em que fizemos amor. E, aí, a revelação.

Tinha sido bom transar com Bianca naquela primeira vez, na sua casa. Tinha sido *natural* e bom. E, durante a luta com Arimã, o sexo foi ritual... mal lembro dele. Mal saberia dizer se fomos *nós mesmos* que copulamos, naquela madrugada...

Mas o perigo havia passado. Nós nos percebíamos diferentes e havia desejo no ar... E quando afinal nos procuramos, uma noite, na Casa da Colina, vivemos um sexo *muito*, muito especial.

O ardor com que sentíamos nossos corpos, a capacidade de Bianca mudar seu rosto, contorcer o dorso, dar-me as costas e... *repentinamente* parecer mais morena. Ela abria os olhos e sorria para mim... havia tons verdes/azuis em seus olhos?

Sua boca carnuda, redonda... ou lábios finos, vermelhos? Ela *mudava*, era possível isso? Ela vinha, ela esfregava coxas e me prendia entre suas pernas, e agia, e virava... de acordo com aquilo que eu pudesse imaginar?

E eu! Não só me sentia mais forte, como *parecia* mais forte! As roupas, de tamanho maior. Minha resistência física, a vibração que impunha ao ato sexual, a capacidade de segurar meu orgasmo e poder gozar ao mesmo tempo que Bianca... e o espelho de seus olhos — *claros*, em tantas noites, vi Bianca com olhos claros — não me mentia: eu era um amante diferente.

Não foi uma transformação do dia para a noite, nem fizemos algo que assustasse as pessoas. Nossos vizinhos talvez, com o passar do tempo, mal se lembrassem de que fôramos algum dia diferentes do que éramos agora.

Eu estava — e estou — mais alto, tenho cavanhaque e barba cerrados, talvez um nariz um tanto aquilino, pele mais clara. Bianca possui um olhar mais sereno e, se ainda é alta, tem um porte menos agressivo. Há uma *feminilidade*, uma sutileza que envolve seus gestos... É ótima vizinha. Todos gostam dela. É sempre capaz de convencer as pessoas a lhe prestarem favores sem que se irritem com isso.

Não é da capacidade das bruxas dos sonhos o poder da sedução e a arte de convencer os outros?

Por tudo isso, após este ano, duvido muito que meus velhos amigos possam me reconhecer. Não temo um contato com eles. Alguém sequer poderia afirmar, vendo a foto antiga que circulou pelos jornais da época, que eu sou o tal Tadeu acusado de assassinato? Duvido.

Somos bons vizinhos. Um jovem casal endinheirado, que mora com a tia idosa e o menino órfão. A esposa, sedutora e capaz de gentilezas... — ninguém lhe recusa prestar um favor. O marido, voluntário em obras sociais da prefeitura, gosta de escrever e tem até um certo *ar* de intelectual, com a barba e o sorriso simpático.

Mas de noite, em todas as nossas noites, todas que quisermos ter... é *bom*, muito bom, encontrar na cama uma mulher dos sonhos. Pedir a ela quaisquer sonhos e desejar formas e bocas e corpos.

E para Bianca também não é bom ter um homem cujo rosto lembra suavemente o de um íncubo? Que sabe arrancar prazeres de entre os lençóis, sabe fazer a cama gemer com carinhos aprendidos em noites tão antigas e eternas?

Lembro de como meu conto "A cama do amor" terminava. Era assim:

> Afinal, era ele — ele, *incubus* — o melhor amante que ela — ela, a bruxa — poderia ter. Por noites e noites afora.

O que não deixa de ser um *HAPPY END*.

POSFÁCIO

O demônio do computador fala de demônios e escritores — e, por tabela, também de livros.

Muitas são as obras de cabeceira de meu *alter ego* Tadeu no que se refere a seus textos favoritos. Alguns são explicitamente citados no corpo do romance, caso de "*A causa secreta*", magnífico conto de Machado de Assis, que tão bem penetra na alma humana, em seus recantos mais escuros. O mesmo ocorre com *Malleus maleficarum — O martelo das feiticeiras*, em português —, autêntica "bíblia" da Inquisição, escrito em 1484 por dois jesuítas e que é apavorante, até porque aqueles homens efetivamente *acreditavam* no que estavam fazendo!

Agora... há outras citações que se mesclam a trechos narrativos e cujo reconhecimento torna-se mais difícil. Para quem quiser caminhar pelo jogo de inter-relacionamento de textos, aí vai uma lista:

PARTE 1

Capítulo 3 — Poemas de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, notas de Ricardo Reis (in Fernando Pessoa, *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977).

Capítulo 10 — "Oh! que sonhos! que sonhos! que delícias!/Trêmulo o coração a derreter-se/Em quebrantos do céu! tépido o peito/com a aragem dos sonhos!" — Álvares de Azevedo (in *O conde Lopo*, Canto III. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Zélio Valverde, 1943).

PARTE 2

Capítulo 18 — "Cavalgada alada de mim por cima de todas as coisas,/Cavalgada estalada de mim por baixo de todas as coisas,/Cavalgada alada e estalada de mim por causa de todas as coisas..." — Álvaro de Campos (in Fernando Pessoa, *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977).

A partir do Capítulo 24 são aproveitadas informações e reproduzidos trechos do livro *A cozinha da bruxa*, de Márcia Frazão (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995). Trata-se de dados relativos às propriedades mágicas de plantas, legumes, frutas e ervas.

São exemplos disso a receita Torta de Abóbora e Mel, executada por Nasta e Albertina e destinada a invocar o deus Netuno, bem como a menção às receitas Doce de Verão, Biscoitos Melados da Bruxa, Sopa de Beterraba Fantástica e Pão de Frutas dos Gnomos.

São também compiladas desse livro a passagem que descreve as plantas consagradas a Saturno, transcrita na página 327, e a referência aos utensílios necessários à cozinha da bruxa, na página 291.

A receita que Albertina utiliza para combater o veneno da cobra que a picara, porém, foi especialmente criada por Marcia Kupstas para proporcionar uma solução de enredo, distinguindo-se das demais pelo emprego de carne (de frango e de cobra).

O texto "Eu sou um vampiro" (página 291) foi extraído de *O livro dos vampiros — Enciclopédia dos mortos-vivos*, de J. Gordon Melton. É o "Credo do Vampiro", oração dos adeptos do Temple of The Vampire, organização que prati-

ca a religião do vampirismo (BOX 3583 — Lacey — WA — 98503 — EUA).

A tradução do poema "O corvo" que aparece na página 294 é de Gondin da Fonseca (in Edgard A. Poe, *Ficção completa, poesia e ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981).

Os verbetes "Drug", "Ahriman" e "Ahura Mazda" foram reproduzidos do *Dicionário dos deuses e demônios*, de Manfred Lurker (São Paulo: Martins Fontes, 1993).

Esta obra foi composta em Garamond, e impressa pela Hamburg Gráfica e Editora Ltda. em off-set sobre papel pólen soft 80g para a Editora Moderna em julho de 1997.

— Comporte-se como um papai — ela diz.

Recebe o fotógrafo com seu sorriso infantil. Parece linda e ingênua...Você conhece algo mais monstruoso do que uma menina de nove anos, com a mente de um homem pervertido de trinta?

Numa das poses a bruxa-menina aparece sentada nua na poltrona. No colo, entre as coxas, um urso de pelúcia.

Na primeira porrada, a menina acerta a nuca do fotógrafo. Ele cai e suja o carpete de sangue. Por um longo tempo você vai ouvir as pancadas fortes, que se repetem com regularidade impressionante, transformando a pele e as veias da nuca do homem em massa pastosa!

O demônio do computador é o romance de estréia de Marcia Kupstas na literatura adulta. Escritora de sucesso na literatura juvenil, é autora de livros como *Crescer é perigoso*, *A maldição do silêncio*, *A segunda morte*, *Um amigo no escuro* e *Revolução em mim*. Nasceu em 1957, em São Paulo, onde vive.

"O que era estranho vira alucinado, o que era esquisito passa a demoníaco. Como os textos da história, **O demônio do computador** parece ganhar vida própria e força os limites do verossímil com uma energia doida."

Geraldo Galvão Ferraz

EDITORA MODERNA

9 788516 016746